

FACULDADES EST  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

SIDNEY MATOS DA SILVA

**HERMENÊUTICAS FILOSÓFICA E TRADICIONAL: UM MODELO  
INTEGRADOR**

São Leopoldo

2021

SIDNEY MATOS DA SILVA

**HERMENÊUTICAS FILOSÓFICA E TRADICIONAL: UM MODELO  
INTEGRADOR**

Tese de doutorado  
Para obtenção de grau de  
Doutor em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Área de concentração: Tradições e  
Escrituras Sagradas

Pessoa orientadora: Dr. Flávio Schmitt

São Leopoldo

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586h Silva, Sidney Matos da  
Hermenêuticas filosófica e tradicional : um  
modelo integrador / Sidney Matos da Silva ; orientador  
Flávio Schmitt . – São Leopoldo : EST/PPG, 2021.  
221 p. : il. ; 31 cm

Tese (doutorado) – Faculdades EST. Programa de  
Pós-Graduação. Doutorado em Teologia. São Leopoldo,  
2021.

1. Hermenêutica. 2. Fenomenologia. 3. Estética. I.  
Schmitt, Flávio, orientador. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

SIDNEY MATOS DA SILVA

**HERMENÊUTICAS FILOSÓFICA E TRADICIONAL: UM MODELO  
INTEGRADOR**

Tese de Doutorado  
para a obtenção do grau de  
Doutor em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Área de Concentração: Tradições e  
Escrituras Sagradas

Data de Aprovação: 19 de novembro de 2021

PROF. DR. FLÁVIO SCHMITT (PRESIDENTE)  
Participação por webconferência

PROF. DR. MARCELO RAMOS SALDANHA (EST)  
Participação por webconferência

PROF. DR. VALÉRIO GUILHERME SCHAPER (EST)  
Participação por webconferência

PROF. DR. TIAGO SAMUEL LOPES DE CARVALHO (ISCON)  
Participação por webconferência

PROF. DR. JOSUÉ DE SOUSA MENDES (IFB)  
Participação por webconferência

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a minha esposa Érica Souza da Silva pela compreensão e apoio na realização deste trabalho.

Agradeço aos demais membros de minha família que me incentivaram a continuar até o fim.

Agradeço ao Prof. Dr. Flávio Schmitt pela orientação na elaboração desta pesquisa.

Agradeço a Deus que me permitiu chegar até aqui.

Meu muito obrigado!

## RESUMO

A Hermenêutica é uma das mais importantes áreas de conhecimento, não só para os estudos teológicos, mas para outras áreas, visto ser interdisciplinar. As pesquisas na área de Hermenêutica mostram que ela sempre se apresentava em duas faces. Uma tradicionalmente considerada por ser aquela que se utiliza de elementos metodológicos para a extração da “verdade de texto”, destacando a importância das regras da linguística, filologia, história, filosofia e outras mais, na intenção de se buscar o sentido original que o autor intentava inserir no texto. Mais recentemente, ganhou evidência a face existencial da hermenêutica, quando a Academia passou a considerar aspectos de compreensão e interpretação na constituição do Ser, tendo Heidegger e Gadamer como seus expoentes principais. A consideração dessa face existencial trouxe uma tensão com relação aos aspectos metodológicos, pois apresentava, em seu bojo, um viés relativista que colocava em desconforto o pensamento moderno que exigia um referencial. Esta tensão foi sentida nas diversas áreas do conhecimento: Teologia, Direito, Filosofia, Educação, Psicologia, Crítica Literária referindo-se apenas a algumas áreas citadas na pesquisa. Assim, elaborar um modelo integrador entre essas duas faces hermenêuticas é um trabalho interdisciplinar, pois, desde a compreensão de seu caráter existencial, a hermenêutica passou a ser um processo incorporado à vida. Nesse modelo integrador, a pesquisa apresenta a Estética como elemento balizador da face existencial, embora um critério não metodológico, que é aquele adequado quando se compreende a natureza existencial dessa face hermenêutica. A pesquisa também apresenta como se comporta o modelo integrador em diversas situações que atualmente encontram dificuldades de solução comparando com as ferramentas hoje disponíveis na Academia. Ressalte-se que não significa que este viés existencial só aparecesse recentemente, mas que só recentemente obtivemos o entendimento deste viés na composição hermenêutica, por isso, é importante verificar como os intérpretes lidam com esta face existencial, afinal, em uma visão existencialista, a Hermenêutica não é somente o que é, mas também o que foi.

Palavras-chave: Hermenêutica. Existencial. Tradicional. Estética. Integrador

## ABSTRACT

Hermeneutics is one of the most important areas of knowledge, not only for theological studies, but for other areas, as it is interdisciplinary. Research in the field of hermeneutics shows that it always had two faces. One traditionally considered for being the one that uses methodological elements to extract the "text truth", highlighting the importance of the rules of linguistics, philology, history, philosophy and others, in order to seek the original meaning that the author intended to insert in the text. More recently, the existential face of hermeneutics gained evidence, when the Academy started to consider aspects of understanding and interpretation in the constitution of Being, having Heidegger and Gadamer as its main exponents. The consideration of this existential face brought a tension with regard to the methodological aspects, as it presented, in its wake, a relativistic perspective that made modern thought which required a reference point uncomfortable. This tension was felt in the different areas of knowledge: Theology, Law, Philosophy, Education, Psychology, Literary Criticism referring only to a few areas mentioned in the research. Thus, elaborating an integrative model between these two hermeneutic sides is an interdisciplinary work, since, from the understanding of its existential character, hermeneutics became a process incorporated into life. In this integrative model, the research presents Aesthetics as a guiding element of the existential face, although a non-methodological criterion, which is the one suitable when understanding the existential nature of this hermeneutic face. The research also shows how the integrator model behaves in various situations that currently face difficulties in being resolved, compared to the tools currently available at Academia. It should be noted that it does not mean that this existential perspective only appeared recently, but that we only recently obtained an understanding of this perspective in the hermeneutic composition, so it is important to verify how interpreters deal with this existential face, after all, in an existentialist view, the Hermeneutics is not only what it is, it is also what it was.

Keywords: Hermeneutics. Existential. Traditional. Aesthetics. Integrator

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 A TENSÃO NA DUPLA NATUREZA HERMENÊUTICA.....</b>	<b>21</b>
2.1. ESPECIFICANDO O PROBLEMA .....	21
2.2 TENSÃO PERSPECTIVISTA NA HERMENÊUTICA TRADICIONAL.....	23
2.3 A RELATIVIZAÇÃO DA DOCTRINA E OS ASPECTOS CONFSSIONAIS..	27
2.4 A DOGMATIZAÇÃO DA TEOLOGIA E OS ASPECTOS RELATIVOS .....	29
2.5 A APLICAÇÃO HERMENÊUTICA – SIGNIFICADO VS. SIGNIFICÂNCIA ....	31
<b>3 A IMPORTÂNCIA DA ESTÉTICA PARA A HERMENÊUTICA .....</b>	<b>35</b>
3.1 A HERMENÊUTICA EXISTENCIAL E SUAS INTERPRETAÇÕES.....	35
3.2 A CONTRIBUIÇÃO DA TEOLOGIA NA PRÉ-COMPREENSÃO .....	37
3.3 A ESTÉTICA COMO CRITÉRIO DA HERMENÊUTICA EXISTENCIAL .....	40
3.3.1 A Estética em Immanuel Kant.....	44
3.3.2 A Estética em Schiller (1759-1805).....	46
3.3.3 A Estética como chave de validação na Teoria Literária.....	51
3.3.4 A Estética em H.G. Gadamer.....	56
3.3.5 A contribuição da Teologia no julgamento estético .....	59
3.3.6 A Estética como alvo a ser atingido pela humanidade.....	69
3.4 A ESTÉTICA COMO AMBIENTE ORIGINÁRIO DA RACIONALIDADE .....	72
3.5 A CONTRIBUIÇÃO DA FENOMENOLOGIA DE HUSSERL .....	78
3.6. A UNIVERSALIDADE DOS ASPECTOS ESTÉTICOS .....	84
<b>4 A PROPOSTA DE UM MODELO INTEGRADOR .....</b>	<b>91</b>
4.1 OS MODELOS HERMENÊUTICOS PREDECESSORES .....	91
4.2 O MODELO INTEGRADOR PROPOSTO .....	95
4.2.1 - Camada existencial estética - Item 1.....	99
4.2.2 - Camadas sociais, psicológicas e biológicas - Item 2.....	107
4.2.3 – Camadas racional, conceitual e lógica – Item 3 .....	113
4.2.4 - A objetivação do entendido – Item 4.....	116
4.2.5 - A racionalização do receptor – Item 5.....	118
4.2.6 - A existencialidade do receptor – Item 6.....	120
4.2.7- Os papéis da Dialética e Lógica no modelo integrador.....	124
<b>5 A APLICAÇÃO DO MODELO ÀS DIFICULDADES ATUAIS .....</b>	<b>131</b>
5.1 O MODELO E A ARTICULAÇÃO ENTRE AUTOR, TEXTO E LEITOR .....	134



<b>5.1.1 Foco no autor.....</b>	<b>136</b>
<i>5.1.1.1 O autor bíblico e a revelação .....</i>	<i>143</i>
<b>5.1.2 Foco no texto .....</b>	<b>149</b>
<i>5.1.2.1 O texto e a revelação .....</i>	<i>154</i>
<b>5.1.3 Foco na recepção .....</b>	<b>155</b>
<i>5.1.3.1 A recepção e a revelação.....</i>	<i>159</i>
<b>5.2 O MODELO NA TRADUÇÃO DO TEXTO BÍBLICO .....</b>	<b>166</b>
<b>5.3 O MODELO E O PERSPECTIVISMO .....</b>	<b>173</b>
5.3.1 O exemplo da hermenêutica feminista .....	182
<b>5.4 A APLICAÇÃO DO MODELO NA COMUNIDADE DE FÉ .....</b>	<b>189</b>
<b>5.5 EXEMPLOS DE APLICAÇÃO ESTÉTICA DO MODELO NA BÍBLIA.....</b>	<b>193</b>
<b>5.6 A APLICAÇÃO ESTÉTICA NO CUIDADO TERAPÊUTICO. ....</b>	<b>196</b>
<b>5.7 A INSERÇÃO DA BÍBLIA EM UM MUNDO GLOBALIZADO. ....</b>	<b>199</b>
<b>6 CONCLUSÃO .....</b>	<b>203</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>209</b>
<b>ANEXO A – SITUAÇÃO DA HERMENÊUTICA HOJE.....</b>	<b>219</b>

# 1 INTRODUÇÃO

Esta Tese abordará as duas grandes faces da Hermenêutica que estão atualmente em tensão. Uma que procura um sentido unívoco presente do texto, para isso utiliza-se de regras e critérios estabelecidos por meio das regras da linguagem racionalmente delimitadas e que aqui denomino de Hermenêutica Tradicional<sup>1</sup>. A outra face é a que aceita sentidos perspectivistas, possíveis e válidos, advindos da existencialidade relativa a cada indivíduo, e que aqui denomino Hermenêutica Existencial.

Desde os gregos o problema da interpretação traz desafios cada vez maiores, conforme se desenvolve o conhecimento sobre como se dá o processo hermenêutico. Iniciando simplesmente como uma declaração ou transmissão de uma mensagem<sup>2</sup>, passa a incorporar a pesquisa filológica e posteriormente a alegorese diante da dificuldade de entendimento moral de alguns textos da tradição grega<sup>3</sup>.

O cristianismo incorpora a interpretação alegórica na elaboração de suas doutrinas compondo uma das quatro camadas de interpretação textual sobrepostas: a literal<sup>4</sup>, a moral, a alegórica e a anagógica. Esta forma de interpretação quádrupla foi a principal até os tempos modernos<sup>5</sup>.

---

<sup>1</sup> BERKHOF, Louis. *Princípios de Interpretação Bíblica: para orientação no estudo das Escrituras e para uso em seminários e institutos bíblicos*. 3.ed. Tradução Denise Meister. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p.11. Como indica a definição de Hermenêutica por Berkhof: “a ciência que nos ensina os princípios, as leis e os métodos de interpretação”.

<sup>2</sup> Interessante notar como o apóstolo Paulo foi considerado o deus romano Mercúrio (o deus grego Hermes), porque entre ele e Barnabé, era Paulo quem falava – At 14.11-12. “E as multidões, vendo o que Paulo fizera, levantaram a sua voz, dizendo em língua licaônica: Fizeram-se os deuses semelhantes aos homens, e desceram até nós, e chamavam Júpiter a Barnabé, e Mercúrio a Paulo; porque este era o que falava”.

<sup>3</sup> GRONDIN, Jean. *Introdução à Hermenêutica Filosófica*. São Leopoldo: Unisinos, 1999, p.61. “Em Filon, a alegorese permanece apologeticamente motivada. Ela será adotada quando uma interpretação literal trazer em si o risco do mal-entendido”.

<sup>4</sup> ARENS, Eduardo. *A Bíblia sem mitos*. São Paulo: Paulus, 2007, p.331. “O sentido literal é o que o autor humano queria que seu receptor captasse. Portanto, é inseparável de sua intenção”.

<sup>5</sup> SCHOLZ, Vilson. *Princípios de Interpretação Bíblica: introdução à hermenêutica com ênfase em gêneros literários*. Canoas: ULBRA, 2006, p.45. “A história registra que o método alegórico associado com a escola de Alexandria saiu vitorioso, na medida em que influenciou a exegese da Igreja no período medieval. Não que a interpretação alegórica fosse vista como autorização para qualquer tipo de exegese, especialmente exegeses heréticas. Havia um parâmetro ou uma área de segurança dentro da qual era necessário permanecer: a *regula fidei* (‘regra da fé’) ou doutrina da Igreja, de que já falavam Irineu e Tertuliano. Em outras palavras, quem define quais interpretações são aceitáveis é a própria Igreja, ou, melhor, a doutrina da Igreja. Aos poucos, foi se desenvolvendo a noção de que a Bíblia tinha um sentido quádruplo: literal (ou histórico), alegórico (cristológico ou eclesiológico), moral e anagógico (ou escatológico). Esse método veio a ser conhecido como a quadriga, em analogia a um carro puxado por quatro cavalos. Está associada ao nome de João Cassiano, que morreu em 435 d.C., e que compôs uma cantiga que foi recitada ao longo da Idade Média: *Littera gesta docet, quiri credas allegoria, moralis quiri agas, quo tendas anagogia*”.

Este procedimento de interpretação quádrupla não foi enfatizado pela Reforma, que retornando à interpretação literal do texto (*sola scriptura*) priorizou a capacitação dos teólogos nas línguas originais principais – grego e hebraico – e nos procedimentos filológicos de análise dos textos dada a diversidade de manuscritos e versões relativos ao texto bíblico existente na época.

Mathias Flacius Illyricus, em sua obra *Clavis Scripturae Sacrae* enfatizou algumas regras de interpretação dos textos bíblicos aplicando-se a regra do “contexto” e da “as escrituras interpretam a si mesmas”<sup>6</sup>.

Além desta tímida tentativa inicial de sistematizar a hermenêutica, a interpretação dos textos na área jurídica colaborou no arcabouço normativo incorporando a análise gramatical que já vinha sendo aplicada desde que a Renascença Italiana se voltou aos estudos das leis romanas de Justiniano.

Ainda em outro momento, o Iluminismo e o Humanismo ajudaram a compor a normatividade da Hermenêutica Tradicional. Com as novas formas de fazer ciência, baseadas nas evidências históricas, o método histórico-crítico valorizava o significado do texto no contexto histórico original. Cada autor deveria ser interpretado à luz de seu *Sitz im Leben* e cada fonte textual passou também a ter importância.

Seguiu-se uma fase de “depuração” da hermenêutica de sua dependência dogmática<sup>7</sup>. A nova visão humanista, já em curso desde antes da Reforma passou a ditar os critérios metodológicos que iriam dar o tom da prática hermenêutica: a volta aos textos antigos; a valorização das línguas originais<sup>8</sup>; os estudos filológicos; a busca pelo melhor texto na ainda incipiente Crítica Textual; todos estes fatores contribuíram para dar mais independência à Hermenêutica.

Com o advento da Modernidade, as ferramentas críticas trouxeram novidades

---

<sup>6</sup> TESCHE, Adayr. *Interpretação: rupturas e continuidades*. São Leopoldo: Unisinos, 2000. p.123. “Flacius retoma o princípio de que toda a passagem deve ser compreendida dentro do contexto do todo em que se formou. Está aí, novamente, a questão da circularidade hermenêutica: não se atinge o todo sem as partes e vice-versa. Esse princípio vai ser a base para o desenvolvimento da hermenêutica protestante e, por extensão, hermenêutica filosófica alemã”.

<sup>7</sup> BERKHOF, 2008, p.26. “Após a Reforma, tornou-se evidente que os Protestantes não tinham removido completamente o velho fermento. Teoricamente, retiveram o princípio sadio: *Scriptura Scripturae interpres*. Mas, embora recusassem sujeitar sua exegese ao domínio da tradição e da doutrina da igreja como formulada pelos concílios e papas, corriam o perigo de escravizá-la aos padrões confessionais da igreja. Essa foi, preeminentemente a era das Confissões. [...] a exegese se tornou serva do dogmatismo e degenerou em mera pesquisa de textos-prova”.

<sup>8</sup> BERKHOF, 2008, p.24. “A Renascença chamou a atenção para a necessidade de se voltar ao original. Reuchlin e Erasmo – chamados de ‘os dois olhos da Europa’ – seduzidos por essa ideia, insistiram em que os intérpretes da Bíblia tinham o dever de estudar as Escrituras nas línguas em que haviam sido escritas”.

à prática hermenêutica. A busca pelo sentido histórico, a preocupação com a intenção do autor, a comparação dos textos bíblicos com os textos dos demais povos do oriente, a análise literária, a busca das fontes e dos textos originais que compuseram o cânon. Todas estas transformações aumentaram em complexidade o entendimento do fenômeno hermenêutico. Não que houvesse aparecido naquele momento, mas que não havia ainda a compreensão de sua complexidade.

Posteriormente, por meio de Schleiermacher, a hermenêutica passou a ter uma importância universal<sup>9</sup> e não somente para as áreas originalmente concentradas da Teologia<sup>10</sup> e Filologia. Nessa época já havia iniciado o processo de normatização e metodização, bem ao gosto do Iluminismo nascente com suas regras e procedimentos necessários, para se encontrar o significado dos textos.

Em Schleiermacher, os procedimentos hermenêuticos que deveriam ser utilizados somente quando houvesse obstáculos à compreensão, agora passam a ser necessários de forma permanente, pois a compreensão é por natureza defeituosa e carente de clareza.

Assim, no início do século XIX, a Hermenêutica Tradicional já havia acumulado uma quantidade de procedimentos normativos com o intuito de se chegar à correta interpretação e à verdade unívoca que o texto apresentava. É dessa fase a ênfase da Hermenêutica nas “regras” de interpretação. Bastava entender as figuras de linguagem, entender os aspectos históricos em que um texto foi escrito, conhecer o autor e sua intenção<sup>11</sup>, conhecer as línguas originais, o gênero literário, como um determinado livro bíblico fora composto (*dispositio*), que o trabalho hermenêutico estava pronto para dar “a interpretação correta”. Era a fase do “foco no autor” cuja

---

<sup>9</sup> HEIDEGGER, Martin *Ontologia: Hermenêutica da Facticidade*. Petrópolis: Vozes, 2013, p.20. “Schleiermacher, posteriormente, restringiu a ideia de hermenêutica, pois, em visto do caráter geral e ativo da arte (doutrina da arte) da compreensão, da fala de outros, ele coloca-a em relação, enquanto disciplina, com a gramática e a retórica, com a dialética; essa metodologia é formal, e enquanto hermenêutica geral (teoria ou doutrina da arte de compreender a fala dos outros de modo geral) abrange as hermenêuticas especiais, a hermenêutica teológica e a hermenêutica filológica”.

<sup>10</sup> SCHMIDT, Lawrence K. *Hermenêutica*. 3ª edição, tradução de Fábio Ribeiro, Petrópolis: Vozes, 2014 p.25. “Schleiermacher se coloca como o proponente de uma nova hermenêutica geral, ou universal, que unificaria e apoiaria as disciplinas particulares da hermenêutica legal, bíblica e filológica. Ele culpa seus predecessores, Friedrich Ast e Friedrich A. Wolf, por limitar a hermenêutica ao estudo das línguas clássicas”.

<sup>11</sup> FILHO, José Adriano. *Estética da Recepção e Métodos histórico-críticos*. O texto da perspectiva do leitor. Estudos Teológicos. v.59, nº 2, p 311-324. São Leopoldo. Jul /dez 2019, p.313. “Os métodos de interpretação da obra literária do final do século XIX e das primeiras décadas do século XX acentuavam a intenção do autor, remetiam a obra ao seu contexto original, destacavam a volta ao texto em sua imanência e enfatizavam sua linguagem literária autossuficiente, isto é, a face textual da obra, com desprezo para com seus elementos histórico-sociais”.

ênfase consta na maioria do material acadêmico sobre hermenêutica disponibilizado aos seminários teológicos.

A normatividade e sistematização estavam tão difundidos no espírito iluminista da época – *Zeitgeist* – que no século XIX começam a aparecer tentativas de aplicar a hermenêutica, com suas regras e normatização também às ciências do espírito. Muito esforço foi feito por Wilhelm Dilthey para aplicar os mesmos métodos das ciências naturais às ciências do espírito<sup>12</sup>.

Dilthey, um dos mais famosos, Droysen, na área da ciência histórica, e Helmholtz, todos tentaram a seu modo transportar o modelo de validade positivista para a área das ciências do espírito, porém sem lograr sucesso<sup>13</sup>.

Nesta época já se compreendia que a Hermenêutica era necessária para a pesquisa em qualquer área do conhecimento e não somente para área teológica.

É no século XIX, por meio de Schleiermacher que se passa a conhecer os aspectos existenciais do processo hermenêutico. Em sua metodologia, Schleiermacher desvela aspectos psicológicos e técnicos abrindo espaço para a “interiorização” do processo hermenêutico, além daqueles “exteriores” e objetivos ligados ao texto e contexto que vinham sendo construídos até então. Assim, esses aspectos interiores sempre estiveram presentes, mas agora passaram a ser desvelados aumentando ainda mais o conhecimento sobre o fenômeno hermenêutico.

Um novo mundo para o campo da Hermenêutica chegou com a entrada do século XX e trouxe novidades que até hoje se fazem repercutir.

O filósofo alemão Heidegger, retomando os estudos de Dilthey a respeito de um método de validação para as ciências do espírito, fundamentou sua filosofia na

---

<sup>12</sup> DILTHEY, Wilhelm. *Introdução às Ciências Humanas: tentativa de uma fundamentação para o estudo da sociedade e da história*. Tradução Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. Percebe-se no subtítulo de sua obra que ele discorrerá sobre uma “tentativa” para fundamentar o estudo da sociedade e da história que é objeto das ciências humanas.

<sup>13</sup> SCHMIDT, 2014, p.51. “Dilthey formula uma metodologia para as ciências humanas com base empírica que reconhece a natureza distintiva das ciências humanas. Ele não acha que a metodologia positivista das ciências exatas naturais pode ser utilizada para as ciências humanas, pois os objetos das ciências humanas são constituídos essencialmente por atores humanos conscientes. Por outro lado, as teorias idealistas nas ciências humanas não têm a base empírica necessária para suas conclusões. As ciências humanas precisam de sua própria metodologia única, que Dilthey chama de ‘compreensão’ (*Verstehen*), em oposição à ‘explicação’ (*Erklaren*) [...]”.

ontologia da historicidade do Ser<sup>14</sup>, do *Dasein*<sup>15</sup>. Na sistematização de sua filosofia, cuja obra principal é *Ser e Tempo*, de 1927, abordou aspectos de uma hermenêutica<sup>16</sup> da facticidade<sup>17</sup>. Não se aprofundou nela, mas deixou a semente que seria utilizada mais tarde por seu discípulo Hans Georg Gadamer.

Gadamer, retomando os estudos de Heidegger, principalmente os de sua fase inicial, aprofundou os conceitos da historicidade do Ser na área da hermenêutica que havia sido tratada superficialmente pelo seu mestre.

O que disto resultou, a partir das pesquisas desses filósofos no âmbito de se descobrir a finalidade do Ser, foi que a Hermenêutica passou a ser identificada como um elemento essencial na composição do Ser e, desta forma, ela foi incorporada a aspectos existenciais da vida. A Hermenêutica, portanto, não seria somente uma ferramenta para se descobrir a verdade de um texto, mas seria a própria maneira de existir. As pessoas vivem “hermeneutando” todo o tempo, pois esta é sua forma ontológica de existência.

Desvela-se, assim, a Hermenêutica Existencial que se realiza em uma outra face da Hermenêutica em contraste a todo os procedimentos normativos e metodológicos que a hermenêutica vinha agregando ao longo dos séculos desde os gregos<sup>18</sup>. Essa hermenêutica desenvolvida por Gadamer, discípulo de Heidegger, é

<sup>14</sup> SCHMIDT, 2014, p.81. O autor ao descrever o entendimento metafísico colocado pela filosofia a respeito do ser e denunciado por Heidegger, declara: “Há dois problemas com o conceito filosófico moderno de ontologia. Primeiro, ele pressupõe que o significado do ser será determinado apenas examinando objetos, e não trata de outras formas possíveis que os seres podem ser. Segundo, por causa deste primeiro problema, a ontologia moderna nem sequer trata do ser dos seres humanos, que é decisivo para a filosofia e a ontologia”.

<sup>15</sup> Severino Croatto em sua obra destaca uma dificuldade na tradução do conhecidíssimo termo *Dasein*, na filosofia de Heidegger, como “ser-aí”. CROATTO, José Severino. *Hermenêutica Bíblica*. Para uma teoria da leitura como produção de significado. Tradução de Haroldo Reimer. Digitalização por Eclesiano. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/x0v0e05> . 1984, Acesso em: 26/04/2021. p.7. “Se o alemão não conhece a distinção lexical entre o ‘ser’ e ‘estar’, o português o conhece. Por que então, traduzir o *Dasein* com o insuportável ‘ser-aí’ quando pode ser traduzido por ‘estar’ ou ‘estar-aí’?”

<sup>16</sup> Heidegger apresenta sua definição de *hermenêutica*. HEIDEGGER, 2013, p.15. “A expressão *hermenêutica* pretende indicar o modo unitário de abordar, concentrar, acessar a ela, isto é, de questionar e explicar a facticidade”.

<sup>17</sup> Heidegger em sua obra, quando discorre sobre o tema “ontologia” e destaca a diferença de significado da palavra que usa em suas obras e aquele dado pela metafísica tradicional, revela que a ontologia para ele será considerada como uma hermenêutica da facticidade. HEIDEGGER. 2013, p.9. “Em última instância, o título que corresponde melhor ao tema e à maneira de tratá-lo no que se segue é o seguinte: Hermenêutica da Facticidade”. Mais à frente no texto, Heidegger afirma que facticidade é a designação para o caráter ontológico de nosso ser-aí próprio. Mais especificamente, a expressão significa: esse ser-aí em cada ocasião (p.13).

<sup>18</sup> GADAMER, Hans Georg. *Verdade e Método. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Editora Vozes. 2013 p.29-30. “A presente investigação toma pé nessa resistência que vem se afirmando no âmbito da ciência moderna, contra a pretensão de universalidade da

de viés não metodológico<sup>19</sup> e segue caminho diferente daquele percorrido pela ciência da natureza.

A característica principal dessa nova abordagem hermenêutica é a liberação do indivíduo de qualquer normatividade que seja imposta ao *ser-aí*, ao *Dasein*, termo criado por Heidegger<sup>20</sup>. O *ser-aí* deve ser guiado pelas suas próprias decisões diante de sua abertura ao mundo e da facticidade da vida, e só a partir de sua própria aquiescência seguir o seu destino.

Para Heidegger, toda a filosofia desde Platão seguiu um descaminho<sup>21</sup>, pois impôs aos indivíduos verdades metafísicas absolutas que contaminaram toda a área do conhecimento do mundo da vida, por isso a dificuldade de se obter uma hermenêutica para as ciências do espírito nos moldes da Hermenêutica Tradicional, com sua carga de normatividade em busca de verdades absolutas.

O caminho percorrido pela filosofia ocidental trouxe sérias implicações epistemológicas à Filosofia e à Teologia, em razão de uma dupla face da Hermenêutica, com suas abordagens em tensão. Uma normativista<sup>22</sup>, que estamos chamando de Tradicional (em outras pesquisas também conhecida como “científica”) e outra perspectivista e relativista, que estamos denominando de Filosófica ou

---

metodologia científica. Seu propósito é rastrear por toda parte a experiência da verdade, que ultrapassa o campo do controle da metodologia científica, e indagar por sua própria legitimação onde quer que se encontre. [...] com a experiência da filosofia, com a experiência da arte e com a experiência da própria história. São modos de experiências nos quais se manifesta uma verdade que não pode ser verificada com os meios metodológicos da ciência”.

<sup>19</sup> GADAMER, 2013, p. 31. “A hermenêutica que se vai desenvolver aqui não é uma doutrina de métodos das ciências do espírito, mas a tentativa de entender o que são na verdade as ciências do espírito para além de sua autoconsciência metodológica, e o que as liga ao conjunto de nossa experiência de mundo”.

<sup>20</sup> FILHO, 2019, p.316. “Tradição e pré-compreensão representam, portanto, dois elementos cruciais reabilitados no argumento de Gadamer frente às afirmações de autonomia da razão. Numa tentativa de superar todo tipo de autoridade e rejeitar toda obediência cega, o iluminismo eliminou inteiramente essa possibilidade epistemológica. Gadamer, ao contrário, fundamenta o conceito de autoridade no reconhecimento da superioridade do outro. Esse reconhecimento implica admitir a própria limitação à luz de uma melhor compreensão dos outros”.

<sup>21</sup> PAISANA, João. *Fenomenologia e Hermenêutica: A relação entre as filosofias de Husserl e Heidegger*. Lisboa: Editorial Presença, 1992 p.120. “Segundo Heidegger, teria sido a leitura interrogativa dos textos de Platão e Aristóteles que lhe teria permitido a seguinte caracterização: Ser é entrar em presença. No entanto, nem Platão, nem Aristóteles teria posta em questão tal determinação, uma vez que para eles é pura e simplesmente manifesta. Ora, toda a história da metafísica, uma vez que tal determinação nunca foi questionada, giraria assim em torno de um equívoco: por um lado, nunca está em questão na metafísica outra coisa senão ser, por outro lado, nunca é o sentido do ser interrogado”.

<sup>22</sup> Normativista porque é tratada no âmbito de regras e normas objetivamente estabelecidas para extração do significado do texto.

Existencial<sup>23</sup>.

O assunto, pois, desta Tese é a tentativa de integração entre as duas abordagens hermenêuticas, ou seja, a abordagem normativa-conceitual da Hermenêutica Tradicional e a abordagem da facticidade e historicidade da Hermenêutica Filosófica que passaremos denominá-la “Existencial”.

Uma vez apresentadas as duas posições em tensão, o propósito da pesquisa é então verificar a possibilidade de se construir um modelo que possa integrar as duas abordagens.

O conhecimento frequentemente se desenvolve por meio de elaboração de modelos que possam explicar parcialmente uma verdade que se constata em algum fato natural ou social.

Nas ciências químicas temos os modelos de átomos de Thompson, cuja teoria se aperfeiçoou no modelo de Rutherford. Na psicanálise, temos o modelo psicodinâmico de Freud, composto do *Id*, *Ego* e *Superego*. Na Física, temos o modelo do *Big Bang* do comportamento do universo em expansão. Na Teologia, os modelos dos *Pactos* ou *Alianças* e o das *Dispensações* para explicação do desenrolar progressivo das revelações de Deus aos homens, e na Filosofia os grandes sistemas filosóficos que também são modelos como os de Platão, de Kant e de Hegel.

Conquanto todo o modelo tenha seu grau de imperfeição, ele nos ajuda a abrir caminho para o desenvolvimento de modelos mais complexos com ainda melhor representação da realidade, o que na metodologia científica é um fato desejável.

Karl Popper, discorrendo sobre a validação da metodologia científica, coloca que um dos critérios essenciais para saber se é válido um modelo ou teoria científica é a possibilidade de falseabilidade desta teoria, ou seja, se poderá ser apresentada uma refutação que traga uma melhoria na capacidade de explicar a realidade de maneira mais exata<sup>24</sup>. Assim o modelo proposto também poderá ser aperfeiçoado, o

---

<sup>23</sup> STEIN, Ernildo. *Gadamer e a consumação da hermenêutica*. *Problemata: Revista Internacional de Filosofia*, v.5, nº 1, p. 204-226, 2014. p. 208-209. “Não encontramos na obra de Heidegger, em momento algum, a hermenêutica adjetivada com o termo filosófica. Portanto, quando Gadamer passa a falar de hermenêutica filosófica, ele realizou uma mudança na compreensão da hermenêutica, que produziria um cenário muito diferente daquele que aparece em Heidegger. Podemos afirmar que a hermenêutica filosófica de Gadamer recuou diante das pretensões da filosofia hermenêutica de Heidegger, mas, ao mesmo tempo, ampliou a compreensão de hermenêutica, dando-lhe uma envergadura extraída da própria filosofia e ao mesmo tempo tornando-a menos exigente no que se refere à diferenciação diante das hermenêuticas científicas”.

<sup>24</sup> MAZZOTTI, Alves; JUDITH, Alda; GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O Método nas Ciências Naturais: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa*. São Paulo: Pioneira, 1998. p.16. “Para que o



que garante o atendimento a um dos critérios do método.

A tensão apresentada por ambas as abordagens hermenêuticas reflete uma aporia que traz grandes impactos para a área teológica.

A partir do estabelecimento da Hermenêutica Existencial no século XX, muito embora já se observassem os primeiros sinais no horizonte por meio da filosofia de Nietzsche, toda a interpretação de mundo, seus valores e significados passaram a ter um cunho perspectivista trazendo relativismo e insegurança.

Para a área teológica o impacto é direto. Os valores estabelecidos nas confissões religiosas, fruto de doutrinas interpretadas sob a ótica da Hermenêutica Tradicional, com sua normatividade para o “correto interpretar”, são questionados como regra universal a serem seguidos pelo fiel cristão.

Pela nova visão historicista, estes valores são fruto de uma época e ancorados em razões históricas que não devem ser transplantados de forma automática para a atualidade.

A Hermenêutica Existencial vai atuar no sentido de dar ao indivíduo a liberdade de decidir pelo seu futuro, apresentar-lhe as possibilidades que estão à sua frente sem, no entanto, dogmatizá-lo com estatutos que tiveram sentido em algum tempo do passado, mas que já cumpriram as suas funções.

Nesta situação, aqueles que estão envolvidos na Educação Cristã se preocupam com a abordagem perspectivista da Hermenêutica Existencial por relativizar os fundamentos mais caros da ética e da moral oriundos da tradição.

Ressalte-se que esta tensão não somente ocorre no âmbito teológico, mas também no secular como, por exemplo, na área jurídica quando da aplicação das leis<sup>25</sup>. A verdade universal e normativa acaba por se diluir em verdades perspectivistas trazendo sentimentos de angústia, característica do nosso mundo pós-moderno.

Aliás, são dignas de nota as observações dos psicanalistas e psicólogos que, a partir da segunda metade do século XX, indicam esta falta de referência como causa de um aumento dos problemas psicológicos oriundos de ansiedade.<sup>26</sup>

---

conhecimento progrida através de refutação, é necessário que as leis e as teorias estejam abertas à refutação. Só assim, elas podem ser testadas”.

<sup>25</sup> Conhecido como a crise da Hermenêutica Jurídica.

<sup>26</sup> ANTONIO, Nilberto. *Ansiedade: o grande problema da pós-modernidade*. Disponível em: <http://www.aconteceunovale.com.br/portal/?p=108043>. Acesso em: 03/04/2017. “Algumas características têm marcado de forma bastante significativa a pós-modernidade, são elas: O materialismo, que se associa ao reconhecimento pessoal por meio do poder aquisitivo que se possui; o hedonismo, com a busca de sensações novas e excitantes; a permissividade, que cria um

O problema que se apresenta é: Haveria utilidade para o indivíduo aquela interpretação que traz resultados gerais e normativos, dado que o indivíduo vive sua particularidade na historicidade? Não se obteria da Hermenêutica Existencial também resultados que sejam normativos conceituais que possam ter validade universal?

O problema se apresenta como duas faces de uma moeda que parecem não possuir algum ponto em comum.

A pergunta central que formula o problema e apresenta a proposta desta pesquisa é: Haveria algum modelo que pudesse conciliar as duas abordagens aparentemente antagônicas e que trouxesse a normatividade necessária para a organização do mundo da vida e ainda assim atender ao indivíduo na sua especificidade histórica?

Trabalharemos sob a hipótese de que há realmente um modelo possível que poderia integrar simultaneamente a realidade das duas abordagens hermenêuticas aparentemente em tensão, isto é, a abordagem tradicional, lógico-indutiva, normativa e metodológica da Hermenêutica Tradicional e a abordagem perspectivista, relativista e historicista da Hermenêutica Existencial. O próprio desenvolver das concepções de hermenêutica mostra que é possível apresentá-la por meio de novas abordagens<sup>27</sup>.

As características das duas abordagens atuais as colocam em tensão ou, dito de outro modo, posicionadas aparentemente em lados opostos.

É como se fosse uma tira de papel que possui duas faces opostas. Uma das faces representando a Hermenêutica Tradicional e a outra face representando a Hermenêutica Existencial. Haveria alguma possibilidade de que as duas faces pudessem se integrar em um modelo que englobasse as duas?

O matemático alemão August Ferdinand Mobius, em 1858, elaborou uma figura geométrica em que as duas faces opostas de uma tira de papel se tornam uma face única em uma superfície não mais em duas dimensões, mas em três, ou seja, no espaço, mostrando assim que, teoricamente, as duas faces opostas da tira se tornam

---

clima de impunidade e individualismo; **o relativismo, que se articula com a permissividade predispondo à criação de éticas subjetivas e individuais**, por fim tem-se o consumismo, que associado ao materialismo nos fala de uma nova forma de liberdade- a de consumir” (grifo nosso).

<sup>27</sup> STEIN, 2014. p.206. “As discussões em torno da hermenêutica, que se desenvolveram no século XX podem ser compreendidas de duas maneiras. O conceito de fenomenologia hermenêutica, passa, assim, a ter, de um lado, o efeito de levar a uma revisão de obras e autores anteriores que passaram a ser vistos com uma nova luz, em suas concepções de hermenêutica. Isto significa que os autores foram criticados sob uns aspectos e deles se filtraram elementos positivos sob outros aspectos. Se, por um lado, olharmos prospectivamente a fenomenologia hermenêutica, iremos descobrir a influência que ela vai exercendo na recepção de autores de época, e das décadas seguintes. É assim que o conceito de hermenêutica passa a ser empregado de formas novas”.

uma face só na “tira de Möbius”<sup>28</sup>.

É hipótese adotada neste trabalho que a aparente dicotomia entre as duas naturezas da Hermenêutica se resolve em um modelo mais abrangente que as englobe e sintetize. Saber qual é esse modelo é propósito da pesquisa.

Afinal, o mundo da vida sempre lidou com a organização normativa e lógico-conceitual concomitantemente com a individualidade e historicidade de cada um.

Para a área teológica, seria a relação entre a Dogmática em sua normatividade e a Teologia Bíblica em sua historicidade, ainda mais que ambas as teologias são fruto da Hermenêutica<sup>29</sup>.

A hipótese também considera a universalidade do modelo, pois, atualmente já se aceita a universalidade dos processos hermenêuticos<sup>30</sup>, tanto pelo viés tradicional, com a universalidade das leis de interpretação e seus métodos, quanto pelo viés da Hermenêutica Existencial pela ontologia do Ser histórico, do *ser-aí*, do *Dasein*.

Para nossa análise, utilizaremos primariamente o referencial teórico de Hans Georg Gadamer explicitado em sua obra *Verdade e Método, traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica* (no original, *Wahrheit und Methode*), publicada em 1960.

Também incursões em algumas obras de Heidegger como *Ontologia: Hermenêutica da Facticidade, Os conceitos fundamentais da Metafísica*, e na difícil obra *Ser e Tempo*<sup>31</sup> de 1927, na qual surgiu a semente de uma hermenêutica existencial quando o autor estava tratando da ontologia do Ser histórico, semente esta, cultivada e adubada por Gadamer que deu continuidade ao aspecto hermenêutico do *ser-aí* ou, como no original, do *Dasein*.

Também se fará consulta a diversas obras importantes e referenciais nesta área como a *Introdução à Hermenêutica* de Jean Grondin, a autores como Wilhelm Dilthey, Paul Ricoeur e Edmund Husserl cuja fenomenologia foi muito importante para

---

<sup>28</sup> Cabe destacar que o modelo da tira de Möbius é também utilizado em outras áreas como, por exemplo, na psicanálise, que o utiliza na tentativa de explicar a topologia das estruturas psíquicas, conforme TRISKA, V.H.Couto; D'AGORD, Marta Regina. A Topologia estrutural de Lacan. *Psicol. Clin.* vol. 25, nº 1. Rio de Janeiro. 2013, Disponível em: < [A topologia estrutural de Lacan \(bvsalud.org\)](http://bvsalud.org) >.

<sup>29</sup> BERGER, Klaus. *Hermenêutica do Novo Testamento*. Tradução de Nélio Schneider. São Leopoldo: Ed. Sinodal, 1999, p.16. “Até agora a discussão hermenêutica tinha em vista geralmente a relação entre teologia sistemática e histórica na medida em que se perguntava pela verdade permanente contida em acontecimentos históricos singulares e passados; tratava-se do abismo hediondo entre a verdade histórica casual e a verdade racional absoluta”.

<sup>30</sup> Como dizia Nietzsche que não há fatos, só interpretações.

<sup>31</sup> “*Sein und Zeit*”

a elaboração de *Ser e Tempo* de Heidegger<sup>32</sup>.

Neste ponto, cabe destacar que causou preocupação a forma de abordagem desse assunto. Se seria conveniente fazer uma abordagem histórica do desenvolvimento da hermenêutica até o despertar da controvérsia Hermenêutica Tradicional *versus* Hermenêutica Existencial, ou se na partida já deixaria posto o problema para ir destacando ao longo dos séculos as tensões entre as duas faces hermenêuticas. Optou-se pela segunda abordagem, pois, permite ao leitor um entendimento das tensões entre as duas abordagens hermenêuticas.

Por este motivo, no primeiro capítulo – A tensão na dupla natureza hermenêutica - é apresentado um detalhamento do problema com as diversas consequências para a área teológica.

No segundo capítulo – A importância da Estética para a Hermenêutica - trataremos da importância da estética no processo hermenêutico que será de extrema importância para elaboração do modelo de integração apresentado nesta pesquisa. Como será visto, a Estética vai se constituir em um elemento referencial da face existencial da Hermenêutica, dadas as suas características não metodológicas e suprarracionais conforme a natureza da própria face existencial da hermenêutica. Será um elemento importante da composição do modelo integrador entre os aspectos tradicionais e existenciais.

No terceiro capítulo – A proposta de um modelo integrador - é apresentado o modelo proposto que integra as duas abordagens hermenêuticas. Neste tópico é apresentado como as partes do processo hermenêutico se articulam entre si levando em consideração a simultaneidade das abordagens dos focos no autor, no texto e no leitor.

No quarto capítulo – A aplicação do modelo às dificuldades atuais - serão apresentadas algumas aplicações do modelo na tentativa de facilitar o entendimento da resolução da tensão entre as duas abordagens hermenêuticas. Essas tensões apresentam dificuldades tanto nas áreas teológicas, como na do Direito.

Ao final, apresentamos a Conclusão e o que a pesquisa inovou em termos de conhecimento do processo hermenêutico. A ajuda que trouxe para os problemas

---

<sup>32</sup> HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes, 2015a. “Com a questão diretriz sobre o sentido do ser, a investigação acha-se dentro da questão fundamental da filosofia geral. O modo de tratar essa questão é fenomenológica. [...] A palavra ‘fenomenologia’ exprime uma máxima que se pode formular na expressão: para as coisas elas mesmas!”

causados pelas tensões advindas das duas faces hermenêuticas, ou seja, um diálogo entre a Hermenêutica Tradicional e Hermenêutica Existencial.

Cabe destacar, como se verá ao longo de trabalho, que o processo hermenêutico é um processo interdisciplinar e que, portanto, necessariamente tangenciará outras áreas do conhecimento além da Teologia, como, por exemplo, a da Filosofia, a da Ciência Jurídica, a da Crítica Literária. Na realidade este é um caminho natural no estudo do fenômeno hermenêutico, visto que deixou de ser apenas uma cadeira nos currículos acadêmicos para se tornar parte da existência humana<sup>33</sup>.

---

<sup>33</sup> CROATTO, 1984, p.13. "Textos e acontecimentos humanos são signos que necessitam de interpretação".

## 2 A TENSÃO NA DUPLA NATUREZA HERMENÊUTICA

### 2.1. ESPECIFICANDO O PROBLEMA

A Hermenêutica Filosófica teve seus dois grandes expoentes iniciais no século XX: Martin Heidegger e Hans Georg Gadamer. Os estudos desses filósofos, principalmente os de Heidegger, desvelaram uma característica da Hermenêutica que é seu aspecto existencial, pois, agora, ela passa a ser constituinte da ontologia do Ser<sup>34</sup>.

Fazendo parte da estrutura do Ser, que é histórico, todo o resultado do processo hermenêutico é, portanto, contingente. Toda - interpretação é uma verdade relativa ao Ser em sua vivência, que traz consigo a sua tradição. Este aspecto da hermenêutica difere daquele aspecto que era o foco da pesquisa desenvolvida por Schleiermacher, a qual se configurava em um conjunto de regras para interpretação com a finalidade de obter o sentido unívoco dos textos.

A Hermenêutica Tradicional em Schleiermacher quer verificar qual a verdade que o texto transmite, e parte do pressuposto que esta verdade é a verdade no sentido metafísico ocidental, verdade unívoca. A Hermenêutica Filosófica do século XX aponta para “verdades” e, portanto, qualquer texto pode transmitir uma plenitude de significados, todos eles válidos, pois se encontram ancorados na existencialidade do Ser.

Essas duas posições em tensão trazem grandes impactos para o pensamento filosófico, com reflexos principalmente nas áreas da Teologia e do Direito. Cabe lembrar que, durante séculos, a hermenêutica foi o instrumento utilizado tanto pela área jurídica como pela teológica para a dissolução de conflitos.

Foi por meio dos estudos filológicos em Direito que a Hermenêutica Jurídica se desenvolveu ao longo da Idade Média. O retorno às leis do Império Romano, por meio do Renascimento, trouxe um desenvolvimento extraordinário nos procedimentos hermenêuticos. Já na Teologia, a organização dos dogmas da Igreja exigiu a

---

<sup>34</sup> Heidegger não estabeleceu a hermenêutica como filosofia, isto ficou a cargo de seu discípulo Gadamer, porém, ele abriu o caminho para Gadamer considerando a hermenêutica como componente da existencialidade do Ser. HEIDEGGER, Martin. *Ontologia: Hermenêutica da Facticidade*. Petrópolis: Vozes, 2013, p.26. “A hermenêutica, não é ela mesma filosofia; o que ela pretende é simplesmente submeter à consideração bem-disposta dos filósofos hodiernos uma objetualidade até agora relegada ao esquecimento”.

interpretação adequada das elaborações teológicas dos pais da Igreja.

Por parte das Igrejas Reformada e Luterana, duas grandes vertentes da Reforma Protestante, o princípio *Sola Scriptura*<sup>35</sup> propiciou o desenvolvimento de processos hermenêuticos, que levassem a elaborar suas confissões<sup>36</sup>, para obter a verdade doutrinária das Escrituras. Todos esses processos foram fundamentados sobre o paradigma da verdade unívoca e tradicional<sup>37</sup>.

O descobrimento dessa visão relativista da hermenêutica traz, portanto, um ambiente de incerteza quanto a tudo o que já foi feito nesses dois milênios de história. E não seria de estranhar, pois a filosofia ocidental foi criticada por Heidegger por ter uma visão incompleta do Ser e que deveria ser ajustada. É a dificuldade de resolução desta tensão que se encontra em aberto<sup>38</sup>. Esta tensão entre a univocidade e a

---

<sup>35</sup> Matthew Barrett retrata em sua obra, uma das primeiras referências de um reformador à expressão “Sola Scriptura”. BARRETT, Matthew. *Teologia da Reforma*. Tradução Francisco Nunes. p. 129-164. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2017, p.136. “[...] A Escritura não era a única autoridade, mas sim, a autoridade final. Ficou mais claro, poucos anos depois, que era esse o significado pretendido por Lutero à divisa *sola Scriptura* [...]”.

<sup>36</sup> Brakemeier em seu artigo apresenta a preocupação de que o pluralismo religioso atual pode subverter o significado que o *sola scriptura* representa para a tradição luterana: BRAKEMEIER, Gottfried. *Somente a Escritura – avaliação de um princípio protestante: Reação a Gunter Wenz*, “Evangelho e Bíblia no contexto da tradição confessional de Wittenberg”. *Estudos Teológicos*, v.44, n.1, p.37-45, 2004, Disponível em: <[“Somente a Escritura”: avaliação de um princípio protestante. Reação a Gunter Wenz, “Evangelho e Bíblia no contexto da tradição confessional de Wittenberg” | Brakemeier | Estudos Teológicos](#)>. Acesso em: 21/08/2021. “A identidade luterana está ameaçada de afundar no pluralismo religioso que mede a verdade evangélica pela cotação na bolsa religiosa de mercadorias e futuros. É claro que, nessas condições, a defesa do ‘sola scriptura’ já não faz sentido. Por isso mesmo, é salutar iniciar com a lembrança de que *o que está em jogo não é um bem negociável, e, sim, a palavra de Deus*, decisiva para a vida presente e futura da humanidade. Aliás, é este o primeiro destaque a fazer na exposição do Prof. Wenz, a saber, que a tradição luterana preconiza a palavra de Deus e não um código de letras como sendo a única norma e regra da fé”.

<sup>37</sup> Esse princípio do “Sola Scriptura” não foi um princípio originado pelos reformadores, mas um princípio do início do Cristianismo, como apontado em Agostinho, retomado pelos reformadores como Lutero, Calvino, Melancton, Zuínglio, Bullinger. Uma das primeiras menções a esse princípio pelos reformadores foi em Lutero: *Não quero jogar fora todos aqueles que são mais instruídos do que eu, mas somente a Escritura deve reinar, e não a interpreto por meu próprio espírito ou pelo espírito de qualquer homem, mas quero entendê-la por si mesma e mediante seu espírito* (Martinho Lutero, *Assertio omnium articulorum M. Lutheri per bullam Leonis X novissimam damnatorum* (1520) WA 7:98.40-99.2 (grifo nosso).

<sup>38</sup> PORTER, Stanley E., Stovell, Beth M. *Biblical Hermeneutics*. Five Views. Downers Grove, Illinois: Intervarsity Press. 2012, p.19-20. “As one can see, biblical hermeneutics is a complex field—one might even venture to say, a minefield—of potentially competing orientations, assumptions and foundations for determining meaning. As a field, it is highly dependent on developments in hermeneutics not primarily concerned with the Bible, such as the romantic hermeneutics of Schleiermacher and Dilthey, structuralism, literary hermeneutics, the philosophical hermeneutics of Gadamer, the phenomenological hermeneutics of Ricoeur, and the poststructuralist hermeneutics of Derrida and others. Nevertheless, biblical hermeneutics also brings with it, naturally, its primary focus on the Bible, with its own lengthy and complex traditions of interpretation, from biblical times through the rise of the Enlightenment—with its historical methods such as form, source and redaction criticism—to modern and postmodern interpretation. **The result for biblical hermeneutics is a**

diversidade da verdade atinge todas as áreas de conhecimento e dialoga com a Filosofia do Conhecimento<sup>39</sup>.

## 2.2 TENSÃO PERSPECTIVISTA NA HERMENÊUTICA TRADICIONAL

Este conflito no âmbito da Hermenêutica Tradicional traz uma aporia, em princípio, irremediável. Como conciliar a visão de uma verdade autoritária que delimita e ordena com aquela relativista e perspectivista que não reconhece uma verdade única? Isto se constitui a base do que veio a ser denominado de pós-modernidade por alguns pensadores e, por Zygmunt Bauman, como modernidade líquida<sup>40</sup>.

A pós-modernidade apresenta como uma de suas características a relativização da verdade e, conseqüentemente, da autoridade<sup>41</sup>. Não é estranho, portanto, que essa característica pós-moderna tenha vindo no bojo do existencialismo da filosofia existencial no século XX<sup>42</sup>.

Para Bauman, a modernidade se tornou líquida, pois as estruturas de poder e autoridade, sobre as quais as instituições se mantinham, se derretem diante de uma

---

***varied and intertwined mix of models and fundamental orientations, each competing with the others to establish itself as the basis for biblical interpretation***” (grifo nosso).

<sup>39</sup> No Anexo A apresenta-se um excerto da obra de DOCKERY, *Hermenêutica Contemporânea à luz da Igreja Primitiva*, no qual ele apresenta um resumo da situação atual da Hermenêutica e as dificuldades da sua aplicação, comparando com a época dos pais da Igreja, dificuldades estas que esta pesquisa pretende ajudar a dirimir.

<sup>40</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p.7. “Essas são as razões para considerar ‘fluidez’ e ‘liquidez’ como metáforas adequadas quando queremos captar a natureza da presente fase, nova de muitas maneiras, na história da modernidade. Concordo plenamente que tal proposição deva fazer vacilar quem transita à vontade no discurso da modernidade e está familiarizado com o vocabulário usado normalmente para narrar a história moderna. Mas a Modernidade não foi uma história de liquefação desde o começo? Não foi o derretimento dos sólidos, seu maior passatempo e principal realização? Em outras palavras, a modernidade não foi fluida desde a sua concepção?”

<sup>41</sup> BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p.26. “A pós-modernidade, por outro lado, vive num estado de permanente pressão para se despojar de toda a interferência coletiva no destino individual”.

<sup>42</sup> RODRIGUES, Marcelo Daniel. *Uma defesa do método histórico-crítico à luz do debate entre E.D.Hirsch e H.G. Gadamer*. 2017, 89 f. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Teologia das Faculdades EST. São Leopoldo, 2017, p.60-61. “A hermenêutica filosófica de Gadamer é, com certeza, uma das mais influentes do século XX, o que, conseqüentemente, influencia a hermenêutica bíblica. Gadamer reagiu contra o conceito racionalista do século XIX, que afirmava que a verdade objetiva poderia ser alcançada pelo método correto. A hermenêutica ‘reader response’ (reação do leitor) tem origem com a hermenêutica filosófica de Gadamer e, por intermédio de sua filosofia hermenêutica, diversas hermenêuticas bíblicas surgiram no século XX, entre elas a hermenêutica da libertação, a teologia feminista, a teologia negra etc. Quais seriam as principais características da pós-modernidade na hermenêutica bíblica? Lopes indica essas características: 1) a pluralidade da verdade; 2) a morte da razão; 3) o abandono da neutralidade; 4) a defesa do inclusivismo; 5) o conceito do politicamente correto”.



relativização da verdade e contestação das autoridades. Lembremos que, na história da filosofia ocidental, a verdade era obtida de forma autoritativa, fazendo uma ligação entre a verdade estabelecida e o poder autoritativo que dava sua validade<sup>43</sup>.

Como articular essa relativização trazida pela Hermenêutica Filosófica com o estatuto teórico da Hermenêutica Tradicional. Como conciliar a verdade autoritativa com a verdade relativa?

É necessário trabalhar, por conseguinte, uma resposta que atenda a esta demanda de integração, ou de articulação, entre aquilo que é absoluto com aquilo que é relativo, problema, aliás, não específico da área hermenêutica.

É importante, neste momento, perceber a própria natureza da hermenêutica que estamos denominando de tradicional. Embora tenha se consolidado, com a ajuda do Iluminismo, em um conjunto de regras para obtenção da interpretação de determinado texto, ao longo de sua história, em várias ocasiões, podemos perceber a manifestação de uma hermenêutica relativista<sup>44</sup>. Um sinalizador que representa a pressão que a relatividade de significado traz ao processo hermenêutico é o método alegórico, muito utilizado nos séculos iniciais da história da Igreja.

A alegorese foi um procedimento dentro da hermenêutica cristã utilizada por vários teólogos, como Orígenes. Uma das finalidades da alegorese era trazer o texto para dentro do contexto vivencial dos leitores. Por meio da alegorese, o intérprete tinha mais liberdade de trabalhar o significado do texto para a adequada adaptação vivencial de modo que pudesse falar aos corações dos leitores contemporâneos. Percebe-se que a leitura alegórica fica mais livre para a “fusão de horizontes”, como diria Gadamer<sup>45</sup>.

---

<sup>43</sup> BAUMAN, 1998. p.143. “A noção de verdade pertence à retórica do poder. Ela não tem sentido a não ser no contexto da oposição – adquire personalidade própria somente na situação de desacordo, quando diferentes pessoas se apegam a diferentes opiniões, e quando se torna o objeto da disputa de quem está certo e quem está errado – e quando, por determinadas razões, é importante para alguns ou todos os adversários demonstrar ou insinuar que é o outro lado que está errado. Sempre que a veracidade de uma crença é asseverada é porque a aceitação dessa crença é contestada, ou se prevê que seja contestável. A disputa acerca da veracidade ou falsidade de determinadas crenças é sempre simultaneamente o debate acerca do direito de alguns de falar com a autoridade que alguns outros deveriam obedecer; a disputa é acerca do estabelecimento ou reafirmação das relações de superioridade e inferioridade, de dominação e submissão, entre os detentores de crenças”.

<sup>44</sup> Na própria história da Igreja, a quadriga, ou a interpretação quádrupla das Escrituras (literal, tropológica ou moral, anagógica ou escatológica, alegórica ou doutrinária) representou uma tentativa na Idade Média de acomodar as diversas interpretações relativas, que por se considerar interpretações em níveis diferentes não era tão patente alguma contradição.

<sup>45</sup> GADAMER, 2013, p.404. O horizonte do presente não se forma pois à margem do passado. Não existe um horizonte do presente por si mesmo, assim como não existem horizontes históricos a

Os demais sentidos do texto, como o sentido anagógico e o tropológico (sentido moral), geralmente retirado da leitura literal do texto, indicam que, apesar da tradição ter privilegiado “a verdade” do texto como uma verdade única universal, o processo hermenêutico de certa forma permitia as adaptações necessárias para que o texto fizesse sentido existencial aos seus leitores. Além disso, no âmbito do Judaísmo, o *rabi* Hillel elaborou procedimentos para fazer a atualização da *Torah* para seus ouvintes, já que o texto sagrado havia sido escrito séculos antes em uma sociedade diferente da qual ele se dirigia. Esses exemplos indicam que, implicitamente, “as verdades” de uma hermenêutica existencial estavam atuando, mesmo sem o perceber os hermeneutas da época.

No advento da Reforma, mesmo estabelecendo dogmaticamente o princípio do *Sola Scriptura*, desenvolveram-se várias confissões, algumas delas com doutrinas conflitantes entre si, porém todas fundadas pela hermenêutica, o que evidenciava claramente que o processo de interpretação das Escrituras pela Hermenêutica Tradicional indicava haver uma variedade de sentidos típica da Hermenêutica Existencial e que aparecia em paralelo, ainda que sub-repticiamente<sup>46</sup>.

Desta forma, verifica-se que, durante o período de desenvolvimento da hermenêutica, conviviam na realidade as duas vertentes hermenêuticas, a que estamos designando de tradicional, com sua verdade autoritativa e unívoca, e a Hermenêutica Existencial, com sua verdade perspectivista e multifacetada.

Além disso, o modo de aceitar a verdade baseado na autoridade, presente desde antes da época medieval, não permitia ver de forma mais clara essa hermenêutica perspectivista, de maneira que a interpretação correta era aquela

---

serem conquistados. *Antes, compreender é sempre o processo de fusão desses horizontes presumivelmente dados por si mesmos.* Conhecemos a força dessa fusão sobretudo de tempos mais antigos e da ingenuidade de sua relação com sua época e com suas origens. A vigência da tradição é o lugar onde essa fusão se dá constantemente, pois nela o velho e o novo sempre crescem juntos para uma validade vital, sem que um e outro cheguem a se destacar explícita e mutuamente”.

<sup>46</sup> Hans Kelsen já identificava essa natureza múltipla da hermenêutica existencial quando tentava aplicar o positivismo-lógico ao ordenamento jurídico: KELSEN, Hans. *Teoria Pura do Direito*. Tradução de Joao Baptista Machado. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 249. “A questão de saber qual é, de entre as possibilidades que se apresentam nos quadros do Direito a aplicar, a ‘correta’, não é sequer - segundo o próprio pressuposto de que se parte – uma questão de conhecimento dirigido ao Direito positivo, não é um problema de teoria do Direito, mas, um problema de política do Direito. A tarefa que consiste em obter, a partir da lei, a única sentença justa (certa) ou o único ato administrativo correto é, no essencial, idêntica à tarefa de quem se proponha, nos quadros da Constituição, criar as únicas leis justas (certas). Assim como da Constituição, através de interpretação, não podemos extrair as únicas leis corretas, tampouco podemos, a partir da lei, por interpretação, obter as únicas sentenças corretas”.

emitida pela autoridade eclesiástica. As diferentes perspectivas de um dado texto ficavam encobertas pela influência da autoridade que emitia a interpretação referencial<sup>47</sup>.

O que fez ressaltar o viés dogmático da Hermenêutica Tradicional foi o advento do Iluminismo e, mais especificamente, a metodologia científica que já reinava há mais de cem anos de Schleiermacher e que procurava conter a verdade dentro de sua metodologia específica<sup>48</sup>.

A pergunta que se faz diante desta tensão entre as duas naturezas da Hermenêutica é se haveria um modelo pelo qual possamos articular essas duas naturezas.

Conquanto o problema das duas abordagens da hermenêutica perpassa uma gama diversa de disciplinas, precisamos analisar o impacto deste problema hermenêutico no âmbito da Teologia. Para muitos cristãos que não se dedicam ao estudo formal das Escrituras, os problemas associados à hermenêutica no atual estado de coisas passam despercebidos. Porém, para aqueles que se dedicam a um estudo mais sistematizado da Bíblia, a questão hermenêutica se revela desafiadora.

A Hermenêutica é considerada a “rainha” de todas as matérias teológicas. Parece que todas as matérias no currículo das faculdades teológicas vão, em última análise, se direcionar para a aplicação correta da hermenêutica. A Doutrina, consequência do trabalho teológico das Escrituras, é fruto da Hermenêutica, portanto “manejar bem a Palavra da Verdade” passa pela aplicação da hermenêutica ao texto bíblico. Apesar disso, a confusão no meio evangélico é muito grande, e talvez seja devido à falta de prioridade da formação hermenêutica dos alunos de Teologia nos seminários e faculdades<sup>49</sup>.

---

<sup>47</sup> Poder-se-ia entender que as interpretações da Hermenêutica Tradicional eram, na verdade, uma interpretação perspectivista chancelada pela autoridade do momento.

<sup>48</sup> A metodologia das ciências da natureza era a referência para se descobrir a verdade do mundo, uma verdade metafisicamente colocada e alcançada metodologicamente. Diferentemente, porém, Gadamer, na primeira parte de sua obra *Verdade e Método*, apresenta a manifestação da verdade de outra forma, utilizando como exemplo a sua manifestação por meio da arte, de forma não metodológica.

<sup>49</sup> GEISLER, Norman L. *A Inerrância da Bíblia: uma sólida defesa da infalibilidade das Escrituras*. Tradução Antivan Guimarães Mendes. São Paulo: Vida, 2003. p. 145. “Grande parte do debate atual concernente às Escrituras entre os cristãos é, no fundo, consequência da incapacidade por parte dos evangélicos de lidar com a questão da hermenêutica. Uma vez que nós, neste século, nos ocupamos de tantas outras batalhas, muitas vezes porque não tivemos outra opção, um assunto que deveria ter demandado nossa atenção acabou negligenciado. Consequentemente, embora muitos evangélicos compartilhem a mesma opinião no tocante a diversos pontos das doutrinas da revelação, inspiração e até mesmo da canonicidade do texto bíblico, quando se trata de interpretar

No próximo item, são apresentadas as implicações que as tensões entre a Hermenêutica Tradicional e a Hermenêutica Existencial têm provocado na área teológica, já complexa pela sua natureza.

### 2.3 A RELATIVIZAÇÃO DA DOCTRINA E OS ASPECTOS CONFSSIONAIS

A elaboração das doutrinas teológicas está sustentada sobre o trabalho hermenêutico<sup>50</sup>. A Hermenêutica Tradicional estabelece o sentido que o texto tem e por ele o ensinamento que as Escrituras transmitem. Sobre este sentido estabeleceu-se então a doutrina que passa posteriormente para o dogma. Este é o sustentáculo doutrinário de todo o cristianismo e de outras religiões “do livro”.

Se a hermenêutica, portanto, passar a ser existencial na sua multiplicidade de verdades, todas as doutrinas estruturais da Teologia se tornarão inviáveis como regra de fé e, utilizando o termo de Bauman, se tornarão “líquidas”.

A natureza relativizante da doutrina passará a destruir toda a estrutura institucional e pedagógica do cristianismo como um todo.

Este problema teológico é percebido de forma mais suave e subliminar quando se tem que tratar da Teologia Bíblica<sup>51</sup> em contraste com a Teologia Sistemática<sup>52</sup>.

A Teologia Sistemática advém da sistematização das doutrinas contidas no texto canônico vista de forma integral. A sistematização da Teologia requer uma análise integral e diacrônica do *cânon* e, por meio da hermenêutica, são elaboradas as doutrinas fundamentais daquele *cânon* e que servem como referência confessional.

A Teologia Bíblica, por sua vez, é uma teologia que trata da elaboração da

---

esse mesmo texto o que se nota é de vozes muito próxima de uma verdadeira torre de Babel. Os evangélicos são hoje pressionados de muitos lados para que supram essa falta em seu currículo teológico. O debate hermenêutico fora de nossos círculos floresceu de modo tão prolífico e vigoroso que, por vezes, corre o risco de monopolizar completamente a atenção de alguns. Contudo, trata-se de uma questão não menos séria do que a própria questão da Reforma. Na verdade, cremos que há atualmente em andamento algo muito semelhante a uma reforma hermenêutica”.

<sup>50</sup> Aqui preferimos não utilizar o termo “exegético”, pois, este está mais ligado aos trabalhos de crítica textual (alta e baixa) e análise gramatical e filológica, ou seja, uma subdivisão da hermenêutica cujo escopo é mais abrangente.

<sup>51</sup> OSBORNE, Grant R. *A Espiral Hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 452. “A Teologia Bíblica estuda os temas subjacentes aos livros individuais e às tradições dentro da Bíblia, buscando leis abrangentes que os integrem em um padrão holístico”.

<sup>52</sup> OSBORNE, 2009, p.452. “A Teologia Sistemática contextualiza tais temas em um todo lógico e conceitual, que reconstrói o dogma para o momento atual”.

doutrina específica a um tempo, espaço geográfico e a uma escola que se encontra presente em determinado contexto bíblico. É, portanto, um conjunto de teologias sincrônicas, que vai se desenvolvendo. Por isso alguns teólogos a tratam como uma “história da religião<sup>53</sup>.”

Quando há alguma discrepância entre essas duas teologias, por exemplo, quando se encontra no texto bíblico uma teologia particular, esta é tratada em comparação à Teologia Sistemática<sup>54</sup> que lhe serve de referência.

A Teologia Bíblica é descritiva, e se relaciona ao produto da tradição em uma determinada época, portanto, ela apresenta multiplicidade, enquanto a Teologia Sistemática é prescritiva e produto de uma análise conceitual e normativa.

O ponto nevrálgico da Hermenêutica Existencial para a Teologia é que aquela descaracteriza a própria Teologia Sistemática como paradigma e referência e, portanto, não há como referenciar uma teologia específica. Os marcos e as referências se perdem e passam a valer os momentos existenciais de onde se extraem as teologias específicas sem validade universal.

Para o teólogo Rudolf Bultmann, que adotava abordagem existencial, ele via, como necessário, retirar do texto canônico alguns pontos específicos da Teologia Bíblica, ou seja, o caráter de época, seus mitos, para encontrar o cerne existencial da mensagem que deveria ser levado para nossa época. Para ele a mensagem das Escrituras tem que fazer sentido existencial para o leitor atual<sup>55</sup>.

Bultmann deu o nome desse procedimento de “demitologização”<sup>56</sup>, que ele considerava como um procedimento hermenêutico. Ele não retirava os mitos, mas

<sup>53</sup> ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. *Novos rumos na pesquisa bíblica*. Estudos Teológicos, v.46, nº1, p.22-33, 2006, p.29. “Uma das aporias da teologia bíblica recente é o seu *status* perante a religião de Israel. Albertz, por exemplo, afirma a história da religião como disciplina viável, no lugar da teologia bíblica”.

<sup>54</sup> Como visto anteriormente, a racionalização histórica aplicada à Hermenêutica, levou à formação da Teologia Bíblica. Assim, os fatos históricos individualmente perderiam em importância por se tratar de mera historiografia. A Dogmática (Teologia Sistemática) é que vai manter a importância da historicidade bíblica pois une os eventos individuais em uma estrutura geral. GUNNEWEG, Antonius H. *Hermenêutica do Antigo Testamento*. Tradução de Ilson Kayser, São Leopoldo: Sinodal, 2003, p. 85. “O desconforto causado pela discrepância entre pesquisa histórica e teologia dogmática, mas também, a ainda mais, pela efetiva perda do AT, apesar de sua permanência formal no cânone, fez com que, em resposta ao predomínio da mera historiografia, a história a religião judaico-israelita novamente se tornasse uma teologia do AT. Esta se concebe, na maioria das vezes, como combinação de exposição histórica e sistemática, pensando merecer, através da exposição sistemática, nova dignidade teológica, bem como poder proporcionar ao AT novamente uma importância cristã”.

<sup>55</sup> BULTMANN, Rudolf. *Demitologização*: Coletânea de Ensaio: São Leopoldo: Sinodal, 1999,

<sup>56</sup> Há de se diferenciar a *demitologização* da *desmistificação*. Aquela mantém o texto em seus mitos que são necessários para o povo da época, esta retira os mitos na intenção de apresentar o texto limpo de seus entendimentos primitivos.

procurava ver por dentro deles o sentido existencial da mensagem<sup>57</sup>.

Portanto, dentro da Teologia, vários foram os mecanismos para se trabalhar o texto sagrado com a nova abordagem existencial<sup>58</sup>. O problema que permanece é a dificuldade de se aplicar o viés existencial da hermenêutica pela impossibilidade de conciliá-la com uma verdade referencial, unívoca, característica da Hermenêutica Tradicional e retirada da exegese técnica, na qual está ancorada a quase totalidade dos credos cristãos. Assim, em muitos segmentos religiosos e, particularmente, dentro do cristianismo, surgem movimentos que se apegam à frieza do texto resultando em problemas de contextualização com conseqüente comportamento fundamentalista. Neste tipo de comportamento, o texto bíblico fica cada vez mais distante da realidade da comunidade conforme ocorrem as transformações sociais.

A comunidade experimenta pressões sociais para as quais não há resposta adequada nos textos cujo significado não se atualiza. Dessa forma, o modelo hermenêutico integrador apresentado na pesquisa contribui para uma melhor articulação da face existencial da hermenêutica dando mais dinamismo e vida ao texto bíblico.

## 2.4 A DOGMATIZAÇÃO DA TEOLOGIA E OS ASPECTOS RELATIVOS

Outro efeito derivado dessa tensão entre a parte tradicional e a existencial da hermenêutica é a “confessionalização da teologia” contra os aspectos relativos.

Ao longo da Idade Média, a dogmatização teológica levou a uma radicalização que trouxe a intolerância com os aspectos dinâmicos da sociedade e de pensamento.

---

<sup>57</sup> BRAKEMEIER, Gottfried. *A autoridade da Bíblia*. Controvérsias – significado – fundamento. São Leopoldo: Sinodal, 2003, p.49. “Cabe anotar que a demitologização em si não é nenhuma invenção de Bultmann. A crítica da razão pura de I. Kant forçosamente se escandalizava no universo mitológico religioso e tratava de demonstrar sua natureza fictícia. Todo racionalismo iluminista é adversário do mito e procura desmascará-lo como superstição. Sob tal perspectiva, a proposta de Bultmann é conseqüente. Chama atenção pela afinidade aos pressupostos iluministas, pelo rigor de seu pensamento e pela radicalidade de suas conclusões. O que realmente é novo em Bultmann é que ele desiste de substituir o mito pela história. Era esta a meta da teologia liberal: Buscavam-se os fatos históricos por trás do mito para neles embasar a fé. Exemplifica-o a caça ao ‘Jesus histórico’ no século XIX. A verdade sobre Jesus não estaria com o dogma da Igreja e sua linguagem mítica, e, sim, com os resultados da pesquisa científica sobre o Nazareno e sobre os primórdios da Igreja cristã. Bultmann não só demitologiza o Novo Testamento, ele também o des-historiza. Despreza a história como fundamento da fé. Conforme ele, a fé independe do mito e história. Pode deles emancipar-se”.

<sup>58</sup> Eduardo Arens, em sua obra, destaca a importância que a historiografia semita, já naquela época, dava à relevância existencial para seus leitores contemporâneos. ARENS, 2007, p.308. “A mentalidade semita, que é aquela na qual se escreveu a maior parte da Bíblia, não se interessava em primeiro lugar pela veracidade histórica no sentido nosso de precisão cronística, mas pela significação existencial que aquilo que foi relatado tinha para os homens”.

A interpretação única institucional da Igreja não deu margem à liberdade de pensamento, ainda que essa liberdade trouxesse como origem valores maiores presentes na humanidade. Trouxe a impossibilidade de adoção de interpretações alternativas, ainda que válidas, mas não admitidas por estarem em contradição com a interpretação dogmática da estrutura eclesiástica.

São numerosos os exemplos no período pré-Reforma, como a perseguição aos cátaros, as condenações da Inquisição, João Huss, Giordano Bruno, Wycliff, Lutero entre dezenas de exemplos de homens, cujos pensamentos, embora fundamentados na verdade, sofreram perseguições por suas posturas contrárias à interpretação institucional.

No movimento protestante, ainda que este tenha se ramificado em múltiplas denominações, cada denominação desenvolveu sua confissão de fé, não sendo visto muito bem a mistura de seus fiéis com outras denominações mesmo dentro do ramo protestante.

Apesar de haver uma multiplicidade de seminários teológicos, cada um, porém, ensina sua teologia confessional própria apresentando sua interpretação particular. Em muitas ocasiões, infelizmente, isto leva os estudantes de teologia a uma posição de confronto com aqueles que adotam um pensamento diverso dos seus.

Estes aspectos revelam a dificuldade de convivência com as duas naturezas do processo hermenêutico, a tradicional - normativa - com a existencial - perspectivista.

Com isso, na atividade pastoral da igreja há uma ineficácia no atendimento espiritual das pessoas nas suas particularidades individuais. Muitas denominações religiosas condicionam sua ajuda a uma aceitação de suas proposições dogmáticas e confessionais, ou, também, inculcam na consciência da pessoa que sua visão particular é a única válida.

Exemplo desse tipo é a dificuldade de aceitar, por parte de uma denominação religiosa, pessoas que venham de outros ramos denominacionais, a não ser que passe pelo rito de batismo próprio daquela comunidade, sem aceitação do batismo que a pessoa já experimentou em outro rito.

A prevalência e imposição de interpretação de cunho normativista, à parte da realidade específica da pessoa, impõe, portanto, dificuldades no atendimento espiritual às pessoas em suas diversidades específicas e isto, sem considerar ainda o obstáculo que traz à participação em quaisquer eventos ecumênicos.

Há uma grande demanda social por assistência espiritual, mas esta assistência é grandemente dificultada quando se depara com obstáculos de ordem normativa e confessionais oriundo de uma hermenêutica estritamente tradicional.

Muitas vezes, a tentativa de resolução desse conflito passa pela delimitação da ação pastoral ao âmbito da interpretação confessional, eliminando interpretações diversas que serão tratadas como interpretações exógenas, às vezes recebendo a cunhagem de “heresia”, por estar em conflito com a teologia normativa daquele segmento religioso<sup>59</sup>.

## 2.5 A APLICAÇÃO HERMENÊUTICA – SIGNIFICADO VS. SIGNIFICÂNCIA

Uma outra forma de tratar esse problema foi sugerido por E.D. Hirsch (1928, ~), que defendia o uso tradicional da hermenêutica. Ele fez distinção entre os termos “significado” e “significância”<sup>60</sup>. O significado é aquele retirado do texto pelos métodos convencionais da Hermenêutica Tradicional como a busca do sentido autoral. Entretanto, há a necessidade de aplicação prática do texto para a vida do leitor, para sua existencialidade. Essa aplicação, Hirsch a denomina de “significância”. Significância, portanto, é a aplicação do sentido hermenêutico à realidade existencial do leitor e, portanto, perspectivista e multifacetada<sup>61</sup>.

Para eliminar a dúvida quanto à interpretação obtida pelo método tradicional,

---

<sup>59</sup> Na área jurídica procedimento análogo é feito quando se tenta delimitar o Direito à esfera constitucional. Tudo o que não for interpretado conforme a Constituição é rejeitado por estar fora da referência máxima legal de um povo que vive sob o Estado Constitucional. Assim, o controle constitucional limita a atividade hermenêutica do juiz de forma semelhante ao controle confessional, que, por meio do Credo, limita a atividade pastoral.

<sup>60</sup> SCHMIDT, 2014, p.95. “Para evitar confusões na discussão da interpretação, Hirsch afirma que é necessário distinguir entre significado e significância. O significado, ou seja, o significado verbal, é o tipo desejado e compartilhado ou ‘aquilo que o autor quis dizer em seu uso de uma sequência particular de sinais’. A significância é uma relação entre esse significado e uma pessoa, ou uma concepção, ou uma situação, ou na verdade qualquer coisa imaginável. Infelizmente nós usamos ‘interpretação’ tanto para discussões sobre o significado de um texto quanto para sua significância. Ignorar esta distinção, que é o que ele acusa Gadamer de fazer, leva a uma confusão e a uma mistura das práticas distintas da compreensão, explicação e crítica”.

<sup>61</sup> HIRSCH, Jr. E.D. *Em defesa do autor*. In: *Validade em Interpretação*. Tradução e apresentação: Samira Murad. Rev. Cria. Crít., São Paulo, nº 12, p.195-210. 2014. Disponível em: <http://revistas.usp.br/criacaoecritica>. Acesso em: 11/05/2021. p.201-202. “Sem dúvida, a significância da obra modificou-se bastante para o autor, mas o sentido não se modificou nem um pouco. Este é o ponto chave do problema para todos os casos de mutabilidade autoral de que tenho conhecimento. Não é o sentido do texto que foi modificado, mas sua significância para o autor. Esta distinção é frequentemente ignorada. O sentido é aquilo que é representado pelo texto, é aquilo que o autor quis dizer por meio do uso de uma sequência de signos particular; é aquilo que o signo representa. A significância, por outro lado, nomeia a relação entre sentido e uma pessoa, um conceito, uma situação, ou de fato, qualquer coisa imaginável [...]. Quando os críticos falam em mudança de sentido, em geral, referem-se a mudanças na significância”.



aquela que procura por uma verdade fixa eliminando a possibilidade de se obter uma interpretação existencial e multifacetada, Hirsch considera que o texto apresenta marcadores<sup>62</sup> linguísticos que podem ser utilizados para se chegar ao sentido pretendido pelo autor, evitando, dessa forma, cair no relativismo hermenêutico.

Assim, através das regras comuns da gramática<sup>63</sup> e pelo entendimento linguístico de uma época, podemos chegar a entender o que um determinado autor intencionava dizer. Esse processo, de acordo com Hirsch é separado daquele referente à aplicação, que pode ser feita de maneira diversa para a comunidade atual. Com isto, ele quer mostrar que Gadamer incorre em erro quando tenta incluir no processo da compreensão ambas as funções, ou seja, a de interpretar e a de aplicar.

O que Hirsch afirma, então, é que no processo hermenêutico há na realidade duas funções separadas, uma que pretende capturar o significado intencionado pelo autor e, nesta tarefa, há a busca pela verdade unívoca, e outra que preza a aplicação ao caso concreto, que resulta em várias verdades particulares de acordo com a aplicação adequada<sup>64</sup>. Assim, na tentativa de responder a essa tensão, Hirsch separa interpretação e aplicação em dois processos, o que não resolve o problema fundamental de como se obter a validação na diversidade do processo aplicativo. Dado que a interpretação foi separada e tratada pelo método hermenêutico tradicional, o que interligaria e validaria a aplicação, resultado da interpretação obtida? Como se chegou a essa aplicação determinada e como foi a fundamentação dessa escolha?

## Conclusão do capítulo

O que temos visto até aqui, é que o aparecimento dos estudos do ambiente existencial no campo da hermenêutica trouxe tensões para as áreas tradicionalmente envolvidas com a aplicação da hermenêutica, principalmente para a área jurídica e para a área teológica. Isso porque a relatividade da camada existencial da

---

<sup>62</sup> FOUCAULT, Michel. *Aesthetics, Method, and epistemology*. vol.2. Tradução por Robert Hurley at. all. The New Press: New York, 1998. p.215. “*The text always contains a certain number of signs referring to the author*”.

<sup>63</sup> VANHOOZER, Kevin. *Há um significado neste texto?* Interpretação Bíblica: Os enfoques contemporâneos. Tradução Álvaro Hattner. São Paulo: Editora Vida, 2005, p.248. “Tanto a gramática quanto a gramatologia são apenas parte da história do significado e da interpretação. Junto com as questões de forma, devem ser feitas as questões de função. Os textos são atos significativos e atos de significado”.

<sup>64</sup> Para alguns, a retirada do texto do sentido intencionado pelo autor é função da Hermenêutica e a aplicação desse sentido à comunidade atual é função da Homilética.

hermenêutica desestabilizou a segurança antes conseguida dos resultados obtidos de forma metodológica, com respostas seguras e determinadas.

O debate sobre a segurança e certeza dos resultados da aplicação hermenêutica com a advento dos estudos de sua natureza existencial foi assunto destacado ao longo de todo o século XX, até agora sem uma forma de resolução adequada. Como na filosofia surgiu a virada linguística<sup>65</sup> e a hermenêutica se tornava filosófica ou existencial, todas as áreas dependentes de utilização da hermenêutica passaram a se preocupar com os impactos que esses novos estudos trouxeram, destaque neste trabalho para a área da Teologia.

Conforme destacado, esse relativismo traz consequências para a Teologia de forma que cada segmento confessional vai tratar essa realidade de forma particular tentando contornar suas dificuldades. Verifica-se a necessidade de encontrar um elemento no processo hermenêutico que dê sua estabilidade sem, no entanto, retirar da compreensão a diversidade e flexibilidade tão necessárias à práxis teológica.

Assim, no próximo item é proposta a Estética como elemento estabilizador desta camada existencial, dando maior firmeza e segurança para a aplicação hermenêutica dentro das novas condições de contorno.

---

<sup>65</sup> Através do estudo da Linguística, os problemas filosóficos passaram por um processo de revisão, desde a área da epistemologia até a política, concentrando-se nos estudos da linguagem e sua centralização nos diversos ambientes da vida. A Hermenêutica não deixou de receber a influência da virada linguística, já indicada nas obras do segundo período de Heidegger. H.G. Gadamer desenvolve a Hermenêutica a partir dessa virada afirmando (GADAMER, 2013) “[...] a conceptualidade em que se desenvolve o filosofar já sempre nos possui, da mesma forma em que nos vemos determinados pela linguagem em que vivemos”



### **3 A IMPORTÂNCIA DA ESTÉTICA PARA A HERMENÊUTICA**

Como visto no primeiro capítulo, a natureza existencial da hermenêutica fez perceber um aspecto tensional no processo interpretativo. Isto se deve a que a existencialidade é ligada a aspectos circunstanciais, individualizantes, culturais e sociais que tem dificuldade para se articular com aqueles aspectos mais referenciais e conceituais que direcionam a vida humana.

Para a articulação entre a face tradicional e a face existencial do fenômeno hermenêutico em um modelo englobante é necessário introduzir no processo hermenêutico a Estética. De forma inovadora, a pesquisa traz o papel referencial que a Estética representa para a Hermenêutica Existencial trazendo uma solução para a aparente falta de balizamento desta face hermenêutica. A relatividade de significados trazidos pela Hermenêutica Existencial resulta dessa aparente falta de referencial.

Como será visto nos subitens seguintes, a Estética é um referencial não metodológico, com características universais, suprarracional que se adequa perfeitamente à abordagem de natureza existencial como é a da Hermenêutica Filosófica ou Existencial.

#### **3.1 A HERMENÊUTICA EXISTENCIAL E SUAS INTERPRETAÇÕES**

Quando estamos diante de um fato (um texto escrito, por exemplo) e tomamos conhecimento dele, este fato irá mergulhar no nosso mundo da pré-compreensão e ali, de acordo com as nossas tradições, nossa educação, os imperativos que foram colocados em nossa vivência, nossas memórias, irão dar o viés por meio do qual o fato vai ser contextualizado internamente. Em seguida, continuamos a realizar os processos hermenêuticos internos que vão nos levar à compreensão daquele fato. Assim, a depender da vivência de cada um, a compreensão poderá ser diferente daquela de outra pessoa que possui um conteúdo pré-compreensivo diferente.

A princípio, representa um problema para a Teologia, pois, quanto ao texto bíblico, como se poderá delimitar ou determinar a interpretação “correta”? Se cada um possui um conteúdo pré-compreensivo diferente que resultará em interpretações distintas, segue-se que iremos cair em um caos de interpretações que serão tantas, quantas as vivências daqueles que estão interpretando.

Este fenômeno é conhecido dos estudantes da literatura e da linguística e que

tem o nome de Teoria da Recepção<sup>66</sup>. Para esta Teoria, quem determinaria o significado do texto é aquele que o lê, pois, o autor não existe mais para poder saber o que ele pensava, o texto é apenas o condutor do código, mas o significado é dado pelo leitor. Assim, tomemos um exemplo na seguinte frase:

**CHOVE LÁ EM CASA!**

Tomemos duas pessoas que irão ler a frase acima. Um residente em um bairro de pessoas abastadas com casas de alto padrão, e outra moradora de uma região com moradias em condições subnormais e na pobreza. O primeiro compreende a frase significando que no bairro onde está localizada a sua casa está chovendo. Para o segundo, morador em condições de pobreza, a frase significaria que está havendo goteira em seu telhado e chovendo no interior da sua casa.

Perceba que o código da comunicação é o mesmo. A mesma gramática, as mesmas palavras e mesma sintaxe. Porém o que faz distinguir o significado de um para com o outro é o aspecto vivencial de cada um. A variedade e individualidade destes aspectos vivenciais, vão resultar em diferentes interpretações originadas desse aspecto existencial da pessoa. Percebe-se que o apelo para a análise do que está escrito não ajuda neste caso, por já ter feito sua delimitação própria do código linguístico. Neste caso, para se completar o sentido, é feito apelo à existencialidade do intérprete, tornando sua experiência vivencial determinante no significado da frase. Assim, é inevitável a pergunta se há algo delimitador que possa ser utilizado para não cair em um caos interpretativo.<sup>67</sup>

Gadamer foi criticado por outros filósofos por levar o processo interpretativo ao caos, como analisa Ernildo Stein<sup>68</sup>. Atrair o processo compreensivo à vivência e

<sup>66</sup> SCHOLZ, 2006, p.50. “Até bem recentemente, a situação e o papel do leitor ou receptor haviam recebido pouca atenção em estudos hermenêuticos. No entanto, o avanço da teoria da recepção, também chamada de crítica da resposta do leitor (*Reader-response criticism*), bem como o aparecimento de teologias contextuais (teologia negra, da libertação, feminista etc.), forçaram a inclusão do contexto da recepção, isto é, o papel do leitor, na reflexão hermenêutica”.

<sup>67</sup> PELLETIER, Anne-Marie. *Bíblia e Hermenêutica hoje*. São Paulo: Ed. Loyola, 2006, p.172. “[...] a Bíblia contesta toda a apropriação que se reserve os bens da revelação. Portanto, nesse sentido é positiva e bem-vinda a multiplicação atual das leituras. Por outro lado, é difícil negar que a afirmação demasiado exclusiva de um plural associado à historicidade da compreensão corre o risco de resultar em um relativismo de graves consequências. Considerar a abertura da Bíblia uma possibilidade sem contrapartida, seria provavelmente dar mostras de certa ingenuidade [...], todavia, elas originam rapidamente um outro comodismo, disforme e perigoso, o de um ecumenismo hermenêutico, que valida toda e qualquer leitura pessoal justificada unicamente pelo fato de existir”.

<sup>68</sup> STEIN, Ernildo. *Compreender em vez de fundamentar*. A hermenêutica filosófica de Gadamer. VERITAS. v.47. n.º 1. p.99-102. Porto Alegre: março - 2002. p.101. “Ainda que as observações de Habermas reconheçam aspectos da universalidade da hermenêutica filosófica, ele o faz, em contraste, com a pretensão de universalidade da crítica com a qual ele pretende atingir campos

à historicidade, como faz a Hermenêutica Existencial, seria deixar à deriva todos os que querem encontrar um sentido determinado em uma obra. Embora Gadamer se defenda dizendo que a pré-compreensão é que dá partida ao processo interpretativo, esta pode ser corrigida com os fatos ao nosso redor, por isso a tradição entende Gadamer otimisticamente, pode ser criticada e corrigida quando não estiver em conformidade com a realidade<sup>69</sup>. Além disso, a prática dos juízes na aplicação da lei (que Gadamer toma como exemplo em sua obra *Verdade e Método*) aplicando a norma passada ao caso concreto atual, indicaria que historicidade não leva a relatividade<sup>70</sup>. Este assunto será retomado adiante.

### 3.2 A CONTRIBUIÇÃO DA TEOLOGIA NA PRÉ-COMPREENSÃO

Importante destacar que sendo a pré-compreensão o tecido germinativo do processo hermenêutico, e sendo esta composta das nossas experiências vividas, nossas memórias, as nossas tradições, a educação específica a que cada um teve acesso, não podemos deixar de incluir nela as experiências religiosas e místicas.

---

onde a hermenêutica filosófica não saberia trabalhar. Não é só por parte de Habermas que se ouvem essas críticas à hermenêutica filosófica, ela também é objeto de crítica da filosofia analítica. Essa vê na historicidade da linguagem e na pré-compreensão como condição de qualquer discurso uma falta de recursos para examinar as pretensões de validade dos textos que são interpretados. Na medida em que a hermenêutica filosófica trabalha com o sentido, a analítica reduz a linguagem à unidade mínima que é o significado. Mas espíritos mais conciliadores se contentam com as afirmações de que a hermenêutica sem filosofia analítica é cega e a filosofia analítica sem a hermenêutica é vazia”.

<sup>69</sup> THISELTON, Antony C. *The two horizons: New Testament hermeneutics and philosophical description with special reference to Heidegger, Bultmann, Gadamer and Wittgenstein*. Grand Rapids, MI, USA: Eerdmans Publishing Co, 1980. p. 314. “It may well be that, in contrast to the undue pessimism of the later Heidegger, Gadamer himself is too optimistic about the capacity of language, tradition, and temporal distance to filter out what is false and leave only what is true. Gadamer himself acknowledges that we must be careful not to ignore the part played by individual responsibility in relation to truth, so that, as in Heidegger, responsibility becomes merely responsiveness. He recognizes this danger in his own philosophy, although he considers that it is adequately met by his taking the human community (although not human subjectivity) as his point of departure”.

<sup>70</sup> ASFORA, Alessandra Macedo. *Tensões entre objetividade e compreensão: Uma investigação da recepção da filosofia Gadameriana pela hermenêutica jurídica contemporânea*. 2017, p.58. “É preciso entender que o objetivo de Gadamer em *Verdade e Método* é superar os problemas do historicismo, o qual tem como afirmação de que todo conhecimento é historicamente determinado. Gadamer tenta superar justamente o relativismo, pois, como pode haver conhecimento válido se tudo está sempre enquadrado em um determinado contexto. Gadamer argumenta que a inegável natureza histórica da compreensão humana, não a condena necessariamente a um relativismo. [...] O raciocínio aqui é fundamental para elucidar a tese Gadameriana que pretende superar o historicismo. O jurista que decide tem que lidar com um caso concreto, enraizado em uma determinada situação e suas diretrizes judiciais vêm do passado e precisam se integrar ao presente. O que fascina Gadamer é o fato de que a situação jurídica realiza uma fusão de horizontes especialmente ilustrativa de passado e presente”.

A hermenêutica não é somente um processo frio no âmbito filosófico pelo qual se passa na busca da compreensão, mas também é influenciado por forças e tensões internas ao indivíduo para as quais a Teologia tem muito a contribuir e que tradicionalmente são deixadas ao largo do esforço filosófico.

Neste ponto, é de vital importância acrescentar que a experiência com o sagrado é fator primordial para a composição de nossa pré-compreensão e como corolário, para nossa compreensão de mundo. O que estamos destacando é que a experiência com o sagrado faz parte da nossa herança pré-compreensiva e, portanto, faz parte de nossa ontologia. Por isso, as ciências sociais indicam que a religiosidade é um imperativo antropológico no sentido de que todos os seres humanos são de certa forma religiosos.

O texto bíblico nos informa que isto é o que ocorre ao ser humano que possui uma experiência de cunho espiritual<sup>71</sup>. Ele passa a compreender o mundo de uma forma mais ampla, pois a experiência espiritual colocou em sua pré-compreensão aptidão para que o *Dasein* possa compreender o seu papel no mundo e suas possibilidades. Assim, a contribuição da experiência espiritual para o processo hermenêutico e, por consequência, para a visão de mundo e possibilidades do *Dasein* é de vital importância e não pode ser desconsiderada<sup>72</sup>.

Um exemplo bíblico da influência da experiência espiritual no processo hermenêutico é o relato do apóstolo Paulo em sua Carta aos Filipenses<sup>73</sup> capítulo 3 dos versículos 4 ao 8. Ali, o apóstolo declara que sua experiência com Cristo trouxe para ele uma nova compreensão<sup>74</sup>, e entendeu que diante de nova interpretação de

<sup>71</sup> Conforme Carta aos Coríntios. In: A BÍBLIA Sagrada. Tradução João Ferreira de Almeida. ed. rev. e corrigida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1989. I Co 2.14 – “Ora, o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente”

<sup>72</sup> BOND. Steve. *Bible Hermeneutics*. Holman Illustrated Bible Dictionary. Disponível na internet em [www.mystudybible.com](http://www.mystudybible.com). Acesso em 20/05/2020. “For Augustine the goal of biblical interpretation is spiritual—nothing less than the transformation of the persons who read and study the Bible. This goal cannot be achieved through a mechanical process. Knowing language and history well are necessary for understanding the Scriptures, but they are not sufficient. The spiritual dimension of the interpreter is integral to the process of understanding Scripture, but neither is it sufficient. Augustine recognized that biblical interpretation was a task that engaged both the intellect and the heart”.

<sup>73</sup> A epístola aos Filipenses In: A BÍBLIA Sagrada. Tradução João Ferreira de Almeida. ed. rev. e corrigida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1989. Filipenses 3.4-8 “Ainda que também podia confiar na carne: se algum outro, cuida que pode confiar na carne, ainda mais eu, circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; segundo a lei, fui fariseu, segundo zelo, perseguidor da Igreja, segundo a justiça que há na lei, irrepreensível. Mas o que para mim era ganho reputei-o perda por Cristo”.

<sup>74</sup> GADAMER, 2013, p. 395. “Já vimos que a compreensão começa onde algo nos interpela. Esta é a condição hermenêutica suprema”.

mundo, ou cosmovisão, tudo o que para ele era anteriormente importante, tornou-se sem muito valor. O seu passado era o mesmo, mas com a experiência religiosa a que foi submetido quando se dirigia a Damasco, na qual Cristo lhe aparece, ele compreendeu o seu passado de uma outra forma. Essa nova realidade, a que teve acesso por meio dessa experiência, trouxe para o apóstolo uma nova compreensão de sua vida passada.

Em concordância com o texto sagrado, as experiências religiosas ou espirituais vão modificar a pré-compreensão da pessoa, mas esta dará um novo tom ao processo hermenêutico que trará uma nova compreensão de vida, sua finalidade, suas possibilidades e seus horizontes<sup>75</sup>.

Cabe destacar, que estamos lidando com a face existencial da hermenêutica e não aquela outra face que trabalha com as regras e os sentidos unívocos colocados por uma autoridade para encontrar uma interpretação determinada. Como será visto posteriormente, no item 3.4, até as conceituações e racionalizações presentes na explicitação da Teologia vêm de uma experiência anterior com o sagrado, seguindo de perto o que já indicava o método teológico de Schleiermacher<sup>76</sup>.

A face existencial da hermenêutica, cabe destacar, não é somente uma matéria da grade curricular apresentada nas universidades. Ela é um “modo” de vida já que é ontológica. Faz parte do Ser. Poder-se-ia dizer que vivemos “hermeneuticando” todo o tempo. Vivemos interpretando o mundo ao nosso redor o tempo todo e aplicando sua interpretação à nossa vivência interior, o que nos servirá de ferramental para as interpretações seguintes no decorrer de nossa vida.

---

<sup>75</sup> GUNNEWEG, 2003, p. 86. “Foi um engano antigo e uma deficiência da ciência histórica, também da ciência bíblica desde o seu surgimento no Iluminismo, ter procedido como se existisse um estudo da história isento de valores e sem pressupostos, e como se se pudesse, por exemplo, pesquisar a história das religiões de modo objetivo. [...] À luz desse princípio, também a história da religião e a teologia do AT se reaproximam: a diferença não é condicionada pela alternativa de uma pretensa ausência de pressupostos ou de quaisquer premissas cristãs; o que faz a ciência das religiões ser teologia é o medir-se consciente e intencional da mesma com critérios do elemento cristão contidos no NT”.

<sup>76</sup> DREHER, Luís H. *O Método Teológico de Friedrich Schleiermacher*. Vo.6, Teses e Dissertações. São Leopoldo: Sinodal / IEPG, 1995, p.14. “Para Schleiermacher, contudo, a teologia como dogmática sempre depende da piedade, isto é, da referência já sempre encontrada (‘positiva’ ou histórica) dos seres humanos a Deus. Contra os teólogos especulativos, isso significa que a teologia, mesmo quando feita com o auxílio da conceptualidade filosófica, não acrescenta à fé nada que esta já não possuísse antes. No máximo a teologia proporciona clareza para a fé, não propiciando demonstrações ou uma certeza mais excelente do que aquela já oferecida na e pela fé. E, contra os racionalistas como Bretschneider, isso significa que a dependência da teologia em relação à piedade tem seu correlato no fato de que a experiência religiosa possui prioridade sobre as representações e o pensamento, de sorte que mesmo na teologia o pensamento sempre deve basear-se na piedade, e não vice-versa”.



Esse aspecto hermenêutico nos confirma que não estamos prontos, mas nos fazemos a cada instante. Como Heidegger apresentava em sua obra *Ser e Tempo*, o Ser vive em transformação se interpretando<sup>77</sup> a cada instante e verificando suas possibilidades. Ele não está pronto, mas em formação<sup>78</sup>.

### 3.3 A ESTÉTICA COMO CRITÉRIO DA HERMENÊUTICA EXISTENCIAL

Várias tentativas foram feitas no sentido de se limitar as interpretações oriundas da face existencial da Hermenêutica. A maior parte delas envolve enquadrar a interpretação existencial dentro de métodos e critérios que vêm da metodologia científica do estudo da natureza.

Em verdade, desde Wilhelm Dilthey, tentou-se estabelecer um critério de validação para as ciências ditas do espírito ou ciências humanas, mas, como Heidegger corretamente percebeu, Dilthey tentou limitar o processo compreensivo da natureza humana utilizando o que estava em voga em sua época, ou seja, a aplicação sistemática dos critérios da metodologia no estudo da natureza ou, dito de outro modo, do estudo das ciências exatas e, claro, o seu esforço não logrou êxito.

O grande salto dado por Dilthey, porém, foi compreender que as ciências que tratam da natureza humana precisam de outras formas de validação que não aquelas lógico-positivistas das ciências exatas<sup>79</sup>. Ele ressaltou a distinção entre as duas ciências pela aplicação diferenciada das palavras “entendimento”<sup>80</sup> e

<sup>77</sup> HEIDEGGER, 2015a, p.52. “Sem dúvida pertence ao seu ser mais próprio dispor de uma compreensão de si mesmo e manter-se desde sempre numa certa interpretação de seu ser”.

<sup>78</sup> *Bildung*, palavra alemã que utiliza Gadamer para significar “formação”.

<sup>79</sup> GRONDIN, Jean. *La hermenêutica como la ciencia rigurosa según Emilio Betti (1890-1968)*. Coherencia, vol. 8. nº 15. p.15-44. Universidad EAFIT. Medellín, Colombia. 2011. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=77421563001> . Consulta em: 05/05/2021. p.17. “De ordinario es a Dilthey a quien se reconoce el mérito de haber querido hacer de la hermenéutica una metodología de las ciencias humanas. Es seguro que el gran problema de Dilthey era el de una fundación epistemológica de las ciencias humanas, anunciada bajo el título de una crítica de la razón histórica. [...] En 1900, Dilthey pronuncia una conferencia sobre los orígenes de la hermenéutica en la que retoma lo esencial de las investigaciones sobre la génesis de la hermenéutica de Schleiermacher que había adelantado al comienzo de su carrera, pero sin llegar a publicarlas. Salvo error, es en esta conferencia donde Dilthey formula por primera vez la idea de que la hermenéutica puede servir de fundamento a las ciencias humanas de• niendo las reglas rigurosas de la interpretación, pero lo hace sobre todo en las adiciones manuscritas que no aparecerán más que en el tomo V de sus *Gesammelte Schriften* en 1924. Se constata que Dilthey jamás de• ne propiamente esas reglas y que la hermenéutica metodológica de las ciencias humanas permanece em él en el estado de proyecto. Por lo demás, las investigaciones de Dilthey sobre la hermenéutica no suscitaron mucho interés estando vivo”.

<sup>80</sup> *Erklaren*.

“compreensão”<sup>81</sup>. O entendimento é dado pelos processos lógicos dedutivos das ciências da natureza. A pesquisa positivista da natureza leva ao entendimento. Porém, compreensão só existe na esfera humana e para alcançá-la é necessário um instrumento adequado. O instrumento que ele adotou para alcançar a compreensão foi, então, a Hermenêutica.

Este foi o mesmo instrumento utilizado por Heidegger quando estudava Dilthey e dele usou essa mesma ferramenta, incorporando, porém, dentro do processo compreensivo do *Dasein*. Ao fazê-lo, a hermenêutica passou a fazer parte da composição ontológica do Ser, cujo critério de compreensão é sua vivência. A Hermenêutica passou a pertencer a uma categoria existencial que não obedecia aos critérios objetivos e indutivos da pesquisa positivista. Posteriormente, a hermenêutica, em Gadamer, passa a ser filosófica.

Gadamer mostrou, em sua obra *Verdade e Método*, que existem verdades existenciais que não podemos alcançar por métodos à maneira das ciências exatas, verdades, como a do juízo, a do gosto, a do jogo, a da arte e outras que admitimos como verdadeiras sem precisar de comprovação objetiva. Com isso, ele abre o caminho para a Hermenêutica apresentar interpretações existencialmente válidas, porém sem um método de validação de forma objetiva das ciências naturais, o que resultou em um problema hermenêutico<sup>82</sup>. Assim, um critério adequado à existencialidade que não seja nem metodológico, nem do âmbito do positivismo-lógico, aparece como necessário para ser utilizado como instrumento delimitador da Hermenêutica Existencial.

É proposta nesta pesquisa a Estética como sendo este o critério necessário para a validação das interpretações oriundas da face existencial da Hermenêutica pelos aspectos que serão apresentados a seguir.

O próprio Schleiermacher, antes de Dilthey, já apontava para os aspectos estéticos como um aprofundamento da compreensão hermenêutica, libertando-a dos aspectos limitantes da racionalidade metodológica a que a Hermenêutica havia chegado. A aplicação da onda romântica alemã nos processos hermenêuticos trouxe

---

<sup>81</sup> *Vestehen*.

<sup>82</sup> ASFORA, 2017, p. 38. “A possibilidade de estabelecermos múltiplas possibilidades significativas ao texto é uma característica presente nas teorias da interpretação que pretendem superar o modelo clássico de objetos prontos e acabados, como ocorre na concepção gadameriana. Em conformidade com a defesa da pluralidade de interpretações, é necessário o reconhecimento do poder criativo do leitor/destinatário de uma obra, surgindo como problemática a questão dos limites à interpretação”.

à lume a existência de uma nova face nesses processos que apontava para aspectos sentimentais e estéticos, utilizados nesta pesquisa<sup>83</sup>.

Cabe destacar que as considerações relativas à Estética nem sempre foram as mesmas ao longo do tempo. Na época de Sócrates e Platão, não havia uma preocupação específica com o estético na filosofia. O aspecto estético estava associado à poesia e a arte, que nos tempos desses filósofos não eram muito bem-vistas, pois, pensavam eles, a arte tem sua função de *mimesis*, ou imitação, portanto, era uma ilusão do natural que impedia o acesso ao mundo *eidético* (mundo das ideias), no qual somente a razão poderia alcançar. Pode ser verificado que nenhum poeta foi escolhido para participar do modelo da república perfeita de Platão.

Em Aristóteles, a poética estava associada aos feitos humanos de forma geral, como se fosse um componente deles, como na *tekné*<sup>84</sup> e na *poiesis*<sup>85</sup>. As peças teatrais também continham poética. Aristóteles considerava que a poesia, de maneira geral, tinha uma função de *kátharsis* – catarse – ou purificação. Assim, em sua obra *Poética* ele discorre sobre os tipos de teatros na época grega, mas dá prioridade à Tragédia, pois é um elemento mais indutor da catarse.

Durante toda a Idade Média a estética não foi muito aproveitada em suas potencialidades de estudo e aplicação. Somente a partir de meados do século XVIII, a estética vai se tornar um objeto de estudo específico da filosofia por meio das obras de Alexandre Baumgarten<sup>86</sup>. A estética passa a ser Estética.

Inicialmente como objeto de investigação de sua origem, ela estava orientada para a natureza e, como antigamente, na sua função de *mímesis* (imitação). Foi em

---

<sup>83</sup> GUNNEWEG, 2003, p. 71. “O aspecto estranho, a lógica e historicamente insustentável na história bíblica, os milagres, os mitos entendidos como composições infantis, ingênuas, não são simplesmente eliminados por causa desse seu caráter, mas tornam-se, para o sentimento religioso, símbolos nos quais se reflete o próprio divino. Um simbolismo estético se torna chave de compreensão, a qual não apenas abre e liberta o olhar para dimensões profundas jamais imaginadas até então, mas também fecha muitos acessos para uma compreensão adequada do que se pretendia e tencionava originalmente”. Destaque-se que esse “fechamento de acesso do que se pretendia originalmente” representa o acesso somente à dimensão histórica dos fatos bíblicos, reduzindo o texto às explicações históricas e racionais das verdades bíblicas.

<sup>84</sup> Significando um conhecimento para fazer algo, suprimindo uma necessidade normalmente prática.

<sup>85</sup> Palavra grega que significa produzir algo usando a criatividade, de modo que o que foi feito não havia anteriormente.

<sup>86</sup> Alexandre Gottlieb Baumgarten utilizou o termo “estética” como uma parte de interesse na área da filosofia. Ele foi o primeiro autor que utilizou esse termo por meio de seu trabalho *Meditationes philosophicae de nonnullis ad poema pertinentibus*.

Schiller<sup>87</sup> e Schelling<sup>88</sup> que a estética passou a ter um estatuto próprio, se desvinculando da natureza e tendo sua sublimidade. Em Schiller é acrescentada à Estética a função de aplicação e orientação ao comportamento, cuja frase famosa é “Aja esteticamente!”<sup>89</sup>. Assim, aquilo que é Belo passava a ser também considerado como um guia e exigência para a moral e para o comportamento e não somente como beleza que vem dos sentidos, trazida pelo mundo sensível<sup>90</sup>.

Gadamer, em sua obra *Verdade e Método*, eleva ainda mais o estatuto da Estética informando que, a partir da retirada de obstáculos que impediam o real entendimento do que é o ser estético chega-se à compreensão que a estética é ontológica, apresentando sua independência em ser. Não é aparência da realidade, nem representação dela, pois estas aparências, por suas naturezas, vão e vêm, mas a estética se impõe sobre essas aparências transitórias. Mais adiante em sua obra, ele apresenta a estética como contendo a verdade, e toda a obra de arte esteticamente considerada, é transmissora de verdade, porém uma verdade não contingente, nem dependente de conceitos ou formulações racionais, mas uma verdade sem método (daí o título da sua obra principal *Verdade e Método*)<sup>91</sup>. Além

---

<sup>87</sup> SCHILLER, J.C.F. *Über die ästhetische Erziehung des Menschen in einer Reihe von Briefen*. Nº XXII a XXIV. Tradução Verlaine Freitas. München: Carl Hanser Verlag, 1989. p. 636-651.

<sup>88</sup> SCHELLING, F.W.J. *System des transzendentalen Idealismus*. Hamburg: Meiner Verlag, 1957. p. 281-299.

<sup>89</sup> GADAMER, Han-Georg. *Verdade e Método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 131. Quanto às considerações que Gadamer faz a respeito do que a estética representou, em seu breve histórico temos: “O ponto de virada parece encontrar-se em Schiller, que transformou o pensamento transcendental do gosto numa exigência moral, formulando-o como imperativo: Comporta-te esteticamente!”.

<sup>90</sup> GADAMER, 2013, p. 123. “O belo é o símbolo do eticamente bom: nessa fórmula prudente e pregnante, Kant reúne a exigência de uma inteira liberdade de reflexão do juízo estético com seu significado humano – um pensamento que teve um grande efeito histórico. Nesse particular, Schiller foi seu sucessor. Ao fundamentar a ideia de uma educação estética da espécie humana sobre a analogia da beleza e da ética, que fora formulada por Kant, Schiller pôde seguir uma indicação expressa de Kant: O gosto se torna possível ao mesmo tempo a passagem da excitação dos sentidos para habituais interesses morais, sem necessidade de um salto violento”.

<sup>91</sup> GADAMER, 2013, p. 131. “No fundo, a liberação dos conceitos que impediam uma adequada compreensão do ser estético é devida antes de tudo à crítica fenomenológica aplicada à psicologia e à teoria do conhecimento do século XIX. Ela demonstrou que nos enganamos toda vez que buscamos pensar o modo de ser do estético a partir do ponto de vista da experiência da realidade ou quando buscamos compreendê-lo como uma modificação da mesma. Todos esses conceitos como imitação, aparência, desrealização, ilusão, magia, sonho pressupõem uma referência com um ser verdadeiro, do qual o ser estético se diferencia. No entanto, o retorno fenomenológico à experiência estética ensina que esta não pensa de modo algum a partir dessa referência: antes vê a verdade genuína naquilo que ela experimenta. A isso corresponde o fato de que, a experiência estética, por sua natureza, não pode ser frustrada por uma experiência genuína da realidade. [...] Se a estética fosse aparência nesse sentido, sua validade – como nos horrores do sonho – somente poderia se impor enquanto não se duvidasse da realidade do fenômeno, perdendo sua validade ao despertarmos”.

disso, aproveita de Kant o entendimento da estética como de validade universal<sup>92</sup>.

Gadamer alerta, porém, que dada a expansão das ciências exatas com sua forma metodológica de operar, fica cada vez mais difícil a aceitação de que possa haver um critério não metodológico para investigação da verdade<sup>93</sup>. A ciência, com sua metodologia positivista e experimental, acabou por dominar o pensamento ocidental de tal forma que nas investigações da realidade há dificuldade em se admitir algum critério não racional e de compreensão mais profunda<sup>94</sup>. Conquanto a modernidade tenha dado origem a esse tipo de formulação, não podemos nos afastar das “coisas mesmas” como diria Husserl<sup>95</sup>.

### 3.3.1 A Estética em Immanuel Kant

Immanuel Kant abordou a Estética quando tratou da análise do Belo em sua obra *Crítica da Faculdade do Juízo*<sup>96</sup>. Em sua análise de como se faz o juízo do gosto, ele indica que este juízo não é feito por processos racionais, com elaborações conceituais ou lógicas, mas com instrumento adequado para o julgamento do gosto que é a Estética, cujo fundamento de determinação é subjetivo<sup>97</sup>. Assim, para Kant a Estética é o ambiente que fundamenta as determinações subjetivas, porém esta área

---

<sup>92</sup> GADAMER, 2013, p. 102. “Sob esse aspecto, a fundamentação Kantiana da estética no conceito de gosto não pode satisfazer plenamente. É muito mais adequado empregar como princípio estético universal o conceito de gênio, que Kant desenvolve como um princípio transcendental para o belo artístico”.

<sup>93</sup> GADAMER. *Hermenêutica em Retrospectiva: a posição da filosofia na sociedade*. v. 4. Petrópolis: Vozes, 2007, p.42. “Se antigamente se dizia que a tarefa e a possibilidade da verdade na filosofia residiam fundamentalmente para além daquilo que é capaz de uma verificação metodológica, porque essa tarefa e essa possibilidade possuem por objeto condições transcendentais de possibilidade de toda experiência, o lema parece ser hoje um lema completamente diverso. A filosofia deve se equiparar àquilo que nas ciências se chama teoria. Mesmo enunciados filosóficos precisam ser inatacáveis em sua consistência lógica: essa é a primeira exigência da consciência científica à filosofia. E é melhor se satisfazer com inteleccções triviais que são adquiridas de uma maneira exata do que ousar um suposto sentido profundo sem asseguração metodológico”.

<sup>94</sup> GADAMER, 2007, p.55. “[...] Eles são muito mais efeitos imediatos da ideia de ciência, uma ideia que conduziu à elevação descomunal do domínio da natureza na modernidade e cujo rigor metodológico ascético não permitiu mais que se conhecesse por competência própria as metas responsáveis de uma atividade e de um trabalho humanos. A competência de uma espécie de saber diversa da ciência desaparece cada vez mais da consciência geral”.

<sup>95</sup> HUSSERL, Edmund. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. São Paulo: Ed. Idéias & Letras, 2006. p.4. “A generalização dos conceitos correlativos e interdependentes “intuição” e “objeto” não é um achado arbitrário, mas forçosamente exigida pela natureza das coisas”.

<sup>96</sup> KANT, I. *Crítica da Faculdade do Juízo*. Tradução Valério Rohden e Antônio Marques. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1993.

<sup>97</sup> KANT, 1993, p.47-112, §1. “O juízo do gosto não é, pois, nenhum juízo de conhecimento, por conseguinte não é lógico, e sim, estético, pelo qual se entende aquilo cujo fundamento de determinação não pode ser senão subjetivo”.

não se situa no campo lógico-racional peculiar das ciências da natureza. Neste ponto, é importante destacar que Kant faz distinção entre o que é belo, o que é agradável e o que é bom.

Para Kant o agradável é um juízo subjetivo das sensações, de caráter privado, de particular interesse e não pode ser universalizado. Como ele escreve no parágrafo 7 da obra citada: *“Com respeito ao agradável, cada um resigna-se com o fato de que seu juízo, que ele funda sobre um sentimento privado e mediante o qual ele diz de um objeto que lhe apraz, limita-se também simplesmente a sua pessoa [...] portanto, acerca do agradável vale o princípio: cada um tem o seu próprio gosto (dos sentidos).”*

Diferentemente, a Estética quando trata do que é Belo usa uma fundamentação universal não lógica por meio da qual fazemos distinção e julgamento entre aspectos subjetivos produzidos em nós por fatos oriundos do mundo externo. Assim, para Kant, quando percebemos uma coisa como bela ela é universalmente reconhecida como tal, e isto por meio do crivo da análise estética.

Devido ao fato desse crivo universal estético não estar subordinado ao campo da lógica positivista, ele afirma que isto se torna uma curiosidade de investigação não para o lógico, mas para o filósofo transcendental<sup>98</sup>. Isto ele declara porque o juízo estético não está subordinado a conceitos estabelecidos, impedindo que uma determinada metodologia possa abarcá-lo<sup>99</sup>.

De fato, o que Gadamer apresenta, em sua obra *Verdade e Método*, é justamente a falta de um método lógico-racional que faça a crítica de uma verdade que venha do processo hermenêutico fundado na existencialidade.

A Estética, por apresentar um fundamento<sup>100</sup> de juízo para aspectos subjetivos não conceituais, apresenta-se como um instrumento adequado para delimitar o trabalho hermenêutico na sua face existencial.

É justamente na conceitualidade que Kant diferencia o Belo do Bom. Para ele, a universalidade dos juízos estéticos se diferencia da universalidade dos juízos a respeito do Bom naquilo em que este possui conceitos sobre os quais aplica-se o

<sup>98</sup> KANT, 1993, p.47-112, §8. “Esta particular determinação da universalidade de um juízo estético, que pode ser encontrada em um juízo de gosto, é na verdade uma curiosidade não para o lógico, mas sim para o filósofo transcendental: ela desafia seu não pequeno esforço para descobrir a origem da mesma [...]”.

<sup>99</sup> KANT 1993, p.47-112, §8. “Ora, aqui se deve notar, antes de tudo, que uma universalidade que não se baseia em conceitos de objetos (ainda que somente empíricos) não é absolutamente lógica, mas estética, isto é, não contém nenhuma quantidade objetiva do juízo, mas somente uma subjetiva [...]”

<sup>100</sup> Fundamento, aqui, não no sentido científico de arrazoado, mas de supedâneo para o juízo.

campo lógico-racional, diferentemente da estética<sup>101</sup>. Conforme Kant, só os juízos sobre o Bom possuem universalidade lógica e servem como conhecimento do objeto.

Ainda referente aos julgamentos estéticos, Kant afirma que colocar regras e conceitos neles faria toda a beleza dos objetos ser perdida, pois obrigaria as pessoas a aceitá-los pela força do conceito, colocados autoritativamente. Assim o filtro estético aplicado aos juízos do Belo não lida com a confirmação de conceitos de forma lógico-racional, mas a de adesão de outros<sup>102</sup>, a não ser que emita um juízo errôneo sobre o Bom ou o agradável.

Um ponto importante da investigação de Kant é que embora os juízos estéticos não venham de regras objetivas como os juízos lógicos, eles possuem um princípio subjetivo que os determinam através de sentimento comum e de modo universalmente válido, o que ele denomina de “sentido comum”<sup>103</sup>. Desta forma, o juízo estético, embora sem conceitos ou regras que o possam definir, possui também seus instrumentos, que atuando na subjetividade do juiz, tem validade universal por meio do sentido comum kantiano.

### 3.3.2 A Estética em Schiller (1759-1805)

Verificamos importantes contribuições de Schiller sobre a Estética que vão nos ajudar neste trabalho. Assim, como Kant e outros que trataram da estética, Schiller a considera uma área livre dos condicionamentos de causas e efeitos necessários e

---

<sup>101</sup> KANT, 1993, p.47-112, §8. “Antes de tudo, é preciso convencer-se inteiramente de que pelo juízo de gosto (sobre o belo) imputa-se a qualquer um a complacência no objeto, sem, contudo, se fundar sobre um conceito (pois então se trataria do bom)”.

<sup>102</sup> KANT, 1993, p.47-112, §8. “Quando se julgam objetos simplesmente segundo conceitos, toda a representação da beleza é perdida. Logo, não se pode haver tampouco uma regra, segundo a qual alguém devesse ser coagido a reconhecer algo como belo. [...] Ora, aqui se trata de ver que no juízo do gosto nada é postulado, a não ser uma tal voz universal com vista à complacência, sem mediação dos conceitos; por conseguinte, a possibilidade de um juízo estético que, ao mesmo tempo, possa ser considerado como válido para qualquer um”.

<sup>103</sup> KANT, 1993, p.47-112, §20. “Logo, eles têm que possuir um princípio subjetivo, o qual determine, somente através de sentimento e não de conceitos e, contudo, de modo universalmente válido, o que apraz e desapraz. Um tal princípio, porém, somente poderia ser considerado como um sentido comum, o que é essencialmente distinto do entendimento comum que as vezes também se chama senso comum[...]. Conhecimento e juízos, juntamente com a convicção que os acompanha tem que se comunicar universalmente, pois, do contrário, eles não alcançariam nenhuma concordância com o objeto[...], mas visto que a comunicabilidade universal de um sentimento pressupõe um sentido comum.; assim este poderá ser admitido com razão, e na verdade sem nesse caso se apoiar em observações psicológicas, mas com a condição necessária da comunicabilidade universal de nosso conhecimento, a qual tem que ser pressuposta em toda a lógica e em todo princípio dos conhecimento que não seja cético”.

comum ao mundo da natureza sensível<sup>104</sup>. Por este motivo, o mundo estético é livre das amarras da lógica e possui potencialidades que vão abastecer o lado moral e racional do ser humano.

Este *insight* é muito importante para nossa pesquisa, pois mostra que o estético está acima do lado lógico-racional e da moral, o qual são por ele abastecidos e vivificados. O mundo estético traz as possibilidades da racionalidade e da moralidade<sup>105</sup>. Ele brilhantemente coloca que o mundo material e sensível em que o ser humano vive já o coloca em uma condição determinada. Para ele poder ser livre dessa condição passiva e se colocar em novas possibilidades, precisa encontrar outras determinações que só a liberdade estética pode proporcionar<sup>106</sup>.

É devido ao mundo estético que os mecanismos racionais são já iniciados no campo do mundo natural e determinístico. O mundo estético traz novas possibilidades ao ser humano diferentes daquelas em que a pessoa se encontra deterministicamente colocado da roda das causas e efeitos. Ele pode abrir novas possibilidades, pois a estética não é condicionada pelas travas dos mecanismos lógico-racionais<sup>107</sup>. Isso vem confirmar o que o texto das Escrituras Sagradas coloca, em um sentido pedagógico, que devemos dominar nosso mundo sensível com a influência do espírito; andar no espírito; guiado pelo espírito. Apenas que na linguagem bíblica o estético é substituído pelo termo “espírito” ou “homem interior”.

Para Schiller o ser humano deve se tornar estético, e a partir daí ele guiará a sua vida pelos critérios de ajuizamento estético o que, por sua vez, definirá sua

---

<sup>104</sup> SCHILLER, 1989, p.636-651, 22ª Carta: “Todo outro estado em que podemos nos encontrar remete-nos a um anterior e necessita de um seguinte para sua dissolução; somente o estético e um todo em si mesmo, pois reúne em si todas as condições de sua origem e continuidade”.

<sup>105</sup> SCHILLER, 1989, p.636-651, 23ª Carta. Schiller nos informa que o lado estético do ser humano: “[...] ele é, entretanto, a condição necessária, unicamente sob a qual podemos chegar a uma ideia (*Einsicht*) e a uma disposição moral (*Gesinnung*). Em uma palavra: não há outro caminho para tornar o homem sensível em racional do que torná-lo primeiramente estético”.

<sup>106</sup> SCHILLER, 1989, p.636-651, 23ª Carta. “O homem sensível já está fisicamente determinado e não tem mais nenhuma determinabilidade livre: ele tem que recuperar essa determinabilidade perdida antes que possa trocar a determinabilidade passiva por uma ativa. [...] Ele conterà já em si, portanto, essa última determinação, será determinado ao mesmo tempo passiva e ativamente, isto é, ele terá que se tornar estético”.

<sup>107</sup> SCHILLER, 1989, p.636-651, 23ª Carta. “Através da disposição estética da mente, portanto, a espontaneidade da razão é já iniciada no campo da sensibilidade, o poder da sensação já é quebrado dentro dos seus próprios limites [...] O passo do estado estético para o lógico e moral (beleza para a verdade e para o dever) é, por isso, infinitamente mais fácil do que foi o passo do estado físico para o estético (da vida meramente cega para a forma)”.



conduta moral<sup>108</sup>.

A importância da estética para Schiller abrange também a área da moral. A moral correta está dentro dos limites do dever estabelecido pela lei, pelas normas e pelos conceitos, porém a estética está acima dessas condicionantes. Uma pessoa estética não somente cumpre o seu dever moral, mas vai além dele, pois para a estética não há limites conceituais ou legais que a delimite, no entanto não vai de encontro a eles, mas além deles. Uma atitude guiada pela estética é uma atitude nobre, assim também a pessoa que a realiza<sup>109</sup>.

Uma conclusão de Schiller e que muito nos liga ao texto sagrado é sua afirmação de que na luta contra a matéria em seus próprios limites, no mundo de passividade em que o ser humano se encontra na vida física, ele precisa impor a sua vontade e liberdade e isto ele só consegue mediante uma cultura estética<sup>110</sup>.

Assim, retornando ao ambiente teológico, a estética é a guia para o ultrapassamento das condicionantes humanas. Uma pessoa espiritual é uma pessoa estética. Ele não precisa da Lei, pois o mundo estético a ultrapassa. Esse mundo estético é o mundo do Belo, onde há critérios que não são aqueles utilizados pela razão.

Tomemos o exemplo da mulher apanhada em adultério, cuja história é relatada no Evangelho segundo João no capítulo oito. Havia uma lei judaica que determinava o apedrejamento da pessoa que adulterasse. A mulher apresentada a Jesus nesse relato foi apanhada em flagrante adultério. Os judeus perguntaram, pois, a Jesus, se ela não deveria morrer. Ora, a mulher foi apanhada em adultério, então não havia dúvida sobre sua ação pecaminosa. Havia uma lei que cominava a pena de morte para o adultério. Nessas condições, parece que a razoabilidade para aqueles

---

<sup>108</sup> SCHILLER, 1989, p.636-651, 23ª Carta. "Pertence, assim, à mais importante tarefa da cultura submeter o homem à forma mesmo já em sua mera vida física e torná-lo estético tanto quanto baste para que alcance o reino da beleza, porque somente a partir do estado estético, mas não do físico, o estado moral pode se desenvolver".

<sup>109</sup> DUARTE, Rodrigo. *O Belo Autônomo: Textos clássicos de Estética*. Organizador Rodrigo Duarte. Belo Horizonte: Editora Crisálida, 2017, p.159. "O filósofo moral na verdade nos ensina que nunca se poderia fazer mais que nosso dever, e ele tem toda a razão se ele visa apenas a relação que as ações têm com a lei moral. Mas nas ações que se relacionam meramente a um fim, ir ainda além deste fim para o suprassensível (o que aqui não pode significar senão realizar esteticamente o físico) significa ao mesmo tempo ir além do dever [...] Na verdade não existe um ultrapassamento moral do dever, mas sim estético, e um tal comportamento chama-se nobre".

<sup>110</sup> DUARTE, Rodrigo. 2017, p.160. "Isso é conseguido através da cultura estética, que submete às leis da beleza tudo o que nem as leis da natureza nem as leis racionais prescrevem ao arbítrio humano, e na forma que ela dá à vida exterior já se inicia a interior [...] O homem em seu estado físico, suporta meramente o poder da natureza; livra-se dele no estado estético e o domina no moral".

fiéis que seguiam a Lei seria o apedrejamento da mulher.

Jesus escrevendo na areia solicita que aquele que não possuísse pecado que fosse aquele que atirasse a pedra contra a mulher. Aqueles que estavam ao redor da mulher compreenderam que a situação pecaminosa não era uma particularidade daquela mulher, mas, igualmente delas, colocando-as na mesma condições da mulher adúltera. Mediante essa compreensão, cada um se retirou começando pelos mais velhos e, dessa forma, ela foi salva do apedrejamento.

Verifica-se que Jesus não negou as regras morais estabelecidas pela lei. As condicionantes morais e racionais levariam aquela mulher à morte. Mas através do mundo estético (espiritual), que apresenta outras possibilidades por não estar condicionada ao mundo natural, Jesus trouxe uma solução inovadora sem contradizer a Lei e as acusações que aquelas pessoas traziam.

A origem estética da resposta de Jesus se verifica pelo esgotamento das alternativas de solução, no caso da mulher, pelo lado lógico-racional. Assim, poderíamos representar a consequência infeliz da situação da mulher por um silogismo:

TODA ADÚLTERA É CASTIGADA COM APEDREJAMENTO  
ESTA MULHER ADULTEROU  
LOGO, ELA SERÁ APEDREJADA

Para escapar desse silogismo, ajudando a mulher, teríamos que provar a falsidade das premissas. “Toda adúltera é castigada com apedrejamento” é sem dúvida o que determina a Lei em Lv 20.10<sup>111</sup> e se constitui em uma premissa firme. Também que “a mulher adulterou” poderia ter sido colocado em dúvida se alguém testemunhasse dela, pois se poderia alegar falso testemunho e, assim, dúvida razoável em favor da mulher, mas, nesse caso, ela foi apanhada em flagrante adultério. Este parecia, sem dúvida, um caso difícil de libertação da mulher no qual a decisão pelo apedrejamento já parecia evidente. Assim, outra solução só poderia vir de um ambiente acima da lógica e racionalidade, onde existem diversas

---

<sup>111</sup> Livro de Levítico In: A BÍBLIA Sagrada. Tradução João Ferreira de Almeida. ed. rev. e corrigida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1989. Lv 20.10 “Também o homem que adulterar com a mulher de outro, havendo adulterado com a mulher do seu próximo, certamente morrerá o adúltero e a adúltera”.

possibilidades. A estética é onde existe este ambiente de pluralidade de soluções. Na verdade, na aplicação da Lei, os espaços vagos do mundo concreto e particular abandonados pela generalidade de Lei devem ser preenchidos com soluções advindas do mundo estético.

Os judeus que procuravam matar a mulher interpretavam a situação de uma forma lógica e positivista. A mudança na interpretação não se deu devido a uma mudança no texto da Lei e, portanto, mediante uma nova exegese da Hermenêutica Tradicional, mas foi devido ao aspecto estético que transformou as pré-compreensões daquelas pessoas. Daí a importância do encontro da pessoa com a verdade espiritual e sua conseqüente mudança de cosmovisão. Este novo aspecto estético é o que vai delimitar o espaço das possibilidades na aplicação da Hermenêutica Existencial, pois, traz um conjunto de possibilidades de aplicações cuja origem não está na esfera lógico-conceitual. Dessa forma, a grande dúvida lançada contra a Hermenêutica Existencial sobre o critério de validação de suas interpretações tem a sua resposta.

A Hermenêutica Existencial pode ser delimitada, não por um critério metodológico, racional, conceitual, como uma formulação própria da Analítica, mas pelo critério estético. Por isso, a pessoa que não possui o seu lado estético espiritualmente desenvolvido, cai em um mar de contradições e confusões de toda a ordem. Como já dizia o sábio Salomão no livro de Eclesiastes: o fim de tudo é “*teme a Deus*”<sup>112</sup>. Também no livro de Provérbios, o mesmo Salomão escreve: “*o temor do Senhor é o princípio da sabedoria*”<sup>113</sup>. É por meio da espiritualidade que se desenvolve a pessoa estética, que interpreta bem tudo e de ninguém é interpretada<sup>114</sup>.

Alguns podem se sentir desconfortáveis com o critério estético por ele não poder ser abarcado pela razão ou conceitos, mas isso é fruto do descaminho que o conhecimento ocidental adotou. Desconsidera-se, dessa forma, uma essencial fonte

---

<sup>112</sup> Ec 12.13

<sup>113</sup> Pv 9.10

<sup>114</sup> HAUSER, Alan J.; WATSON, Duane F. *A History of Biblical Interpretation: Vol.2 – The Medieval through the Reformation Periods*. Grand Rapids, MI, USA: Eerdmans Publishing Company, 2009, p.311. O autor mostra a preocupação de Lutero com a participação da espiritualidade na interpretação do texto bíblico: “*As Luther remarked very early in his career, ‘Many speculate wisely but nobody is wise in Scripture and understands it if he does not fear the Lord. And he who fears mores, understands more. For the fear of the Lord is the beginning of wisdom’. What we have here is not simply a theology of humility, but rather a recognition that there is a spiritual dimension to the interpretive task that cannot be reduced do human ingenuity*”.

de conhecimento da verdade<sup>115</sup>. Mas o estético é de onde vem o Belo, a verdade, a espiritualidade. Ele não é cego, mas é um guia. Toda vivência que experimenta o estético se encontra com outras vivências no mesmo lugar, portanto tem sua universalidade. “*O que é o sagrado?*”, pergunta Goethe, em um de seus dísticos, e responde: “*Aquilo que une as almas*”<sup>116</sup>.

### 3.3.3 A Estética como chave de validação na Teoria Literária

Neste ponto, é importante nos deter na proposta de reformulação da Teoria Literária apresentada por Hans Robert Jauss apresentada em sua aula inaugural na Universidade de Constanz, na Alemanha, em 13 de abril de 1967<sup>117</sup>. Nessa aula inaugural, ele apontou dificuldades que até então vinham trazendo problemas para uma Teoria Literária mais ampla. Ele verificou que as principais vertentes nos estudos literários se concentravam em duas grandes áreas. Uma delas se preocupava com os aspectos históricos literários, como a época da composição dos textos, seus autores, suas motivações<sup>118</sup>. Lidavam com a questão da genialidade dos autores. Estes

---

<sup>115</sup> GADAMER, Han-Georg. *Verdade e Método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 134. “Relegar a determinação ontológica do estético à aparência estética tem, pois, seu fundamento teórico no fato de que o predomínio do conhecimento das ciências da natureza acaba desacreditando todas as possibilidades de conhecimento que se encontram fora dessa nova metodologia”.

<sup>116</sup> HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Estética: Textos Seletos*. Tradução Cláudio J.A. Rodrigues, São Paulo: Ícone, 2012, p.37.

<sup>117</sup> BRIZOTTO, Bruno. *Hermenêutica e Estética da Recepção: Uma leitura das três primeiras teses de Hans Robert Jauss*. E-escrita revista do curso de Letras da UNIABEU. v.4, nº 1, p.105-117. jan-abr 2013, p.106. “A Estética da Recepção entrou para o rol das correntes que integram a teoria da literatura a partir da conferência proferida por Jauss na Universidade de Constança, em 13 de abril de 1967”.

<sup>118</sup> JAUSS, Hans Robert. *Toward an Aesthetic of Reception*. In. *Theory and History of Literature*, Vol.2. Translation from German by Timothy Bahti. University of Minnesota Press: Minneapolis. 1982, p.4. “*This critique should first be made clear. Literary history of the most convenient forms tries to escape from the dilemma of a mere annal-like lining-up of the facts by arranging its material according to general tendencies, genres, and what-have-you, in order then to treat within these rubrics the individual works in chronological series. In the form of an excursus, the authors' biography and the evaluation of their oeuvre pop up in some accidental spot here, in the manner of an occasional aside. Or this literary history arranges its material unilinearly, according to the chronology of great authors, and evaluates, them in accordance with the schema of 'life and works'; the lesser authors are here overlooked (they are settled in the interstices), and the development of genres must thereby also unavoidably be dismembered. The second form is more appropriate to the canon of authors of the classics; the first is found more often in the modern literatures that have to struggle with the difficulty-growing up to and in the present-of making a selection from a scarcely surveyable list of authors and works*”.

estudos nada mais faziam que uma descrição histórica do fenômeno literário<sup>119</sup>.

A outra vertente se preocupava com os aspectos estruturais e formais do texto tentando entender o que fazia que um texto fosse classificado como literatura, ou seja, sem consideração com a qualidade própria da obra, estando quase proibido um julgamento sobre isso<sup>120</sup>.

Na aula inaugural em 1967, Jauss expôs essas diferenças e as dificuldades em conciliá-las apresentando uma proposta em sete teses, e fundamentadas nas concepções da hermenêutica gadameriana<sup>121</sup>, que iria determinar um novo rumo nos estudos literários. Ele propôs que os estudos históricos e os aspectos estéticos-formais abrissem espaço para os estudos da relação do leitor com a obra<sup>122</sup>.

Era o leitor que, mediante sua estética, avalizava uma obra como impactante ou não e, dessa forma, imprimia o selo de uma obra diferenciada, produzindo sua consideração histórica. Dessa forma, não era a estrutura do texto em si que ditava o tom classificatório de uma obra em literatura (foco no texto) e, também, não eram o autor e os aspectos históricos da obra (foco no autor), pois o autor já havia desaparecido no passado, mas, sim, a estética do leitor<sup>123</sup>. Essa nova abordagem

---

<sup>119</sup> Jauss reconhece que isto foi resultado do ideal epistemológico da escola historicista que gerou uma crise na área da literatura. No âmbito da hermenêutica bíblica o foco nas análises histórico-críticas e histórico-gramaticais também revelam a influência desta escola historicista. A ampliação do entendimento, por meio de Heidegger e Gadamer, de que a interpretação também possui aspectos existenciais deu outro rumo aos estudos bíblicos, e foram refletidos nos estudos literários na pessoa de Hans Robert Jauss. JAUSS, 1982, p.6. *“At the same time it lets one recognize why the epistemological ideal of the historicist school had to lead to a crisis, and also why it had to draw the decline of literary history along with it”*.

<sup>120</sup> JAUSS, 1982, p.5. *“On the other hand it is not only rare but almost forbidden that a literary historian should hold judgments of quality concerning the works of past ages. Rather, he prefers to appeal to the ideal of objectivity of historiography, which only has to describe ‘how it really was’. His aesthetic abstinence has good grounds. For the quality and rank of a literary work result neither from the biographical or historical conditions of its origin [Entstehung], nor from its place in the sequence of the development of a genre alone, but rather from the criteria of influence, reception, and posthumous fame, criteria that are more difficult to grasp”*.

<sup>121</sup> BRIZOTTO, 2013, p.109. “A estrutura da conferência de 1967 apresenta sete teses, as quais tem como escopo um novo modelo de história da literatura, alicerçadas em concepções hermenêuticas”.

<sup>122</sup> FILHO, José Adriano. 2019, p.312, 313. “Nesse contexto, o surgimento da estética da recepção representa um desafio para a pesquisa bíblica dominada pelas questões referentes às origens, história e busca pelo significado original dos textos bíblicos. Com a estética da recepção, o estudo da obra de arte literária foi marcado por um deslocamento ao leitor, em especial a partir da apresentação, em 1967, da Aula Inaugural de Hans Robert Jauss na Universidade de Constança, que foi ampliada e publicada em 1971 com o título *A história da literatura como provocação à ciência da literatura (Literaturgeschichte als Provokation der Literaturwissenschaft)*. [...] A estética da recepção recupera “o papel genuíno do leitor, imprescindível tanto para o conhecimento estético como o histórico: o papel do destinatário a quem, primordialmente, a obra literária visa”.

<sup>123</sup> FILHO, 2019, p. 313. “Essas tendências, juntamente com o historicismo, não davam atenção ao leitor, considerado indispensável para a interpretação, pois somente por meio das experiências daqueles que leem e interpretam a mensagem dos textos as tradições literárias são formadas.

passou a ser conhecida como a Teoria da Recepção Estética. Era o leitor em sua relação com a obra que determinava a classificação dela. Isto dependia do impacto estético causado no leitor<sup>124</sup>.

Os estudos literários, doravante, concentrados nos aspectos históricos de autoria, e de formalidade do texto, passaram a incorporar o estudo da relação do leitor com a obra. Jauss também teve como referencial teórico os estudos de Gadamer, e colocava os aspectos estéticos do leitor circunscritos à sua pré-compreensão<sup>125</sup>.

O julgamento do leitor dependeria dos conhecimentos anteriores das situações literárias de obras passadas que pudessem dar uma compreensão prévia para comparação com o texto no qual o leitor se defronta. A esta pré-compreensão literária ele denominava de “horizonte de expectativas do leitor” e constituía a sua base de julgamento. Assim, a estética do leitor era comparada com a estética da obra e a isso Jauss chamava de “distância<sup>126</sup> estética<sup>127</sup>”

A Teoria Literária passava a considerar a estética do leitor como um mecanismo de validação de uma obra no que concerne a sua caracterização como

---

Nesse contexto, Jauss buscava uma teoria que fizesse justiça ao ‘processo dinâmico de produção e recepção do autor, obra e público’ e libertasse os estudos literários dos processos metodológicos secos e empoeirados”.

<sup>124</sup> JAUSS, 1982, p.20. “*A renewal of literary history demands the removal of the prejudices of historical objectivism and the grounding of the traditional aesthetics of production and representation in an aesthetics of reception and influence. The historicity of literature rests not on an organization of ‘literary facts’ that is established post festum, but rather on the preceding experience of the literary work by its readers*”.

<sup>125</sup> FILHO, 2019, p. 315. “Além da exigência do marxismo pela mediação histórica e dos avanços na esfera da percepção estética do formalismo para a construção de uma nova história literária, Jauss considera também o conceito de ‘horizonte de expectativa’, de Hans George Gadamer, cujo livro *Verdade e Método* integra as contribuições da filosofia alemã referentes ao papel da história e linguagem na existência e compreensão humanas. Para Gadamer, a compreensão é um evento, isto é, ela ocorre na história e na linguagem. Isso significa uma mudança de paradigma radical, que se contrapõe às teorias que privilegiavam a aplicação do método, considerado como o único meio válido de acesso à verdade”.

<sup>126</sup> JAUSS, 1982, p. 25. “*The way in which a literary work, at the historic moment of its appearance satisfies, surpasses, disappoints or refutes the expectations of its first audiences obviously provides a criterion for the determination of its aesthetic value. The distance between the horizon of expectations and the work, between the familiarity of previous aesthetic experience and the horizontal change demanded by the reception of the new work, determines the artistic character of a literary work, according to an aesthetic of reception*”.

<sup>127</sup> ZAPPONI, Miriam, *A Estética da Recepção*. In: Teoria Literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: UEM, 2004, p.7. “Considerando que o horizonte de expectativa de uma obra pode ser reconstruído ou demarcado de forma objetiva, Jauss propõe outra noção, a partir da qual o caráter artístico de um texto pode ser medido: a noção de distância estética. Jauss a entende como o afastamento ou a não-coincidência entre o horizonte de expectativa preexistente do público e o horizonte de expectativa suscitado por uma nova obra. Assim, se a distância estética entre o horizonte de expectativa do público e o de uma nova obra é pequena, ela se aproxima do qual Jauss chama de arte culinária ou ligeira. [...] Se, ao contrário, a distância estética entre os horizontes de expectativa (do público e da obra) aumenta, seu valor estético tende a ser maior, transformando, normalmente, as peculiaridades desse novo modelo num novo sistema literário de referência”.

literatura.

O problema percebido por Jauss no âmbito da Teoria Literária se assemelha ao problema hermenêutico de diálogo entre os aspectos históricos e objetivos próprios da Hermenêutica Tradicional e os aspectos existenciais da hermenêutica, particularmente no âmbito da teologia.

De fato, a consideração de uma das vertentes da Crítica Literária como análise histórica e levantamento da literatura em sua época e contexto histórico, se assemelha ao que resultou dos estudos histórico-críticos ou histórico-gramaticais do texto bíblico na Hermenêutica Tradicional<sup>128</sup>. Estas análises bíblicas ressaltam a descrição da origem do texto bíblico em termos de línguas originais, seu posicionamento histórico e propósito autoral, mas apresentam dificuldades em dialogar com a comunidade de fé no mundo atual<sup>129</sup>.

Também a vertente da Crítica Literária que tenta descobrir por que um determinado texto apresenta um chamamento ao estranhamento, atuando na existência do leitor de maneira diferenciada, tentando descobrir por que meios a estrutura interna do texto realiza isso, se assemelha por sua vez ao âmbito existencial da hermenêutica.

H.R. Jauss propôs dialogar com essas vertentes da Crítica Literária pela via do controle estético do leitor, abrindo espaço para estudo no âmbito da recepção da obra. A proposta de um modelo integrador entre a Hermenêutica Tradicional e Hermenêutica Existencial, conforme apresentamos neste trabalho, aponta a Estética como o validador da Hermenêutica Existencial, conforme tópico 3.3, porém, apontamos a Estética como ligada ao transcendente, ou em termos teológicos, ao espiritual. Esta via de ligação do estético com o transcendente permite entender mais

---

<sup>128</sup> BARTHOLOMEW, Craig et al. *Behind the text: History and Biblical Interpretation*. Grand Rapids, MI, USA: Zondervan, 2003, p. 38. “William Pringle complains that, in Germany, Biblical criticism is almost a national pursuit [...] Unhappily, [the critics] were but too frequently employed in maintain the most dangerous errors, in opposing every inspired statement which the mind of man is unable fully to comprehend, in divesting religion of its spiritual and heavenly character, and in undermining the whole fabric of revealed truth”.

<sup>129</sup> BARTHOLOMEW, Craig. *In Front of the Text: The Quest of Hermeneutics*. páginas 135 – 152 em *The Bible in Pastoral Practice: Readings in the place and Function of Scripture in the Church*. Ed. P. Ballard and S.R. Holmes. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 2005, p. 135. “One would imagine that pastoral care would be an area of pastoral theology where the Bible is central. Surprisingly, however, as Stephen Pattison points out pastoral theologians seem to have almost completely avoided considering the Bible... There is an almost absolute and embarrassing silence about the Bible in pastoral care. Two reasons for this spring in mind: the well-documented subjection of pastoral care to psychotherapy rendering theology and Scripture marginal and irrelevant, and the difficulty of relating the results of historical-critical readings of the Bible to pastoral care”.

amplamente o papel da hermenêutica como um todo dentro da realidade e dar respostas mais completas ao fenômeno hermenêutico além de proporcionar um referencial pelo qual os processos hermenêuticos possam se realizar.

Cabe destacar que Paul Ricoeur, em seus estudos sobre a Hermenêutica Bíblica, entendia que estava impedido de usar categorias teológicas em suas análises por estas estarem fora do escopo da Filosofia, porém ele entendia que as categorias teológicas faziam complementação ao esforço filosófico indo além do limite onde a filosofia estaria impedida de ultrapassar.

Verifica-se que H.R. Jauss limita o alcance do componente estético confinando-o apenas no interior do *Dasein*, considerando-o como o conjunto de conhecimentos literários prévios em seu horizonte de expectativa<sup>130</sup> sem ligação com transcendente retirando de seu modelo a capacidade de apropriação de novos instrumentos aplicáveis no âmbito da Hermenêutica.

No modelo de Jauss, o distanciamento estético é um fator positivo, pois o estranhamento é uma característica importante para aprovação estética de uma obra. Dito de outra forma, quanto mais distante uma obra esteja da estética do leitor maior a distância estética e mais qualificada seria a obra<sup>131</sup>. Esse tipo de avaliação parece proceder de um entendimento “quantitativo” da estética, por isso quanto maior o estranhamento, melhor. Isto se dá, porque a estética do leitor, para Jauss, é relativa ao seu conhecimento literário, que em Jauss é denominada “horizonte de expectativas” e, portanto, não vem de uma referência externa transcendente. Isto é fruto do modelo hermenêutico de Gadamer em torno do qual Jauss se movimenta para entendimento da pré-compreensão e formulação de sua proposta.

No modelo Gadameriano, o conteúdo da obra é comparado com sua pré-compreensão advinda da tradição e da comunidade, portanto passa por um juízo comunitário. Semelhantemente, para Jauss, que segue o modelo de Gadamer, o horizonte de expectativas vem da coletividade, historicamente determinado. Já na proposta da estética da recepção de Jauss, devido a este horizonte estético do leitor

---

<sup>130</sup> ZAPPONI, 2004, p.7. “Jauss explica que a experiência literária do leitor (o acontecimento literário) pressupõe um ‘saber prévio’ que funciona como conjunto de saberes tanto literários quanto da própria vida com base no qual o novo que tomamos conhecimento faz-se experienciável, ou seja, legível”.

<sup>131</sup> LIMA, Luiz Costa. *O leitor demanda d(a) Literatura*. In: A Literatura e o leitor: textos de estéticas da recepção. Tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p.48. “O interesse de Jauss no conteúdo inovador da obra literária explica-se a partir de sua prenoção axiológica, segundo a qual a qualidade de uma obra é função do seu grau de inovação”



que é determinado no âmbito histórico-comunitário, há limitações no que concerne às condições de possibilidades, na formulação de Jauss<sup>132</sup>, de inovação por parte do leitor, na experiência estética<sup>133</sup>. Este é inclusive um ponto apresentado pelos críticos de Jauss quando destacam a incoerência com a proposta de se ter uma estética com efeito inovador<sup>134</sup>, conforme sustenta esse autor.

O modelo que se apresenta, nesta pesquisa, considera a importância do fenômeno estético na recepção de um texto e, por conseguinte, no processo hermenêutico existencial, porém, diferentemente de Jauss, considera a estética como originada no transcendental. A estética apresentada aqui faz uma ponte entre o interior da pré-compreensão do *Dasein* e o transcendental, proporcionando um ponto de referência para os processos hermenêuticos<sup>135</sup> e universalizando-os.

### 3.3.4 A Estética em H.G. Gadamer

Como temos visto, há um aprofundamento do entendimento do papel da estética na análise histórica do tema. É interessante verificarmos como Gadamer, que aperfeiçoou a Hermenêutica Existencial, entendia a estética. O entendimento de Gadamer da Estética irá servir de supedâneo para a natureza da estética e seu papel na hermenêutica conforme apresentamos nesta pesquisa. Gadamer utiliza a estética ligada à obra de arte, mas percebe-se nos textos de sua obra *Verdade e Método* que gradativamente ele vai concedendo independência a estética até considerá-la como

<sup>132</sup> Luiz Costa Lima, em seu ensaio analisando a proposta estética de Jauss ressalta as limitações dos efeitos estéticos de uma obra sobre o leitor (recepção) quando o horizonte de expectativa deste é originado por aspectos histórico-comunitários. LIMA, 1979. p.47. “Porém, mesmo supondo-se uma experiência estética realizada, a fruição da alteridade, a experiência do diverso, o questionamento até dos valores do sujeito (isto é, o leitor) só serão abordáveis **a partir daquela gama prévia de saber**” (grifo nosso).

<sup>133</sup> LIMA. 1979, p.47. “Ora, nesta experiência assim complexa, o conhecimento só experimenta a diferença do outro **a partir do próprio estoque de prenoções que traz consigo**” (grifo nosso).

<sup>134</sup> LIMA. 1979, p.47. “Ora, não parece ocasional que os analistas de Jauss, mesmo reconhecendo seu inequívoco mérito como teórico e como intérprete, tenham, de frentes diversas, acentuado seu *parti pris* em favor do potencial renovador e inovador da experiência estética”.

<sup>135</sup> Fazendo uma analogia à tecnologia de localização por GPS (*Global Positioning System*), esse sistema proporciona a localização relativa de todos os indivíduos na superfície da terra, respeitando suas especificidades de local, porém, para isto, é necessário que todos os relógios dos satélites estejam sincronizados. Sem este referencial de tempo seria impossível determinar a relatividade contingencial das posições individuais sobre a superfície da Terra. Para a nossa análise, diríamos que seria impossível localizar onde cada leitor está na qualidade de sua estética se não houvesse um padrão referencial colocado externamente ao leitor. A estética referencial seria, portanto, o relógio sincronizado para balizar todas as outras posições estéticas relativas e particulares.

ontológica<sup>136</sup>.

Ele apresenta o estético como elemento ontológico, mas faz parte do Ser se representar de forma material e daí a obra de arte um lugar privilegiado de satisfação dessa necessidade ontológica<sup>137</sup>.

O aperfeiçoamento do significado da estética por Gadamer parte da estética de Schiller, para quem a estética se descola do mundo sensível e passa a ter uma atuação mais independente. A estética não precisa mais estar ligada a um objeto da natureza porque agora ela passa a ter um estatuto próprio<sup>138</sup>. Assim Gadamer passa a aprofundar essa ideia criando o conceito de “distinção estética”. É estética pura, distinta da obra ou de seus aspectos materiais<sup>139</sup>.

Essa independência da estética dos aspectos contingenciais é devida à consideração, por parte de Gadamer, de sua natureza ontológica<sup>140</sup>, ou seja, de forma que ela está acima da moral e dos aspectos sociais. A consciência estética está acima dessas circunstâncias por possuir elevação até à universalidade<sup>141</sup>.

A natureza da estética é de caráter suprarracional, e como suprarracional não significa que ela seja ilógica ou contrária ao racional, mas se situa na esfera não

---

<sup>136</sup> GADAMER, 2013, p.193. “Façamos um balanço disso tudo. O que significa ser estético? Com o conceito de jogo e da transformação em configuração, que caracteriza o jogo da arte, procuramos mostrar algo de universal, ou seja, que justamente a representação e correspondentemente a execução da obra literária e da música é algo essencial e nunca acidental. [...] Na reprodução a temporalidade específica do ser estético – só ganha seu ser a ser representado – ganha existência como um fenômeno independente e distinto”.

<sup>137</sup> GADAMER, 2013, p. 186. “O fato de o ser estético depender de representação não significa, pois, uma carência ou falta de autodeterminação autônoma de sentido. É parte integrante de seu próprio ser”.

<sup>138</sup> GADAMER, 2013, p. 140. “À vivência estética é indiferente se seu objetivo é real ou não, se a cena é o palco ou a vida. A consciência estética possui uma soberania ilimitada sobre tudo”.

<sup>139</sup> GADAMER, 2013, p. 135. “O que chamamos de obra de arte e vivenciamos esteticamente repousa, portanto, sobre um produto da abstração. Na medida em que se abstrai de tudo em que uma obra se enraíza, como seu contexto de vida originário, isto é, de toda função religiosa ou profana em que se encontrava e em que possuía seu significado, então se tornará visível a pura obra de arte. Nesse sentido, a abstração da consciência estética produz algo que é, para si mesmo, positivo. Permite ver e existir por si mesmo aquilo que é pura obra de arte. Chama a esse seu produto de *distinção estética*”.

<sup>140</sup> GADAMER, 2013, p. 134. “Relegar a determinação ontológica do estético ao conceito de aparência estética tem, pois, seu fundamento teórico no fato de que o predomínio do modelo de conhecimento das ciências da natureza acaba desacreditando todas as possibilidades do conhecimento que se encontram fora dessa nova metodologia”.

<sup>141</sup> GADAMER, 2013, p. 134. “Poder comportar-se esteticamente é um momento da consciência formada. Pois que na consciência estética encontramos os traços que caracterizam a consciência formada: elevação à universalidade, distanciamento da particularidade da aceitação ou rejeição imediata, deixar valer aquilo que não corresponde à própria expectativa ou à própria preferência”.

conceitual<sup>142</sup>.

Gadamer considera a estética como transmissora de verdade, por isso toda a obra de arte que tenha um conteúdo estético coloca o observador diante de uma verdade estética<sup>143</sup>. Esta verdade não vem das raízes históricas e sociais da obra, mas da estética que a anima e impulsiona. Distinguiu-se uma “obra de arte que a contenha” porque, como diz o filósofo, há obras encomendadas e que não se originam da liberdade do artista, mas da formalidade imposta à obra.

A transmissão da verdade pela estética é apresentada por Gadamer, o qual informa que Kant, infelizmente, não tratou desse aspecto quando fundamentou a autonomia da estética sobre os conceitos<sup>144</sup>.

Gadamer já aponta para um referencial estético utilizado como expressão da verdade, pois, assim como em Kant, ele diferencia o julgamento estético daquele do gosto e, portanto, aquele contém uma totalidade<sup>145</sup> e universalidade ao contrário deste.

Devido a esta universalidade, Gadamer aponta que cada artista pode possuir seu público específico criando círculos de comunidade, mas o que une todas estas comunidades é a estética<sup>146</sup>.

Nesta pesquisa, ampliamos o sentido da aplicação estética para além das obras de arte, ou dito de outra forma, podemos também ampliar o sentido de obra de

---

<sup>142</sup> GADAMER, 2013, p. 127. “Também temos que admitir que a redução que Hegel faz do conceito do simbólico (apesar dos muitos adeptos que encontrou) opõe-se à tendência da mais recente estética, que desde Schelling procurou pensar, nesse conceito, justamente a unidade do fenômeno e do significado, buscando com isso justificar a autonomia estética frente às pretensões do conceito”.

<sup>143</sup> GADAMER, 2013, p. 149. “Será que não deve haver nenhum conhecimento na arte? Não há também na experiência da arte uma pretensão de verdade, diversa daquela da ciência, mas certamente não inferior? E será que a tarefa da estética não está justamente em fundamentar que a experiência da arte é uma forma de conhecimento *sui generis*, certamente distinta daquela do conhecimento sensível que oferece à ciência os últimos dados, a partir dos quais ela constrói o conhecimento da natureza, também diferente de todo o conhecimento racional da ética e de todo o conhecimento conceitual, mas mesmo assim, sempre conhecimento, ou seja, mediação da verdade?”.

<sup>144</sup> GADAMER, 2013, p. 104. “Mas a preocupação essencial de Kant era produzir uma fundamentação da estética autônoma e livre do padrão do conceito; não colocou a questão da verdade no âmbito da arte, mas fundamentou o julgamento estético sobre o a priori subjetivo do sentimento vital, a harmonia de nossa capacidade para o conhecimento em geral que constitui a essência comum do gosto e do gênio frente ao irracionalismo e ao culto do gênio do século XIX”.

<sup>145</sup> GADAMER, 2013, p. 117. “Uma vivência estética contém sempre a experiência de um todo infinito. E seu significado é infinito justamente porque não se conecta com outras coisas na unidade de um processo aberto de experiência, mas representa imediatamente o todo”.

<sup>146</sup> GADAMER, 2013, p. 139. “A busca experimental de novos símbolos ou de uma nova ‘saga’ capaz de unir a todos pode, sem dúvida, congrega um público ao seu redor e criar uma comunidade. Mas como cada artista acaba encontrando sua própria comunidade, a particularidade da formação de uma tal comunidade só testemunha a desagregação que vem ocorrendo. É somente a configuração universal da formação estética que une a todos”.

arte. Um texto falado ou escrito é também uma obra de arte; uma construção; uma peça de teatro; uma figura, ou mais tecnologicamente falando, uma interface gráfica de usuário, todas essas manifestações podem ter caráter estético e por isso expressar a verdade. O importante a se considerar, neste ponto, é o caráter independente e ontológico que adquiriu a estética como uma fonte de conhecimento da verdade que não vem do mundo conceitual e racional. Nem todo o conhecimento vem de formulações conceituais, mas também do encontro com o estético.

Esse encontro com o estético remete para uma linguagem cristã, como um encontro com o espiritual, ainda mais quando a afirmação de Gadamer se faz assemelhar ao apelo estético do *kerigma* do Evangelho<sup>147</sup>.

Ainda em outro lugar de sua obra, Gadamer citando Kant fala do aspecto transformador da estética à semelhança da conversão cristã: *...e Kant define a arte como a bela representação de uma coisa porque a arte sabe fazer parecer belo mesmo o que é feio* (GADAMER, 2013. p.169).

Por último, como que querendo dar a entender a comparação que Gadamer faz da Estética com Cristo e sua encarnação, cita: *O ser estético havia se tornado visível para nós como jogo e representação* (GADAMER, 2013. p.187).

### 3.3.5 A contribuição da Teologia no julgamento estético

Importantíssimo, neste ponto, verificarmos a contribuição da Teologia para os aspectos de julgamento estético. Destacamos que a pré-compreensão no processo da Hermenêutica Existencial não pode deixar de considerar a influência exercida pela experiência espiritual no processo interpretativo. A experiência espiritual altera o ambiente existencial do indivíduo, trazendo novas qualidades ao mundo de sua pré-compreensão.

A experiência ocorrida em Zaqueu, quando Jesus o visita em sua casa, na cidade de Jericó<sup>148</sup>, produz nele uma releitura de suas atitudes e o faz declarar que ele retribuiria quatro vezes mais a quem havia defraudado. O apóstolo Paulo, na Carta aos Gálatas, reconhece que a sua atitude de perseguir os cristãos e encarcerá-los, antes vista com louvor, agora é interpretada como ação violenta desencadeada contra

---

<sup>147</sup> GADAMER, 2013, p.165. "Por sua própria natureza, a representação da arte é tal que se endereça a alguém mesmo quando não há ninguém que a ouça ou assista".

<sup>148</sup> Lc 19.1-10.

peças inocentes a respeito da qual sua consciência constantemente o acusava<sup>149</sup>. Os sofrimentos advindos aos irmãos da Macedônia e dispersos pelo império romano, são interpretados como uma luta espiritual, cujo desenrolar trará galardão para os cristãos.

A releitura que os apóstolos de origem judaica fazem com relação ao Antigo Testamento, nos seus escritos, é fruto de uma Hermenêutica Existencial guiada pela estética produzida por uma experiência espiritual transformadora, por eles experimentada, e que resultou em alteração da maneira de interpretar as Escrituras Hebraicas<sup>150</sup>.

Nada no texto de Oséias 11.1 indica que a declaração “do Egito chamei a meu filho” se relacionava a Jesus, conforme Mateus o interpretou no capítulo 2, versículo 15, de seu Evangelho. Esta nova interpretação não decorreu de uma análise exegética objetiva e racional do texto bíblico, porque o texto hebraico de forma alguma dá a entender isso, e uma análise histórico-gramatical não é capaz de extrair esse significado do texto. Esse novo significado é dado pela estética transformadora, oriunda do Evangelho, na aplicação de uma hermenêutica existencial àquele texto. Uma interpretação midráxica, bem ao estilo dos rabinos da época, poderia até justificar a utilização mais abrangente do significado neste texto, mas não explica a aplicação de significado especificamente a Jesus.

Somente uma influência estética oriunda da experiência cristã poderia justificar uma interpretação expandida do texto, aplicando-o especificamente a Cristo<sup>151</sup>. Isso não ocorre somente neste exemplo, mas em vários outros textos do Novo Testamento, alguns dos quais apresentados adiante.

Tomemos, por exemplo, o apóstolo Paulo em sua interpretação do texto de

---

<sup>149</sup> GI 1.13

<sup>150</sup> ARENS, 2007, p.197. “Os cristãos **partiam da convicção** de que Jesus era verdadeiramente o Messias, o enviado por Deus. Esse era **seu preconceito**. [...] Por isso, adaptaram de tal maneira os textos citados que acabavam por dar brilho ao fato e à significação de que Jesus era verdadeiramente o messias anunciado. [...] Em outras palavras, primeiro **estava a convicção** de parte dos cristãos de que Jesus era o messias, e com **esta convicção**, logo viram nos textos do Antigo Testamento referências a Jesus e os citavam ou remetiam a eles com o propósito de respaldar **essa convicção**, quer dizer, com fins fundamentalmente catequéticos e apologéticos” (grifo nosso).

<sup>151</sup> Os atuais estudos com foco na exegese midráxica utilizada no Novo Testamento para entendimento do Antigo Testamento é um avanço em relação às tentativas de se utilizar o método histórico-gramatical para entender como os escritores no Novo Testamento chegaram aos novos significados das escrituras hebraicas encontrados nas escrituras cristãs. No entanto, somente pela via midráxica não se consegue dar solução aos significados específicos messiânicos, o que só se justifica pela via estética da hermenêutica oriunda do *kerigma* cristão.

Gálatas, capítulo 3 e versículo 16: *Ora, as promessas foram feitas a Abraão e a sua posteridade. Não diz: e às posteridades, como falando de muitas, mas como de uma só: e a tua posteridade, que é Cristo.* Ele utiliza a referência no livro de Gênesis 13.16 na qual Deus promete a Abraão que sua descendência herdaria a terra: *Porque toda a terra que vês te hei de dar a ti e à tua posteridade* (“semente” no heb.), *para sempre.* Embora “semente”, nesse texto, é modernamente entendido como um termo coletivo significando o povo que descenderia de Abraão, o apóstolo se aproveita de a palavra estar no singular<sup>152</sup> para apontá-la para uma pessoa somente, a pessoa de Cristo.

Ele faz isso, porque utiliza uma ferramenta da interpretação midráxica das Escrituras utilizadas pelos rabinos da época, principalmente aqueles que derivaram seus estudos do Rabi Hillel<sup>153</sup>, como foi o caso do apóstolo Paulo, que foi discípulo de Gamaliel que, por sua vez, fora aluno de Hillel.

Uma das regras do uso midráxico estabelece que o sentido de uma palavra pode ser obtido por “analogia” do seu sentido em outros textos, fazendo um paralelo<sup>154</sup>. Assim, a palavra posteridade (“semente”) aparece no texto de II Sm 7.12: *Quando teus dias forem completos, e vieres a dormir com teus pais, então farei levantar depois de ti a tua semente, que sair das tuas entranhas, e estabelecerei o seu reino.* Originalmente entendido como a pessoa de Salomão, filho de Davi, foi posteriormente entendido nos círculos rabínicos como a pessoa do Messias. Assim, pelo método midráxico da analogia<sup>155</sup>, o apóstolo Paulo, aplica o sentido de “semente”,

---

<sup>152</sup> STERN, David H. *Comentário Judaico do Novo Testamento*. Tradução Regina Aranha et al. Belo Horizonte: Atos, 2007, p. 592. “No *Tanak* o termo *semente* (do hebraico *zera*) como no português *posteridade*, é usado no singular com um substantivo coletivo para se referir a todos os descendentes de uma única pessoa. Por isso, o *p’shat* (no sentido simples, Mt 2.15) deste texto traz *semente* com referência a Avraham e seus descendentes. No entanto, *Sha’ul* não está expondo o *p’shat* e sim a sua ênfase na forma singular da palavra permite que a semente desabroche em um *midrash* de ricas camadas”.

<sup>153</sup> Hillel foi um rabino que veio da Babilônia e se estabeleceu na Palestina. Sua preocupação era a atualização do texto das escrituras judaicas para que se fizesse sentido aos judeus contemporâneos. Para isso, ele estabeleceu sete regras principais para o processo interpretativo das Escrituras. Hillel, mestre de Gamaliel, que por sua vez, foi o mestre do apóstolo Paulo em sua época de estudos das Escrituras. As regras estabelecidas por Hillel foram posteriormente ampliadas pelo Rabi Ismael.

<sup>154</sup> Um entendimento comum naquela época na interpretação rabínica, era a utilização de sentidos longitudinais, desconsiderando os aspectos históricos e contextuais. O texto das Escrituras era visto como um todo podendo passear por todo o texto interligando as palavras entre si numa rede de forma que o significado de uma palavra em um texto era transportando para outro texto.

<sup>155</sup> SCHOLZ, 2006, p. 45. “Quanto a *geserah schawah*, trata-se do princípio da analogia. Em outras palavras, dois (ou mais) textos que tratam do mesmo assunto ou têm palavras em comum podem ser usados para estabelecer um argumento. O exemplo clássico é Rm 4.3-8, onde Paulo pode citar Gn 15.6 e Sl 32.1-2 em nome do princípio da analogia, ou seja, à luz do fato de que ambos os textos têm em comum o verbo ‘imputar’”.

na promessa do segundo livro de Samuel, à promessa a Abraão feita por Deus em Gênesis, considerando essa semente o Messias e, portanto, Cristo.

Esta forma de ler o texto bíblico pode parecer estranho ao entendimento moderno da interpretação, mas era um método interpretativo utilizado pelos rabinos da época de Paulo e posterior<sup>156</sup>. O que é importante destacar neste ponto, é que o apóstolo Paulo utiliza o mesmo método interpretativo dos rabinos contemporâneos seus, os mesmos textos e, no entanto, dá um sentido diferente do deles, apontando a promessa de Abraão para o Cristo da cruz<sup>157</sup>. Assim, verificamos que o significado do texto em Gl 3.16 não vem determinado exatamente pelos aspectos gramaticais ou objetivos do texto utilizado pela Hermenêutica Tradicional, mas foi influenciado por sua perspectiva existencial, mormente de sua influência estética. O deslocamento de sentido não se deu pela via metodológica, pois os mesmos métodos midráxicos foram utilizados pelo apóstolo Paulo, mas pela via da harmonização com a estética oriunda de uma transformação interior proporcionada pela sua conversão.

Outro exemplo do uso da forma midráxica de interpretação judaica das Escrituras, cujo sentido foi modificado pela via estética, foi o texto de Salmos capítulo 68 e versículo 18<sup>158</sup>: *Tu subiste ao alto, levaste cativo o cativo, recebeste dons para os homens, e até para os rebeldes, para que o Senhor Deus habitasse entre eles*. O Targum<sup>159</sup> deste salmo interpreta este texto como se referindo a Moisés que subiu ao

---

<sup>156</sup> HAUSER, Alan J.; WATSON, Duane F. *A History of Biblical Interpretation: Vol.1 – The Ancient Period*. Grand Rapids, MI, USA: Eerdmans Publishing Company, 2003, p. 291. “For modern interpreters, the most significant feature of midrash (or exegesis) that sets it apart from contemporary modes of interpretation is perhaps the construal of context. Today, students are taught that the meaning of words and sentences is tied to context, both literary and historical. [...] The rabbis make no such distinctions. Their interpretation is ahistorical from the perspective of most contemporary readers. Although they are quite capable of making historical observations about passages, the meaning in which they are usually interested is not bound in any way to the setting in which the words were first spoken or written, it may be, in fact, that the real meaning of a prophetic oracle was not available to the prophet and his contemporaries, as the commentary on Habakkuk from the Dead Sea Scrolls states”.

<sup>157</sup> HAUSER, 2003, p. 293. “Paul’s interpretation presumes the same reading of 2 Sm 7.12, now with an additional step: he argues that this royal ‘seed’ promised to David is the specific ‘seed’ to whom God promises Abraham’s heritage. Abraham’s inheritance, in other words, now flows through the promised Christ. [...] To understand Paul’s argument, one needs to know that ‘seed’ in the singular is used both in Gen 13:16 and in 2 Sm 7.12 in promises God makes about Israel’s future. The unspecified usage in Genesis is interpreted via 2 Samuel. ‘Seed’ is singular, according to this argument, not because it is a collective noun but because God had in mind the ‘seed’ promise to David that would be Abraham’s single heir, through whom all – Jews and Gentiles – would be blessed. The analogy is an accepted form of scriptural interpretation and provides here a way of discovering how God’s promise to Abraham could be interpreted ‘messianically’”.

<sup>158</sup> Sl 68.18.

<sup>159</sup> Os Targums eram as traduções das escrituras hebraicas na língua aramaica para a utilização pelo povo Judeu após a libertação do cativo, quando o idioma aramaico passou a predominar. Essas

Monte Horebe tendo recebido a Torah para a entregar ao povo de Israel que saía do cativeiro do Egito<sup>160</sup>. Porém, Paulo, na sua carta aos Efésios capítulo 4 versículos 9 até o 11<sup>161</sup> redireciona o personagem principal, de Moisés para Jesus. O monte Horebe foi ressignificado para “os céus”, e a Torah entregue aos homens foi ressignificada para os dons ministeriais: “*uns para apóstolos, outros para pastores e doutores e outros para evangelistas*”. Assim, a mudança pela influência estética alterou a interpretação deste texto dando outro significado. Esta mudança interpretativa não veio pela alteração do texto hebraico, porque o texto não mudou, mas pela via existencial devido à nova experiência cristã.

Com isto não estamos afirmando que os aspectos textuais não são importantes. Estes determinam a direção a tomar de forma *lato sensu*<sup>162</sup>, mas existem lacunas a ser preenchidas que são feitas por meio da face existencial da hermenêutica, e, nela, o aspecto estético é essencial para a hermenêutica bíblica.

A aplicação dos novos ensinamentos trazidos pela Igreja Cristã por meio das Escrituras Hebraicas só foi possível porque houve uma releitura daqueles mesmos textos, devido à mudança em suas pré-compreensões ocorrida pela transformação em seus mundos existenciais.

Importante destacar que a propagação do querigma considerava Cristo como o cumprimento das profecias do Antigo Testamento. Assim, os apóstolos apresentavam as referências do Antigo Testamento, desta feita, sobre uma ótica cristológica. As Escrituras hebraicas passam a ter, então, importância não somente para a comunidade judaica, mas também para a Igreja nascente na medida em que os textos veterotestamentários passavam a apontar para o Cristo da cruz em nova

---

traduções também apresentavam explicações de diferentes textos que se encontravam nas línguas originais. Um dos targuns mais importantes era o Targum de Ônkelos.

<sup>160</sup> PICKUP, Martin. *New Testament Interpretation of the Old Testament: the theological rationale of midrashic exegesis*. Artigo. JETS 51/2. (Junho 2008). p. 353-381. p.371. “*The Targum of Psalm 68:18 explains the verse as referring to Moses’ ascension of Mount Sinai to receive the Law and give it to men: You ascended to the firmament, Prophet Moses; you led captive captivity; you learned the words of Torah; you gave them as gifts to the sons of men*”.

<sup>161</sup> Conforme Carta aos Efésios. In: A BÍBLIA Sagrada. Tradução João Ferreira de Almeida. ed. rev. e corrigida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1989. Ef 4.8-12: “Pelo que diz: Subindo ao alto, levou cativo o cativeiro e deu dons aos homens. Ora, isto — ele subiu — que é, senão que também, antes, tinha descido às partes mais baixas da terra? Aquele que desceu é também o mesmo que subiu acima de todos os céus, para cumprir todas as coisas. E ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores, querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo”.

<sup>162</sup> Os aspectos textuais determinaram em que contexto e de que forma os aspectos existenciais deveriam trabalhar, por isso, Paulo para apresentar a Cristo foi “obrigado” a inserí-los no contexto da promessa feita a Abraão, pois era sobre isso que os aspectos textuais tratavam.



releitura cristológica. Essas mudanças, identificadas na mensagem querigmática, são de suma importância para destacar a influência dos aspectos estéticos na atividade interpretativa da hermenêutica.

Essas mudanças, trazidas pela transformação interior advindas da conversão pela nova realidade cristã, trouxeram para aquelas pessoas um novo mundo “estético” que foi de particular importância na nova interpretação de mundo que agora possuíam.

Conquanto houvesse regulamentos expedidos pelos primeiros apóstolos para a vida em comunidade<sup>163</sup>, vemos que as Escrituras Sagradas do Novo Testamento mostram claramente que o novo mundo estético determinava a forma como a Igreja se via no mundo e sua correspondente atuação.

Importante destacar, que as palavras utilizadas no Novo Testamento não são as mesmas que as utilizadas pelos filósofos posteriores, mas os significados são os mesmos. Assim, quando Paulo fala aos Romanos para se viver em Espírito, o significado dentro da linguagem filosófica que utilizamos hoje, é que era para se viver dentro da nova roupagem estética trazida pelo Espírito Santo pela transformação interior de cada um. Essa estética trazida pelo Espírito, dava ao cristão o discernimento necessário para sua forma de agir e por isso, naquilo que não era explicitamente doutrinado pelos apóstolos eles recorriam à interpretação existencial guiada pela nova estética.

Fato importante é destacar que essa mudança estética trazida pelo cristianismo ocorria da mesma forma em cada cristão, de maneira que Paulo poderia escrever a respeito de uma só fé, um só espírito que unia a Igreja. Desta forma, era importante, e Paulo se esforçava para isso, que todos os cristãos tivessem o mesmo sentimento uns para com os outros segundo Cristo. Era este sentimento comum da Igreja que trazia uma hermenêutica existencial equilibrada e que mantinha os cristãos na vida com Cristo mesmo nas maiores adversidades.

Em uma época em que a novel Igreja ainda não possuía escrituras próprias para sua Hermenêutica Tradicional, foi a Hermenêutica Existencial calibrada pela estética espiritual que capacitou a Igreja a passar vitoriosa pelas dificuldades.

Esse aspecto estético na interpretação existencial da vida dos fiéis capacitava a cada um deles a viver da forma como o Espírito Santo determinava, mesmo em situações não explicitamente tratadas nos escritos autoritativos dos apóstolos e

---

<sup>163</sup> Como, por exemplo, o Didaquê (sec. I ou II d.C.).

profetas.

Tomemos como exemplo o que o apóstolo Paulo escreveu em Gl 5.16-23. Ele aconselha aos cristãos a andarem conforme o Espírito. Adiante, no texto, ele informa que aquele que é “guiado pelo Espírito” não precisa da Lei de Moisés. O que a Lei procurava de forma objetivada, positivando os mandamentos e de forma cogente determinando as ações humanas, a estética espiritual, trazida pelo Espírito, capacitava o cristão a interpretar suas ações e determinar como ele deveria agir sem a letra da Lei.

Reparemos que Paulo, nos versículos 20 a 21, faz uma lista de atitudes que o cristão deve evitar, chamadas obras da carne, no entanto a lista não é exaustiva e termina com “e outras semelhantes a estas”. Como se preenche este vácuo quando for lidar com a vida na prática. Quais são as outras obras “semelhantes a estas”? Paulo, implicitamente deixa para o entendimento da Hermenêutica Existencial guiada pela estética espiritual.

Um ponto digno de destaque é que o autor da Carta aos Hebreus no capítulo 5 e versículo 14, encoraja os irmãos para que sejam maduros na fé para que possam ter os seus sentidos exercitados para discernir entre o mal e o bem. A palavra “sentido” no original grego é *aistheterion* e que significa um órgão da percepção. Vem da mesma palavra que se utiliza quando se quer falar sobre “estética” - *aisthetikos*. Assim, a Bíblia não está se referindo, neste texto, ao julgamento estético proveniente dos sentimentos e sensações que os sentidos naturais produzem como, por exemplo, na contemplação de uma obra.

A Bíblia amplia o sentido dos julgamentos estéticos para o nível espiritual. Há um apelo a uma interpretação estética para o discernimento entre o bem e o mal. A própria palavra “discernir” revela que não é pelo processo da lógica objetiva, mas, de um critério que possa identificar o que é o bem e o que é o mal em termos de juízo estético, sem as interferências conceituais ou lógico-rationais de uma lei positivada, por exemplo. Por isso, quem faz o que é correto, esteticamente, não necessita de lei, pois já faz livremente aquilo que a lei determina de forma coercitiva.

Assim, cabe destacar que a Hermenêutica Existencial trouxe a lume o entendimento de que não há compreensão sem um viés dado pela pré-compreensão. A neutralidade e imparcialidade, tão caras ao Iluminismo e à época Moderna, já se reconhece, são uma falácia. Nestes termos, o que resta a ser feito é escolher por qual viés iremos decidir. O que a Bíblia nos ensina é para termos uma experiência espiritual

direta sendo santos e espirituais, isto porque, desta forma, a estética espiritual em nós fica mais aguçada e nos capacita a discernir qual o caminho a seguir. Portanto, sem uma experiência neste ambiente estético não estaremos totalmente preparados para uma hermenêutica verdadeiramente bíblica<sup>164</sup>.

Neste ponto, é importante fazermos referência a Rudolf Otto, que em sua abordagem do “sagrado” equipara esta categoria ao mundo estético, tanto no que se refere à sua parte inefável quanto a sua parte demoníaca. É de forma estética que conseguimos discernir entre o que é inefável e o que é demoníaco, para isso precisamos ter esta experiência de julgamento, ou, como a citação em Hebreus indica, *ter os sentidos experimentados* para esta compreensão estética<sup>165</sup>.

Otto (2007) também apresenta este mundo estético existencial (que ele se refere como intuitivo) como firmeza em meio às oscilações exegéticas. A validade do julgamento hermenêutico advindo desse ambiente não é muito bem compreendida por quem não apresenta uma experiência estética, porque, de forma geral, se procura entendê-lo utilizando as ferramentas comuns de se argumentar, que são precárias e

---

<sup>164</sup> VANHOOZER, 2005, p.426. “Em suma, em que medida o entendimento — da Bíblia ou de qualquer outra ação comunicativa — é genuinamente possível, tendo em vista a degradação humana, sem a ajuda do Espírito Santo? Os leitores podem evitar cometer uma violência interpretativa sem o auxílio do Espírito da paz, sem aquele poder peculiarmente pentecostal (e perlocucionário) que Barth chamou de o *Senhor da audição*? Os intérpretes pós-modernos que buscam fazer justiça ao outro — a Palavra — precisam ler no espírito correto. Pois os bons leitores precisam ter os desejos corretos, não apenas os recursos corretos — as virtudes interpretativas corretas, não meramente as técnicas hermenêuticas adequadas. A interpretação é fundamentalmente uma questão não apenas de tecnologia ou mesmo de ética, mas, sim, de religião e de teologia”.

<sup>165</sup> OTTO, Rudolf. *O Sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2007, p.170. “Em termos de conteúdo, a primeira manifestação do receio demoníaco já é um elemento *a priori*. Nesse aspecto, como mero sentimento bruto do ‘inquietantemente misterioso’, ele é comparável ao sentimento estético. Por mais que se distingam as experiências psicológicas quando um objeto é reconhecido como ‘belo’ ou como ‘horroroso’, em ambos os casos estou atribuindo ao objeto um predicado (predicado interpretativo) que não me é dado nem pode ser dado pela experiência sensorial, mas que lhe atribuo espontaneamente. Concretamente apreendo no objeto (tanto no belo quanto no horroroso) apenas suas características sensoriais e sua forma espacial, nada mais. Entretanto, essas características sensoriais ou forma espacial de modo algum podem dizer-me nem me transmitir que o objeto tenha um valor que chamo de ‘belo’, nem mesmo informam se semelhante valor sequer exista. Eu preciso ter uma vaga ideia do ‘belo em si’, mais um princípio de subordinação segundo o qual eu atribuo esse predicado, caso contrário não será possível a mais simples experiência do belo”.

insuficientes para tratar neste ambiente intuitivo<sup>166</sup> que não lida com o conceitual<sup>167</sup>.

Cabe destacar que François-Xavier Amherdt, na apresentação do filósofo Paul Ricoeur em sua obra *A Hermenêutica Bíblica*, afirma que é uma exigência filosófica que a palavra humana seja guiada por uma palavra transcendente<sup>168</sup>, mostrando a importância do que se apresenta neste trabalho da necessidade de aspectos estéticos que guie os aspectos mais objetivos e conceituais como aqueles dos códigos linguísticos.

Outro exemplo importante é destacar o papel da estética na formação do cânon. Não é propósito deste trabalho se aprofundar nos estudos dos escritos antigos e na formação do cânon bíblico, mas é importante destacar, neste ponto, o papel da estética como elemento importante, mas não o único, no juízo de obras consideradas canônicas da Igreja nos primeiros séculos que fizeram parte de sua literatura. Eusébio de Cesareia deu indicações, em sua obra *História Eclesiástica*, do mecanismo pelo qual os antigos verificavam a pertinência da colocação de um livro no Cânon das Escrituras Cristãs. Ele cita os critérios de “caráter” da obra, “sentimentos” que a obra proporciona aos leitores e “propósito” que a obra apresenta, ou seja, são critérios obtidos do mundo estético e que faziam a validação de uma obra para sua inclusão no corpo literário da Igreja e de acordo com o “espírito” apostólico<sup>169</sup>.

---

<sup>166</sup> LACERDA, Bruno Amaro. *Jusnaturalismo e direitos humanos*. Revista Interdisciplinar do Direito – Faculdade de Direito de Valença. S.l., v. 8, n. 01, p. 105-112, dez. 2011, ISSN 2447-4290. Disponível em: <<http://revistas.faa.edu.br/index.php/FDV/article/view/321>>. Acesso em: 18 maio 2021. p.299. “A experiência do sentido é uma experiência de totalidade que alguém experimenta sobre sua relação com o mundo exterior e vice-versa. Em outras palavras, a experiência de sentido último das coisas brota de uma intuição que, normalmente, mas não necessariamente, passa pelo pensamento discursivo”.

<sup>167</sup> OTTO, 2007, p. 204. “Não se pode discutir sobre o valor e a validade dessas intuições religiosas oriundas de puro sentir com pessoas que não se envolvem com o sentimento religioso em si. A própria natureza do assunto o impede. Modos comuns de argumentar ou mesmo provas morais não se sustentam, no caso, inclusive nem são possíveis, por razões compreensíveis. Por outro lado, também críticas ou refutações vindas desse lado são liminarmente vazias. Acontece que suas armas são muito curtas e não alcançam o alvo, uma vez que o atacante sempre estará fora da arena. Como essas intuições são efeitos independentes das impressões causadas pela história evangélica e por seu personagem principal, segundo a categoria do próprio sagrado, não dependemos, para elas, das casuais oscilações dos resultados exegéticos nem de sofridas justificativas históricas. Isto porque as intuições nos são possíveis por divinação própria, mesmo sem esses resultados e essas justificativas”.

<sup>168</sup> AMHERDT, F.X. In: RICOEUR, Paul. *A Hermenêutica Bíblica*. Tradução Paulo Meneses. Apresentação François-Xavier Amherdt. São Paulo: Loyola, 2006, p. 26. “Com efeito, segundo afirma D. Stewart, a reflexão ricoeuriana, embora permanecendo intrinsecamente filosófica e protegendo sua independência, fica constantemente, e em nome mesmo da exigência filosófica, aberta ao apelo de uma palavra transcendente que guie e magnetize a palavra humana”.

<sup>169</sup> EUSÉBIO de Cesaréia, *História Eclesiástica*: os primeiros quatro séculos da Igreja Cristã. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus - CPAD, 1999, p.104. “Assim, teremos

Nas décadas recentes, tem-se confirmado a importância do impacto estético das obras literárias no receptor como essencial para aceitação pela posteridade<sup>170</sup>. Dessa forma, no que se refere às obras de literatura de forma geral, e do cânon Bíblico especificamente, deve ser destacado que seus valores não vêm pelo que as obras se tornam na participação em uma sequência histórica de causas e efeitos, mas por aquilo que elas são por elas mesmas<sup>171</sup> e seus efeitos resultantes na sociedade<sup>172</sup>.

O critério objetivo da autoridade apostólica não foi o único critério para escolha dos livros que entraram no “cânon” do Novo Testamento”. Havia livros cuja autoria era duvidosa, como o de Hebreus, segunda epístola de Pedro, epístola de Judas, terceira epístola de João, cuja autoridade apostólica era discutida, porém obtiveram um lugar entre os livros do Novo Testamento considerados autoritativos pelos seus méritos estéticos apesar dessas dúvidas. Este fenômeno está presente já na carta de Paulo aos Tessalonicenses em uma época que ainda nem se discutia um cânon da igreja iniciante, mas que as cartas já se destacavam pela atuação dos aspectos estéticos na vida dos ouvintes<sup>173</sup>.

Antes mesmo da discussão sobre a importância de os aspectos existenciais hermenêuticos iniciarem, Lutero já identificava que para um entendimento adequado

---

condições de conhecer esses livros e os citados pelos hereges sob o nome dos apóstolos, contendo livros como os evangelhos de Pedro, Tomé e Matias, e outros além desses, ou contendo os Atos dos Apóstolos de André, João e outros, dos quais nenhum daqueles escritores da sucessão eclesiástica dignou-se a fazer alguma menção em suas obras; e de fato, **o caráter e o estilo em si é muito diferente dos apóstolos, e os sentimentos, e o propósito** dessas coisas que são neles apresentadas, desviando-se ao máximo da ortodoxia sadia, provam evidentemente serem ficções de homens heréticos; de modo que não devem ser alistados entre os livros espúrios, mas completamente rejeitados como totalmente absurdos e ímpios” (grifo nosso).

<sup>170</sup> H.R. Jauss em sua obra, explica o papel do historiador literário em sua época, cuja catalogação objetiva está ultrapassada por desprezar os efeitos que os impactos estéticos produzem no leitor, tornando determinada obra viva para a posteridade. JAUSS. 1994. p.2. “Muito pelo contrário, o historiador costuma, antes, apoiar-se no ideal de objetividade da historiografia, à qual cabe apenas descrever como as coisas efetivamente aconteceram. Sua abstinência estética funda-se em boas razões. Afinal, a qualidade e a categoria de uma obra literária não resultam nem das condições históricas ou biográficas de seu nascimento, nem tão-somente de seu posicionamento no contexto sucessório [*Folgerverhältnis*] do desenvolvimento de um gênero, mas sim dos critérios da recepção, do efeito [*Wirkung*] produzido pela obra e de sua fama junto à posteridade, critérios estes de mais difícil apreensão”.

<sup>171</sup> RANK *apud* JAUSS. 1994. p.2. “Eu, porém, afirmo: todas as épocas apresentam-se imediatas a Deus, e seu valor não repousa naquilo que delas resulta, mas em sua existência, nelas próprias”

<sup>172</sup> BRIZOTTO, 2013, p.111. “A segunda tese, ao evitar não somente a crítica impressionista, mas também o psicologismo, afirma que a experiência literária do leitor se realiza individualmente, mas que a recepção se constitui com um fato social”.

<sup>173</sup> Conforme Carta aos Tessalonicenses. In: A BÍBLIA Sagrada. Tradução João Ferreira de Almeida. ed. rev. e corrigida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1989. I Ts 2.13. “Por isso também damos, sem cessar, graças a Deus, pois, havendo recebido de nós a palavra da pregação de Deus, a recebestes, não como palavra de homens, mas (segundo é, na verdade), como palavra de Deus, a qual também opera em vós, os que crestes” (grifo nosso).

da Palavra de Deus é necessária uma iluminação que venha através do Espírito até à pessoa (aspecto estético), e que entender a Bíblia não é somente uma atividade que advenha somente de seus esforços particulares. Em uma carta para Spalatin escrito por Lutero, este afirma: *Ninguém pode entender Deus ou a Sua Palavra se este entendimento não vier diretamente do Espírito Santo*. Já no século XVI, Lutero identificava a importância dos aspectos estéticos na compreensão da Palavra de Deus, embora não tenha utilizado este termo naquela época<sup>174</sup>.

### 3.3.6 A Estética como alvo a ser atingido pela humanidade

Uma questão consequente ao que estamos expondo é que sendo a Hermenêutica Existencial calibrada pela estética, e que o Evangelho leva as pessoas a essa participação na estética espiritual, então as pessoas de modo geral, mesmo as que não são cristãs devem ter suas hermenêuticas existenciais calibradas pela mesma estética?

Sim, e é esse o corolário do que foi colocado até aqui. Não que a estética cristã seja uma estética particular da religião cristã, e o seu cultivo pelas demais pessoas adquiriria um tom de proselitismo. Na realidade o que Cristo trouxe foi o apelo a que as pessoas de modo geral cheguem à experiência estética apresentada por ele, porque é lá o lugar onde todas as pessoas devem estar, independentemente de sua religiosidade.

Não podemos considerar a experiência estética cristã como se fosse originada no cristianismo. Lembremos que na época de Cristo ainda não havia cristianismo, e que Jesus era judeu. Foi como um judeu que Jesus expôs o seu ensinamento. O cristianismo se apropriou dos ensinamentos de Cristo e elevou a estética de seus fiéis àquela do nível universal que é a vontade de Deus para todas as pessoas.

Assim, todos os homens que estiverem agindo esteticamente, pela sua universalidade, estão onde Cristo quer que estejam. Isso lembra as palavras do apóstolo Pedro em casa do gentio Cornélio como está escrito no livro de Atos capítulo

---

<sup>174</sup> WOOD, A. Skevington. *Luther's principles of Biblical Interpretation*. London: Tyndale Press, 1960, p.13. *"The Bible cannot be mastered by study or talent' Luther writes again to Spalatin; You must rely solely on the influx of the Spirit. No one can understand God or His Word who has not receive such understanding directly from the Holy Ghost. It is the office of the Spirit to press home the Word, and to ensure its reception. For nobody understand His precepts unless it be given him from above... You understand them however, because the Holy Spirit teaches you...Therefore those most sadly err who presume to understand the Holy Scriptures and the law of God by taking hold of them with their own understanding and study"*.

10 e versículos 34 e 35: *Reconheço por verdade que Deus não faz acepção de pessoas; mas que lhe é agradável aquele que, em qualquer nação, o teme e obra o que é justo*. Assim, retirando toda a barreira da religião, Pedro atinge o cerne do agir estético como sendo a vontade de Deus para todas as pessoas.

Na área do Direito aborda-se atualmente a crise na Hermenêutica Jurídica, cuja causa seria a falta de critério para balizar a aplicação da lei naquilo em que ela não se pronuncia. Abrir-se-ia aí um espaço para o julgamento existencial do juiz, o que, na visão de juristas e da doutrina, traria a politização do judiciário já que Kelsen havia compreendido que a subjetividade do juiz é irremediável<sup>175</sup>. Porém o que temos apresentado, é que a estética seria esse balizador necessário. Bastaria que os juízes vivessem no nível estético desejado para que este sirva de âncora para as decisões. Por isso, todo aquele que trata de julgar as pessoas deve cultivar uma vida estética abundante.

No Antigo Testamento, os juízes eram considerados os representantes de Deus na terra para o julgamento dos homens. Para isso eles deveriam cultivar uma vida espiritual, ou seja, estética. Isso era tão importante no ofício de julgar que nas escrituras hebraicas os juízes eram chamados de *Elohim*<sup>176</sup>, o mesmo termo aplicado a Deus. Jesus, inclusive se aproveita deste tratamento para criticar os judeus que queriam matá-lo por ter se apresentado como divino. Ele argumentou contra os judeus, que na Lei também os juízes, a quem a direção de Deus era dada, eram chamados de *Elohim*<sup>177</sup>.

A essência de toda a condenação de Deus no Antigo Testamento contra os juízes era que, tendo a vida desregrada, não atingiam o nível estético necessário para

---

<sup>175</sup> KELSEN, 1999, p.246. "A norma do escalão superior não pode vincular em todas as direções (sob todos os aspectos) o ato através do qual é aplicada. Tem sempre de ficar uma margem, ora maior ora menor, de livre apreciação, de tal forma que a norma do escalão superior tem sempre, em relação ao ato de produção normativa ou de execução que a aplica, o caráter de um quadro ou moldura a preencher por este ato. Mesmo uma ordem o mais pormenorizada possível tem de deixar àquele que a cumpre ou executa uma pluralidade de determinações a fazer. Se o órgão A emite um comando para que o órgão B prenda o súdito C, o órgão B tem de decidir, segundo o seu próprio critério, quando, onde e como realizará a ordem de prisão, decisões essas que dependem de circunstâncias externas que o órgão emissor do comando não previu e, em grande parte, nem sequer podia prever.

<sup>176</sup> Conforme Livro de Êxodo. In: A BÍBLIA Sagrada. Tradução João Ferreira de Almeida. ed. rev. e corrigida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1989. Ex 21.6 e 22.8 (no original hebraico) "Então o seu senhor o levará aos juízes (*elohim*) e o fará chegar à porta, ou ao postigo, e seu senhor lhe furará a orelha com uma soveia e o servirá para sempre". "Se o ladrão não se achar, então o dono da casa será levado diante dos juízes (*elohim*) a ver se não meteu a sua mão na fazendo do seu próximo".

<sup>177</sup> Jo 10.30-35.

o desempenho de sua função de julgador e acabavam por distorcer o julgamento, e muitos até aceitavam suborno<sup>178</sup>. Dessa forma, o objetivo era que todo o juiz cultivasse uma “vida estética”, como diria Schiller.

O resumo do que queremos apresentar neste tópico é que todas as pessoas, apesar da materialidade presente no mundo moderno<sup>179</sup>, devem cultivar o agir estético, e é essa estética que vai moderar a ação da Hermenêutica Existencial no processo interpretativo.

Verifica-se, portanto, que o cultivo de uma vida estética elevada é necessário para o correto interpretar, e que esta interpretação e compreensão guiará a forma de agir. Esta, sem dúvida, é a maior necessidade do mundo atual, diante de uma realidade complexa, cujas leis não são explícitas. O nível estético torna-se assim imprescindível para a compreensão da forma correta de agir e decidir<sup>180</sup>.

No âmbito cristão, a atual sociedade pós-moderna apresenta desafios que são praticamente insuperáveis se consideramos apenas o que está objetivado no texto bíblico. As brechas que se encontram na objetividade do texto bíblico impossibilitam uma aplicação eficaz da Hermenêutica Tradicional como guia para uma correta tomada de decisão no atual estado de coisas. Isto se dá porque o texto bíblico não contém toda a realidade da vida objetivada em palavras. O que está expresso de forma objetiva é a revelação necessária para termos comunhão com Deus. A partir dessa comunhão, é que podemos lidar com as demais situações vivenciais de uma sociedade complexa como a atual. É pela via da hermenêutica estética que poderemos balizar nossa compreensão às novas situações que aparecem a cada

---

<sup>178</sup> Conforme Livro de Miquéias. In: A BÍBLIA Sagrada. Tradução João Ferreira de Almeida. ed. rev. e corrigida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1989. Mq 3.11 “Os seus chefes dão as sentenças por presentes, e os seus sacerdotes ensinam por interesse e os seus profetas adivinham por dinheiro; e ainda se encostam ao Senhor dizendo: Não está o Senhor no meio de nós? nenhum mal nos sobrevirá”.

<sup>179</sup> RICOEUR, 2006, p.19 “Esses desvios são indispensáveis para a interpretação da Escritura no coração da grande cultura moderna. Com efeito, a Palavra de Deus atinge tão dificilmente o homem de hoje pelo fato de que a sensibilidade à linguagem simbólica se degradou profundamente sob a influência da dicotomia entre a consciência soberana e o mundo objetivo manipulável”.

<sup>180</sup> Kátia Araújo, em sua dissertação de mestrado, conclui a importância da estética no mundo atual que pode ser utilizada por outras áreas do conhecimento, reconhecendo a própria estetização da vida. ARAÚJO, Kátia Silva. *Morte da Arte? O tema do fim da arte nos Cursos de Estética de Hegel*. 146 f. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006, p.143. “Também não é por acaso que esta temática é tão atual, pois, se podemos pensá-la diante da arte, da estética enquanto disciplina, a mesma também pode ser desmembrada por outras vertentes do conhecimento, pois qual o significado de tudo o que nos cerca senão a própria estetização da vida?”



geração, principalmente na complexa época atual.

Verifica-se que é imprescindível para o mundo cristão que a interpretação do texto bíblico deva considerar a face existencial da hermenêutica, cujo referencial, como vimos, vem da qualidade estética do intérprete. Assim, referente ao mundo cristão, tanto os elaboradores de Teologia, quanto os ministradores e aqueles que exercem o cuidado da comunidade de fé, precisam necessariamente se utilizar do referencial estético para tomada de decisões e para uma compreensão adequada da maneira de agir em cada época e principalmente na difícil estrutura social dos dias de hoje.

No mundo jurídico, a complexidade crescente da sociedade necessita de constantes complementações no ordenamento jurídico de forma a ter um balizamento objetivo para o qual se deve viver e julgar. Assim, a cada Constituição elaborada se incorporam novos direitos e deveres, principalmente princípios que vão balizar as decisões a partir de então.

O mundo cristão, porém, tradicionalmente considera a revelação já posta e completa de forma que novas objetivações no texto bíblico já não são mais aceitáveis. Porém, a revelação de Deus não está somente no âmbito da escrita fixa e objetiva do texto bíblico. Como a revelação é um processo hermenêutico, envolve também a parte estética. É esta parte estética que dará a flexibilidade necessária para tratamento das novas situações sociais que o texto bíblico fixo não consegue alcançar.

### 3.4 A ESTÉTICA COMO AMBIENTE ORIGINÁRIO DA RACIONALIDADE

O que verificamos como corolário do que temos apresentado, é que a Hermenêutica Existencial é o que traz as condições de possibilidades da compreensão para que o *Dasein* viva no mundo. Estas possibilidades não são somente em referência as suas ações, mas também as suas formulações conceituais e racionais, que são as faculdades necessárias para que o *Dasein* viva no mundo material e sensível<sup>181</sup>. As elaborações necessárias para sua vivência no mundo

---

<sup>181</sup> GADAMER, 2013, p.347. “Compreender não é um ideal resignado da experiência de vida humana na idade avançada do espírito, como em Dilthey; mas tampouco é, como em Husserl, um ideal metodológico último da filosofia frente à ingenuidade do ir vivendo. É, ao contrário, a forma originária da realização da pre-sença, que é ser-no-mundo. **Antes de toda a diferenciação da compreensão nas diversas direções do interesse pragmático ou teórico, a compreensão é o modo de ser da pre-sença, na medida em que é poder-ser e possibilidade**” (grifo nosso).

material vêm determinadas pela Hermenêutica Existencial e, portanto, influenciada pela estética<sup>182</sup>. Dito de outro modo, a racionalidade depende do meio estético para seu desenvolvimento<sup>183</sup>. Rudolf Otto, em sua obra *O Sagrado*, retrata o carácter estético do sagrado o qual denomina de “numinoso<sup>184</sup>” e que os aspectos racionais desencadeados por deste algo numinoso presentes nas religiões, advêm dos aspectos suprarracionais. Assim, os aspectos suprarracionais ou estéticos possuem uma ligação com os aspectos racionais e os determinam de forma necessária e apriorística<sup>185</sup>.

De fato, as provas racionais, para se chegar a uma conclusão lógica, necessitam de premissas. As premissas, que dão partida ao processo lógico-dedutivo e servem de “crenças fundamentais”, vêm de um ambiente originariamente estético, por isso são tomadas por verdadeiras sem necessidade de uma comprovação lógica, mas sim intuitiva<sup>186</sup>. É deste mundo estético-intuitivo que se inicia todo o mundo lógico-

---

<sup>182</sup> Paul Ricoeur em sua obra *A Hermenêutica Bíblica* (2006) p.19 declara que quanto ao processo de pesquisa sobre a Filosofia Reflexiva aplicada à hermenêutica ela “parte da intuição fundamental de que a existência humana é portadora de sentido”. Assim, existe um *a priori* no qual se baseia a pesquisa que estabelece que a existência é portadora de sentido. Heidegger também considerava esse *a priori* evidenciado quando em sua obra *Ser e Tempo* tenta explicitar qual é o sentido do Ser.

<sup>183</sup> OTTO, 2007, p.20. “Para o teólogo protestante Rudolf Otto, o sagrado é uma categoria composta do irracional e do racional. Este é decorrência daquele, como as obras são decorrência da fé, segundo Lutero”.

<sup>184</sup> Esse termo “numinoso” foi criado por Rudolf Otto para designar “algo” que é irracional e fora de conceituação, que não se confunde com os sentimentos de dever e da moral, mas é anterior a estes e sobre estes influenciam e os determinam. Como o próprio autor afirma em sua obra *O Sagrado* (2007, p.38) “Como para nós hoje, santidade tem sempre conotação moral, será conveniente, ao tratarmos aquele componente especial e peculiar, inventar um termo específico para o mesmo, pelo menos para uso provisório em nossa investigação, termo esse que então designará o sagrado descontado do seu aspecto moral e – acrescentamos logo – descontado, sobretudo, do seu aspecto racional”.

<sup>185</sup> OTTO, 2007, p.173. “Concluimos, portanto, que tanto os elementos racionais quanto os irracionais da complexa categoria que é o *sagrado* são elementos *a priori*, os racionais na mesma medida que os irracionais[...] também o que ela tem de irracional tem suas próprias raízes independentes nas ocultas profundezas do próprio espírito. Esse carácter apriorístico vale finalmente e em terceiro lugar também para a ligação entre os elementos racionais e irracionais na religião, ou seja, eles necessária, intrínseca e aprioristicamente andam juntos. Historiadores da religião relatam com certa naturalidade o paulatino entrelaçamento desses elementos, como, por exemplo, o processo de *moralização do divino*”.

<sup>186</sup> Umberto Eco, na sua tentativa de explicar psicologicamente como na experiência estética existe uma presunção de totalidade, identifica a possibilidade de se adotar a estética como condição primeira e essencial de todo o conhecimento. ECO, Humberto. *Obra Aberta: formas e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva, 2015, p.103. “Por conseguinte, a experiência da ‘totalidade’ (que é experiência do momento estético como momento ‘aberto’ do conhecimento) permite uma explicação psicológica [...] Transposta para o campo da psicologia, o problema envolveria de imediato a condição geral do conhecer, e não apenas a experiência estética, a menos que se desejasse converter a experiência estética na condição alvorcal de todo conhecimento, sua fase primeira e essencial (o que também é possível, mas não nesse ponto do discurso: quando muito à guisa de conclusão num discurso ulterior)”.

racional<sup>187</sup>.

O mundo objetivo-racional se apropria da verdade do mundo estético e dá a ela uma conformidade racional e determinada para que se adeque às coisas objetivas, complexas e materiais da existência<sup>188</sup>. Dessa forma a Ciência, impossibilitada por seus conceitos e métodos, sempre desejará e não alcançará os aspectos estéticos da vida<sup>189</sup>. Como o filósofo francês Henri Bergson apontava, toda a complexidade de uma doutrina filosófica é uma elaboração complexa e racional de algo muito simples no âmbito intuitivo<sup>190</sup>.

Um exemplo deste fenômeno é dado por Otto (2007) quando cita como exemplo a “moralização do divino”. Aquilo que estava oculto na irracionalidade do mundo estético, se objetiva em conceitos morais na formação de um código moral<sup>191</sup>.

Neste sentido, Hegel, em sua obra *Estética: Textos Seletos (Esthétique: textes choisis)*, que fala da Estética presente nas obras de arte, esclarece que o “espírito” se expressa por meios objetivos nas obras as quais são originadas dele<sup>192</sup>. Assim, uma obra de arte é uma obra que recebeu a influência e determinação da

---

<sup>187</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *Como vencer um debate sem precisar ter razão*. Dialética Erística: Introdução, notas e comentários por Olavo de Carvalho. Tradução de Daniela Caldas e Olavo de Carvalho. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997, p.56. “Mas a prova lógica depende sempre de premissas, e a questão decisiva na investigação científica não está, portanto, em tirar logicamente as conclusões, mas sim em descobrir as premissas. Ora, segundo Aristóteles as premissas de base só podem vir de uma de duas origens: ou da experiência sensível, ou da imediata intuição dos primeiros princípios universais”.

<sup>188</sup> SCHOPENHAUER, 1997, p.18. “Por isso mesmo, é bom lembrar ao leitor, com insistência, que a capacidade de argumentar, por necessária que seja nas circunstâncias práticas da vida intelectual, é habilidade menor e derivada em relação ao perceber e ao intuir; que mesmo a prova, no sentido da demonstração apodíctica, é apenas serva e discípula da verdade intuída; que mais vale saber sem poder provar do que produzir um milhão de provas daquilo que, no fundo, não se intui de maneira alguma”.

<sup>189</sup> Conforme Thompson, nós somos mais do que o simples mundo racional e objetivo. THOMPSON, W. Irvin (org) In: “Prefácio” do livro *Gaia: uma teoria do conhecimento*. 3ª Edição. São Paulo: Gaia, 2001. p.9. “[...] exatamente porque nós somos mais do que conhecemos, a Ciência jamais poderá abranger a totalidade do Ser”.

<sup>190</sup> BERGSON, Henri. *O pensamento e o movente: ensaios e conferência*. Tradução de Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 125. “Neste ponto, encontra-se algo simples, infinitamente simples, tão extraordinariamente simples que o filósofo nunca conseguiu dizê-lo. E é por isso que falou por toda a sua vida. Não podia formular o que tinha no espírito sem se sentir obrigado a corrigir sua formulação e, depois, corrigir sua correção: assim, de teoria em teoria, retificando o que desejava completar-se, o que ele fez, por meio de uma complicação que convocava a complicação e por meio de desenvolvimento justapostos a desenvolvimentos, foi apenas restituir com uma aproximação crescente a simplicidade de sua intuição original. Toda complexidade de sua doutrina, que pode ir ao infinito, não é, portanto, mais que a incomensurabilidade entre sua intuição simples e os meios de que dispunha para exprimi-la”.

<sup>191</sup> OTTO, 2007, p.173.

<sup>192</sup> HEGEL, 2012, p. 28. “Ora, a arte e suas obras, à medida que são oriundas do espírito e produzidas por ele, são elas próprias de natureza espiritual, embora sua representação implique o aparecimento do sensível e insira o sensível no espírito”.

estética do espírito humano, por isso se diferencia dos demais objetos da natureza.

Para uma pesquisa, os fatos são dados, mas eles não vêm interligados sistematicamente apresentando por si os seus significados; ao contrário, aos fatos do mundo sensível é imposta uma significação, que irá tornar os fatos do mundo significativos<sup>193</sup>. Esta sistematização dos dados ou fatos não vem deles mesmos, mas é vindo do mundo estético que imprime neles seus atributos e suas qualidades, dando-lhes um sentido<sup>194</sup>, interligando o mundo do intelecto ao mundo do estético<sup>195</sup>. Dessa forma, o apóstolo Paulo pode dizer na sua Carta aos Romanos que Deus “imprimiu” o seu poder e sua divindade na natureza criada, por isso o ser humano pode reconhecer Deus na investigação do mundo natural<sup>196</sup>. Rudolf Otto (2007) quanto trata do “sagrado” em sua obra, explica que ele se manifesta não somente no interior do ser humano, mas também em fatos objetivos podendo ser encontrado em eventos, fatos, pessoas, atos de autorrevelação caracterizando a revelação exterior do divino<sup>197</sup>.

Schleiermacher vai nesta mesma direção quando em sua redefinição do que seja revelação, coloca a experiência da verdade interior do espírito acima e além da exterioridade da letra<sup>198</sup>. Assim, não haveria uma oposição entre o racional e a

---

<sup>193</sup> SARTRE, Jean Paul. *Esboço para uma teoria das emoções*. Porto Alegre: LP&M, 2018. p.14. “Portanto, não se deve esperar dos fatos que eles se organizem por si mesmos numa totalidade sintética que forneceria por si mesma sua significação”.

<sup>194</sup> SCHAEFFER, Francis. *A morte da razão*. Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2014. p.60. “O ponto a se destacar é que no andar inferior – a natureza – a vida não faz sentido é inteiramente destituída de significação. [...] Com base na racionalidade e na lógica, o homem não possui nenhum significado, e a própria cultura fica sem sentido”.

<sup>195</sup> GOMES, Mariana Andrade. *A Experiência Estética e a Estética da Recepção*. Cadernos o IL. Porto Alegre, nº 39, p. 37- 45, 2009, p.41. “John Dewey (2010) afirma que uma experiência de pensamento tem sua qualidade estética própria, a distinção reside no fato de que o material estético consiste em qualidades, enquanto na experiência intelectual não há uma qualidade própria intrínseca, mas que substituem "coisas" que podem, em outra experiência, serem experimentadas qualitativamente [...] No entanto, o estético não pode ser separado de modo definitivo da experiência intelectual, visto que esta deverá evidenciar seu aspecto estético para que seja completa”.

<sup>196</sup> Conforme Carta aos Romanos. In: A BÍBLIA Sagrada. Tradução João Ferreira de Almeida. ed. rev. e corrigida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1989. Rm 1.20. “Porque as suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o seu eterno poder como a sua divindade, se entendem e claramente se vêem pelas coisas que estão criadas, para que eles fiquem inexcusáveis”.

<sup>197</sup> OTTO, 2007, p.180. “Uma coisa é apenas acreditar no supra sensorial: outra, também vivenciá-lo; uma coisa é ter ideias sobre o sagrado; outra, perceber e dar-se conta do sagrado como algo atuante, vigente, a se manifestar em sua atuação. É convicção fundamental de todas as religiões e da religião em si que também a segunda possibilidade é viável, que não só a voz interior, a consciência religiosa, o discreto sussurro do espírito no coração, o palpite e o anseio prestem testemunho a seu respeito, mas que seja possível encontrá-lo em eventos, fatos, pessoas, em atos de autorrevelação, ou seja, que além da revelação interior no espírito também haja revelação exterior do divino”.

<sup>198</sup> DREHER, 1995, p.53. “Pretende-se aludir aqui ao tema da subordinação da ‘letra’ ao ‘espírito’, ou seja, da subordinação de critérios externos a critérios internos de verdade. E neste tema singular toda subordinação da letra ao espírito já se pode identificar *in nuce* os dois ideais normativos

revelação interior, mas sim uma complementaridade. Luís H. Dreher, quando analisa o método teológico de Schleiermacher sugere que a separação entre fé e razão se deu em virtude de o Iluminismo lutar historicamente contra a tradição eclesiástica e sua autoridade<sup>199</sup>.

Junger Habermas, em sua *Lógica das Ciências Sociais*, explicita que aplicar a racionalidade ao sistema hermenêutico (Gadameriano) exige uma “referência” que transcenda à parte existencial. As pré-compreensões podem ser validadas desde que se use um sistema referencial que faça juízo delas<sup>200</sup>. Destacamos de Habermas, neste ponto, a necessidade de um referencial existencial, para juízo da pré-compreensão. Embora este referencial seja a “razão” para Habermas, estamos apontando nesta obra a “estética”. O problema de se considerar a “razão” como referencial da parte da pré-compreensão (ou existencial) da Hermenêutica, como fez Habermas, é que esta necessita de juízos para seu trabalho reflexivo, e esses juízos, por sua vez, necessitam de um processo hermenêutico *a priori* como será detalhado quando discorrermos sobre a contribuição da Fenomenologia de Husserl no tópico seguinte, caindo em uma circularidade<sup>201</sup>.

No âmbito dos estudos antropológicos, Ernst Cassirer, em sua obra

---

mínimos do iluminismo aos quais a teologia experiencial de Schleiermacher procura responder em sua eficácia *ad extra*. Pois afirmar a capacidade de verdade do espírito diante e além da exterioridade da letra significa tanto deslocar o critério de definição da verdade para um âmbito autônomo, interno e indissociável do sujeito quanto fazer da humanidade um componente privilegiado da definição de verdade e realidade, se não seu componente fundamental”.

<sup>199</sup> DREHER, 1995, p.55. “Porém Schleiermacher não pára aí. Em nossa opinião, ele também propõe uma correção ao estar possivelmente sugerindo que o iluminismo perdeu de vista a relação intrínseca entre religião e autonomia humana por causa de sua luta historicamente condicionada contra a tradição eclesiástica. Ou seja: no contexto desta polêmica contingente a religião foi caricaturizada e concebida de maneira errônea, e isso precisamente quando, após a confusão medieval da religião com o âmbito sociopolítico, ela tinha de novo a oportunidade de resgatar sua especificidade. O resultado de tal processo pode ser visto no fato de que na modernidade a ideia de razão acabou se impondo como incompatível com a fé, i.é. como implicando necessariamente irreligião”.

<sup>200</sup> Habermas tentava, por intermédio dos estudos de Gadamer, encontrar um meio de fazer crítica das ideologias. Como, na hermenêutica de Gadamer, as ideologias se situam no plano da pré-compreensão, ele tentava encontrar um caminho para que a “razão” fosse inserida funcionalmente como referencial para ser ferramenta de crítica ideológica. HABERMAS J., *La lógica de las ciencias sociales*, op. cit, pág. 256: “*El derecho de la reflexión exige la autorrestricción en el enfoque hermenéutico; ese derecho requiere un sistema de referencia que trascienda como tal el plexo de la tradición; solo entonces podrá criticarse también la tradición. Pero, ¿cómo legitimar a su vez ese sistema de referencia si no es mediante apropiación de la tradición?*”.

<sup>201</sup> Gadamer questiona a possibilidade de a razão, na crítica de Habermas, ser aplicada de forma objetiva e sem influência da tradição. ASFORA, 2017, p.47. “Gadamer faz referência ao confronto entre Habermas e a hermenêutica filosófica, reconhecendo na crítica habermasiana equívocos acerca do sentido, do valor e do poder da reflexão [...] entretanto questiona a possibilidade de uma reflexão alheia à história efetual e à tradição, permanecendo fiel às perspectivas heideggerianas [...] A reflexão não pode escapar a seu pertencimento histórico com a finalidade de encontrar um espaço a-histórico e a partir daí exercer sua crítica”.

*Linguagem e Mito*, procura demonstrar que os aspectos racionais e linguísticos e outras objetivações como a arte, necessitam, para entrar no mundo sensível, de um princípio não conceitual e em profundidade ao que ele atribuiu de Mito<sup>202</sup>. Assim, essa parte não racional e sagrada é a faísca da qual brotam todas as possibilidades de objetivações não somente no mundo racional, mas até para as crenças e religiões, estabelecendo um lugar comum de origem de todas as objetivações, inclusive a linguística e a mítica<sup>203</sup>. Este entendimento é a expressão do mundo estético colocada na linguagem própria dos estudos antropológicos de Cassirer.

No ambiente teológico, Lutero já identificava a natureza da racionalidade e sua dependência dos aspectos revelacionais ou estéticos para poder se desenvolver e ser aplicada corretamente. Para ele, tal dependência da razão aos aspectos estéticos mostra as próprias limitações da razão. Se o conteúdo da revelação de Deus fosse apreensível pelo intelecto e sabedoria humana, então não haveria necessidade de revelação<sup>204</sup>. A razão necessita do influxo estético para sua atividade, por isso a mente natural sem esse influxo estético não entende o mundo espiritual de forma adequada.

A área da Educação já considera que os aspectos cognitivos do processo de ensino-aprendizagem dependem desta componente existencial não racional e subjetiva. Embora não explique adequadamente a relação dos fatores cognitivos com os emocionais, tem-se hoje que estes últimos são determinantes para o processo de aprendizagem, no qual o aluno racionaliza suas experiências no mundo<sup>205</sup>. Desse

---

<sup>202</sup> CASSIRER, Ernst. *Linguagem e Mito*. São Paulo: Perspectiva, 2013, p.61 e 64. “Usener, num capítulo de seu trabalho, um dos mais significativos do ponto de vista filosófico, procurou provar que todos os conceitos gerais da linguagem tiveram de passar antes por um pré-estágio mítico. [...]. Esse vínculo originário entre a consciência linguística e a mítica-religiosa expressa-se sobretudo, no fato de que todas as formações verbais aparecem outrossim como entidades míticas, providas de determinados poderes míticos, e de que a Palavra se converte numa espécie de arquipotência, onde radica todo o ser e todo acontecer”.

<sup>203</sup> CASSIRER, 2013, p.73. “Pois se impõe cada vez mais a pergunta sobre se as relações de conteúdo – que se apresentam nas construções da linguagem e nas do mito – não se explicariam, também aqui, a partir da forma da construção, a partir das condições subjacentes tanto à expressão verbal quanto à conformação mítica, desde seus primórdios mais remotos e inconscientes. Encontramos estas condições em um tipo de concepção mental que é contrária ao pensar teórico e discursivo”.

<sup>204</sup> WOOD, 1960. “*It is as impossible of comprehension by reason as it is inaccessible to the touch of the hand. [...] Such dependence upon the instruction of the Spirit will recognize the limitation of an unaided reason. [...] if it were susceptible to our wisdom then God would not need to reveal it from Heaven or proclaim it through Holy Scripture. [...] Luther’s scepticism concerning the adequacy of reason to arrive at a knowledge of spiritual reality is in part, no doubt, an inheritance from his Ockhamist tutelage*”.

<sup>205</sup> REY, Fernando Gonzalez. *O ensino e a aprendizagem – produção de sentidos e subjetividade*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=e21TiC85ls8>>. Acesso em: 30 out. 2020,

aspecto resulta que o tratamento em sala de aula dos aspectos relacionais e existenciais do aluno é de suma importância para o processo de aprendizagem.

### 3.5 A CONTRIBUIÇÃO DA FENOMENOLOGIA DE HUSSERL

Neste ponto, é importante discorrer sobre a Fenomenologia de Husserl, porque Heidegger toma de Husserl alguns fundamentos teóricos de sua fenomenologia para elaborar sua análise do Ser.

Indo direto ao ponto que queremos destacar da fenomenologia de Husserl, utiliza-se um exemplo para efeitos de simplificação. Alguém vê uma mesa em perspectiva. Embora essa pessoa veja a mesa em forma de um “losango”, pois é a forma apresentada pela perspectiva de seu ângulo de visada, a consciência da pessoa elabora o que vê e complementa a sua percepção de losango acrescentando algo advindo de sua “intuição” conforme Husserl<sup>206</sup>. Esse algo completa o que vê com a categoria de um quadrado em um objeto em três dimensões, e tem-se, então, não uma figura geométrica de um losango, mas sim uma “mesa quadrada” que está sendo vista em perspectiva<sup>207</sup>.

Essa composição do que foi visto com algo categorial que veio de sua “intuição” transforma o “ente” ou “coisa” em um “objeto”. Esse objeto foi “completado” com

---

21'37”. “[...] e precisamente na nossa proposta, o conceito da configuração subjetiva do aprender integra todos os recursos que a criança tem desenvolvido na história, mas, que caracteriza um tipo de produção de sentido subjetivo que para nós é a unidade mais elementar do emocional e do simbólico que não é apreensível no ato de observação porque está em uma trama de simbólico e emocional constante, pois tem o *link* que faltou à psicologia para integrar o intelecto e o afeto. Nós temos um intelecto, mas não é apenas cognitivo. O intelecto está alimentado por funções que são eminentemente subjetivas que se configuram através da imaginação, da capacidade de criação que sempre apresentam um envolvimento emocional daquele que aprende”.

<sup>206</sup> PAISANA, 1992 p. 67. “Como veremos posteriormente, é a intuição, entendida não como experiência de uma singularidade prévia, mas como preenchimento de uma intenção significativa, que irá fundamentar a validade objetiva do conhecimento. A validade do conhecimento é assim fundada de modo imediato. [...] Assim, objetos gerais podem não só ser visados, mas também intuídos, poder-se-á fundar intuitivamente, imediatamente através da experiência, a validade *a priori* de tais generalidades. O *a priori* não se opõe à experiência como a universalidade à singularidade. Não há oposição entre *a priori* e experiência, se tomarmos como ponto de partida absoluto apenas os objetos como são visados e dado. Correlativamente *a priori* não significa independente da experiência; ao inverso, poderemos então falar de um *a priori* material, isto é, dado”.

<sup>207</sup> PAISANA, 1992 p. 71. “A descrição fenomenológica verdadeiramente fiel aos fenômenos – e a filosofia fenomenológica é neste sentido o autêntico empirismo – não encontra nunca a sensação pura como um dado. Se consideramos, por exemplo, a percepção de um cubo, o que é efetivamente dado é o cubo enquanto coisa total e não qualquer perfil em perspectiva ou não importa que outro momento sensorial”.

doação de elemento intuitivo<sup>208</sup>, o que Husserl denominava de “objeto intencional”. Percebe-se que no modelo fenomenológico de Husserl, para se dar um sentido ou entendimento às nossas percepções é necessária uma estrutura que insira na percepção um componente que não vem da mesma, mas, sim, do mundo extrassensorial, intuitivo<sup>209</sup>.

A fenomenologia de Husserl indica dessa forma que para obtermos entendimento das coisas a nossa volta, precisamos de uma complementação que não venha do mundo positivo e objetivo, mas do mundo intuitivo<sup>210</sup> e que sirva de referência ao nosso mundo sensível. Assim, para a “coisa” ser “entendida” como uma mesa, necessitou de categorias objetivas vindo da nossa percepção – um losango – e, também, de categorias vindas do nosso mundo intuitivo<sup>211</sup> da nossa consciência e que juntas formam o objeto “mesa”.

Assim os aspectos objetivos dialogam com os intuitivos na formação do entendimento<sup>212</sup>. Estamos sugerindo nesta pesquisa que os aspectos estéticos estejam colocados sob a semântica do que seja “intuitivo”. Tomemos a seguinte frase como exemplo:

#### AQUELA CASA GRANDE É BELA

---

<sup>208</sup> HUSSERL, 2006, p.4. “Basta por ora a indicação de que mesmo a forma espacial de uma coisa física só pode ser dada, por princípio, em meros perfis unilaterais; de que toda qualidade física nos enreda nas infinitudes da experiência, mesmo fazendo abstração dessa inadequação, que se mantém constante apesar de todo o ganho e qualquer que seja o avanço que se faça em intuições contínuas; e de que toda multiplicidade empírica, por mais abrangente que seja, ainda deixa em aberto determinações mais precisas e novas das coisas, e assim *in infinitum*. Não importa se a intuição individual seja de tipo adequado ou não: ela pode ser convertida em visão de essência, e esta última, quer seja adequada de maneira correspondente, quer não, tem o caráter de um ato doador. [...] Intuição empírica, e, em especial, experiência, é consciência de um objeto individual e, como consciência intuitiva, ‘é ela que traz o objeto à doação’: como percepção, ela o traz à doação originária, à consciência que apreende ‘originariamente’ o objeto em sua ipseidade *de carne e osso*”.

<sup>209</sup> PAISANA, 1992 p. 117. “Através da intuição categorial, Husserl considera a categoria como dada. Segundo Heidegger, intuição categorial quer dizer estritamente uma intuição que dá a ver uma categoria: ou uma intuição que é imediatamente dirigida para uma categoria. [...] Ora precisamente, segundo Heidegger, o grande mérito de Husserl terá consistido, através de suas investigações sobre a intuição categorial, em libertar o Ser da cópula do juízo e considerar o Ser como dado”.

<sup>210</sup> PAISANA, 1992 p. 82. “É o preenchimento intuitivo de uma intenção significativa que funda, desse modo, o conhecimento”.

<sup>211</sup> HUSSERL, 2006, p.4. “Todo objeto possível ou, para falar como a lógica, ‘todo sujeito de predicções verdadeiras possíveis’ tem precisamente suas maneiras de entrar no campo de um olhar representativo, intuitivo, que eventualmente o encontre em sua *ipseidade de carne e osso*, que o apreenda. A visão de essência é, portanto, intuição, e se é visão no sentido forte, e não uma mera e talvez vaga presentificação, ela é uma intuição doadora originária, que apreende a essência em sua ipseidade *de carne e osso*”.

<sup>212</sup> HUSSERL, 2006, p.8. “Em segundo lugar, deve-se acrescentar que todo fato inclui um substrato eidético material, e toda a verdade eidética inerente às essências puras nele contidas tem de redundar numa lei à qual a singularidade fática dada está sujeita, assim como toda singularidade possível em geral”.



Nesta frase temos o Ser do qual estamos tratando que vem da “essência” CASA que, como vimos acima, é deduzido pela complementação da percepção com aspectos intuitivos. Este Ser está colocado no mundo sensível, por isso precisamos indicar este aspecto pelos termos AQUELA e GRANDE, termos que indicam medida, proporção, lugar, ou seja, elementos racionais e objetivos que podem ser obtidos por medições e racionalizações necessários, quando tratamos de objetos que estão no mundo material. Além disso, informa-se que a casa é BELA, termo que apresenta um predicativo imensurável, não metodológico, atemporal e não condicionado a lugar que também vem dos aspectos “intuitivos” (estéticos). Dessa forma, o nosso relacionamento com o mundo sempre se dá pelo diálogo com aspectos objetivos e aspectos não objetivos, suprarracionais. Estamos considerando a Estética como referência e ponto de apoio desses aspectos suprarracionais e intuitivos.

Cabe destacar que a divisão de declarações nesses aspectos categoriais, separando as essências de suas predicções, fora trabalhado por Aristóteles em sua obra *peri hermeneias*<sup>213</sup> que era integrante do seu *organon*. Portanto, estamos verificando que a Fenomenologia de Husserl já apontava para a coerência filosófica ocidental apresentada de forma explícita em Aristóteles.

Diferentemente de Husserl, o que Heidegger apontou em discordância, quando ele analisava a obra de seu contemporâneo, era que ao fazer com que os aspectos da percepção fossem complementados com categorias “intuitivas”, Husserl nada mais estava fazendo que se submeter às categorias metafísicas da filosofia ocidental, das quais Heidegger procurava se desvencilhar

Pelo modelo de Husserl, um objeto já era categorizado preliminarmente pela intuição e isso previamente ao juízo que se pudesse fazer sobre o objeto. Heidegger não concordava com esta categorização imposta ao objeto pela intuição<sup>214</sup>, mas

---

<sup>213</sup> HEIDEGGER, 2013 p.17 “Entre os escritos de Aristóteles há um transmitido sob o título Περὶ ἑρμηνείας [Da interpretação]. Trata-se do λογος em sua função fundamental: descobrir e tornar conhecido o ente. Segundo foi colocado acima, o título resulta totalmente apropriado. Contudo, nem Aristóteles, nem seus sucessores imediatos na escola peripatética estabeleceram este título para o escrito. Proveniente do legado de Aristóteles, foi transmitido aos discípulos como ‘esboço inacabado’ e sem título. Na época de Andrônico de Rodes, porém, o título já era utilizado. H. Meier, o qual como boas razões assegura a autenticidade do escrito, considera que a introdução do título teria aparecido provavelmente pela primeira vez na primeira geração seguinte a Teofrasto e Eudemo”.

<sup>214</sup> HEIDEGGER, 2015a. p. 194. “Facticidade não é fatorialidade do *factum brutum* de um ser simplesmente dado, mas um caráter ontológico da presença assumido na existência, embora desde

concordava em que haveria uma análise prévia<sup>215</sup> antes do julgamento sobre o objeto. Heidegger entendia que o modelo husserliano estava contaminado com um viés metafísico, com o qual ele não concordava<sup>216</sup>.

Para Heidegger a metafísica desde os filósofos gregos serviu para retirar a pessoa de sua liberdade e não esclarecia corretamente o que era o Ser<sup>217</sup>, pois a metafísica apontava referências e definições estabelecidas que nem sempre eram coerentes com a realidade.

Na resolução desse problema, Heidegger cortou o elo com a intuição no modelo fenomenológico de Husserl e colocou em seu lugar a Hermenêutica<sup>218</sup>, que já adquirira destaque principalmente desde o século XIX, quando esta começou a se relacionar com os aspectos subjetivos e existenciais em Schleiermacher e Dilthey que, junto com Husserl, forneceram insumos para o referencial teórico de Heidegger.

No modelo de Heidegger, a compreensão e entendimento do que se vê na perspectiva não vem de um processo intuitivo, mas vem de um processo hermenêutico<sup>219</sup>. Assim, o objeto intencional não é “imposto” pelo referencial

---

o início, reprimido. **Esse que da facticidade jamais pode ser encontrado numa intuição.**” (grifo nosso). E ainda: HEIDEGGER, 2015a. p. 208. “[...] **retira-se da intuição pura a sua primazia** que, noeticamente, corresponde à primazia ontológica tradicional do ser simplesmente dado. ‘Intuição’ e ‘pensamento’ já são ambos derivados distantes do compreender.” (grifo nosso).

<sup>215</sup> Daria origem posteriormente à pré-compreensão em seu modelo do Ser.

<sup>216</sup> PAISANA, 1992 p. 126. “Se Heidegger não aceita que uma intuição objetivante se possa situar ao nível ante-predicativo, tal não implica que a proposta feita por Husserl, ao apresentar uma significação ante-predicativa, deva ser igualmente afastada. Ao inverso, esta terá sido a contribuição fundamental da fenomenologia husserliana. Podemos mesmo afirmar que todos os estudos de *Sein und Zeit* destinados a determinar a mundaneidade do mundo como significabilidade mais não fazem do que pretender esclarecer este ponto, de interesse primordial para sua filosofia”.

<sup>217</sup> HEIDEGGER, 2013, p.47. “Por mais rico e estruturado que possa ser o seu sistema de categorias, toda ontologia permanece, no fundo, cega e uma distorção de seu propósito mais autêntico se, previamente, não houver esclarecido, de maneira suficiente, o sentido de ser e não tiver compreendido esse esclarecimento, como sua tarefa fundamental”.

<sup>218</sup> PAISANA, 1992 p. 126. Husserl nos informa algumas estruturas no seu modelo fenomenológico. Uma dessas estruturas e a mais importante é a estrutura que ele chama *enquanto-que* (*Als Struktur*). É nessa estrutura que age a intuição predicando o objeto. Heidegger vai alterar esta estrutura original e acrescentar na estrutura *enquanto-que* uma estrutura prévia, a hermenêutica. Como cita no texto em tela: “No entanto a significação ante-predicativa, articulada segundo a estrutura *enquanto-que*, não pode ainda ser considerada como objetivante, isto é, pré-objetiva. Será precisamente esta estrutura ante-predicativa e pré-objetiva, que Heidegger qualifica de hermenêutica. [...] Compreende-se assim que Heidegger, ao contrário de Husserl, nos fale de dois níveis distintos da estrutura *enquanto-que*, articulados através da predicação. A estrutura *enquanto-que* apofântica, objetiva, surge, pois, fundada na estrutura hermenêutica, pré-objetiva. Ora é precisamente esta articulação que o pensamento husserliano não permite compreender”.

<sup>219</sup> HEIDEGGER, 2015a, p.77. “Da própria investigação resulta que o sentido metodológico da descrição fenomenológica **é interpretação**. O *λογος* da fenomenologia da presença possui o caráter de *ερμηνευειν*. Por meio deste *ερμηνευειν* anunciam-se o sentido próprio do ser e as estruturas fundamentais de ser que pertencem à presença como compreensão de ser. **Fenomenologia da presença é hermenêutica** no sentido originário da palavra em que **se designa o ofício de interpretar**” (grifo nosso).

metafísico ou intuitivo, mas vem da “escolha” que a hermenêutica proporciona a quem se utiliza dela<sup>220</sup>. Essa forma de colocar o seu modelo, acreditava Heidegger, libertava o indivíduo de imposições metafísicas e valorizava suas escolhas livres, por isso ele reivindicava que seu modelo fosse chamado de Fenomenologia Hermenêutica.

Ocorre que, como temos verificado nesta pesquisa, o processo hermenêutico necessita de referências. No plano objetivo e racional do mundo sensível (do texto por exemplo), os aspectos racionais do código de comunicação exercem seus pontos de apoio e referência para delimitação do processo interpretativo.

No plano existencial, é considerada nesta pesquisa a estética como ponto referencial impedindo ilimitadas interpretações. Assim, tanto no âmbito das regras da Hermenêutica Tradicional, quanto no âmbito da Hermenêutica Existencial, há delimitações e imposições ao processo hermenêutico necessárias ao seu próprio funcionamento.

Quando Heidegger substitui as “imposições” do processo intuitivo necessárias ao entendimento e compreensão pelo processo hermenêutico<sup>221</sup>, ele desconsidera que a própria hermenêutica tem suas delimitações, como apresentamos neste trabalho.

O resultado deste modelo misto de Heidegger é que a hermenêutica foi considerada um instrumento para o qual não há uma delimitação adequada. Este, inclusive, foi um dos pontos mais preocupantes de Heidegger e um dos mais criticados da Hermenêutica Existencial aperfeiçoada posteriormente por Gadamer, discípulo de Heidegger<sup>222</sup>.

Não estamos afirmando que a Hermenêutica não tenha sua face existencial,

---

<sup>220</sup> Bruno Brizotto em seu artigo esclarece que para Heidegger o processo hermenêutico advém de estruturas presentes na existencialidade. BRIZOTTO, 2013, p.112-113. “Para o filósofo da Floresta Negra, a interpretação está fundada em três conceitos-chave: a posição prévia (o preliminarmente dado), a visão prévia (o ‘recorte’ que foi assumido na posição prévia, segundo uma possibilidade determinada de interpretação) e a concepção prévia (uma determinada conceituação que já se decidiu de forma definitiva ou provisória)”.

<sup>221</sup> PAISANA, 1992 p. 138. “Longe que se possa compreender a relação com o mundo a partir da intuição e do estudo da simples vivência intencional (como condição da intuição) é só a partir de uma significabilidade prévia (isto é, do mundo) que é possível compreender a vivência intencional. Compreende-se assim, que Heidegger, ao inverso de Husserl, abandone o conceito de consciência e, correlativamente, o de subjetividade, substituindo-os pelo de *Dasein*, em que o Dá (lá) exprime o lá da própria abertura prévia ao ser do ente humano. [...] É que a consciência não é mais que um modo de ser do *Dasein*, que ela pressupõe e como tal não poderá fundar”.

<sup>222</sup> PAISANA, 1992 p. 131. A possibilidade dos diversos sentidos que podem ser atribuídos a um objeto por meio da estrutura enquanto-que hermenêutica formulada por Heidegger foi uma das suas grandes preocupações, como cita a referência: “Como se sabe, a questão da unidade dos diversos sentidos do ente é uma questão que profundamente preocupou Heidegger”.

mas que precisamos retornar à fenomenologia de Husserl e revalorizar os aspectos intuitivos no processo de conhecimento. A alteração feita por Heidegger na estrutura fenomenológica de Husserl foi positiva e avançou no conhecimento do fenômeno hermenêutico, mas faltou recolocar o referencial intuitivo (considerado estético neste trabalho) no novo modelo. É verificado posteriormente neste trabalho que é neste referencial estético que se liga a revelação. Não é de se estranhar, pois, que o teólogo alemão Dietrich Bonhoeffer, em análise da formulação existencial do Ser em Heidegger, não tenha encontrado nele espaço para a teologia<sup>223</sup>.

A fenomenologia de Husserl aponta para a necessidade de referenciais e padrões que são necessários à complementação da nossa percepção do mundo. Mesmo inserindo a hermenêutica no modelo fenomenológico, como fez Heidegger, esses padrões suprarracionais, intuitivos, metafísicos continuam sendo necessários.

Cabe esclarecer que os padrões objetivos do código linguísticos da face tradicional da hermenêutica sempre foram considerados como referenciais, mesmo quando a hermenêutica passou a exercer uma função existencial. A gramática sempre foi um delimitador para a face tradicional da hermenêutica, mas não para a face existencial dela<sup>224</sup>. O problema foi estabelecer qual seria o referencial existencial para essa nova função adquirida pela hermenêutica.

Gadamer, em sua obra *Verdade e Método*, indicava que a pré-compreensão tinha uma regra de validação reflexiva quando afirmava que a tarefa da hermenêutica tinha fundamento na “coisa em si”<sup>225</sup>. A “coisa em si” podia ajustar os nossos pré-conceitos servindo como referencial crítico e reflexivo para nossa pré-compreensão fundada na tradição<sup>226</sup>.

<sup>223</sup> De acordo com Martin Barcala, Bonhoeffer em sua obra *Akt und Sein* analisa a ontologia de Heidegger e admite que seu modelo não tem espaço para a revelação de Deus. BARCALA, Martin. *Cristianismo arrelioso*. Uma introdução à cristologia de Dietrich Bonhoeffer. São Paulo: Arte Editorial, 2010. p.36-37. “Em seguida, Bonhoeffer analisa o problema da concepção do Ser na ontologia, especialmente conforme a filosofia heideggeriana do *Dasein*. De acordo com ele, a principal limitação desta filosofia é não ter deixado espaço para a revelação. Disto segue que o conceito de Heidegger sobre o Ser – *Dasein* – apesar de sua poderosa expansão de filosofia pela descoberta da esfera da existência, não pode ser adaptado para os propósitos da teologia”.

<sup>224</sup> Esse constitui um dos problemas de como se chegar à existência pela via do código comunicativo. Como se delimitar a parte existencial da interpretação por meio dos aspectos objetivos e racionais do texto. Por analogia, é como tentar descobrir como se chega à alma existencial por meio do corpo objetivo.

<sup>225</sup> GRONDIN, Jean, *¿Qué es la hermenéutica?* Barcelona: Herder Ed., 2008, p.100. “Pero eso también lo reconoce Gadamer con toda claridad cuando escribía que la tarea crítica de la hermenéutica era elaborar juicios que tuvieran fundamento en la cosa”.

<sup>226</sup> Gadamer em sua famosa obra *Verdade e Método*, diante de múltiplas possibilidades de interpretação, ele afirma que nem tudo é possível. Para um referencial interpretativo ele se direciona para a coisa

Considerar essa “coisa em si” como referencial é problemático, pois, a própria “coisa em si” era vista pela lente da Hermenêutica Existencial que dependia da pré-compreensão, caindo em um movimento circular. O problema desse entendimento de Gadamer é que não há meios de o *Dasein* compreender o mundo exterior, incluindo a “coisa em si”, fora do âmbito hermenêutico, pois ele propõe uma hermenêutica que seja filosófica, constituinte da ontologia do *Dasein*<sup>227</sup>. Assim, a atividade hermenêutica na atualidade, fundamentada no modelo Gadameriano, sempre apresentou essa deficiência cujo resultado são as crises das hermenêuticas teológicas e jurídicas, para citar algumas, fruto da falta de um referencial e que leva a toda a sorte de relativismos, cujos exemplos temos apresentado nesta pesquisa.

Destarte, estamos propondo a Estética como elemento regulador da face existencial da hermenêutica suprimindo a falta de estabilidade que o processo hermenêutico necessita. Além dessa referência, existe aquela correspondente à face tradicional da hermenêutica que estão nos aspectos objetivos do texto representados pelo seu código linguístico.

### 3.6. A UNIVERSALIDADE DOS ASPECTOS ESTÉTICOS

Importante, neste ponto, retomar o assunto da universalidade dos aspectos estéticos, conforme verificamos no item 3.3.1. quando tratamos da estética em

---

em si. GADAMER, 2013, p.358. “Por isso também aqui existe um critério. A tarefa hermenêutica se converte por si num **questionamento pautado na coisa em questão e já se encontra sempre codeterminada por esta. Assim, o empreendimento hermenêutico ganha um solo firme sob seus pés**” (grifo nosso).

<sup>227</sup> Klaus Berger, em sua obra, também aponta para a circularidade do modelo Gadameriano mostrando que este faz uma harmonia da razão fechada em si mesma, mas está desconectada e alheia às coisas do mundo. BERGER, 1999, p. 12. “A hermenêutica de Hans Georg Gadamer, assim como a de Jurgen Habermas, deixam transparecer, cada uma a seu modo, a herança da filosofia da reflexão. De acordo com a mesma, a questão decisiva é como, ao final, a razão universal encontra-se a si mesma. Segundo Gadamer, isso acontece pelo fato de a própria razão concordar com a inserção no contexto ou nexa da tradição, de modo que a filosofia é basicamente a descrição de um acontecimento circular como autodescrição da razão. Para Jurgen Habermas, por sua vez, o objetivo da razão é libertar-se por meio da autorreflexão visando uma comunidade da razão universal (o que em última análise significa: a própria razão como aquela que se realiza comunicativamente). Em ambos os casos se trata de auto apreensão do compreender. Qualquer processo de compreensão tem esse objetivo. Pode-se, porém, - em vista de outras concepções já apresentadas – fazer tanto a Gadamer quanto à Habermas a crítica de que suas concepções são intelectualistas, harmonizantes e, em certo sentido, alheias ao mundo. São intelectualistas, porque nelas o interesse se volta somente para a razão, harmonizantes, porque o ideal em ambas é a harmonia da razão fechada em si mesma e, em certo sentido, alheias ao mundo porque pula-se por cima das experiências ou estas são somente postuladas por meio da concepção utópica da comunidade de comunicação não-violenta, ficando assim, sem ligação com a realidade experimentável”.

Immanuel Kant. Temos que reconhecer que, ao longo da história, os aspectos estéticos sempre foram reconhecidos como patrimônio comum da humanidade<sup>228</sup>.

A ética é a estética do comportamento, e os padrões éticos sempre se assemelharam em todas os códigos de conduta. Se compararmos o Código de Hamurabi, por exemplo, com a Lei de Moisés, eles apresentam a mesma linha geral ética, como um padrão. O assassinato era condenado, o adultério, o roubo, o sacrilégio, a desonra às autoridades, estabelecimento de indenizações, reparos materiais às vítimas. Essas linhas gerais éticas eram atualizadas para as condicionantes sociais de cada época.

Na modernidade Hugo Grotius foi o arauto do jusnaturalismo, mostrando que existem padrões morais e de justiça admitidos de forma universal. A ONU elaborou a Declaração Universal dos Direitos do Homem fundado na concepção do jusnaturalismo<sup>229</sup>.

Importante destacar que, à época das elaborações dos códigos nacionais, modelado principalmente pelo código napoleônico, a proposição era a de incorporar os princípios de justiça de origem jusnaturalista em um código aprovado pelos

---

<sup>228</sup> María Filardo quando trata em seu artigo o significado dos valores no pensamento de Heinrich Rickert, conclui que para este filósofo, os valores são universais e determinam a sociedade e sua cultura dando à vida uma significação. É este ambiente universal de valores que vão compor os argumentos de Rickert contra o relativismo. Esse ambiente de valores se confunde com o que apresentamos nesta pesquisa como o ambiente estético. FILARDO, María Guadalupe Lopez. *La significación de los valores en el pensamiento de Heinrich Rickert*. Fermentario N.6. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación – Universidad de la República Uruguay, 2012, p.19-20. “Cabe señalar en primer término, la oposición de Rickert por una parte al dogmatismo y por otra, al escepticismo, al relativismo y al historicismo. Al dogmatismo le reprocha falta de crítica, sin la cual no pueden establecerse bases epistemológicas firmes. Su argumentación en contra de las otras dos tendencias se centra en su ignorancia acerca de la universalidad de los valores. Se opone asimismo, tanto al pragmatismo (que se negaba a reconocer el carácter universal y objetivo de los valores), como a la llamada filosofía de la vida (la cual declaraba arbitrariamente la vida como valor supremo). estas tendencias Rickert pone de relieve la superioridad de la cultura objetiva y proclama la necesidad de que los valores vitales inferiores se subordinen a los espirituales superiores. [...] Para Rickert la peculiaridad de esta ciencia cultural, en comparación con la ciencia natural, consiste en que las acciones humanas no pueden separarse de la valoración [...] El plano de los valores es para Rickert el plano transcendental. El interrogante acerca de la universalidad de los valores es equivalente a la pregunta sobre el sentido de la historia. Si ese sentido resulta de la relación entre actos y valores, es decir, si hay valores universales, entonces la historia humana tendrá para todos una significación”.

<sup>229</sup> LACERDA, 2011, p.110. “Veja-se, por exemplo, o art. 1º da *Declaração Universal dos Direitos Humanos* de 1948: ‘Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotadas de razão e consciência e devem agir em relação umas às outras com espírito de fraternidade’. A base dessa declaração, cuja pretensão é verdadeiramente universal (fala em ‘membros da família humana’), é a ideia central do jusnaturalismo moderno, desenvolvido a partir de Grotius: a de que os homens *nascem iguais em direitos*, ou seja, a de que cada homem possui, por sua própria natureza (e, portanto, desde o nascimento), certos direitos que decorrem da sua condição humana. Esses direitos humanos não são criações do homem, são derivações racionais da sua própria natureza”.

cidadãos. O jusnaturalismo se positivou no código ou constituições nacionais, enfraquecendo um pouco a sua abordagem. Não porque não houvesse reconhecimento da realidade do jusnaturalismo, mas que agora ele estava subsumido nas constituições nacionais. Assim, as próprias elaborações das leis com princípios comuns a todos os povos refletem a universalidade dos aspectos estéticos<sup>230</sup>.

A Bíblia claramente confirma esta realidade jusnaturalista quando o apóstolo Paulo, em sua Carta aos Romanos, declara, no capítulo 2 versículos 14 e 15, que aqueles que não eram judeus, ou seja, os gentios, que não conhecem a Lei de Moisés, fazem naturalmente as coisas que estão na Lei, porque eles têm a Lei escrita em seus corações<sup>231</sup>.

O apóstolo Paulo declara, nesses versículos, que os gentios têm “naturalmente” a lei escrita em seus corações. A lei apresenta os aspectos estéticos a serem seguidos, ou melhor, a estética consolidada no regramento geral de uma ética expressa na lei. O que a Bíblia revela, então, é que a estética possui um caráter universal presente naturalmente no coração das pessoas.

Na área dos estudos teológicos da Soteriologia, costuma-se perguntar sobre a base de julgamento de Deus para as pessoas que não obtiveram a revelação de Sua Palavra. Aqui está a resposta. Aqueles que não obtiveram uma revelação objetiva da Palavra serão julgados pela estética naturalmente presente em seus corações de forma que ninguém pode se desculpar por não a conhecer.

Importante destacar, nesse ponto, que à comunicação divina com o ser humano Karl Rahner<sup>232</sup> liga o que ele denomina de “existencial sobrenatural”. Com esse entendimento, ele coloca que o ser humano, quando se depara com a interpretação cristã de sua experiência transcendental, reconhece nela a sua própria experiência. Dessa forma, para Rahner, a Teologia é a Hermenêutica da existência

---

<sup>230</sup> LACERDA, 2011, p.107. “O que se reconhece é aquilo que vinha sendo negado injustamente, os valores que já deveriam, na consciência popular, ter sido reconhecidos pelos governos anteriores. Isso implica inevitavelmente aceitar a teoria jusnaturalista: dizer que *todo homem* possui, pela sua própria natureza humana, *direitos* que não foram reconhecidos nem amparados pelas ordens jurídicas até então existentes, é o mesmo que admitir que o direito positivo deva basear-se nesses direitos caso pretenda-se justo; é admitir que da natureza humana derivam direitos (naturais, portanto) que devem ser o *fundamento* de qualquer direito positivo”.

<sup>231</sup> Conforme Carta aos Romanos. In: A BÍBLIA Sagrada. Tradução João Ferreira de Almeida. ed. rev. e corrigida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1989. Rm 2.14-15. “Porque quando os gentios, que não tem lei, fazem por natureza as coisas da lei, eles, embora não tendo lei, para si mesmo são lei, pois mostram a obra da lei escrita em seus corações, testificando juntamente a sua consciência e os seus pensamentos, quer acusando-os quer defendendo-os”.

<sup>232</sup> Karl Rahner, jesuíta, era considerado um dos maiores teólogos católicos do século XX.

humana<sup>233</sup>. Assim, da mesma forma como apresentamos, Rahner entende que a pessoa natural pode entender a comunicação de Deus fora dos círculos comuns da prática da fé.

O existencial sobrenatural é, na nossa pesquisa, o estético, que faz o intérprete ter ligação com o mundo espiritual por meio do processo hermenêutico de compreensão de sua existência.

É importante lembrar, neste ponto, que a estética se origina na parte existencial do ser e faz ligação com o universal, unindo todos os homens. Assim, Gadamer, ao se referir à compreensão no âmbito de sua hermenêutica existencial como um instrumento de reconhecimento da verdade não metódica, mas construtiva (*Bildung*), afirma que essa construção leva a um sentido comum a todos, e um sentido do que é comum e justo produz uma ascensão ao universal, porém, não de maneira científica e metodológica. Representa mais uma superação de nossa finitude que nos leva a conhecer outros horizontes<sup>234</sup>.

É importante lembrar que, na teoria hermenêutica de Schleiermacher, o retorno do texto até o autor, necessário à compreensão. Além da fase objetiva, que visa analisar o texto e suas regras gramaticais, há uma fase de análise do subjetivismo do

---

<sup>233</sup> KORTNER, Ulrich. *Introdução à Hermenêutica Teológica*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009, p.179. "Rahner identifica a oferta da autocomunicação divina, na qual o doador é, ao mesmo tempo, a doação, com um conceito que também faz alusão à filosofia existencial de Heidegger, o 'existencial sobrenatural'. Por trás da identificação desse existencial como sobrenatural está, ao mesmo tempo, a doutrina católica da graça, com sua diferenciação entre a natureza e a graça. É verdade que a autocomunicação de Deus somente é realizada plenamente na fé, mas na visão de Rahner ela é dada para cada ser humano, pelo menos no *modus* de oferta. Isso significa de forma concreta que o ser humano, quando lhe é oferecida a interpretação cristã ou teológico-dogmática de sua experiência transcendental, poderá reconhecer nela sua própria experiência. A possibilidade de reconhecer-se na história da revelação do testemunho cristão corresponde, nesse sentido, à experiência com a experiência de que falam Gerhard Ebeling e Eberhard Junge. Segundo Rahner, através dela o ser humano pode encontrar a coragem e a confiança para, a partir dela, interpretar o indizível de sua própria experiência, de aceitar, sem reserva e restrição, a infinidade de sua experiência sombria. Nesse sentido, para Rahner, toda a teologia é hermenêutica da existência humana".

<sup>234</sup> GRONDIN, Jean, 2008, p.72. "*El rasgo distintivo del humanismo es que no tiene como perspectiva primera producir resultados objetivables y mensurables, como es el caso en las ciencias metódicas de la naturaleza; más bien confía en contribuir a la formación (Bildung) y a la educación de los individuos desarrollando su capacidad de juicio. En este ideal de formación, en el que se forma un sentido común, un sentido común a todos y un sentido de lo que es común y justo, se produce un ascenso a lo universal, pero no a la manera de las leyes científicas. Corresponde más bien a una superación de nuestra particularidad que nos abre a otros horizontes y que nos enseña a reconocer, humildemente, nuestra propia finitud. ¿No hay aquí un «modo de conocer» que implica al individuo, que puede servir de modelo a las ciencias del espíritu? Si este modelo ha perdido para nosotros su fuerza apremiante es porque el positivismo científico há impuesto un modelo único de saber, el del conocimiento metódico, independiente del intérprete*".



autor. Esta fase envolve a “adivinhação” e a “empatia”<sup>235</sup>. Essas duas palavras que tentam explicar os processos internos pelos quais passou o autor são muito significativas. “Adivinhação” retrata a impossibilidade de estabelecer uma metodologia para entendimento originário da compreensão, pois, como temos ressaltado nesta pesquisa, a estética se encontra em um nível além do racional portanto, não metodológico. A “empatia” ressalta o aspecto universal presente em todos os seres humanos necessários ao processo hermenêutico e que nesta pesquisa é considerada a estética como realizadora dessa função.

Schleiermacher antecipava a percepção de que há um aspecto estético (nas suas obras, “empáticos”<sup>236</sup>) incorporado no processo hermenêutico e que vai possibilitar unidade entre as pessoas. Esse aspecto não foi muito destacado posteriormente devido à grande influência do positivismo das ciências da natureza.

## Conclusão do capítulo

Temos apresentado o desenvolvimento do tema da estética nos últimos séculos, culminando com a consideração desta como uma essência e participante da ontologia do Ser. Pelas características apresentadas comprova-se que ela se qualifica para ser elemento balizador dos aspectos existenciais da hermenêutica Gadameriana. A própria manifestação da verdade, por meio da estética em relação às obras de arte, que Gadamer apresenta na primeira parte de sua obra *Verdade e Método*, demonstra que o caminho proposto é correto. Além disso, conforme apresentado, a Teologia incorpora de forma muito precisa o elemento estético na transmissão da revelação que se encontra no texto bíblico.

Conforme apresentado, apesar de se destacar neste trabalho a área teológica, a estética não é uma categoria pura do âmbito religioso, mas desde o século XVIII tem sido preocupação de destaque na área da Filosofia, sendo seus estudos elaborados por diversos filósofos como exemplificado.

A possibilidade de inserção da estética dentro do modelo hermenêutico vem

---

<sup>235</sup> GRANT, 1984, p.154. “One aspect of Schleiermacher’s hermeneutics (his famous emphasis on ‘empathy’ and ‘divination’) tended to encourage the development of a Romantic hermeneutics”.

<sup>236</sup> SCHLEIERMACHER, Friedrich D.E. *Hermenêutica: Arte e Técnica da Interpretação*. Tradução de Celso Reni Braidá. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, p.20. “Não obstante isso, a recepção do pensamento de Schleiermacher foi decididamente orientada pela ideia de interpretação psicológica e, principalmente, pela noção de identificação empática com o autor”.

demonstrar que ela se encontra amadurecida para preencher lacunas ainda existentes no mundo acadêmico.

Dessa forma, no capítulo que se segue, é apresentado um modelo integrador das duas faces hermenêuticas, ou seja, a face tradicional e a existencial, onde a estética tem um papel fundamental na sua conformação.



## 4 A PROPOSTA DE UM MODELO INTEGRADOR

Neste capítulo será apresentado um modelo que integre as duas naturezas hermenêuticas tratadas até aqui e que se harmonizem trazendo à compreensão que a hermenêutica perpassa diversos aspectos naturais dos seres humanos. Assim, após discutirmos sobre o modelo tradicional da hermenêutica e sobre o modelo existencial, é apresentado um modelo integrador que possa articular essas duas naturezas.

### 4.1 OS MODELOS HERMENÊUTICOS PREDECESSORES

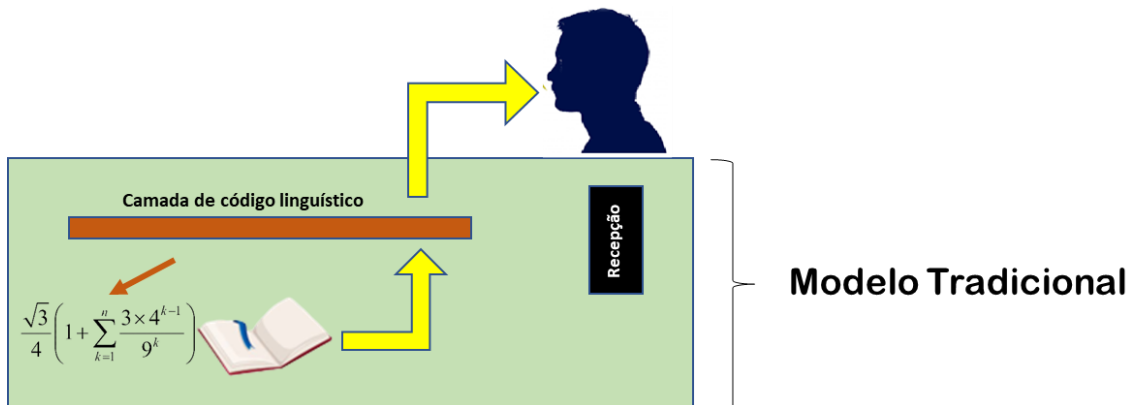
Neste tópico realizaremos a apresentação do modelo hermenêutico integrador fazendo uma comparação com os processos hermenêuticos que vinham sendo utilizados, levando também em consideração uma visão diacrônica destes processos hermenêuticos. Isto vai explicitar o diferencial proposto pelo modelo integrador e seu potencial de contribuição para sanar as dificuldades atuais de interpretação em casos complexos.

Inicialmente, verificamos que a face tradicional hermenêutica é a que trabalha extraíndo os significados do texto mediante uso de regras racionais, conceituais e metodológicas. Essa face tradicional, representada no modelo elaborado abaixo, tem o foco na parte receptora, ou leitor, que por meio de processos analíticos extrai do código linguístico o significado solidificado no texto indicados pelo autor. Assim, neste modelo, toda a interpretação que não levasse em consideração a intenção do autor não era metodologicamente correta<sup>237</sup>.

---

<sup>237</sup> Eduardo Arens ressalta a importância e essencialidade da apreensão do sentido inserido no texto pelo autor no modelo tradicional. ARENS, 2007, p.334. “Em qualquer interpretação, é de capital importância determinar o sentido literal do texto, aquele pretendido por seu autor inspirado. Bem advertiu a Pontifícia Comissão Bíblica que ‘é necessário rejeitar como não autêntica toda interpretação heterogênea ao sentido expresso pelos autores humanos em seu texto escrito’, pois, ao contrário, é abrir a porta para um subjetivismo incontrolável”.

Figura 1



Fonte: Produção própria

A fórmula matemática apresentada na Figura 1 é somente para indicar que o processo de extração do significado é um processo racional que obedece às leis de causa e efeito comuns do mundo objetivo da vida. Desta forma, verifica-se a importância de métodos de análise gramaticais, histórico-críticos, históricos-gramaticais e conhecimento das línguas originais e filologia. Todas as áreas de ciência que de alguma forma vão contribuir para elucidar o texto em seu significado histórico e gramatical são importantes para a face tradicional da hermenêutica. Cabe salientar que esta face tradicional da hermenêutica era o foco no qual se concentravam os esforços hermenêuticos por quase dois mil anos na história da Igreja.

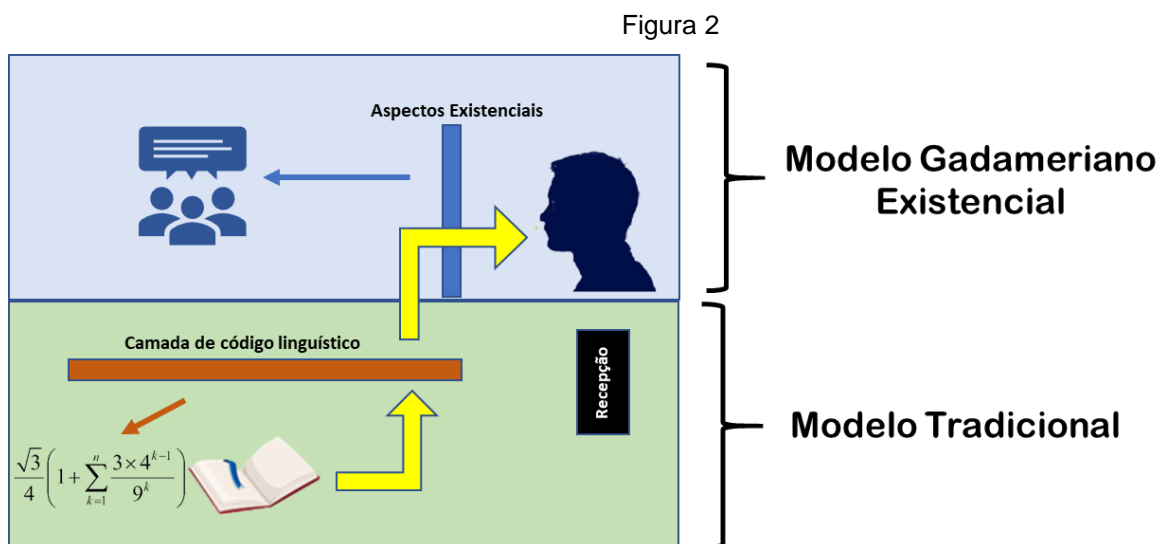
O advento do Iluminismo ressaltou ainda mais este foco metodológico e conceitual equipando a hermenêutica com ferramentas de análises racionais ainda mais elaboradas. Quaisquer significados obtidos fora desse contexto eram impostos pela via da autoridade, como ocorria com frequência nas interpretações quádruplas, comuns<sup>238</sup> da Idade Média. Este modelo tem seus defensores, principalmente aqueles que defendem uma interpretação única baseada na intenção do autor. Entre os pesquisadores de renome situa-se E.D. Hirsch, educador americano e crítico literário, que faz crítica aos métodos estruturalistas e aqueles que admitem a

<sup>238</sup> CROATTO, 1984, p.8. “Com efeito, durante a longa tradição medieval era comum a discussão teológica sobre os sentidos da Escritura. Junto ao sentido literal, ou acima dele, situava-se um sentido espiritual que recebia designações diversas (alegórico, místico, messiânico, cristológico, etc.). Típica foi a disputa sobre os quatro sentidos da Bíblia: literal, alegórico (= cristológico), moral (chamado ‘tropológico’, ou seja, relativo aos costumes) e escatológico (denominado ‘anagógico’, que ‘conduz para’). Surgiu uma infinidade de teorias. O significativo desse fato é que o pano de fundo é precisamente a hermenêutica: o texto do Antigo Testamento não se esgota em sua primeira intenção, mas diz algo mais”.

independência semântica do texto desprezando a intenção do autor<sup>239</sup>.

De forma geral, a verdade obtida por tal visão é uma verdade unívoca, obtida por meios metodológicos, cujo exemplo maior, tanto em Platão como nos filósofos do racionalismo, é a matemática que expressaria o ponto máximo do êxito filosófico no entendimento do mundo. Esta visão, porém, não consegue lidar adequadamente com vários fenômenos de variabilidade de sentido, principalmente aqueles ligados à existencialidade e historicidade.

Já no séc. XX, uma nova abordagem hermenêutica foi obtida por meio das reflexões filosóficas de Heidegger. Hans Georg Gadamer a aperfeiçoou e resultou no desvelamento da face existencial da hermenêutica. Para facilitar o entendimento dessas novas características do processo hermenêutico, foi elaborado um modelo da Figura 2 abaixo:



Fonte: Produção própria

O modelo Gadameriano aponta para os aspectos existenciais como aqueles determinantes do significado de um texto. Além da atuação dos processos racionais, o significado é dado no âmbito da compreensão que é determinado pela pré-

<sup>239</sup> RODRIGUES, Marcelo Daniel. *Uma defesa do método histórico-crítico à luz do debate entre E.D.Hirsch e H.G. Gadamer*. 2017, 89 f. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Teologia das Faculdades EST. São Leopoldo, 2017, p.17. “Um dos pensamentos mais importantes de Hirsch está centrado nos problemas de interpretação literária e hermenêutica. Em sua obra *Validity in interpretation*, Hirsch postula que o significado de um texto deve ser determinado pela intenção do autor do texto. Em suas pesquisas acadêmicas no campo da hermenêutica, Hirsch critica as teorias hermenêuticas de sua época que defendem que os textos devem ser observados como objetos autônomos, sem a referência intencional do autor desses textos”.

compreensão do leitor forjada pelas tradições e cultura da comunidade na qual ele vive. Assim, os aspectos culturais, educacionais, tradicionais e demais aspectos vivenciais compõem o meio ambiente no qual essa abordagem hermenêutica trabalha.

Esse modo de ver a hermenêutica recebeu algumas críticas, pois, como esses aspectos tradicionais e culturais são relativos, a hermenêutica em sua face existencial não possuía um referencial para balizar as interpretações válidas, caindo em um emaranhado de significados produzidos pela vivência de cada um.

Gadamer respondeu a estas críticas informando que o referencial, no qual se ancorava a validade das interpretações, não estava na subjetividade do leitor, mas, sim, na tradição imposta pela comunidade vivencial dele<sup>240</sup>. É nesta comunidade que se deveria obter o referencial para as interpretações válidas. Isto porque é na comunidade que se encontram as tradições e aspectos culturais que vão compor a pré-compreensão necessária para o ambiente no qual se dá a compreensão e significado. A verdade para este modelo é considerada uma verdade perspectivista, ligada ao comunitário e aos aspectos históricos-existenciais do sujeito. As verdades, então, repousam sob a autoridade da tradição e da historicidade.

Conquanto Gadamer tenha estabelecido a tradição pela comunidade como um referencial de validade da interpretação, isso não tratava adequadamente a relatividade, pois o sentido de uma comunidade não é o mesmo dado em outra comunidade, não somente separadas geograficamente, mas também entre aquelas separadas diacronicamente. O problema da relatividade interpretativa, antes contornada pela Hermenêutica Tradicional por meio da autoridade que impunha uma interpretação ou na tentativa de busca da intenção autoral, na Hermenêutica Existencial encontra-se sem solução por falta de um referencial adequado para validar as interpretações surgidas por mecanismos existenciais<sup>241</sup>.

---

<sup>240</sup> ZABATIERO, 2006, p.25-26. "Ao final dos anos sessenta, do século passado, a crítica do paradigma da consciência se expande a ponto de fazer surgir um novo paradigma, o da ação intersubjetiva. Aplicado à pesquisa bíblica, o paradigma da intersubjetividade postula que: o sentido não deve mais ser visto como correspondente à intenção do sujeito, nem ao referente do texto, mas como fruto da interação humana (ou seja, passamos da crítica do sujeito para a intersubjetividade crítica)".

<sup>241</sup> RODRIGUES, 2017, p.42. "Além disso, Gadamer, diante do relativismo *radical* da historicidade, constrói argumentos que justificam a autonomia semântica dos textos e a compreensão do significado do texto em si, variável, ao longo da história, conforme foi referido na tese da tradição, quase-repetição e fusão de horizontes. É a partir do significado do texto em si, variável, ao longo da história, baseando-se nas três teses citadas anteriormente, é que Gadamer tentará sair do relativismo da historicidade. Por mais que Gadamer tente defender uma certa 'objetividade' da interpretação baseada na autonomia semântica dos textos e, principalmente, no significado variável da interpretação dos textos ao longo da história, não consegue sair do relativismo, pois sua teoria, conforme Hirsch, é contraditória".

Assim, os dois modelos apresentados mostram de forma simplificada as duas abordagens hermenêuticas atuais que caminham atualmente em raias paralelas, mas não conseguem se encontrar, pois a busca do significado unívoco dos métodos analíticos da Hermenêutica Tradicional não se articulava com a relatividade interpretativa dos mecanismos existenciais presentes na face existencial da hermenêutica e nenhuma das duas conseguia resolver as contradições internas olhando para si mesmas.

A pesquisa se propôs a apresentar um modelo que articulasse as duas abordagens hermenêuticas integrando-as, além disso complementando-as com um referencial existencial estético formando um modelo integrador hermenêutico que articule os diversos processos hermenêuticos estudados atualmente em diversas áreas acadêmicas de forma separada. Dessa forma as fragilidades de uma abordagem são supridas pela complementariedade de outra. O modelo integrador supre uma necessidade de referencial da abordagem existencial de Gadamer naquilo que se apresenta na pesquisa como o aspecto estético.

## **4.2 O MODELO INTEGRADOR PROPOSTO**

Após a apresentação da importância da Estética para o processo hermenêutico e sua funcionalidade como elemento balizador das diversas possibilidades de interpretação no segundo capítulo, entende-se que ela é parte integrante de um modelo que se propõe a englobar as faces tradicional e existencial da hermenêutica. Aliás, cabe destacar que a preocupação de uma integração dos aspectos metodológicos com os aspectos existenciais também é uma preocupação da área da hermenêutica jurídica

Verifica-se também que diversas áreas desse processo hermenêutico foram tratadas como áreas estanques, apresentando dificuldades em como entender a hermenêutica de forma integral. Assim, por exemplo, durante muitos séculos as pesquisas no campo da hermenêutica se realizaram focados na pesquisa histórica, literária, filológica na busca da intenção do autor.

Outro foco considerado principalmente na primeira metade do século XX era o do texto, no qual o significado estaria corporificado no texto adotando uma postura ontológica para o texto em si. Esta é a época do Estruturalismo, foco dos estudos



acadêmicos principalmente por filósofos franceses. Os aspectos autorais não tiveram ênfase nesta fase, chegando-se inclusive, por Roland Barthes, a ser declarada “a morte do autor”<sup>242</sup>. A busca da intenção do autor para a compreensão do texto era desnecessária e a afirmação de sua necessidade era uma falácia, que passou a ser conhecida como “falácia intencional”<sup>243</sup>.

Posteriormente foi dado outro foco, o da recepção. O que importaria na hermenêutica seria como o leitor interpreta o texto criando-se a Teoria da Recepção e a ênfase dos estudos acadêmicos passaria para o leitor, sendo 1967 o ano oficialmente considerado para esta “virada para a recepção”. Estas áreas, na verdade, eram partes de um complexo maior de interrelações que juntas davam um “todo orgânico hermenêutico”. O próprio H.R. Jauss, tentou estabelecer no âmbito da Teoria Literária uma articulação entre os focos anteriores no autor e no texto, incluindo neste processo o leitor para o qual deu especial atenção<sup>244</sup>.

O modelo apresentado neste trabalho não somente tenta articular essas três áreas da Teoria Literária, o autor, o texto e o leitor, considerando-as parte integrante de um processo hermenêutico maior, como insere no processo os aspectos estéticos de suma importância quando lida com os aspectos existenciais próprios do ambiente hermenêutico.

---

<sup>242</sup> BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Tradução Mário Laranjeira. Ed. Brasiliense, 1988. p.66. “Sem dúvida sempre foi assim: desde que um fato é *contado*, para fins intransitivos, e não para agir diretamente sobre o real, isto é, finalmente, fora de qualquer função que não seja o exercício do símbolo, produz-se esse desligamento, a voz perde a sua origem, o autor entra na sua própria morte, a escritura começa”.

<sup>243</sup> KLEIN, William W, BLOMBERG, Craig, HUBBARD, Robert Jr. *Introdução à interpretação bíblica*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017, p.146. “Enquanto os críticos literários tradicionalmente tentavam determinar a intenção original do autor, a abordagem na primeira metade do século XX de ‘formalismo’ ou ‘nova crítica’ nos estudos literários geralmente se encontrava em uma interpretação coerente do texto na sua totalidade à parte de qualquer informação do contexto histórico. Buscando evitar a prática do que eles chamavam de ‘falácia da intenção’, esses críticos salientavam que os leitores geralmente não têm acesso aos estados mentais e às intenções dos autores, geralmente bem separados no tempo e no espaço dos leitores contemporâneos [...] Mais além, os autores podem escrever algo diferente do que querem dizer ou pode haver mais dimensões de sentido nos seus textos do que eles reconheceram inicialmente”.

<sup>244</sup> Jauss procura renovar a Teoria Literária em uma articulação dinâmica entre autor, obra e público, inovando por meio da inserção do leitor no processo literário. JAUSS. *A Estética da Recepção*. Colocações Gerais. In: *A Literatura e o leitor: textos de estéticas da recepção*. Tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p.71. “Urgia renovar os estudos literários e superar os impasses da história positivista, os impasses da interpretação, que apenas servia a si mesma ou a uma metafísica da ‘écriture’, e os impasses da literatura comparada, que tomava a comparação como um fim em si. Tal propósito não seria alcançável através da panaceia das taxinomias perfeitas, dos sistemas semióticos fechados e dos modelos formalistas de descrição, **mas tão-só através de uma teoria da história que desse conta do processo dinâmico de produção e recepção e da relação dinâmica entre autor, obra e público, utilizando-se para isso da hermenêutica da pergunta e resposta**” (grifo nosso).

A complexidade aumenta à medida em que se entende que o processo hermenêutico é transdisciplinar. Cada área do conhecimento dá a sua contribuição, de alguma forma, para o processo hermenêutico, o que leva a um resultado interpretativo não trivial. A abordagem transdisciplinar requer um conhecimento amplo e o que vemos ao longo das últimas décadas é a contribuição de cada uma dessas disciplinas, mas sem uma visão holística da realidade hermenêutica.

Quanto à proposta de elaboração de um “modelo”, destaca-se que o recurso aos modelos e estruturas formativas foram recursos utilizados por alguns dos filósofos e teólogos tratados nessa pesquisa. Edmund Husserl para se fazer entendido em sua fenomenologia, fundamentou sua filosofia sobre estruturas como aquelas denominadas *enquanto-que*, *enquanto-tal*. Também Heidegger, quando vai elaborar as estruturas de formação do *Dasein*, recorreu a modelos elaborando as estruturas *visão-prévia*, *concepção-prévia*, *posição-prévia*. Assim, o modelo que possa representar o processo hermenêutico, dada a sua transdisciplinaridade, contém ainda estruturas que se encaixam, e que se constituem em áreas de discussão que têm sido tratadas muitas vezes, de forma separada<sup>245</sup>.

O modelo que se apresenta a seguir, não somente abrange todas essas áreas em discussão no processo hermenêutico, mas toca nas demais áreas do conhecimento, trazendo uma visão holística que se aplica na Filosofia, na Teologia e nas demais áreas. O modelo proposto, então, como indica Zabatiero (2006), incorpora os modelos anteriores e os complementa como é comum nas Ciências Humanas<sup>246</sup>.

Também cabe destacar a grande contribuição da pesquisa na apresentação da participação integradora do ambiente estético, balizadora dos aspectos existenciais da hermenêutica que não existia. A consideração da Estética no processo

---

<sup>245</sup> SCHAEFFER, 2014. p.16. “O processo educacional dos dias atuais tem um ponto falho, por não levar em conta as associações naturais entre as diferentes disciplinas. Tendemos a estudá-las separadamente, em linhas paralelas. Essa tendência é real tanto na educação secular como na educação cristã. Esta é uma das razões por que evangélicos têm-se surpreendido diante das tremendas mudanças produzidas em nossa geração. Temos estudado exegese apenas como exegese, teologia apenas como teologia, filosofia apenas como filosofia. Estudamos algo na esfera da arte apenas como arte. Estudamos música simplesmente como sendo música. Não percebemos que todas essas coisas são elaborações humanas e que as coisas do homem não podem ser concebidas como linhas paralelas não relacionadas”.

<sup>246</sup> ZABATIERO, 2006, p.31. “Há que se lembrar que, em ciências humanas, a mudança de paradigmas não significa que os anteriores não tenham mais qualquer validade. Os paradigmas anteriores devem ser incorporados pelo novo, que deve tirar proveito dos avanços que cada um deles possibilitou. Um novo paradigma não é um começar ‘do zero’, nem um reinventar da roda. Da mesma forma, um novo paradigma não se consolida mediante a intenção de alguns e algumas pesquisadoras. Começa assim, mas precisará ser testado e aplicado amplamente, até que encontre, ou não, ampla aceitação”.

hermenêutico com o atual entendimento que a ela é dado, principalmente aqueles presentes em Gadamer na culminância de um desenvolvimento histórico de seu entendimento, a qualifica para se incorporar ao processo hermenêutico em sua face existencial, resultando em um elemento de referência e validação das interpretações, o que já era uma necessidade há tempos, desde que os fatores existenciais da hermenêutica começaram a ser estudados em Heidegger.

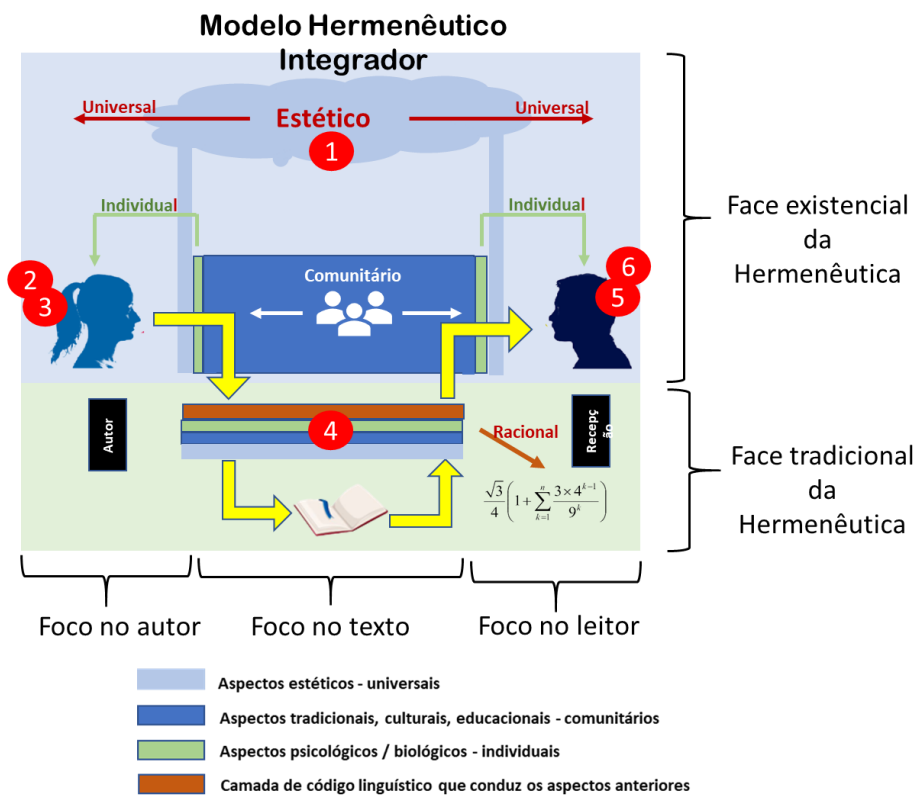
Outra contribuição do modelo é a interligação das diversas estruturas formando um todo explicativo. Os aspectos objetivos, racionais e metodológicos materializados no meio comum entre as pessoas, ou seja, no mundo sensível, e os aspectos existenciais, representados na face existencial da hermenêutica fazem parte de um mesmo processo hermenêutico<sup>247</sup>. Nesses subtópicos, é visto como são tratados esses diferentes focos de estudo já considerando a aplicação da Estética.

As diversas estruturas apresentam-se numeradas no modelo abaixo para um melhor entendimento, e discriminadas na sequência.

---

<sup>247</sup> Almir Ferreira Junior, em sua tese de doutorado ressalta que a experiência hermenêutica não deve refletir reação contra o método, mas, também, incorporá-lo. JUNIOR, Almir Ferreira da Silva. *Estética e Hermenêutica: a arte como declaração de verdade em Gadamer*. 2005, 206 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2005, p. 29. “Enquanto uma doutrina da arte de entender, como a concebia Schleiermacher, a hermenêutica tradicional, pensava Gadamer, estava voltada a um sentido demasiadamente técnico. Mas, por um lado, a hermenêutica não se pode reduzir a um caráter eminentemente metódico e, por outro lado, não o pode suprimir. O fato da concepção Gadameriana de experiência hermenêutica ultrapassar o domínio de controle da metodologia científica, não deve, contudo, resultar na compreensão de uma radical oposição entre experiência hermenêutica e método, como assim ressalta Habermas, em uma de suas argumentações críticas dirigidas à Verdade e Método. [...] Este é afinal o chão das ciências hermenêuticas e mesmo que se tratasse de afastar totalmente as *humanities* do âmbito da *science*, as ciências da ação não escapariam da vinculação de procedimentos empírico-analíticos com procedimentos hermenêuticos. A reivindicação, que a hermenêutica legitimamente faz valer contra o absolutismo, também cheio de consequências práticas, de uma metodologia geral das ciências da experiência não dispensa de todo o trabalho da metodologia”.

Figura 3



Fonte: Produção própria

#### 4.2.1 - Camada existencial estética - Item 1

Refere-se ao mundo estético do modelo. Conforme vimos, é neste ambiente que surgem as condições de possibilidades que vão criar o terreno fértil para elaboração de uma determinada possibilidade no mundo racional e dos conceitos. Dessa forma é um ambiente suprarracional, no qual não há padrões conceituais, mas possui seus próprios critérios de juízo.

A estética é considerada, neste trabalho, como uma parte mais profunda da existencialidade humana, a qual, devido a sua universalidade, interliga todos os seres humanos. É neste ambiente estético que se encontram referenciais não metodológicos e suprarracionais que vão conduzir as atitudes e pensamentos humanos de forma geral<sup>248</sup>. É este ambiente que nos possibilita agir por padrões não

<sup>248</sup> Cilene Nascimento, em seu artigo, retrata a atuação da estética na arte e conclui que ela traduz a compreensão pautada em critérios não lógicos ou racionais. CANDA, Cilene Nascimento. *A arte e*

condicionados temporalmente, socialmente ou psicologicamente, ou seja, padrão ontológico, como vimos em Gadamer e, portanto, adequado como referencial da face existencial da hermenêutica. Cabe destacar que, devido à natureza não conceitual e suprarracional deste ambiente estético, não se propõe neste trabalho uma “teoria integradora” das faces tradicional e existencial da hermenêutica, mas, sim, um “modelo integrador”.

Acrescente-se que a existencialidade não se resume aos aspectos estéticos. Existem os aspectos tradicionais e sociais advindos do meio em que vivemos, fatores estes enfatizados na obra *Verdade e Método* de Gadamer e vão dar o tom da influência da coletividade na existencialidade individual. São esses aspectos que vão resultar no diálogo dentro da comunidade, pois, partilham das mesmas tradições. Além desses aspectos, existem também os aspectos psicológicos que vão dar o tom individual à existencialidade. A estética é aquela parte da existencialidade que está ligada a atemporalidade e caracteriza o ser atemporal, portanto, ontológico e universal. Poderíamos dizer que a existencialidade possui aspectos ligados à individualidade, à coletividade e, por último, à universalidade que é sua componente estética.

Como exemplo desta universalidade, verificamos que, do século XVIII em diante, surgiram os códigos civis e as Constituições Nacionais, a elaboração dos direitos humanos universais com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, e mais recentemente a inclusão de princípios norteadores nestas Constituições. Esses fenômenos são resultados de elaborações objetivantes e racionais do conteúdo estético presente na humanidade, por isso a importância, na área do Direito, do “jusnaturalismo” que é a fonte de Direito na qual todas estas Constituições foram beber<sup>249</sup>.

---

*a estética em Hegel: reflexões filosóficas sobre a autonomia e a liberdade humana.* Theoria – revista eletrônica de filosofia da Faculdade Católica de Pouso Alegre – vol 03 – nº 06. 2011, p.70. “Diante destas questões levantadas, é possível inferir que a arte é um modo peculiar de manifestação do espírito no mundo, que traduz as intuições e formas de compreensão da vida e do mundo, mas não pautados em parâmetros lógicos e racionais; o modo artístico de conceber, interpretar e exprimir a realidade baseia-se na sensibilidade de apreensão do real, na autonomia e na liberdade dos processos criativos”.

<sup>249</sup> LACERDA, 2011, p.110. “Veja-se, por exemplo, o art. 1º da *Declaração Universal dos Direitos Humanos* de 1948: ‘Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotadas de razão e consciência e devem agir em relação umas às outras com espírito de fraternidade’. A base dessa declaração, cuja pretensão é verdadeiramente universal (fala em ‘membros da família humana’), é a ideia central do jusnaturalismo moderno, desenvolvido a partir de Grotius: a de que os homens *nascem iguais em direitos*, ou seja, a de que cada homem possui, por sua própria natureza (e, portanto, desde o nascimento), certos direitos que decorrem da sua condição humana”.

Importante destacar que a estética, sendo um componente da existencialidade humana, é, na hermenêutica, um aspecto de suma importância da pré-compreensão. Ela é componente do ambiente inicial na qual se origina a compreensão, porém não como a tradição que apresenta sua historicidade característica e relativa à consciência história.

A estética, como visto no no Capítulo 2, é uma componente atemporal e universal da pré-compreensão e, portanto, adequada a servir de referencial dos aspectos existenciais da hermenêutica. São estes aspectos existenciais que dão origem às mais diversas dificuldades com respeito à relatividade de interpretações características da face existencial da hermenêutica. A pesquisa ressalta que, como visto, há um componente referencial da existência que é universal e ontológico, que pode ser utilizado como norteador de validação das interpretações existenciais<sup>250</sup>.

Este elemento balizador, que é a estética, vem antes do racional e da análise de critérios objetivos, pois para possibilitar esse tipo de critério racional e analítico<sup>251</sup> os fatos da vida já deverão ter sido compreendidos.

O mundo estético vai abastecer o mundo moral e racional com as possibilidades apresentadas por ele<sup>252</sup>. Na elaboração de uma obra, é dali que vêm a inspiração. Por isso, a inspiração, desde o tempo dos gregos, era considerada um elemento oriundo dos deuses e dada às pessoas<sup>253</sup>, e não uma elaboração da racionalidade filosófica.

---

<sup>250</sup> A tese de doutorado de Alessandra Macedo Asfora, tenta analisar a influência da hermenêutica Gadameriana no ordenamento jurídico. Em sua análise ela mostra que as decisões dos juízes necessitam ter uma referência de conteúdo estético (justiça) que deve nortear as decisões judiciais. Esta referência deve dar as condições de possibilidades de sua decisão. ASFORA, 2017, p.77. “No ordenamento jurídico está presente a ideia de que a sentença do juiz não pode obedecer a arbitrariedades, mas tem que ter em consideração a justiça do conjunto; aliás qualquer pessoa está capacitada para ponderar o justo no caso concreto. Nisto consiste a segurança jurídica de um estado de Direito. [...] No atual estado de Direito pode-se concluir então que o juiz não está mais submetido à literalidade da lei, mas, também, não pode atuar à margem de qualquer vínculo, porque na medida em que cria Direito, deve permanecer dentro dos limites que a correta compreensão e interpretação da norma, na sua aplicação a um caso concreto lhe impõe”.

<sup>251</sup> Klaus Berger, em sua obra *Hermenêutica do Novo Testamento*, tentou estabelecer critérios para a “sensibilidade” interpretativa relativa aos fatos da vida. Extraiu seus exemplos do Novo Testamento, principalmente das cartas do apóstolo Paulo. Ele lista os critérios como: (i) identidade religiosa; (ii) edificação da comunidade; (iii) santidade; (iv) radicalidade (no sentido de que toda a vida é atingida); (v) reverência; (vi) alegria. BERGER, 1999, p.39-49. Nesta pesquisa todos esses critérios são considerados como originados do mundo estético e, portanto, vai ao encontro do que está sendo proposto neste trabalho.

<sup>252</sup> Comparando à encarnação de Cristo, Ele é a imagem do Deus invisível que veio ao mundo. No grego é a marca da hipóstase de Deus. Hb 1.3. “o qual sendo o resplendor da sua glória e a expressa imagem de sua pessoa [...]” - ὃς ὢν ἀπαύγασμα τῆς δόξης καὶ χαρακτήρ τῆς ὑποστάσεως.

<sup>253</sup> Os gregos criaram a figura das Musas Inspiradoras em número de nove, para cada uma das áreas poéticas.

O aspecto estético da existencialidade se aproxima assintoticamente do que a Teologia entende por algo como sendo “espiritual”, podendo ser com ele confundido, como mostram os exemplos apresentados nesta pesquisa<sup>254</sup>. Esta aproximação de significado não é incomum na área de pesquisa, pois, muitas vezes, um assunto pesquisado em determinada área já foi nomeado por outra designação no âmbito linguístico em outra área.

Na análise de obras de filósofos e teólogos antigos, havia uma convergência de entendimento de que o mundo estético, metafísico, da essência e espiritual seriam os mesmos. Agostinho, por exemplo, na obra *Cidade de Deus e Cidade dos Homens*, declara que os filósofos falavam de coisas espirituais, referindo-se aos aspectos metafísicos da filosofia platônica. Clemente, em sua interpretação alegórica da viagem de Abraão até o Monte Moriá, identifica o Reino de Deus com o reino platônico das Ideias<sup>255</sup>. Jean Paul Sartre declara em sua obra *Esboço para uma Teoria das Emoções*, que ele não saberia dizer se existe uma experiência psicológica do estético ou do metafísico. Para a Teologia é importante considerar que muitos termos e categorias utilizados nos estudos atuais não existiam na época bíblica, por isso temos que levar esse aspecto em consideração. Assim, no texto bíblico as expressões “coração”, “homem interior”, “rins”, “entranhas”, “alma”, dependendo do contexto, muito certamente correspondem a outros termos utilizados dentro das pesquisas atuais.

Dessa forma, uma realidade apresentada em termos bíblicos pode representar a mesma realidade utilizada com outros termos em outra época ou área

---

<sup>254</sup> Lincoln Menezes considerando a estética no pensamento de Hegel em seu artigo, conclui que a estética, por meio da arte, é expressão do divino e manifesta verdades do espírito. FRANÇA, Lincoln Menezes. *Estética e Consciência infeliz na filosofia hegeliana*. Revista Eletrônica Estudos Hegelianos. Ano 6, nº 10, 2009, p.111-112. “E chegamos a um ponto fundamental das considerações hegelianas acerca da arte. Com Hegel a arte ganha um estatuto sem precedentes na filosofia, pois considerada autonomamente, ou seja, livre, ela se situa no mesmo patamar da religião e da filosofia, por ser uma expressão da consciência do divino, dos mais importantes anseios da humanidade e do espírito, ou seja, a arte manifesta verdades do espírito, sendo a arte uma chave fundamental para a compreensão do espírito de determinados povos sendo às vezes a única chave compreensiva, pois a arte expressa, para Hegel, as intuições interiores e representações substanciais dos povos”.

<sup>255</sup> VIRKLER, Henry. *A Hermenêutica avançada: princípios e progresso de interpretação bíblica*. Tradução Luis Caruso. São Paulo: Vida, 2007, p.44. “Quando no terceiro dia, Abraão chegou ao lugar que Deus lhe havia indicado, erguendo os olhos, viu o lugar à distância. O primeiro dia é aquele constituído pela visão de coisas boas; o segundo é o melhor desejo da alma, no terceiro a mente percebe coisas espirituais; sendo os olhos do entendimento abertos pelo Mestre que ressuscitou no terceiro dia. Os três dias podem ser o mistério do selo (batismo) no qual cremos realmente em Deus. É, por consequência, à distância que ele percebe o lugar. **Porque o reino de Deus é difícil de atingir o qual Platão chama de reino de ideias**, havendo aprendido de Moisés que se tratava de um lugar que continha todas as coisas universalmente” (grifo nosso).

de conhecimento. A Bíblia dá prioridade ao aspecto estético como o aspecto moderador da Hermenêutica Existencial, ambiente de onde vai extrair sua influência espiritual<sup>256</sup>. Somente na condição de priorizarmos uma vida estética, como diria Schiller, a estética é moderadora da Hermenêutica Existencial.

Importante destacar que no Item 1 se concentra a compreensão do processo hermenêutico. A compreensão é necessária e dá partida ao processo de entendimento. Só a partir da compreensão é que se pode interpretar<sup>257</sup>, e dar uma possibilidade dentro do mundo sensível. Portanto, o ponto principal da hermenêutica é a compreensão, pois todo circuito hermenêutico tem como base a compreensão<sup>258</sup>.

A estética é a componente da hermenêutica que interliga existencialmente todos os homens dada a sua universalidade e, portanto, parte fundamental do modelo hermenêutico que se apresenta nesta pesquisa<sup>259</sup>. Importante destacar neste ponto que a estética é um dos dois nós que interligam a hermenêutica de todas as pessoas, sendo um ponto referencial existencial e universal. Este nó, como vimos, é atemporal, superracional e universal. O outro nó referencial do modelo que interliga a hermenêutica das pessoas e que pode ser considerado o segundo referencial hermenêutico é aquele do texto materializado em seu código linguístico, comum a todas as pessoas e que será visto no item 4.2.4 Assim, o modelo hermenêutico apresentado nesta pesquisa une a hermenêutica de todas as pessoas em dois pontos comuns: (i) a universalidade e atemporalidade da estética; (ii) a historicidade, temporalidade e racionalidade dos códigos linguísticos objetivadores da compreensão.

---

<sup>256</sup> Carta aos Tessalonicenses, aos Efésios e aos Romanos. In: A BÍBLIA Sagrada. Tradução João Ferreira de Almeida. ed. rev. e corrigida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1989. I Ts 5.17 “Orai sem cessar”; Ef 5.18 “Enchei-vos do Espírito”; Rm 8.14 “ser guiados pelo Espírito”.

<sup>257</sup> Paul Ricoeur enfatiza seu entendimento de que a interpretação é um processo dialético que necessita da compreensão e explicação para poder se realizar. Em sua obra *Interpretation Theory* ele considera compreensão com entendimento. RICOEUR. *Interpretation Theory: Discourse and the surplus of meaning*. Fort Worth: The Texas Christian University Press, 1976. p.74. “*Then the term interpretation may be applied, not to a particular case of understanding, that of the written expression of life, but to the whole process that encompasses explanation and understanding. Interpretation as the dialectic of explanation and understanding or comprehension may be tracked back to the initial stages of interpretative behavior already at work in conversation*” (grifo nosso).

<sup>258</sup> KORTNER, 2009, p.179. “Enquanto o estilo hermenêutico está orientado para a compreensão, o pensamento analítico atua de forma descritiva à distância”.

<sup>259</sup> Cilene Nascimento em seu artigo tratando sobre a estética e a arte em Hegel, entende que a experiência estética faz com que o ser humano se encontre com a coletividade, compreendendo de forma mais ampla. CANDIA, 2011, p.70. “Nessa perspectiva, entendemos liberdade e autonomia na atividade de criação e de fruição artística como perspectiva de ampliação **do encontro do ser humano com a coletividade, e como forma de exercício de expressão e de compreensão do outro, a partir da experiência estética**” (grifo nosso).



Percebe-se que o modelo liga um ponto fixo comum estético (item 1) a um ponto variável, histórico e racional, também comum, do mundo sensível da vida das pessoas (item 4). Daí a importância do referencial estético, pois a sua falta deixava apenas o referencial linguístico como padrão para referência da interpretação. Os aspectos existenciais estavam sem o nó referencial existencial, e é o que resultava em diversas interpretações abertas sem apoio em nenhum ponto para se referenciar. Por isso, foi dedicado todo o Capítulo 2 deste trabalho para tratar da Estética no fenômeno hermenêutico, pois ela se constitui no primeiro nó referencial do modelo.

Anteriormente à consideração da estética na hermenêutica, toda referência de validação de uma interpretação era feita pelo nó da materialização linguística, ou seja, pela análise da linguagem<sup>260</sup> escrita. Era ele que durante quase dois mil anos de aplicação hermenêutica era o referencial para as interpretações. Daí a importância do estudo do significado das palavras, da Gramática, das línguas originais, e dos aspectos históricos e literários para entendimento do significado gramatical. Mas os aspectos existenciais da hermenêutica continuavam sem referencial, trazendo profunda preocupação com respeito à validação de uma interpretação levando ao perigoso relativismo caótico.

É importante destacar que a referência estética não elimina sua flexibilidade, pois esta é necessária para a significação existencial da individualidade ou da coletividade em uma determinada circunstância histórica. A referência estética delimita, porém, o espaço aceitável para que uma dada interpretação seja válida, e isto, como vimos, de forma não metodológica nem conceitual.

Importa, neste ponto, detalhar um pouco mais a diferença entre o referencial

---

<sup>260</sup> Cabe destacar que na história houve pelo menos três concepções de linguagem conforme afirma Ingedore: a linguagem como representação; como instrumento; como lugar de interação. Neste trabalho, de forma geral, preferimos adotar “códigos linguísticos” que incorpora as três concepções. KOCH, Ingedore Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2004, p.7 “A linguagem humana tem sido concebida, no curso da História, de maneiras bastantes diversas, que podem ser sintetizadas em três principais: a. como representação (‘espelho’) do mundo e do pensamento; b. como instrumento (‘ferramenta’) de comunicação; c. como forma (‘lugar’) de ação ou interação. A mais antiga dessas concepções é, sem dúvida, a primeira, embora continue tendo seus defensores na atualidade. [...]. A segunda concepção considera a língua como um código através do qual um emissor comunica a um receptor determinadas mensagens [...]. A terceira concepção, finalmente, é aquela que encara a linguagem como atividade, como forma de ação, ação inter-individual, finalisticamente orientada, como lugar de interação que possibilita aos membros de uma sociedade a prática dos mais diversos tipos de atos, que vão exigir dos semelhantes reações e/ou compromissos, levando ao estabelecimento de vínculos e compromissos anteriormente inexistentes... trata-se de um jogo eu joga na sociedade, na interlocução, e é no interior de seu funcionamento que se pode procurar estabelecer as regras de tal jogo”.

objetivo da face tradicional da hermenêutica e o referencial estético da face existencial da hermenêutica.

O referencial objetivo da face tradicional é obtido por meio da utilização de instrumentos racionais, conceituais e metodológicos. Para este referencial se conseguiria precisar um significado univocamente, pois a aplicação das regras de causas e efeitos necessários são determinativas. Pode-se matematizá-las e enquadrá-las em fórmulas. Pode-se identificar padrões e categorizá-los. Assim, considerando um texto escrito, as leis aplicáveis seriam as leis da Gramática e todas as áreas de ciências aplicáveis em sua execução. Na academia dos estudos teológicos, está muito ligada à Exegese do Antigo e Novo Testamentos.

Já o referencial hermenêutico da face existencial é, conforme apresentando nesta pesquisa, a estética. Só que a estética é de uma natureza diferente. Ela não é quantificável, não se encaixa em alguma metodologia e está acima dos aspectos racionais, não sendo originada por eles. Ao contrário, quando vou racionalizar alguma coisa, já tenho a pré-compreensão desta coisa. A pré-compreensão é onde trabalha existencialmente a estética. Assim, a estética não se atinge mediante um esforço da razão, mas mediante uma percepção existencial do tipo discernimento. Dessa forma, não se pode “transferir” a estética a outra pessoa pela via linguística somente ou outro mecanismo racionalmente elaborado sem que ela seja experimentada<sup>261</sup>. É como um *insight*. Para a Teologia, a estética soa mais familiar, pois muitas vezes se confunde com o que ela considera como o “espiritual” possuindo muitas características em comum. Assim, uma hermenêutica estética seria mais bem trabalhada no mundo Teológico, tanto na Teologia teórica como na Teologia pastoral.

A extração da camada estética de um texto para uma interpretação atualizada que faça sentido para a sociedade atual pode seguir pelo caminho de identificação das demais camadas do modelo hermenêutico, como apresentado nesta pesquisa, ou seja, a camada cultural, educacional, da tradição, as histórico-condicionadas, citando algumas, para o desvelamento daquilo que é estético e útil no texto para aplicação na atualidade.

Outro caminho é pelo entendimento de que a camada estética do modelo

---

<sup>261</sup> MUELLER, Enio R. *Sobre a verdade do Evangelho*: algumas considerações. Estudos Teológicos, v. 44, n. 1, p. 73-84, 2004, p.82. “A verdade do evangelho, portanto, se vive e se verifica na vida das pessoas que com ela se relacionam. Toda a vida de uma pessoa, sob esta ótica, é um constante atualizar da experiência batismal, que só se completa plenamente na morte, com justeza interpretada pela igreja antiga como o dia do novo nascimento”.

integrador é de natureza atemporal e universal, e alcançável de modo experimental, isto porque a camada estética do modelo não se alcança por elaborações racionais por ser ela suprarracional. Assim, sendo universal está em cada indivíduo e pode ser alcançada em si mesmo.

O padrão estético a referenciar uma interpretação poderá ser alcançado por uma investigação interna, pois está em cada um de nós. Confirmamos a máxima bíblica de “*assim como quereis que os homens vos façam, fazei vós também*”<sup>262</sup>. Esta orientação bíblica é uma espécie de *fast-track*<sup>263</sup> para os aspectos estéticos necessários para atualização da aplicação da Palavra de Deus ao mundo atual. Na linguagem filosófica de Heidegger, o *Dasein* vive se compreendendo a cada momento de sua historicidade e verifica a sua atuação no mundo de acordo com esta compreensão. Como no aspecto compreensivo está incluído a influência da estética de caráter universal, conforme esta pesquisa demonstra, esta estética já se ancora nos elementos existenciais para aplicação no seu condicionamento social específico. Assim, já há uma influência estética específica para o caso concreto da pessoa que pode ser tomada como referencial na hermenêutica existencial<sup>264</sup>. É fazer com os outros o que entendemos melhor para nós<sup>265</sup>.

O modelo apresentado nesta pesquisa, então, de forma inovadora, apresenta a estética como referencial para o aspecto existencial da hermenêutica que se encontrava sem referencial o que resultava em um espectro grande de interpretações sem um mecanismo de validação.

Cabe destacar que este trabalho considera a Verdade como inerente a este ambiente estético, por isso suprarracional. Dessa forma, a verdade demonstrável pelos critérios das ciências naturais é apenas uma parte da verdade, aquela que pode

---

<sup>262</sup> Lc 6.31

<sup>263</sup> Significando “um caminho mais rápido”.

<sup>264</sup> VATTIMO, Gianni. *O fim da modernidade*. Nihilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p.122. “O objetivo de Gadamer é recuperar a arte como experiência de verdade, contra a mentalidade cientificista moderna, que limitou a verdade ao campo das ciências da matemática e da natureza, relegando todas as outras experiências, mais ou menos explicitamente, ao domínio da poesia, da pontualidade estética, do *Erlebnis*. Para levar a cabo essa recuperação, é necessário substituir a noção de verdade como conformidade da proposição à coisa por uma noção mais abrangente que se funda no conceito de *Erfahrung*, de experiência como modificação que o sujeito sofre quando encontra algo que tem de fato relevância para si. Pode-se dizer que a arte é experiência de verdade se é experiência autêntica, isto é, se o encontro com a obra modifica realmente o observador”.

<sup>265</sup> SHEDD, Russel. *Justiça Social e Interpretação Bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 2013, p.192. “O cumprimento da regra de ouro, amando o próximo como a si mesmo, escreve Tiago, elimina a parcialidade, o racismo, ou o menosprezo do pobre na igreja”.

ser alcançada metodologicamente e que não explica a totalidade da realidade<sup>266</sup>. O fato de, neste trabalho, a verdade ser considerada como habitante do mundo estético, indica que ela pode ser conhecida dentro das limitações e condicionantes metodológicas, culturais, sociais, psicológicas.

A incessante busca da verdade pela filosofia demonstra a insuficiência do ferramental racional e metodológico para sua apreensão de forma plena<sup>267</sup>. Assim, adicionalmente aos mecanismos racionais, a verdade pode ser alcançada por meio do ambiente estético presente na existencialidade das pessoas. Isso democratiza a verdade para o acesso de qualquer pessoa e não se limita ao tratamento especializado da racionalidade filosófica ou mesmo teológica.

#### **4.2.2 - Camadas sociais, psicológicas e biológicas - Item 2**

O item 2 do modelo representa as demais componentes da pré-compreensão como a tradição, os imperativos sociais, familiares, educacionais, psicológicos, ou seja, aspectos que vão ancorar a existência na coletividade e na individualidade. É nesse item que a hermenêutica vai dar o toque personalíssimo ao entendimento e à compreensão do indivíduo. Estas camadas são partes constituintes do processo hermenêutico e, portanto, podem influenciar na interpretação que temos das coisas que acontecem ao nosso redor.

Exemplos psicológicos são abundantes. Pessoas psicóticas podem interpretar que seus parentes mais chegados como sua mãe, por exemplo, seja um inimigo, e vir a tirar-lhe a vida. O problema em seu ambiente psicológico resulta em um problema em seu mundo interpretativo. Isto é devido à organicidade

---

<sup>266</sup> HEIDEGGER, Martin. *Os conceitos fundamentais da Metafísica: Mundo-finitude-solidão*. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015b. p.19. “[...] É possível que em toda e qualquer situação só o essencialmente irrelevante seja demonstrável. Talvez o que possa ser demonstrado, e, por conseguinte, precise ser demonstrado tenha, no fundo, pouco valor. Mas se o filosofar diz respeito a algo essencial, então este algo pode e precisa ser consequentemente indemonstrável? [...] Com isto esbarramos na pergunta pela dubiedade da filosofia”.

<sup>267</sup> HEIDEGGER, 2015b, p.20. “Esta pressuposição de que a dubiedade poderia ser, por fim, fundamentalmente afastada por meio da delimitação do demonstrável remonta a uma pressuposição que se encontra em um nível mais profundo: a de que o demonstrável é em geral o essencial na filosofia. Mas é possível que isto seja um erro! Talvez somente o que é em essência insignificante seja demonstrável e todo este discurso sobre o que deve ser primeiramente demonstrado não carregue em si nenhum peso intrínseco”.

hermenêutica<sup>268</sup>, ou seja, o processo hermenêutico é afetado pelo aspecto psicológico devido à composição organicista da Hermenêutica<sup>269</sup>.

Importante salientar que a psicologia, em sua vertente cognitiva, tem incorporado o aspecto interpretativo em seus estudos, comprovando que esta área do conhecimento tem relação com o processo hermenêutico. O psicólogo e professor da Universidade de Brasília – UNB, Fernando González Rey, apresenta em suas obras o entendimento da psicologia com respeito à aplicação de sentido por parte de uma subjetividade como um evento cultural e histórico. É uma produção que permite articular todo um conjunto de processos simbólicos estreitamente ligado à emocionalidade humana. Declara que a colocação de sentido envolve a articulação de várias camadas da existencialidade dentro de um particular momento histórico<sup>270</sup>.

No pólo da recepção, quando o leitor vai extrair o significado do texto, este significado vai atingir sua existencialidade, cuja parte psicológica pode se constituir em impedimento na aceitação dos significados constantes do mundo do texto. Na área da Educação, esse aspecto é muito importante, pois o mundo vivencial do aluno pode ser um impeditivo para que o processo de aprendizagem ocorra de modo satisfatório. Para “destravar” um processo de aprendizagem, é importante não somente trabalhar aspectos cognitivos do processo de ensino e aprendizagem, mas também outros aspectos relacionados à particularidade existencial do aluno.

Além disso, precisamos aceitar o fato de que a nossa *psiquê* muitas vezes cria racionalizações para não aceitar aquilo que o texto nos expõe de forma clara. Muitas vezes isso ocorre devido a algum significado que venha de encontro às nossas crenças. Uma tentativa de aliviar as tensões causadas pela dissonância cognitiva. Não

---

<sup>268</sup> Como “organicidade hermenêutica” se quer referir à estrutura constituinte do processo hermenêutico em suas várias camadas de forma orgânica como apresentada no modelo como, por exemplo, a estética, a comunitária ou social, a psicológica entre outras.

<sup>269</sup> JOSSELSO, Ruthellen. *The Hermeneutics of Faith and the Hermeneutics of Suspicion*. Narrative Inquiry, 14 (1), 1-28. John Benjamins B.V. Amsterdam, 2004, p. 2. “Jerome Bruner (1990) distinguishes the narrative from the paradigmatic modes of understanding in psychology and explores the ways in which narrative modes of inquiry require analysis of meanings. In his view, the cognitive revolution in psychology was aimed at rejoining psychology with its ‘sister interpretive disciplines in the humanities and in the social sciences (p. 2)’ specifically anthropology, linguistics, hilosophy and history. Such a rapprochement reestablishes psychology as an interpretive discipline which means that it requires attention to its hermeneutic enterprise”.

<sup>270</sup> REY, Fernando Gonzalez. *O ensino e a aprendizagem – produção de sentidos e subjetividade*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e21TiC85ls8> . Acesso em: 30/10/2020 12'47". “A subjetividade é social, cultural e histórica, não por ser um reflexo e uma internalização, mas por ser um tipo de produção que permite integrar em um momento, em uma atividade, em uma experiência particular do homem todo um conjunto de processos simbólicos de natureza social, mas, na unidade estreita com a emocionalidade humana”.

podemos nos deixar levar pelas armadilhas que criamos no plano psicológico<sup>271</sup> e que vão influenciar no processo hermenêutico<sup>272</sup>.

Um exemplo claro dessas armadilhas psicológicas encontramos no texto do livro de Juízes capítulo 18 e versículo 30, em que a leitura tradicional cita que houve um sacerdote idólatra da tribo de Dã que era Jônatas, filho de Gerson, filho de Manassés. A veracidade do nome Manassés foi largamente discutida, pois o texto dos manuscritos massoréticos indica que ele foi alterado por meio da inserção de uma letra hebraica no meio do nome “Moisés”, no hebraico<sup>273</sup> transformando o nome Moisés em Manassés. Os estudos da Crítica Textual verificaram que esta alteração partiu da incapacidade de um copista em admitir que Moisés, o grande líder de Israel, pudesse ter um neto que fosse um sacerdote idólatra. Assim, alterou propositalmente o nome de Moisés para que fosse escrito Manassés. Verifica-se que, na tradução dos LXX, o texto grego manteve ainda o nome Moisés original. Algumas traduções mais modernas em língua portuguesa já corrigiram esse detalhe traduzindo corretamente para “Moisés”.

Silva S.M, em seu livro *Interpretação Sustentável* (2013), explica quais fatores psicossociais podem produzir um terreno fértil em uma comunidade para uma mudança de interpretação<sup>274</sup>. A depender dessas influências, uma nova interpretação pode aparecer, e isto, de acordo com nossa pesquisa é devido à organicidade do processo hermenêutico.

Husserl, em sua Fenomenologia, já reconhecia os efeitos dos aspectos psicológicos no entendimento da realidade. Esses aspectos podiam ofuscar o real

<sup>271</sup> JOSSELSO, 2004, p. 13. “The interpretive effort is to tear away the masks and illusions of consciousness, to move beyond the materiality of a life to the underlying psychic or social processes that are its foundation”.

<sup>272</sup> PELLETIER, 2006, p. 177. “Pelo aspecto da leitura confessional, sabemos das múltiplas intrigas que o inconsciente religioso é capaz de desenvolver para ocultar os dogmas do texto, quer dizer, tudo aquilo que vem sacudir o que acreditamos ser conveniente que Deus seja ou faça”.

<sup>273</sup> O texto de Jz 18.30 apresenta no texto massorético, ainda visível, a inserção da letra hebraica “nun” após a letra hebraica “mem” que transformou o nome originalmente escrito de Moisés para Manassés cp BHS – Bíblia Hebraica Stuttgartensia.

<sup>274</sup> SILVA, Sidney M. *Interpretação Sustentável: a descoberta dos fatores que fixam uma dada interpretação*. São Leopoldo: Oikos, 2013, p.75 e 76. “Estas variáveis identificadas como de números um a seis, se referem a: 1) ligação com aquele que impõe o comportamento numa relação autoridade-submissão; 2) envolvimento em um grande projeto; 3) aumento gradativo de pressão para o comportamento desejado; 4) transferência de responsabilidade; 5) conformidade; 6) desvalorização do outro. Portanto, as seis variáveis, quando presentes em um determinado contexto histórico, fertilizam o ambiente com estruturas psicossociais de onde poderão surgir novos comportamentos. [...] Ao final, é importante destacar que esta pesquisa a respeito das variáveis que contribuem para a solidificação de novas interpretações abre novos horizontes para investigações posteriores com detalhamento de fatos ainda não totalmente esclarecidos”.

sentido daquilo que se estuda, por isso ele estabeleceu o processo denominado de *epoché*, por meio do qual os processos psicológicos (principalmente o juízo) fossem deixados em suspensão para que o objeto de análise pudesse se revelar sem a interferência dessa camada psicológica<sup>275</sup>.

Schleiermacher, conforme dissemos na Introdução, entendia o processo hermenêutico como duas grandes etapas a percorrer partindo do intérprete: a etapa da análise gramatical, na qual se analisa o texto em si; a etapa psicológica, na qual se procura entender os aspectos subjetivos psicológicos do autor na tentativa de se compreender o autor em sua fonte geradora. Gadamer, quando discorre sobre isso, entende que considerar a parte psicológica da hermenêutica acaba se desviando do objetivo<sup>276</sup> de se considerar a “verdade” da compreensão<sup>277</sup>. Para Gadamer, o psicológico pode contaminar a verdade do processo hermenêutico. Entendemos que o esforço de Gadamer é semelhante ao de Husserl quando tenta expurgar sua fenomenologia dos aspectos psicologizantes criando sua *epoché*. Todas essas tentativas, embora tenham como propósito um caráter mais pedagógico do processo hermenêutico, se distanciam daquilo que acontece na realidade. A hermenêutica é um processo orgânico que articula os diversos aspectos da existência humana e não podem ser exercidos de forma independente.

Quanto aos aspectos sociais, estes são de vital importância e devem ser considerados, pois advêm da pré-compreensão onde se localizam as tradições e imperativos sociais. Por isso, muitas vezes reflete o caráter particular daquela sociedade. Este fenômeno não pode passar despercebido para um hermeneuta bíblico. Tomemos como exemplo a tendência iniciada no século XIX de atribuir ao

---

<sup>275</sup> FRECHEIRAS, Marta Luzie. *Hermenêutica Ontológica para principiantes*. KBR: Petrópolis, 2015, p.13. “Em sua intitulada Investigações Lógicas, Edmundo Husserl estabelece uma crítica contundente ao que denominamos, no sentido estrito, de ‘psicologismo’ – doutrina filosófica por meio da qual a Lógica e a Teoria do Conhecimento estariam subordinadas à psicologia experimental. Neste sentido, caso viéssemos a extrair alguma interpretação do texto bíblico a partir do uso das vivências psíquicas, tudo não passaria de psicologismo, de subjetivismo. [...] Sendo assim, embora admita a vigência do universal nas vivências psíquicas, Husserl crê que é necessário ‘peneirá-las’, isto é, livrá-las do psicologismo por meio da suspensão do juízo em que todos os conteúdos singulares e específicos presentes na vivência são submetidos à autocrítica, postos em questão, tais como formação cultural, sentimentos, traumas, neuroses, patologias, estrutura psíquica, entre outros”.

<sup>276</sup> GADAMER, 2013, p.497. “Na análise da hermenêutica romântica já tivemos a ocasião de ver que a compreensão não se funda no ato de transferir-se para o outro, numa participação imediata de um no outro. Como vimos, compreender o que alguém diz é pôr-se de acordo na linguagem e não se transferir para o outro e reproduzir suas vivências”.

<sup>277</sup> GRONDIN, Jean, 2008, p.30. “*La interpretación psicológica encarna sin duda el aspecto más original de Schleiermacher (Gadamer insistirá en esto, pero para criticar lo que considerará una deriva psicologizante que perdería de vista el objetivo de verdad de la comprensión)*”.

relato da criação no livro de Gênesis um aspecto científico. O cientificismo neste relato é fenômeno recente dada a apologia cristã contra o Evolucionismo. Devido a este fenômeno social recente, atribuiu-se ao relato da criação uma perspectiva científica para fazer frente à doutrina evolucionista criando-se a “Ciência da Criação”. Assim, muitos cristãos tomam, por exemplo, a expressão “segundo a sua espécie” em Gênesis no capítulo 1, como contraponto à evolução das espécies no Evolucionismo, esquecendo-se de que a palavra “espécie”<sup>278</sup> no texto bíblico não tem o mesmo significado de “espécie” no atual estudo de biologia<sup>279</sup>.

Não podemos esquecer que nos aspectos da pré-compreensão, que influenciam a Hermenêutica Existencial, está a tradição e os aspectos sociais, e estes aspectos podem sofrer pressões de manipulação de grupos dominantes que vão determinar um gosto literário específico pela sociedade, influenciando na maneira como um grupo social vê uma determinada obra<sup>280</sup>. Essas influências sociais foram estudadas pelo pesquisador alemão L.L. Schücking e apresentadas em sua obra *A Sociologia da Formação do Gosto Literário*. O resultado da atividade hermenêutica precisa levar em consideração os diversos aspectos que formam o processo hermenêutico, para não cair na tentação de se considerar que a estética é o único fator determinante de significado no lado existencial da hermenêutica. Embora a estética seja uma balizadora ou referencial para a validação de uma dada interpretação existencial, ela não é determinante do significado que resultou de uma dada interpretação, pois é necessário considerar essas pressões entre as diversas

---

<sup>278</sup> Vem do hebraico “mimenu” do seu tipo, ou seja, se voa, se rasteja ou se é do mar.

<sup>279</sup> Sobre esse tipo de leitura bíblica Severino Croatto a chama de concordista, pois, quer forçar uma concordância histórica e científica com os relatos bíblicos. CROATTO, 1984, p.9. “É verdade que a busca por ‘sintonias’ entre a Bíblia e o contexto atual (cultural, mas sobretudo sócio-histórico) pode ser um ponto de partida para explorar a validade daquela para o homem de hoje. O que realmente é empobrecedor é o concordismo histórico e científico, que consiste em querer confirmar a Bíblia com determinadas descobertas das ciências modernas (por exemplo, as grandes eras geológicas e os dias da criação do mundo) ou então equiparar fatos históricos da Bíblia e de hoje. No primeiro caso, tal confirmação não existe; em ambos se esvazia o texto sagrado de seu conteúdo querigmático, tornando inútil qualquer tentativa hermenêutica para explorar o sentido mais profundo do texto. E pensar que a leitura concordista da Bíblia tem sido tão comum, inclusive no âmbito do fazer teológico sistemático!”

<sup>280</sup> ZILBERMAN, Regina. *Estética da Recepção e História da Literatura*. Porto Alegre: Editora Uniritter, 2015, p. 29. “Conforme explica o pesquisador, os criadores por muito tempo, sofreram as influências dos interesses dos grupos no poder que os sustentavam financeiramente. Com as mudanças ocorridas depois do século XVIII, uma delas sendo a consolidação do público burguês, dá-se a emancipação do escritor; porém, este não pode fugir demasiadamente do gosto dominante que é sobretudo o da camada dirigente. Além disso, a sociedade dispõe de mecanismo que facilitam ou inibem a difusão de uma obra ou de um autor; analisa então as agências formadoras de gosto, relacionadas, acima de tudo, à crítica literária e à escola, concluindo que esta desempenha o papel mais determinante”.



camadas da existencialidade.

Os aspectos educacionais na influência da pré-compreensão é um fator de suma importância quando tratamos da Teologia. Tomemos, como exemplo, o texto bíblico em Hebreus capítulo 6 versículos 4 a 6<sup>281</sup>. O autor explicitamente declara que uma vez que alguém participou da salvação, e recaiu, não há mais salvação para este, isto porque, no entendimento do autor, ele estaria crucificando Cristo novamente e Cristo só morreu uma vez. Esse pensamento do autor é confirmado no mesmo livro de Hebreus no capítulo 10 versículo 26, quando ele declara que se pecarmos voluntariamente depois de termos conhecido a verdade já não há mais sacrifício para nos salvar<sup>282</sup>. Devido a esse pensamento, ele se aproveita da comparação com Esaú e Jacó, para nos advertir que Esaú, mesmo chorando, não conseguiu mais reverter sua situação<sup>283</sup>.

O exemplo acima nos mostra que o autor bíblico estava condicionado pela sua teologia na qual tradicionalmente havia sido educado. Este conhecimento tradicional vem da sua pré-compreensão presente na sua hermenêutica existencial. Porém o elemento moderador da Hermenêutica Existencial é seu aspecto estético, que traz a beleza do mundo espiritual de forma universal. É no aspecto estético da Palavra que devemos buscar o “belo” universal e compararmos com os diversos pensamentos, muitas vezes particulares e condicionados a uma determinada educação.

Não há espaço nesta obra para tratarmos longitudinalmente do assunto da salvação em todo o texto bíblico, mas a resposta estética sobre esse assunto podemos resumir nas palavras do salmista; *a um coração contrito tu não desprezarás, oh Deus.*<sup>284</sup> Deus não despreza aquele que vem a Ele verdadeiramente arrependido. O escrito do autor de Hebreus, portanto, é um escrito bíblico que reflete a

---

<sup>281</sup> Hb 6.4-6. “Porque é impossível que os que já uma vez foram iluminados, e provaram o dom celestial, e se fizeram participantes do Espírito Santo, e provaram a boa Palavra de Deus, e as virtudes do século futuro, e recaíram, sejam outra vez renovados para o arrependimento, pois assim, quanto a eles de novo crucificam o Filho de Deus e o expõem ao vitupério”. (ARC)

<sup>282</sup> Epístola aos Hebreus. In: A BÍBLIA Sagrada. Tradução João Ferreira de Almeida. ed. rev. e corrigida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1989. Hb 10.26. “Porque se pecarmos voluntariamente depois de termos recebido o conhecimento da verdade já não resta mais sacrifício pelos pecados”.

<sup>283</sup> Epístola aos Hebreus. In: A BÍBLIA Sagrada. Tradução João Ferreira de Almeida. ed. rev. e corrigida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1989. Hb 12.16-17. “Ninguém seja fornicário, ou profano, como Esaú que por um manjar vendeu o seu direito de primogenitura. Porque bem sabeis que, querendo ele ainda depois herdar a benção, foi rejeitado, porque não achou lugar de arrependimento, ainda que com lágrimas o buscou”.

<sup>284</sup> Livro de Salmos. In: A BÍBLIA Sagrada. Tradução João Ferreira de Almeida. ed. rev. e corrigida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1989. Sl 51.17 “Os sacrifícios para Deus são o espírito quebrantado; a um coração quebrantado e contrito não desprezarás, ó Deus”.

hermenêutica própria da educação teológica do autor.

Entendemos que o texto em apreço apresenta um efeito da Hermenêutica Existencial do autor, mais especificamente de sua tradição, sobre o texto advindo de sua educação teológica própria e que pode ser moderado mediante recurso aos aspectos estéticos da Palavra. Isso, longe de ser um caso atípico, é o caso normal do processo hermenêutico ao qual estão submetidos todos os seres humanos. Deus utilizou os seus santos profetas na condição de pessoas normais. Portanto, todo aquele que lida com a hermenêutica bíblica precisa estar consciente desse fenômeno.

Outro fator importante que faz parte de uma camada orgânica da hermenêutica e, portanto, a afeta diretamente é o fator biológico. O processo hermenêutico será afetado por aspectos biológicos, dado que a hermenêutica, pela sua organicidade, perpassa toda a estrutura do indivíduo. Uma pessoa com problemas biológicos, em seus neurotransmissores, pode desenvolver depressão. Este estado biológico de saúde irá afetar os aspectos hermenêuticos do indivíduo de forma que este passará a interpretar os aspectos da vida de forma negativa. Assim, após o tratamento psiquiátrico, embora todos os demais aspectos da vida permaneçam constantes, a interpretação mais otimista de sua existência comprova a influência que as condições biológicas do indivíduo têm na compreensão e interpretação da vida.

Importante destacar que os itens 2 e 3 do modelo hermenêutico integrador consideram o polo de autoria como parte integrante do processo hermenêutico. Atualmente a hermenêutica é vista como um processo que coordena as operações interpretativas pelo aspecto do receptor, ou seja, no caso de um livro escrito, pela ótica do leitor. Mas a autoria também é uma parte do modelo hermenêutico e, por isso, incluída de forma inovadora neste modelo que integra os diversos processos. Esse assunto será visto com detalhes adicionais no item 5.1.1.

#### **4.2.3 – Camadas racional, conceitual e lógica – Item 3**

O item 3 do modelo constitui a parte racional, conceitual e lógica. O indivíduo abastecido com a possibilidade advinda o mundo estético, aprovada pela sua compreensão individual da existência, vai agora traduzir o significado para o mundo sensível e material mediante a incorporação de uma camada racional para poder ser apreendido por outros, no caso de um escrito, a elaboração do texto. Esse mundo racional é o que traz os meios pelos quais as possibilidades advindas do mundo

existencial do indivíduo tenham curso no mundo material que possui as suas leis de causa e efeito bem estabelecidas<sup>285</sup>.

Interessante notar que o filósofo francês Jean Paul Sartre, na sua pesquisa sobre o levantamento de uma teoria para as emoções, salienta que é necessário recorrer à “essência” e a partir dela elaborar uma base conceitual sobre as emoções sobre a qual a psicologia das emoções poderá ser formulada<sup>286</sup>. Em outras palavras é necessário que o mundo estético estabeleça as possibilidades e a essência do fenômeno “emoção” para só então elaborar o fenômeno em forma conceitual sobre a qual poderá trabalhar a razão e conseqüentemente as pesquisas<sup>287</sup>. Isso, por exemplo, significa que antes de elaborarmos a expressão em forma linguística e conceitual, mediante o uso racional da Gramática racionalizando o pensamento, a compreensão já terá sido realizada<sup>288</sup>.

Este fenômeno está de acordo com os processos biológicos relacionados à fisiologia da linguagem. Há regiões no interior do córtex cerebral onde se processam o pensamento de forma “compreensiva” e abstrata sem o recurso da linguagem. Só a partir da elaboração do pensamento nessas regiões o cérebro, as áreas cerebrais de Broca e Wernick vão, então, codificar o pensamento abstrato em alguma forma linguística. Isso mostra que a biologia acompanha o entendimento de que o processo compreensivo vem antes do processo de racionalização necessário à codificação daquilo que queremos expressar exteriormente e de forma comum para acesso por

---

<sup>285</sup> KORTNER, 2009, p.84. “Por querer chegar ao entendimento, uma explicação pressupõe uma possível compreensão”.

<sup>286</sup> SARTRE, 2018.p.20-21. “[...] é preciso inclusive reconhecer que somente as essências permitem classificar e inspecionar os fatos. Senão recorrêssemos implicitamente à essência da emoção, ser-nos-ia impossível distinguir, em meio à massa dos fatos psíquicos, o grupo particular dos fatos da emotividade. Assim a fenomenologia, prescreverá, já que afinal recorreremos implicitamente à essência da emoção, fazer um recurso explícito a ela e fixar de uma vez por todas, por conceitos, o conteúdo dessa essência. Compreende-se bem que, por ela, a ideia de homem não poderia tampouco ser um conceito empírico, produto de generalizações históricas, mas que temos necessidade de utilizar, sem dizê-lo a essência *a priori* de ser humano para dar uma base um pouco sólida às generalizações do psicólogo”.

<sup>287</sup> HEIDEGGER. Martin *Ontologia: Hermenêutica da Facticidade*. Petrópolis: Vozes, 2013, p.8. “Somente com a fenomenologia surge um conceito adequado para a investigação. Ontologia da natureza, ontologia da cultura, ontologias materiais: tais são as disciplinas nas quais se realça, em função de seu caráter temático-categorial, o conteúdo objectual dessas regiões. [...] Em contrapartida, porém, somente a partir da fenomenologia é possível levantar a ontologia correspondente sobre uma base problemática firme e manter-se num caminho adequado”.

<sup>288</sup> LIMA, 1979. p.47. “O prazer estético implica uma atividade de conhecimento, embora distinta do conhecimento conceitual”.

outras pessoas<sup>289</sup>. É a segunda referência (ou nó) comum a todas as pessoas do processo hermenêutico como anteriormente comentado.

O processo de codificação externa da compreensão coloca de forma pública, para o escrutínio de todos, o que era antes um pensamento abstrato advindo da compreensão individual. Esse código racional linguístico é a referência sobre a qual o processo interpretativo se realizará e condiciona as possibilidades de interpretação. É a face tradicional da hermenêutica. Lembremos que o outro nó que referencia o processo hermenêutico de todas as pessoas está na área estética em sua universalidade existencial. Assim, o processo hermenêutico indicado pelo modelo é “preso” em duas pontas: a da universalidade estética, atemporal e suprarracional; e a da materialidade, com sua racionalidade objetivante. A primeira é a referência para validação da interpretação na face existencial da hermenêutica e a segunda é a referência para validação da interpretação na face tradicional. Estes dois “nós” estão interligados em um mesmo processo hermenêutico e, entre esses, existe toda a dinâmica indicada nesta pesquisa, conforme o modelo apresenta.

O modelo integrador para o processo hermenêutico, apresentado nesta pesquisa, leva em consideração esses dois nós referenciais para sua correta aplicação. Assim, os fatos da vida reclamam por uma solução que deve ser encontrada mediante a aplicação correta da hermenêutica. É importante destacar que as visões recentes sobre o processo hermenêutico tendem a localizar sua referência somente a partir da objetividade dos fatos históricos do presente<sup>290</sup>. Porém, sem a

---

<sup>289</sup> ROHDEN, L. *Sobre o sentido*. Veritas, 50(2), 292-303. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1984-6746.2004.2.34569>. Acesso em: 10/5/2021. Porto Alegre, 2004, p.299. “O sentido só é possível ser instaurado, por um lado, graças à sua ação pré-reflexiva ou antepredicativa e, por outro, porque ele se mostra como um não-dito ou indizível que procuramos palavrear. Nomeá-lo não significa esgotá-lo em palavras. [...] De modo que o sentido – sua compreensão e a explicitação do sentido – não se submete ao olhar neutro do sujeito observador assim como recusa ser tratado como uma entidade objetiva; seja porque somos finitos, seja porque o sentido se converte sempre em linguagem que é o *medium* no qual somos e sobre o qual não temos domínio total”.

<sup>290</sup> BERGER, 1999, p.16. “Por isso, diferentemente de outros enfoques hermenêuticos (por ex. o de Hans Weder), a revelação ou a fé não são tomadas como ponto de partida da reflexão hermenêutica. Dito de modo mais claro: o problema da hermenêutica teológica não consiste no fato de existir uma Bíblia necessitando de tradução, mas no fato de diante de Deus existirem pessoas que necessitam de redenção em sentido amplo. Não se trata da tentativa de, de certo modo, auxiliar a Palavra de Deus a se impor no atual momento porque ela não conseguiria fazer isso por si mesma. Aplicação não significa ter de ser, sobretudo, advogado da palavra soberana de Deus, ser seu precursor e pioneiro, assegurar seu direito e colocá-la sobre suas próprias pernas. Por isso, também não se trata de procurar de todas as maneiras que um texto se manifeste completamente, pois isto também poderia ter, na respectiva situação, consequências negativas imprevisíveis. O ponto de partida é, antes, a evidência resultando do apelo da situação – do qual também a Escritura com sua autoridade pode fazer parte – e a necessidade de agir que daí procede (o que não significa que sempre se possa achar, para um apelo evidente, uma resposta igualmente evidente)”.

componente estética que vai dar a flexibilização necessária para encontrar a solução, e na compreensão de que o texto bíblico não trata todas as questões completamente, a busca por outro ponto de apoio para suprir essas lacunas poderá resultar em uma compreensão deficiente (compreensão entendida aqui no sentido Gadameriano, que inclui a interpretação e aplicação). Mesmo aqueles que adotam a visão da referência hermenêutica a partir da objetividade dos fatos da vida, também entendem que é preciso algo mais de sensibilização pessoal para o correto compreender<sup>291</sup>. Assim, pelo modelo apresentado, as lacunas do texto bíblico para tratar as demandas atuais não são supridas por adoção de um outro “lugar teológico”, mas pela utilização da camada estética do processo hermenêutico, conforme apresentado nesta pesquisa.

#### **4.2.4 - A objetivação do entendido – Item 4.**

O item 4 do modelo representa a obra realizada na qual o autor corporifica objetivamente a estética ou a essência. Pode ser um texto escrito, uma escultura, uma pintura, ou quaisquer outras realizações dentro do ambiente material e do mundo sensível. Conforme vimos, a objetivação da ideia do autor vai inserir nela aspectos essenciais ou estéticos conforme tratados na estética de Hegel. Quanto maior a capacidade do autor de objetivar essa estética em sua obra mais ela vai se tornando universal. Daí o conceito de “belas artes”.

Com a inauguração dos estudos da linguística com Ferdinand de Saussure, o foco da hermenêutica passou a ser o texto. Elaboraram-se as abordagens estruturalistas e, posteriormente, a pós-estruturalista. O texto passaria a ter uma importância maior na transmissão de significados.

Toda a materialização, tanto de uma arte bela como uma obra utilitária, passa pela objetivação dos aspectos existenciais. É essa objetivação que faz com que possamos transmitir aos outros os significados advindos do mundo existencial. Tendo roupagens diversas, quer por meio do código linguístico do texto, quer por uma

---

<sup>291</sup> BERGER, 1999, p.17-18. “A percepção de situações, na verdade, não acontece sem antecedentes, mas pressupõe a educação para a sensibilidade, como ela pode em parte, muito bem ter sido transmitida no marco da história dos efeitos produzidos pelo cristianismo [...] Trata-se, então, de um etos muito geral uma espécie de sensibilidade elementar para aquilo que a rigor seria humano. [...] Pelo visto, esse fenômeno só é captado de modo claro onde ele começa a ser questionado, como é o caso da Europa ocidental. Em todo o caso, o importante é que quem produz a aplicação pressupõe antes, uma percepção sensível da situação. Esse tipo de percepção já poderia ter sido transmitido pelo cristianismo como senso para a solidariedade humana e a liberdade”.

expressão musical ou outra expressão artística, quer por meio da produção de algum bem, toda a materialização requer um processo hermenêutico que venha dos aspectos existenciais e que seja codificado para entendimento racional do mundo comum da vida. Dessa forma, problemas de entendimento do código, tanto na área da semiótica<sup>292</sup> como na área da semântica<sup>293</sup>, causam problemas de compreensão da parte receptora.

Uma vez tendo sido escolhida a possibilidade apresentada pela estética, o conteúdo estético se objetiva mediante a formulação racional para se adequar às limitações do mundo sensível objetivo e positivo<sup>294</sup>. O conteúdo estético será revestido das camadas tradicionais, culturais, educacionais e demais componentes da parte existencial, e da camada física / biológica / material, camadas estas necessárias para ter expressão contextualizada no mundo sensível. Por último, para efeitos de comunicação intersubjetiva, todo este conteúdo ainda é revestido pela camada do código linguístico para possibilitar a comunicação intersubjetiva<sup>295</sup>.

---

<sup>292</sup> A semiótica trata do significado do signo em sua forma individual, como diz Ricoeur estuda as partes constitutivas da linguagem. RICOEUR, 1976. p.8. "Semiotics, the science of signs, is formal to the extent that it relies on the dissociation of language into constitutive parts".

<sup>293</sup> A semântica trata do sentido do conjunto de signos em seu arranjo final. Na escrita é o sentido dos sintagmas. VANHOOZER, 2005, p.238. "Há muito tempo, Platão concluiu que as palavras por si sós não são nem verdadeiras nem falsas; mas as orações — a linguagem em uso, a linguagem como discurso — unem as palavras 'em uma síntese que vai além das palavras'. Em outros termos, a oração é mais do que a soma de suas partes e introduz um nível de complexidade e de singularidade que não pode ser descrito pela semiótica. Ricoeur vê a semiótica e a semântica como 'as duas ciências que correspondem aos dois tipos de unidades características da linguagem, o signo e a oração'. Nesse sentido, Ricoeur expressa a diferença fundamental entre semiótica e semântica: 'Para mim, a distinção entre semântica e semiótica é a chave para todo o problema da linguagem'. Em suma, a semântica é o estudo das orações, isto é, da linguagem usada em situações específicas".

<sup>294</sup> Em sua obra, Umberto Eco reconhece que os aspectos estéticos são transmitidos mediante signos referenciais que transmitem significados conotados, que na verdade, são os aspectos objetivos da linguagem: ECO, Humberto. 2015, p.115. "Chegados ao limiar da realização estética, tomamos assim consciência de que a esteticidade não está mais do lado do discurso emotivo do que do lado do discurso referencial; a teoria da metáfora, por exemplo, prevê um rico uso de referências. O emprego estético da linguagem (a linguagem poética) implica, portanto, um uso emotivo das referências e um uso referencial das emoções, pois, a realização sentimental manifesta-se como realização de um campo de significados conotados".

<sup>295</sup> Todos os recursos linguísticos necessários serão utilizados nesta tentativa de objetivas o estético. Conforme a Teoria dos atos da fala de J.L Austin existem recursos ilocucionários e perlocucionários que juntos com as possibilidades gramaticais vão dar mais flexibilidade ao autor para objetivação de seu pensamento. VANHOOZER, 2005, p.245. "Austin distingue três coisas diferentes que fazemos com as palavras, três tipos de atos linguísticos: (1) o ato locucionário: enunciar palavras (e.g., dizer a palavra 'olá'); (2) o ato ilocucionário: o que fazemos ao dizer alguma coisa (e.g., cumprimentar, prometer, ordenar etc.); (3) o ato perlocucionário: o que provocamos ao dizer alguma coisa (e.g., persuadir, surpreender). Enquanto a locução diz respeito a um sistema de signos ou langue, as ilocuições e perlocuições estão relacionadas com orações, com a linguagem em ação ou parole. A noção de ato ilocucionário possibilita a Austin distinguir entre o conteúdo daquilo que

#### 4.2.5 - A racionalização do receptor – Item 5.

O item 5 trata dos aspectos racionais do leitor, ou mais genericamente do receptor. Por meio desses aspectos, o receptor irá decodificar a obra pelas regras da gramática, ou das leis das ciências exatas, dependendo da natureza da obra que ele esteja investigando. Para se chegar à essência que o objeto possui, colocado pelo autor, foram elaboradas metodologias fenomenológicas como as de Immanuel Kant, Edmund Husserl e Heidegger bem como mecanismos de dialética associadas à lógica. O detalhamento desta componente do modelo hermenêutico é visto com mais intensidade no item 5.1.3 – Foco na recepção.

Enquanto no polo de autoria a racionalização visa à objetivação do pensamento, na recepção, a racionalização do leitor visa à decodificação do significado contido no texto. Cabe lembrar que nem todo o significado pretendido pelo autor consegue ser objetivado no texto, isto é devido às próprias limitações do código linguístico ou da habilidade do autor. Sempre haverá um excedente de significado não transmitido. No diálogo, esse excedente que ficou omitido poderá se externalizar na interação seguinte com o interlocutor, mas na escrita não há essa interação. Dessa forma, tem-se a condição de separação entre o que o autor intentou transmitir e o que o texto realmente está transmitindo<sup>296</sup>. Este ponto é muito importante enfatizar, pois, na limitação do sentido que o autor intentou inserir no texto, devido às limitações do código linguístico, o Desconstrucionismo passou a alegar a total incapacidade de conhecermos a intenção e o sentido que o autor quis transmitir<sup>297</sup>.

---

dizemos (e.g., o sentido e a referência de nossa oração) e sua força (isto é, como estamos usando o conteúdo de nossa oração para fazer). Acredito que a noção importantíssima de ilocução proposta por Austin exige que concedamos destaque ao papel do falante (ou do autor) como agente. O falante é um fazedor. [...] William Alston enfatiza a importância da descoberta de Austin: Se essa é a linha por onde o significado deve ser analisado, então o conceito de um ato ilocucionário é o conceito mais fundamental na semântica e, daqui em diante, na filosofia da linguagem”.

<sup>296</sup> RICOEUR. Paul. *Do texto à ação*. Ensaios de Hermenêutica II. Porto: RES-Editora. Disponível em: [ricoeurdotextoaacao.pdf](http://ricoeurdotextoaacao.pdf) (wordpress.com) .Acesso em: 18/05/2021. p.118. “Que acontece ao discurso quando passa da tala à escrita? À primeira vista, a escrita parece introduzir apenas um facto r puramente exterior e material: a fixação que coloca o acontecimento de discurso ao abrigo da destruição. Na realidade, a fixação é, somente, a aparência externa de um problema singularmente mais importante, que atinge todas as propriedades do discurso que enumerámos atrás. Acima de tudo, a escrita torna o texto autónomo em relação à intenção do autor. O que o texto significa já não coincide com aquilo que o autor quis dizer. Significação verbal, quer dizer, textual, e significação mental, quer dizer, psicológica, têm, doravante, destinos diferentes”.

<sup>297</sup> Vanhoozer discorre sobre a distinção de entendimento entre Searle e Derrida a respeito da possibilidade de conhecimento das intenções do autor e conseqüentemente reconhecimento de significado e moral. VANHOOZER, 2005, p.249. “Searle pode não achar que a desconstrução é filosofia séria, mas ele acha que Derrida está abordando um problema sério e cometendo um erro

O modelo hermenêutico apresentado reconhece que há um excedente de significado que não foi transmitido ao texto pelas suas próprias limitações, porém, isso não inviabiliza a possibilidade de entendimento do propósito e intenções do autor pelo conteúdo que foi possível transmitir. A identificação desse conteúdo, inclusive, é uma das formas de extrairmos o conteúdo estético da mensagem que vai ser transmitido para outros contextos vivenciais.

No âmbito do leitor, as lacunas de significado presentes no texto serão preenchidas pela sua existencialidade<sup>298</sup>, que se utiliza para isso, da natureza polissêmica dos códigos linguísticos<sup>299</sup>, daí a interpretação ter sempre um grau de variabilidade e perspectivismo. O texto se abre ao leitor pela natureza polissêmica da língua, mas a escolha de sentido dentro dessa abertura vem da face existencial do leitor<sup>300</sup>, há, portanto, uma espécie de fechamento ou clausura de sentido<sup>301</sup>, sem a

---

sério. O problema é se conhecimento, significado e moralidade possuem ou não fundamentos. Derrida percebe corretamente que os diversos candidatos — dados dos sentidos, lógica, consciência — não conseguem fornecer fundamentos, pois já estão sempre ‘contaminados’ pela linguagem. Ele acredita que a filosofia dos atos de fala apoia-se em diversas distinções (e.g., uso ordinário vs. anormal da linguagem) que são abaladas pela recursividade do signo. Ainda assim, o erro de Derrida é concluir que, pelo fato de não haver fundamentos certos para determinar a intenção do autor, também não exista conhecimento nem significado. Em outras palavras, Derrida nos pede que escolhamos entre a alternativa da certeza absoluta e o total ceticismo. Searle repreende a Derrida por incorrer repetidamente na falácia do preto ou branco: A menos que uma distinção possa se tornar rigorosa e precisa, sem casos marginais, ela não é, de forma alguma, uma distinção. Podemos não ser capazes de ‘verificar’ que um falante tenha uma intenção específica, mas, diz Searle, podemos sabê-lo ‘de todos os tipos de forma’. Nosso conhecimento dos atos de texto pode não estar fundamentado em certezas metafísicas, mas isso não significa que não tenha qualquer base. O conhecimento literário é baseado em uma complexa rede de práticas sociais e linguísticas”.

<sup>298</sup> ROHDEN, 2004, p.296. “Sobre a interpretação de obras filosófico-literárias podemos dizer que pretensão de arrancar o sentido oculto, decifrá-las ou abordá-las estruturalisticamente significa destruir o mistério e seus espaços de indeterminação. São justamente os espaços de indeterminação, as lacunas dos textos, que permitirão ao leitor a instauração de sentido quando confrontá-los”.

<sup>299</sup> CROATTO, 1984, p.18. “De fato, toda leitura é produção de um discurso e, portanto, de um sentido, a partir do texto. Não se lê um sentido, mas sim um texto, um relato numa operação que coloca em ação a competência deste, estudada pela semiótica. Desta maneira, o texto se abre para diferentes organizações seletivas. Por um lado, a mesma análise estrutural do relato (programa narrativo: ações, funções) e do discurso (eixos semânticos, quadrado semiótico, verificação etc.), enquanto organização de um sentido em meio a outras possibilidades das palavras ou temas de uma determinada sociedade ou cosmovisão não dá resultados matemáticos senão que se diferencia segundo distintas combinações efetuadas. Acontece que a linguagem mesma combina tantos elementos sêmicos que nenhuma análise pode manifestá-los por completo”.

<sup>300</sup> Wolfgang Iser, em sua obra *O Jogo do Texto*, ressalta que extrair um significado do texto é como realizar um jogo no qual o sentido está ancorado na estrutura antropológica do leitor mostrando o que somos. ISER, W. *O jogo do texto*. In: *A Literatura e o leitor: textos de estéticas da recepção*. Tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p.109 – 110. “Uma resposta à última questão só pode ser interpretativa pois que o jogo, aparentemente, **é fundado em nossa constituição antropológica** e pode, com efeito, nos ajudar a captar o que somos” (grifo nosso).

<sup>301</sup> CROATTO, 1984, p.21. “O ‘referente’ de um texto é um fechamento de sentido no próprio momento de sua produção. Um texto, como toda linguagem em ação, somente pode comunicar uma



qual é impossível dizer algo sobre algo<sup>302</sup>. A referência objetiva da codificação linguística não é suficiente para suprir a necessidade de integralidade de sentido sendo suplementada pelo leitor<sup>303</sup> pela face existencial da hermenêutica<sup>304</sup>. Esta variabilidade complementada pela existencialidade do leitor não está “solta” e sem referencial, mas presa a outra ponta de referência do processo hermenêutico, a estética. Assim, tanto nos aspectos objetivos como nos aspectos existenciais, o modelo hermenêutico apresentado demonstra que há pontos referenciais comuns que delimitam as interpretações possíveis<sup>305</sup>.

#### 4.2.6 - A existencialidade do receptor – Item 6.

O item 6 do modelo se refere aos aspectos existenciais do receptor. A tradição, educação, religião, imposições sociais que vão dar um caráter particular no entendimento do leitor àquela obra. Cabe destacar que de dentro desses aspectos existenciais projeta-se a estética<sup>306</sup>, que possui um caráter universal e que, por isso,

---

mensagem através de alguma forma de clausura que lhe imprime justamente o ‘referente’ extralinguístico, aquilo a que o texto se refere para dizer algo a alguém. Em contraposição, o próprio texto, enquanto estruturação, de significantes e significados que geram sentido, é polissêmico e demonstra uma tendência muito forte a não reter o ‘referente’ histórico, sobretudo nos textos religiosos e naqueles que são interpretados uma e outra vez”.

<sup>302</sup> CROATTO, 1984, p.14. “Pois bem, no ato do discurso - no ‘ato de fala’ - deve haver clausura atual da polissemia potencial das palavras ou das frases. Do contrário é impossível falar, a não ser que se mantenha uma polissemia deliberada, como na poesia ou na linguagem simbólica. Mesmo neste caso, o contexto - e em todo caso o diálogo entre os interlocutores - ajuda a ‘fechar’ o sentido de uma palavra ou de uma proposição. Do contrário, o discurso já não é mais um ‘dizer algo sobre algo’. E esta é a intenção de quem fala, escreve uma carta a um amigo ou relata uma história a seus ouvintes”.

<sup>303</sup> ISER. 1979, p.110. “Em termos de texto, um análogo é um ‘suplemento’ em termos do receptor, é a pauta que o habilita a conceber o que o texto esboça. Mas, no momento em que isto se torna concebível, o receptor tenta atribuir significação ao ‘suplemento’ e todas as vezes que isto suceda o texto é traduzido nos termos à disposição do leitor individual, que encerra o jogo do significante fraturado ao bloqueá-lo com um significado”.

<sup>304</sup> Estes dois aspectos que interagem o processo de leitura, ou seja, o aspecto de abertura do mundo do texto e o aspecto de abertura da existencialidade do leitor que se encontram no processo de leitura é denominado em Jauss de “efeito” e “recepção” respectivamente. JAUSS, 1979. p.73. “[...] para a análise da experiência do leitor ou da ‘sociedade de leitores’ de um tempo histórico determinado, necessita-se diferenciar, colocar a estabelecer a comunicação entre os dois lados da relação *texto e leitor*. Ou seja, entre o *efeito*, como o momento condicionado pelo texto, e a *recepção* como o momento condicionado pelo destinatário, para a concretização de sentido como duplo horizonte – o interno ao literário, implicado pela obra, e o mundivivencial trazido pelo leitor de uma determinada sociedade”.

<sup>305</sup> BRIZOTTO, 2013, p.111. “Necessitamos fazer uma observação fundamental para essa tese: a **leitura pressupõe o que está no texto** e aquilo que o **leitor traz como experiências anteriores**, situando-se a subjetividade variável do leitor, a qual **depende de sua experiência pessoal**” (grifo nosso).

<sup>306</sup> ZAPPONI, p.2. “A materialidade do texto, o preto no branco do papel só se transforma em sentido quando alguém resolve ler. E, assim, os textos são lidos sempre de acordo com uma dada

se interliga, em sua natureza, à estética dos demais indivíduos. Assim, no plano físico, a racionalidade interliga os fenômenos do mundo sensível entre todos os seres humanos. No plano existencial, é a estética que tem essa função.

Assim, no lado da recepção, a camada do código linguístico é decodificada extraindo a sua mensagem (como diria Ricoeur, o mundo do texto se abre ao receptor) na qual está incluída aspectos existenciais. Os aspectos culturais e demais aspectos existenciais inseridos na mensagem pelo autor serão contrastados com a do receptor o qual poderá se localizar em outra região, cultura ou tempo, podendo haver uma acomodação<sup>307</sup> ou assimilação<sup>308</sup> à mensagem transmitida (conforme Piaget). Os aspectos estéticos representam os pontos de identificação existencial entre ambos (autor e receptor), pois, como visto, estes aspectos têm natureza de universalidade. É por isso que Gadamer nos informa que quando a arte nos fala por meio de sua linguagem estética, a pessoa tem um encontro consigo mesma pois descobre algo de sua própria existencialidade<sup>309</sup>.

Neste ponto, é importante destacar que Hans Robert Jauss quando explicita a atuação da obra na experiência estética no receptor, destaca a importância da camada psicológica como uma antessala para sua atuação, pois sua atitude

---

experiência de vida, de leituras anteriores e num certo momento histórico, transformando o leitor em instância fundamental na construção do processo de significação desencadeados pela leitura de textos (sejam eles literários ou não). E é esse leitor com novo status, o principal elemento da Estética da Recepção. Embora com nuances diferenciadas, pode-se dizer que as várias vertentes da Estética da Recepção é recuperar a experiência de leitura e apresentá-la como base para se pensar tanto o fenômeno literário quanto a própria história literária. Em suma, trata-se de uma estética fundada na experiência do leitor (saliente-se que a palavra 'leitor' tem diferentes sentidos para os diversos representantes da estética da recepção), como se verá com mais detalhes adiante”.

<sup>307</sup> MELO, Tatiane Coutinho Vieira de. *Teoria do desenvolvimento cognitivo de Piaget e sua interface com a terapia cognitivo-comportamental familiar*. Dissertação de Mestrado. 139 f. Universidade Federal de Uberlândia. 2011, p.26. “A acomodação é a criação de novos esquemas ou a modificação de velhos esquemas. Ambas as ações resultam em mudanças na estrutura cognitiva (esquema) ou no seu desenvolvimento. O indivíduo é impelido a transformar seu esquema a fim de acomodar aqueles novos estímulos que não conseguia assimilar. Portanto, a acomodação promove um crescimento qualitativo e a assimilação um crescimento quantitativo, assim os dois são responsáveis pela adaptação intelectual e o desenvolvimento das estruturas mentais”.

<sup>308</sup> MELO, 2011, p.25. “A principal importância da assimilação encontra-se na ideia de significação, levando em consideração que assimilar é atribuir significado. A outra importância abrange a ação, tendo em vista que a assimilação envolve agir sobre os objetos ou eventos. Podemos resumir assim a ideia de Piaget: todo conhecimento abarca significação e ação, i.é., assimilação (Piaget, 1973/2003; Lampreia, 1992). Dessa maneira não há assimilação pura, pois, ao incorporar novos dados ocorre simultaneamente um ajustamento ou acomodação dos esquemas às novas informações”.

<sup>309</sup> GADAMER. Hans-Georg. *Estética y Hermenéutica*. Trad. de José Francisco Zúñiga García. Daimon, (12), 5-12. Obtido de <https://revistas.um.es/daimon/article/view/8311>. Título original *Ästhetik und Hermeneutik*. Acesso em: 25/04/2021. p.8. “La obra de arte que dice algo, nos confronta con nosotros mismos. Esto quiere decir que enuncia algo que, tal y qual se dice en ella, es un descubrimiento, es decir, descubrimiento de algo encubierto. [...] Comprender o que la obra de arte le dice a uno es, ciertamente, un encuentro con uno mismo”.

emocional específica poderá ser alterada, redirecionada, evocará memórias e expectativas, provocadas pelo código linguístico, portanto não se constitui em uma série arbitrária de impressões<sup>310</sup>.

O modelo integrador ajuda a compreender uma importante questão teológica. A revelação de Deus vem por meio da estética (*theopneustos* – soprado por Deus), porém, para que ela possa se manifestar no mundo objetivo, necessita ser preenchida com as demais camadas existenciais, portanto sujeitar-se às suas limitações (uma espécie de “*kenosis*”<sup>311</sup> da Revelação).

As limitações e adaptações resultantes das camadas existenciais são importantes para que a mensagem estética penetre o mundo objetivo da humanidade dentro da sua realidade específica para aquela época e para aquela cultura<sup>312</sup> a qual se pretende transformar<sup>313</sup>. Desta forma, o que entendemos por Palavra de Deus (a mensagem de Deus aqui com os homens) é todo o conjunto da mensagem composta pelas camadas estéticas, culturais, tradicionais e racionais. A revelação de Deus, porém, é a componente da Palavra de Deus de origem estética, universal.

Esta característica do modelo se assemelha à comparação feita por Lutero a respeito de considerar a Palavra de Deus como a encarnação de Cristo, contendo aspectos divinos e humanos simultaneamente, fato que para ele trazia grande dificuldade de entendimento de como poderia isso ocorrer. Entendemos que o modelo apresentado nesta pesquisa ajuda a compreender este processo de fusão do divino

---

<sup>310</sup> JAUSS, 1982, p.23., “A literary work, even when it appears to be new, does not present itself as something absolutely new in an informational vacuum, but predisposes its audience to a very specific kind of reception by announcements, overt and covert signals, familiar characteristics, or implicit allusions. It awakens ‘memories of that which was already read, brings the reader to a specific emotional attitude, and with its beginning arouses expectations for the ‘middle and end’, which can then be maintained intact or altered, reoriented, or even fulfilled ironically in the course of the reading according to specific rules of the genre or type of text. The psychic process in the reception of a text is, in the primary horizon of aesthetic experience, by no means only an arbitrary series of merely subjective impressions, but rather the carrying out of specific instructions in a process of directed perception, which can be comprehended according to its constitutive motivations and triggering signals, and which also can be described by a textual linguistics”.

<sup>311</sup> Palavra grega cujo sentido é “esvaziamento”.

<sup>312</sup> CARVALHO, Kildare Gonçalves. *Técnica Legislativa* (Legística Formal). Belo Horizonte: Del Rey, 2020, p.120. “A realidade da lei significa que ela deverá levar em conta a realidade social, política, econômica, entre outras, que visa regular. [...] Assim, a ocorrência de disposições irrealis, resultantes de um impulso ou capricho do legislador, redundará em arbitrariedade e irresponsabilidade legislativas comprometedoras da dignidade da legislação como instrumento de ordenação social”.

<sup>313</sup> BRAKEMEIER, 2003, p.87. “Volta a confirmar-se, assim, que a Bíblia é a palavra de Deus de modo indireto. Ela é palavra divina embutida em palavra humana e por ela mediada. É o copo, não o leite, adquirindo importância justamente nessa função. Pois a palavra de Deus, para atingir o ser humano, necessita de meio de transporte. Ela se encarna. Assume feição humana, reveste-se de roupagem cultural, manifesta-se através de gestos e de fala humana”.

(estético) com o humano (demais camadas existenciais e materiais) presentes na Palavra de Deus<sup>314</sup>.

Assim, cabe ao hermenêuta bíblico saber separar do conjunto “*kenótico*” da Palavra o aspecto revelacional para uma correta aplicação ao mundo atual. Destacamos este aspecto quando tratamos da hermenêutica feminista no item 5.3.1, no qual apontamos a importância do modelo integrador em extrair o aspecto estético do conjunto orgânico das camadas componentes do que chamamos Palavra de Deus. Entendemos que a utilização de uma “hermenêutica estética” apresenta a possibilidade de tratar as diversas perspectivas bíblicas sem necessidade de recorrer a alterações no texto bíblico, pois, uma “hermenêutica estética” deverá distinguir a revelação das demais camadas “situacionais” que se compõe a Palavra de Deus.

No que se refere a uma teologia feminista, deve-se entender que a revelação de Deus se revestiu da camada patriarcal (tratando especificamente deste aspecto) para que pudesse ser entendida pelas pessoas que viviam naquela época e naquelas circunstâncias, para que uma vez dentro daquela sociedade realize suas transformações. Esta camada patriarcal é o invólucro da revelação da época em que foi transmitida e que não precisa ser transportada para a atualidade por ser este invólucro de cunho cultural e socialmente condicionado à sua época.

Entendemos, conforme o modelo apresenta, que nem todas as camadas da hermenêutica integradora constitui revelação de Deus, mas todas compõem a Palavra de Deus no texto canônico. A revelação de Deus, como vem do mundo estético, traz a compreensão que o mundo racional e objetivo não pode obter devido às suas próprias limitações<sup>315</sup>.

---

<sup>314</sup> Para Lutero o fator incarnacional da doutrina das Escrituras que compara as Escrituras ao Cristo encarnado traz uma das maiores dificuldades hermenêuticas que é como entender os aspectos humanos e divinos presentes simultaneamente nas Escrituras. Entendemos que o modelo apresentado nesta pesquisa responde de maneira adequada a este questionamento. WOOD, 1960. p. 35. “*Luther’s recognition of this incarnational factor in the doctrine of Scripture is one of his most relevant insights and conditions the necessary presupposition of his hermeneutics about which we spoke earlier. The clue to Luther’s Biblical Interpretation is the Christological method of Scripture itself. [...] For him the basic hermeneutical problem is the reconciliation of the divine and human element of Scripture [...] His arguments stem from the statement Scriptura sacra est Deus incarnatus*”.

<sup>315</sup> O texto de Fp 2.6-7 indica que na encarnação de Cristo houve um esvaziamento (*kenosis*) de sua forma divina para que pudesse se acomodar às limitações do mundo sensível e material onde vivem os seres humanos. “Que sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus, mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens”.

#### 4.2.7- Os papéis da Dialética e Lógica no modelo integrador

O processo hermenêutico é um processo interdisciplinar<sup>316</sup>. Uma só área do conhecimento não esgota todo o conhecimento necessário para entender a hermenêutica. Na abordagem do modelo, neste item, é importante destacar como os processos dialéticos e os lógicos participam do modelo apresentado.

Aqui relembremos Paul Ricoeur, que, sendo filósofo, se via constantemente adentrando o terreno do religioso, principalmente no campo da Hermenêutica Bíblica, isso porque não há como negar a transdisciplinaridade dos campos de conhecimento. Mesmo sendo criticado por isso, a postura de Ricoeur era de uma integração entre as áreas filosóficas e religiosas, dado que a realidade é multifatorial<sup>317</sup>. Dessa forma, não há como no estudo da Hermenêutica, não tratar de aspectos filosóficos, aliás, a própria área da Teologia recorre constantemente à Filosofia para suas elaborações doutrinárias.

Primeiramente precisamos lembrar que os processos lógico-dedutivos de pensamento iniciam sempre com uma premissa, a qual se considera como verdade, para então ir se desdobrando em proposições derivadas até encontrar a conclusão, formando um silogismo. Assim teríamos o exemplo:

Todos os homens são mortais.  
Adão é homem.  
Logo Adão é mortal.

No silogismo acima, a primeira declaração, “Todos os homens são mortais” é tomada como verdade. Geralmente vem do mundo intuitivo e não é provado, mas considerado verdadeiro, a pessoa crê que isto é verdadeiro. Por isso, todo o

---

<sup>316</sup> RICOEUR, 2006, p. 17. “Depois disso, dedicou-se constantemente a explicitar as incidências teológicas das pesquisas atuais a respeito da linguagem. Nesse ponto, coincide com autores como D. Crossan, N. Perrin ou R.E. Funk para os quais a interdisciplinaridade é agora uma aquisição da interpretação moderna da Escritura”.

<sup>317</sup> RICOEUR, 2006, p. 16. “Durante alguns anos, sob pressão de uma certa *intelligentsia* filosófica parisiense, Ricoeur desejou proteger a distinção entre os dois registros por temor de ser considerado refém do meio humanista e religioso. Confessa mesmo ter sido profundamente inibido por essas críticas malévolas quando sempre se esforçou por respeitar o pacto segundo o qual as fontes não filosóficas de suas convicções não invadiriam os argumentos de seu discurso filosófico. Chegou mesmo a um tipo de filosofia em que não somente a nomeação efetiva de Deus está excluída, mas em que a questão de Deus, enquanto questão filosófica, fica posta em uma suspensão que se pode dizer agnóstica. No entanto, corrige essa impressão de mútua exclusão das duas ordens afirmando que quer fazer comunicar o registro do filosófico e o do religioso, pela exploração dos lugares de interseção de ambos os domínios: a compaixão, o mal, a esperança, a economia do dom”.

pensamento lógico dedutivo, parte primeiramente de uma crença, de algo intuído que vem antes da prova<sup>318</sup>. As declarações posteriores, seguindo as regras da lógica, vão resultar na conclusão que necessariamente também será uma conclusão infalivelmente verdadeira. Em Aristóteles a lógica era um método formal de pensamento para que ele não se desviasse na sua busca pela verdade.

Cabe destacar, portanto, que a lógica parte de uma verdade já estabelecida. Ela é muito útil para “provar” alguma coisa, mas não para “descobrir” coisas. Ela necessita de uma verdade já descoberta.

Já o processo indutivo-dialético coloca os fatos dentro de um ambiente de indagação. Apresenta questionamentos opostos para verificar neles qual a natureza daquilo que se está pesquisando. Essas perguntas vão depurar o objeto daquilo que é acidental e circunstancial deixando permanecer aquilo que vai caracterizar a verdadeira natureza. É um processo de idas e vindas, tentativas e erros, até que se extraia aquilo que o caracteriza essencialmente. Portanto, verifica-se que o processo indutivo-dialético<sup>319</sup> é o processo utilizado quando se quer fazer “descobertas”; de modo geral é o processo utilizado pelo método científico.

Importante esclarecer que o resultado de um processo indutivo-dialético é uma solução “provável” devido a sua própria natureza, pois o seu resultado tende a ser uma teoria que vá se generalizar. A confirmação desse resultado provável ainda necessita de uma comprovação mais peremptória. Poderá ser feita colocando o resultado do processo dialético como premissa de um processo lógico. Se a conclusão for verdadeira, ocorre a validação do resultado da dialética<sup>320</sup>.

Tomemos o seguinte exemplo conhecido quando se trata de indução-dialética: um pesquisador observa os cisnes de uma região e, após uma semana de pesquisas e buscas (processo dialético), ele só vê cisnes brancos. O resultado de

---

<sup>318</sup> SCHOPENHAUER, 1997, p.18. “Por isso mesmo, é bom lembrar ao leitor, com insistência, que a capacidade de argumentar, por necessária que seja nas circunstâncias práticas da vida intelectual, é habilidade menor e derivada em relação ao perceber e ao intuir; que mesmo a prova, no sentido da demonstração apodíctica, é apenas serva e discípula da verdade intuída; que mais vale saber sem poder provar do que produzir um milhão de provas daquilo que, no fundo, não se intui de maneira alguma”

<sup>319</sup> O processo dialético é aquele utilizado nas metodologias indutivas.

<sup>320</sup> Para Ricoeur uma possível interpretação na fase inicial de análise para compreensão de um texto é validada por meio de processos probabilísticos, seguindo a opinião de E. Hirsch. RICOEUR, 1976, p.78-79. “As concerns the procedures for validation by which we test our guesses, I agree with E.D. Hirsch that they are closer to a logic of probability than to a logic of empirical verification. To show that an Interpretation is more probable in the light of what we know is something other than showing that a conclusion is true. So, in the relevant sense, validation is not verification. [...] An Interpretation must not only be probable, but more probable than another Interpretation”.

sua pesquisa é que “todos os cisnes são brancos” no processo de generalização característico de processo dialético. Isso se firma como uma verdade “provável” até que um dia alguém encontre um cisne negro. Assim, pelo teste da lógica teríamos:

Todos os cisnes são brancos (pelo resultado da dialética).

Aquela ave é um cisne.

Logo ela é branca.

Quando se utiliza a premissa de que todos os cisnes são brancos, ela resulta em algo irreal, pois há cisnes negros, logo o resultado da indução-dialética utilizada na pesquisa precisa ser reformulado com pesquisas mais aprofundadas, ou seja, tenho que retornar ao processo dialético<sup>321</sup>. Assim, a indução-dialética para se validar precisa de uma verdade já estabelecida de forma universal como no processo da lógica dedutiva.

Pelo que verificamos a indução-dialética e lógica-dedutiva, então, se complementam na busca pela verdade<sup>322</sup>, onde a indução-dialética, pela sua natureza, tenta descobrir uma verdade provável, enquanto a lógica-dedutiva traz uma prova pela sua verdade já estabelecida<sup>323</sup>. Como então são aplicados esses procedimentos dentro do processo hermenêutico?

Primeiramente vamos tratar dos subprocessos 1→2→3→4 do nosso modelo, referindo-se a uma pessoa fazendo uma obra (pode ser a elaboração de um texto). Originada no mundo estético, o(a) autor(a) já inicia sua elaboração com uma verdade extraída de lá; essa ideia, verdade ou possibilidade constitui a “verdade” inicial que será imposta à obra como a premissa de um processo lógico-dedutivo no silogismo.

---

<sup>321</sup> SILVEIRA, Fernando Lang. *A Filosofia da Ciência de Karl Popper*. O racionalismo crítico. Trabalho publicado em *Scientia*. Cad. Cat. Ens. Fis., v.13, nº 3: p.197-218, dez.1996. São Leopoldo, 1994. p.202. “Os indutivistas sempre enfatizaram a necessidade de se verificarem as teorias através das suas conseqüências; na filosofia indutivista o importante é a verificação, pois, através dela, poder-se-ia justificar a verdade ou pelo menos a probabilidade das teorias. Para Popper, as verificações relevantes são aquelas que colocaram em risco a teoria, aquelas que aconteceram como decorrência de tentativas de teste (de refutação).

<sup>322</sup> SCHOPENHAUER, 1997, p.63. “A síntese da dialética e lógica encontrava ainda uma expressão plástica no *caduceu*, o símbolo tradicional de Mercúrio, divindade astral que, desde os primórdios das Artes Liberais, era associada à dialética, no sentido medieval do termo: as duas serpentes entrelaçadas mostravam os movimentos dialéticos da mente, que se afastavam e aproximavam da reta verdade, representada pelo bastão central. A linearidade da demonstração lógica aparecia aí como um ideal de perfeição pelo qual se guiavam os movimentos reais da mente investigadora, por si sempre incertos e vacilantes”.

<sup>323</sup> SCHOPENHAUER, 1997, p.60. “A dialética, em suma, nada prova: sugere, compara, refuta, classifica, seleciona e descobre. A lógica nada descobre: prova, firma e consolida”.

Nesse processo, o(a) autor(a) se depara com a dificuldade limitante do código de comunicação, o qual possui suas limitações. Porém a lógica-dedutiva passa ao largo das dificuldades e limitações do mundo material, não é o instrumento adequado para lidar com as contingências do mundo material e objetivo<sup>324</sup>. Nesse ponto, o(a) autor(a) precisará se utilizar do processo indutivo-dialético tentando descobrir dentro da limitação do código linguístico como irá colocar o seu significado nele. Essa dificuldade é comum a todos os pesquisadores que, diante de um fato da natureza, procura descobri-lo, classificá-lo, utilizá-lo e dominá-lo.

A indução-dialética é o processo adequado para se encontrar uma solução provável dentro das limitações do mundo sensível, ou das causas e efeitos. Essa solução provável limitará o significado que o autor(a) quer inserir no código, fenômeno inescapável para o âmbito no mundo racional, limitado e objetivo. Dessa forma, o autor se utiliza tanto da lógica-dedutiva impondo sua verdade estética quanto da indução-dialética, tentando descobrir no mundo objetivo os caminhos para objetivá-la<sup>325</sup>. Como resultado, o autor bíblico conseguirá transmitir parte do mundo estético (revelação) para o texto<sup>326</sup>, que o solidificará e estará apto a ser explorado pelo leitor.

Quanto ao leitor, ele vai no caminho 4→5→6→1. Primeiramente ele começa investigando o código (no caso um texto) e verificando sua natureza, começando, portanto, com o processo investigativo característico da dialética. Ele compara um signo com outro verificando suas interligações e extraíndo dos dados dos signos, os

---

<sup>324</sup> SCHOPENHAUER, 1997, p.60. Nesta obra há referência ao pensador brasileiro Mario Ferreira de Almeida. “[...] Ferreira assegurava que, se de fato a dialética nada prova, a lógica analítica, por seu lado, perde facilmente de vista as diferenças observadas no mundo real (um desvio que se nota particularmente no racionalismo clássico), devendo por isto ser corrigida pelo exame dialético para não cair no abstratismo que toma os entes da razão por entes reais. A dialética, para Ferreira, não era um método de discussão, mas um caminho pelo qual a mente se orienta na selva dos conceitos, dos modos, dos gêneros e espécies, das hipóteses e dos pressupostos ocultos, distinguindo, classificando, ordenando”.

<sup>325</sup> SCHLEIERMACHER, 1999, p.13-14. “A dialética, *Kunst zu philosophieren*, enquanto lida com a possibilidade do pensamento em sua idealidade formal e enquanto ciência da unidade do saber, nunca escapa à temporalidade da linguagem em que se expressa, pois, depende das possibilidades expressa por essa linguagem. Daí a necessidade de complementação pela hermenêutica, a qual visa a apreensão do pensamento contido em um discurso particular. Por sua vez, a hermenêutica depende da dialética enquanto esta visa a exposição do pensamento em um discurso. A hermenêutica, pode-se dizer, mostra os limites da dialética; esta, porém, mostra as possibilidades daquela. Justamente porque o universal sempre é pensado dentro das possibilidades de uma dada linguagem, a hermenêutica é essencial para a apreensão do pensamento, mesmo aquele que se perfaz no plano ideal-formal. O pensamento puro, não obstante ser caracterizado pela imutabilidade e universalidade, nunca se dá por si, mas sempre através de uma linguagem histórica, o que coloca a hermenêutica e a dialética em uma relação de interdependência também com a gramática, na medida em que na base está a operação de entendimento e comunicação linguística”.

<sup>326</sup> Paul Ricoeur usa o termo “mundo do texto”.



significados<sup>327</sup>. De acordo com Wolfgang Iser, o processo dialético no qual o leitor está envolvido é semelhante a um jogo<sup>328</sup> que o leitor desenvolve com o texto, do qual o significado aparece quando há a suspensão dessa dinâmica<sup>329</sup>. Tratar as descobertas das possibilidades<sup>330</sup> do código é como um jogador que avalia as suas possibilidades colocadas convencionalmente pelo autor como um jogo pré-acordado<sup>331</sup>.

As conclusões prováveis a que chega o leitor devido à suplementação das lacunas descobertas<sup>332</sup> pela análise dialética da obra<sup>333</sup> e as impressões estéticas oriundas do autor, presentes no texto, são comparadas com as premissas de sua lógica interna<sup>334</sup> (que como vimos vem do mundo existencial, incluído aí o mundo estético) e é este que vai dar o sentido do texto resultado de sua pesquisa do código em um diálogo com o mundo do texto<sup>335</sup>. Neste momento ele poderá reformular as premissas básicas presentes na sua pré-compreensão<sup>336</sup>, ou poderá reformular

---

<sup>327</sup> RICOEUR, 2006, p.23 “[...] é indispensável questionar o funcionamento da linguagem bíblica e seu modo linguístico de referência à transcendência”.

<sup>328</sup> ISER, 1979, p.107. “O presente ensaio é uma tentativa de dispor o conceito de jogo sobre a representação, enquanto conceito capaz de cobrir todas as operações levadas a cabo no processo textual. Ele apresenta duas vantagens heurísticas: 1. o jogo não se ocupa do que poderia significar; 2. o jogo não tem de retratar nada fora de si próprio. Ele permite que a inter-relação autor-texto-leitor seja concebida como uma dinâmica que conduz a um resultado final. [...] Os autores jogam com os leitores e o texto é o campo do jogo”.

<sup>329</sup> ISER, 1979, p. 108. “Se consideramos ser o significado o resultado do jogo textual, então este só pode provir da suspensão do movimento do jogo que, com alta frequência, envolve a tomada de decisões”.

<sup>330</sup> ISER, 1979, p.109. “Por isso o jogo do texto só pode ser avaliado em termos de suas possibilidades, por meio das estratégias empregadas no jogo e pelos jogos de fato realizados no texto”.

<sup>331</sup> ISER, 1979, p.107. “Ora, como o texto é ficcional, automaticamente invoca a convenção de um contrato entre autor e leitor, indicador de que o mundo textual há de ser concebido, não como realidade, mas como se fosse realidade”.

<sup>332</sup> ZAPPONI, 2004, p.1. “A Linguagem passou a ser entendida, nos estudos linguísticos contemporâneos, como incapaz de traduzir todas as intenções do falante. Tal concepção da linguagem influenciou a caracterização do texto como estrutura cheia de lacunas e não-ditos”.

<sup>333</sup> SCHOPENHAUER, 1997, p.64. “Enquanto a lógica, raciocínio linear, pressupõe um domínio completo dos dados em jogo, a dialética tem como uma de suas funções descobrir os dados faltantes, e por isto não pode seguir a linha ideal do raciocínio demonstrativo, mas deve acompanhar, até certo ponto, as ondulações da mente humana e os contornos do objeto, quando é sinuoso”.

<sup>334</sup> Wolfgang Iser ressalta esta comparação do mundo do texto com o mundo do leitor em uma dinâmica em que no texto há uma oscilação dos aspectos denotativos para os aspectos figurados, e no leitor há uma oscilação entre acomodação e assimilação (conforme Piaget) mudando quantitativamente e qualitativamente a existencialidade do leitor. ISER, 1979, p.112. “As funções originais, contudo, nunca são totalmente suspensas e há, assim, uma oscilação contínua entre denotação e figuração, e entre acomodação e assimilação. Essa oscilação ou movimento de ida e vinda é básico para o jogo [...] força o leitor a realizar os jogos do texto e terminar o jogo ao alcançar o que considera ser seu significado”.

<sup>335</sup> KOCH, 2004, p.294. “Além de não poder ser tratado como uma ‘coisa em si mesma’, uma entidade a ser apreendida, o sentido é instaurado num movimento dinâmico e inesgotável entre o sujeito e objeto, seja entre eternidade e temporalidade, seja entre o espírito e a letra”.

<sup>336</sup> Neste momento, por meio do diálogo com os aspectos estéticos codificado no texto, ele pode se abrir ao transcendente, à fé. O autor, portanto, faz-se representar pela sua obra e por meio dela dialoga com o leitor.

novamente o processo dialético para fazer uma nova leitura do texto<sup>337</sup>. É o momento da fase de atualização hermenêutica<sup>338</sup>.

O leitor, começando pelo processo indutivo-dialético de pesquisa do texto, vai incorporá-lo ou não por meio do processo lógico-dedutivo interno que advém de suas premissas existentes no mundo existencial<sup>339</sup>. É por meio da dialética que a filosofia mostra o caminho a percorrer para entrar no mundo da essência, onde não se encontram as tensões advindas dos antagonismos<sup>340</sup>, nos dando conta de uma realidade que antes não conhecíamos<sup>341</sup>. É por ela que a pessoa vai do mundo material ao encontro de Deus.

Assim, dentro do processo da hermenêutica que vai do mundo estético do(a) autor(a) para o mundo estético do(a) leitor(a) há uma passagem da lógica-dedutiva para a indução-dialética, no âmbito do(a) autor(a), e da indução-dialética para a lógica-dedutiva no mundo do(a) leitor(a)<sup>342</sup>. Desta forma, se alinha ao entendimento de Paul

---

<sup>337</sup> Retomamos a afirmação de Gadamer, em sua obra *Verdade e Método*, de que a tradição, presente na pré-compreensão do *Dasein*, pode ela mesma ser reformulada e readaptada no processo de *ser-no-mundo*.

<sup>338</sup> BRIZOTTO, 2013, p.110. “No momento em que o leitor lê o texto a historicidade se dá, visto que historicidade coincide com atualização, ou seja, mesmo que o texto seja muito anterior ao leitor, este o estará atualizando, na medida em que o estiver lendo”.

<sup>339</sup> VANHOZER, 2005, p.253. “Como discurso, o texto oferece alguma coisa a ser apropriada pelo leitor. Essa é a ‘aposta’ de Ricoeur, sua ‘segunda revolução copernicana’: a ideia de que o eu não é a fonte, mas o recipiente de um significado que vem de um ‘além’. A hermenêutica não é simplesmente uma questão de saber coisas sobre os textos, mas de ser afetado por eles. De fato, seria razoável dizer que toda a filosofia de Ricoeur é uma investigação sobre como a linguagem pode exercer um efeito transformador sobre os leitores. Os textos, uma vez que podem nos tocar, tem uma força — semântica, e não física — que lhes é própria”.

<sup>340</sup> SCHOPENHAUER, 1997, p.70-71. A obra fala do filósofo alemão Schelling no trato com a dialética. Tomamos aqui de empréstimo sua referência ao seu trabalho “Assim fazendo, reabriu o caminho para o conhecimento intelectual de Deus. Nesse caminhar a dialética era o instrumento pelo qual o homem se orientava no mundo da manifestação cósmica – construído de polarizações que não se deixavam apreender numa lógica linear – para poder ascender até o plano da Identidade, onde toda a dialética se tornava dispensável e onde se reencontrava a plena coincidência entre os princípios lógicos e ontológicos; coincidência que o racionalismo falhara em demonstrar porque acreditara ingenuamente poder observá-la na esfera da manifestação cósmica, a qual, por sua estrutura polar, só pode ser apreendida dialeticamente”.

<sup>341</sup> ISER, W., *O Ato de Leitura*. v.2. São Paulo: Ed. 34, 1999, p.82. “Diferentemente do significado, a pergunta pelo sentido do sentido remete ao aspecto existencial-antropológico enquanto aquele se vincula ao aspecto lógico gramatical. Dito de outro modo, o termo significado corresponderia à estrutura da língua equiparável ao termo *langue* ao passo que o sentido representa a totalidade das referências, tal como implicado pelos aspectos do texto, e deve ser constituído no percurso da leitura. E o significado emerge no instante em que o leitor absorve o sentido em sua própria existência. Quando o sentido e o significado agem juntos, eles garantem a eficácia de uma experiência que nos permite constituirmos a nós mesmos, constituindo uma realidade que nos era estranha”.

<sup>342</sup> SCHOPENHAUER, 1997, p.60. “A dialética tinha ainda por função fazer a ponte entre Filosofia teórica e Filosofia prática: [...] entre a Filosofia especulativa e a Filosofia prática não existe um abismo; a Dialética será precisamente, nesse setor, a arte de trabalhar com ambas simultaneamente, aplicando os resultados da Filosofia especulativa na prática, bem como de

Ricoeur (2006): “O papel da Hermenêutica é acompanhar a atividade estruturante que parte do pleno da vida, investe-se no texto e, graças à leitura privada e à recepção pública, retorna à vida”.

### **Conclusão do capítulo**

Ao final deste capítulo, verificamos a flexibilidade e aplicabilidade que apresenta o modelo integrador, pois ele reconhece os diversos aspectos da vida humana e sua influência no processo hermenêutico, cada uma com sua participação específica no processo como um todo.

Conforme apresentado, o processo hermenêutico é um processo que integra e perpassa todas as áreas que vão constituir a vida de uma da pessoa. Desde a área objetiva e material, até aquela que se projeta para o universal, passando pelos seus aspectos sociais, todas vão contribuir com a sua parcela de influência para o processo hermenêutico.

Dessa forma, conforme apresentado, essas áreas vão representar camadas orgânicas que se articulam para dar ao processo hermenêutico sua integridade. Assim, analisar a hermenêutica somente pela sua parte conceitual e objetiva dos códigos linguísticos, ou somente pela influência dos aspectos sociais e tradicionais sobre a pessoa é ver o processo hermenêutico de forma incompleta.

Faz-se necessário que se entenda a hermenêutica de forma integrada para que sua aplicação possa ser eficaz, por isso, no próximo capítulo exemplificaremos algumas das aplicações desse modelo tanto nos aspectos teóricos quanto nos aspectos práticos envolvendo os processos hermenêuticos.

---

ascender da prática ao especulativo, realizando, portanto, operações progressivas e regressivas, nas duas direções; uma que parte da ideias universais para as particulares, outra que parte destas para atingir as universais”.

## 5 A APLICAÇÃO DO MODELO ÀS DIFICULDADES ATUAIS

O modelo hermenêutico integrador apresentado no capítulo anterior mostra aplicações práticas e teóricas além daquelas que têm sido apresentadas até agora. As aspirações humanas, o clamor por um marco referencial dentro das estruturas pós-modernas da atualidade,<sup>343</sup> as exigências de colocação em prática dos ensinamentos das Escrituras de forma coerente com a sociedade em que vivemos, a prática pedagógica e ministeriais nas igrejas, buscam por uma forma mais eficaz de compreender e agir sobre a sociedade, sobre o outro, e sobre as instituições de uma forma adequada.

A proposta do modelo integrador ajuda no encontro de ferramentas que possam valorizar aspectos mais caros da pessoa sem desvinculá-la de sua realidade concreta. A pesquisa propõe um modelo hermenêutico que leve à compreensão dos aspectos objetivos e concretos da vida sem perder de vista os referenciais estéticos e universais que estão presentes em cada pessoa e se difundem para toda a sociedade. Desta forma, apresenta-se alguns exemplos adicionais de utilização do modelo hermenêutico integrador mostrando sua utilidade tanto no âmbito teórico como no prático.

Deve-se destacar a natureza universal do processo hermenêutico, por isso o exposto até aqui, referente ao modelo hermenêutico integrador, é de utilidade não somente para texto em si, mas também para as ações humanas de maneira geral, onde o texto é apenas uma de suas manifestações. Como destaca Vanhoozer, os atos de fala são como as ações significativas<sup>344</sup>. Assim, uma obra de arte, uma

---

<sup>343</sup> Zygmunt Bauman, em sua obra *Mal-estar da pós-modernidade*, retrata a situação das pessoas no mundo atual. BAUMAN, 1998, p.32. “Os projetos de vida individuais não encontram nenhum terreno estável em que acomodem uma âncora, e os esforços de constituição da identidade individual não podem retificar as consequências do ‘desencaixe’, deter o eu flutuante e à deriva”.

<sup>344</sup> VANHOOZER, 2005, p.262. “Por sua vez, a ação significativa se assemelha ao ato de fala. (1) O ‘fazer’ de uma ação corresponde à locução. Da mesma forma que o ‘dito’ do falar é fixado pela escrita, a ação é ‘fixada’ pelo fazer. O fazer de uma ação deixa sua ‘marca’ no mundo, no passado. (2) Ações têm objetos ou ‘conteúdos proposicionais’. Na ação, alguma coisa é feita para algo por alguém. Se eu abro a porta, por exemplo, a porta é o conteúdo proposicional de minha ação. O conteúdo de minha ação (a porta) pode ser partilhado com outras pessoas e por elas identificado; portanto, ele é objetivo. Anos mais tarde, as pessoas poderão visitar a mesma porta, comemorar minha ação e talvez abrir a porta elas mesmas. (3) Ações têm uma força específica. Ao agir, o agente assume uma postura específica em relação ao objeto de sua ação. Em meu exemplo, o agente assume a postura em relação à porta de uma pessoa que pretende abri-la (em oposição a fechá-la com força, bater nela ou pintá-la). O que eu faço em assumir uma postura específica em relação à porta corresponde, assim, a força ilocucionária da ação. (4) Ações com frequência têm efeitos, tanto planejados quanto inesperados. Ao abrir a porta, pode ser que eu tenha surpreendido

interpretação musical, uma peça de teatro, um texto literário, um ato de fala, são todas sujeitas ao processo hermenêutico para a sua devida compreensão.

Importante acrescentar para os propósitos deste capítulo, referente à aplicação do modelo integrador, que se deve segregar dos elementos componentes do processo hermenêutico aquilo que se configura como de natureza estética. É esta parcela estética que será a necessária para aplicação em outras circunstâncias histórico-culturais. Assim, destaca-se a importância de identificação do conteúdo estético do texto para que este seja aplicado em outros ambientes histórico-culturais, pois, ele é de natureza universal. Tentar forçar a aplicação das camadas situacionais do texto referentes à um contexto histórico determinado para outro contexto histórico-cultural deverá causar impactos negativos na correta contextualização.

Quanto à separação do conteúdo estético do texto, ela poderá ser realizada, como será visto nos exemplos a seguir, de várias maneiras. Assim apresentamos como sugestões algumas formas por meio das quais a identificação do conteúdo estético pode ser alcançada.

- (i) Pela identificação do propósito inserido pelo autor.

A estética é a parte que no processo de autoria vai inspirar o autor e determinar o modo de sua atuação. O sentido que ele apresentará estará de forma objetiva expressa pela linguagem no texto. Assim, uma das maneiras de reconhecimento de aspectos estéticos do texto é o desvelamento do propósito do autor. É verdade que nem sempre conseguiremos saber exatamente seu propósito, mas não podemos com isso reconhecer que nunca poderemos sabê-lo.

- (ii) Pela identificação dos valores.

Com valores, entende-se aqui não valores em seus aspectos comunitários e tradicionais, ou seja, aspectos localizados e circunstanciais, que fazem contraste com os “princípios”, geralmente definidos de forma mais geral, mas valores no sentido Rickertiano, que representam aspectos universais que acompanham as ações e

---

um rato (meu plano). Esse aspecto da ação corresponde a força perlocucionária de um enunciado: aquilo que faço ao dizer alguma coisa. Nem todos os efeitos estão sob controle de um agente: ao abrir a porta, por exemplo, posso surpreender um ladrão e impedir um crime. Dessa forma, as ações são como textos porque tem um conteúdo proposicional fixo, uma força ilocucionária, e uma relevância que vai além daquilo que o agente poderia ter previsto”.

manifestações humanas<sup>345</sup>. Toda a expressão humana vem acompanhada com valores que a delimitam e a determinam, portanto, entender os valores apontados no texto é um caminho para a identificação do conteúdo estético, do que é essencial em relação ao que é circunstancial<sup>346</sup>.

(iii) Pela autocompreensão

Conforme apresentado no item 4.2.1, que tratou da camada estética do modelo integrador, os aspectos universais estão presentes em todos os indivíduos. Isto indica que está em cada um de nós, portanto, nossa autocompreensão pode indicar os elementos estéticos presentes nos demais indivíduos<sup>347</sup>, e universalmente presente em qualquer época, pois, são atemporais. Assim, a autocompreensão de determinada situação pode ser de ajuda para encontrar os aspectos estéticos em determinado contexto.

(iv) Pelo que está revelado na Bíblia a respeito da natureza humana.

É importante destacar que somos mais do que entendemos, por conseguinte existem aspectos da natureza humana que só podem ser apreendidos por meio do que está revelado na Bíblia. Eis a distinção entre a revelação e iluminação, pois o que foi revelado é algo externo à nossa existencialidade em contraste com a iluminação que é um fenômeno interno. É importante levar em consideração aquilo que está revelado sobre a natureza humana, sobre maus propósitos, intenções maliciosas, tendência a autopromoção, desesperança, mas também, a busca pelo bom, pelo belo, pela justiça, pela paz, pela segurança. Esses são aspectos que devem ser levados

---

<sup>345</sup> RICKERT, Heinrich. *Introducción a los problemas de la filosofía de la historia*. Buenos Aires: Nova, 1961.. “*Todo el mundo debe admitir que la historia no recoge ‘todo’ lo individual, sino únicamente lo ‘importante’, lo ‘interesante’, en síntesis, lo esencial en su representación. Pero ¿qué es ‘esencial’ si no hablamos de lo común a una pluralidad de objetos, como ocurre en la conceptualización generalizadora?*” (Rickert, 1961, p.68). *Debe existir pues, en la ciencia histórica, un principio que informe esa selección y modificación. Dicha selección es guiada por el interés que despierta en nosotros nuestro mundo circundante, es decir, que se guía por nuestras valoraciones.* (Rickert, 1961, 64 ss.)”

<sup>346</sup> FILARDO, 2012, p.9. “*El valor cumple entonces, para la historia, la misma función que la ley para las ciencias naturales, permitiendo discernir lo esencial de lo secundario, lo interesante de lo superficial*”.

<sup>347</sup> BAUMAN, 1998, p.18. “*Só posso compreender os atos de outra pessoa, diz Shütz, se puder imaginar que eu mesmo praticaria atos análogos caso estivesse na mesma situação, regulada pelos mesmos motivos de porque, ou orientada pelos mesmos motivos de para quê [...]. O inseparável corolário dessa habilidade de me imaginar o outro na minha própria posição: a expectativa de que, se colocado na minha posição, o outro pensaria e comportar-se-ia exatamente como eu... em outras palavras, a ideia da unidade essencial entre mim e o outro [...]*”

em consideração quando se tenta encontrar os aspectos estéticos de uma determinada obra<sup>348</sup>.

Assim, os exemplos apresentados neste tópico podem ajudar a trabalhar melhor o aspecto da aplicação estética especificamente, e o modelo integrador de maneira geral.

## 5.1 O MODELO E A ARTICULAÇÃO ENTRE AUTOR, TEXTO E LEITOR

Uma abordagem interessante no desenvolvimento diacrônico da hermenêutica é analisar pelo foco de seu interesse que atualmente está classificado como foco no autor, foco no texto e foco no leitor. O modelo integrador não exclui nenhum desses focos em detrimento do outro, mas inclui os mesmos em um modelo globalizante, onde cada foco tem sua contribuição para o processo hermenêutico como um todo. Esses três focos de interesse têm sido debatidos mais intensamente atualmente dentro da área da Crítica Literária<sup>349</sup>, porém, na Hermenêutica Teológica, já se manifestavam como objetos de estudo há muitos séculos.

Vimos que a história da Hermenêutica, desde a Grécia até a época moderna, priorizou suas atenções na intenção do autor ao fazer sua obra. Nesse sentido, o foco da interpretação era descobrir qual a intenção do autor ao escrever seu texto. A partir da entrada do século XX, com o surgimento dos estudos linguísticos, o foco de interesse passou a ser o texto em si, carregado de significado. As preocupações eram quais as estruturas permitiam essa condensação do significado, suas potencialidades.

Posteriormente, com o aumento dos estudos no campo da existencialidade, o interesse se voltou para o leitor. Os processos que ele realiza para a criação de sentido, sua subjetividade, suas ideias pré-concebidas<sup>350</sup>. Assim, em uma visão

---

<sup>348</sup> MUELLER, Enio. *Caminhos de reconciliação*. A mensagem da Bíblia. Joinville. Grafar, 2010, p.166. "No que diz respeito à interpretação da Bíblia, que é o nosso tema direto aqui, devemos prestar atenção aos efeitos do pecado sobre a mente humana. Quer dizer, sobre os nossos processos mentais. Nossa lógica, nossos hábitos e modo de pensar".

<sup>349</sup> KLEIN, 2017, p.144. "Nas últimas décadas, no entanto, muitos estudiosos da Bíblia, em particular os que estão fora dos círculos evangélicos, tem apelado para nada além de uma mudança de paradigma na hermenêutica. Eles acharam os procedimentos antigos estereis, limitantes ou enganosos e acreditaram que era hora de fazer algo novo. As sugestões que eles têm feito para substituir a abordagem mais comum de interpretação (a análise histórico-gramatical tradicional) se concentram principalmente em duas áreas de estudo: (1) a Crítica Literária moderna e (2) a análise sociocientífica".

<sup>350</sup> ZAPPONI, 2004, p.2. "Como sugere a proposta de desenvolvimento da Teoria Literária de Eagleton (1989), cada um dos elementos envolvidos na leitura desempenhou certa influência sobre os

diacrônica, o foco dado nos estudos hermenêuticos e literários passaram do autor para o texto, e do texto para o leitor. Cada um desses focos com suas ênfases próprias e suas tensões em relação ao foco anterior. Quando surgiu o foco no texto, houve quem declarasse que o autor morreu. Quando o foco passou para o leitor, o significado original já não importava mais, pois é o leitor quem vai significar o texto em um processo de desconstrução originando inumeráveis interpretações sem um critério próprio de validação. Esse resultado do último estágio de desenvolvimento do procedimento hermenêutico centrado no leitor e sua interpretação relativista, traz toda sorte de dificuldades acadêmicas e práticas.

O modelo apresentado não exclui nenhum desses focos de interesse, mas tenta uma articulação entre eles considerando que todos estes focos fazem parte de um mesmo processo maior, constituinte do fenômeno hermenêutico<sup>351</sup>. Assim a hermenêutica não se constituiria no estudo de um ou outro foco de interesse, mas na articulação destes<sup>352</sup>.

Cabe salientar que, pela proposta desta pesquisa, um aspecto de suma importância surge e que até então não vinha sendo explorado que é o aspecto estético, interior da Hermenêutica Existencial e por meio da qual cada individualidade pode ter acesso a universalidade. A Estética dará ao modelo proposto uma

---

modelos teóricos que se preocuparam com o estudo da literatura: primeiramente o autor, posteriormente o texto e, finalmente, o leitor. Essas mudanças teóricas, normalmente, são decorrentes do desenvolvimento de modelos filosóficos que proporcionam novas formas de ver a realidade e o mundo. O advento da Estética da Recepção como um modelo teórico de leitura/interpretação do texto literário e de elaboração da história literária está diretamente relacionado a uma dessas mudanças, cujo centro de irradiação parece ter sido a Fenomenologia”.

<sup>351</sup> Alessandro Rocha coloca em seu artigo que no âmbito da Teoria Literária há uma discussão de onde se localiza o sentido de um texto, considerando da mesma forma que nesta pesquisa, que o sentido se articula nos três lugares hermenêuticos possíveis. ROCHA, Alessandro Rodrigues. *Teologia, Hermenêutica e Teoria Literária: Interdisciplinaridade da teologia da revelação*. Revista do Departamento de Teologia da PUC – Rio. Ano XIV, nº 36. 2010. p. 348. “A teoria literária pressupõe três possíveis e clássicos lugares hermenêuticos: o autor – ou a *intentio auctoris*, a intenção do autor; o texto – *intentio operis*, a intenção da obra; o leitor – ou a *intentio lectoris*, a intenção do leitor. A pergunta metodológica da teoria literária ou do critério literário para a leitura da Bíblia é: onde está fundamentado o sentido das Escrituras? Na intenção do autor? Na intenção do texto? Ou na intenção do leitor? [...] onde os lugares de sentido não serão tratados em separado, mas relacionadas entre si, e com a compressão que a teologia teve e tem da leitura bíblica e de sua relação com a revelação”.

<sup>352</sup> TATE, W. Randolph. *Biblical Interpretation: an integrated approach*. Peabody, MA, USA: Hendrickson Publishers Inc, 1991, p. “Just as the author (sender) brings his or her worldview and understanding of reality to a text, allowing the text to mirror at least some elements of that worldview and reality, so the reader (receiver) brings to the text his or her worldview and conception of reality. Text must be read and made sense of within the reader’s complex of multifaceted world. We understand another person’s discourse only by relating it to what we already know and by putting questions to the text from within our own world. As we read a text we infer meaning and that meaning is in some measure determined by our understanding of our own world”.



integralidade do fenômeno hermenêutico articulando os diversos focos entre si, como uma peça que faltava do quebra-cabeças para dar a visão do todo.

A Estética se aproxima assintoticamente daquilo que a Teologia considera como “espiritual”. Esse novo foco abre a possibilidade de estudos da hermenêutica dentro da área teológica antes circunscritos às formulações filosóficas<sup>353</sup> que, como já é de conhecimento da academia, possui limitantes trazidos pela própria especificidade de sua área de atuação. Assim, propomos denominar essa nova área de interesse de “Hermenêutica Estética”, cuja aplicação é importantíssima para os estudos no âmbito da Hermenêutica Bíblica, além de ampliar o entendimento de todo o processo hermenêutico de forma geral conforme apresentado no modelo integrador.

### 5.1.1 Foco no autor

O processo hermenêutico do modelo integrador apresentado é circular no sentido de estética, autor, texto, leitor, estética<sup>354</sup>. Ao longo da Idade Média e Moderna, e principalmente nessa, por meio dos métodos histórico-gramatical e histórico-crítico, o objetivo principal era procurar o significado do texto procurando-o em sua origem, ou seja, no autor<sup>355</sup>. Todo esforço metodológico era para procurar no

---

<sup>353</sup> Vanhoozer apresenta em sua obra que o fato de haver elementos transcendentais caracteriza a natureza da interpretação como fundamentalmente teológica. Neste sentido, formulação de um modelo integrador com participação da camada estética da hermenêutica tem impactos significativos para os estudos teológicos. VANHOOZER, 2005, p. 529. “A crença de que há algo ‘no’ texto, uma presença que não foi criada pelo leitor, e uma crença em transcendência. Ler para encontrar alguma coisa além do mero jogo dos signos e, para usar uma expressão de Steiner, uma ‘aposta’ na transcendência e uma esperança em uma possibilidade de transformação. Tanto os crentes (e.g., Steiner) como os descrentes (e.g., Derrida) concordam pelo menos nisso, embora o primeiro afirme a realidade desse significado, enquanto o segundo a negue. Os descrentes — desfazedores e usuários — negam a existência de uma mensagem determinada que transcenda o jogo de superfície do texto. As discussões acerca da natureza da interpretação são fundamentalmente teológicas, portanto, visto que se movem em torno da possibilidade de transcendência”.

<sup>354</sup> Processo hermenêutico circular, nesta seção, não significa a circularidade hermenêutica destacada em Schleiermacher referente ao movimento de vir e retornar ao texto num crescendo de entendimento, mas uma circularidade que envolve o autor até o leitor fechando o processo hermenêutico, conforme apresentado no modelo do tópico 5.

<sup>355</sup> GOMES, Mariana Andrade. *A Experiência Estética e a Estética da Recepção*. Cadernos o IL. Porto Alegre, nº 39, p. 37- 45, 2009, p.38. “Miranda (2007) afirma que, até o século XX, o texto literário e as obras de arte em geral eram abordados como “constituídos por um sentido fechado, único e objetivável através da análise de estruturas, traços e funções imanentes à obra, além da referência ao contexto social e literário, ou, ainda da determinação da intenção do autor” (MIRANDA, 2007, p.18). O positivismo e o historicismo do século XIX acreditavam que a única interpretação possível era a fornecida pelo autor, ou seja, o significado da obra era propriedade de seu autor, não restando outras opções para os demais leitores influenciados por seu contexto histórico-social. Tal postura, que privilegia a intenção do autor, fundamenta-se essencialmente no pressuposto de que a obra de

autor o significado do texto que ele elaborou.

O autor, portanto, é aquele que parte de seu ambiente estético, extraíndo de lá sua ideia criativa, racionaliza-o, e materializa-o na obra. Aqui cabe um esclarecimento para um melhor entendimento do processo de transformação da ideia em materialidade. O mundo sensível, material e objetivo no qual todos estamos inseridos vive sob o fundamento da razão e das leis de causas e efeitos “necessários”. São leis da física, da matemática, da biologia e outras, cuja natureza são eventos consecutivos de causas e efeitos interligados pela necessidade. Por exemplo, quando solto um objeto, ele necessariamente vai cair atraído para a terra. Utilizando a lei de Newton, quando faço um esforço em um objeto solidamente apoiado, recebo uma reação daquele objeto em sentido contrário.

Exemplos como esses mostram que os fatos do mundo sensível estão ligados entre si por necessidade, por meio leis estabelecidas, constituindo o que é considerado atualmente “Ciência”. O limitante para o que se pode ou não fazer dentro do mundo racional, objetivo são, portanto, essas leis. Retornando ao autor que faz um texto, o limitante para a aplicação de sentido no seu texto, são as leis que vão estabelecer a ligação entre os signos utilizados no processo comunicativo. Sim, porque a linguagem tem suas leis necessárias e objetivas sem as quais é impossível estabelecer pontos em comum para a comunicação entre as pessoas.

O autor, porém, também se aproveita de outro tipo de ambiente que não é o “necessário”, mas o “criativo”. Nele o autor pode fazer interligações de fatos que, a princípio, não têm nenhum relacionamento originário<sup>356</sup>. Esse ambiente de criação apresenta características não encontradas no ambiente de necessidade, por exemplo: propósito; significado; valores. É o aspecto de significado que nos interessa para nossa análise hermenêutica do texto criado pelo autor.

O autor também é criativo no uso da linguagem, e isso a linguística também comprova. Dessa forma, o mesmo código que contém aspectos necessários e limitantes, também apresenta aspectos criativos, por meio dos quais o autor dá a dinâmica da comunicação e tenta reproduzir os aspectos poéticos e existenciais da

---

arte possui suma sólida e pura significação, possível de ser apreendida objetivamente. Deste modo, concebe-se a linguagem como sistema hermético e estático, não levando em consideração que até mesmo a intenção do autor é passível a *certa dose de ambiguidade*”.

<sup>356</sup> No mundo da vida, lidamos com os aspectos necessários das leis como “ciência”, e dos aspectos criativos que aplicam a ciência, como “tecnologia”. Assim, pela ciência temos uma lei na qual um campo elétrico variante no tempo produz necessariamente um campo magnético também variante. Pela tecnologia, aplicamos criativamente esta lei na criação do telefone celular.

sua mensagem, impossível de se fazer na solidez das regras necessárias no âmbito da comunicação, é o que Wittgenstein se referiu como “jogos de linguagem”<sup>357</sup>. Por exemplo, o autor pode ser criativo e atribuir um significado ao signo que não é trivial, como dizendo em um dia ensolarado que “a lua está boa”. Ele atribui criativamente um significado para a lua, em substituição ao sol, que estão semioticamente afastados. Não vamos, porém, entrar em detalhes da linguística, pois nos distanciaria do propósito deste tópico, mas reconhecer que na inserção da ideia do autor no texto ele realiza não somente um procedimento limitado aos aspectos de ligações necessárias do código de comunicação com também aspectos criativos que expandem as possibilidades do código<sup>358</sup>.

O ponto que queremos destacar é que o autor no processo de materialização de sua ideia atravessa processos necessários, que são validados pela ciência da linguagem que está sendo aplicada (regras gramaticais etc.), e processos criativos, cujas regras de validação são outras. Sendo esses processos criativos, no âmbito da hermenêutica, ditados pelos aspectos existenciais, pois, estão fora do ambiente conceitual, racional, a validação se dá pela via estética, conforme já temos apresentado.

Isso nos remete à questão da validação dos aspectos narrativos utilizados pelo autor. Por exemplo, em uma homilia, a função de autoria remete ao pregador. A validação hermenêutica da mensagem tradicionalmente passaria pela ligação do ambiente histórico e relacionamento direto ao texto utilizado. Porém, como se daria a validação no caso do pregador se utilizar do texto criativamente e deslocá-lo de seu ambiente original histórico dando uma nova roupagem?

Muitos hermeneutas poderiam argumentar que uma coisa é a hermenêutica para retirar do texto o significado, outra coisa é fazer aplicação do texto, e por isso o processo utilizado pelo pregador não seria hermeneuticamente válido, pois desloca o

---

<sup>357</sup> WITTGENSTEIN, 1999, p.30. “Podemos também imaginar que todo o processo de uso das palavras é um daqueles jogos por meio dos quais as crianças aprendem sua língua materna. Chamarei esses jogos de *jogos de linguagem*, e falarei muitas vezes de uma linguagem primitiva como de um *jogo de linguagem*. E poder-se-iam chamar também de *jogos de linguagem* os processos de denominação das pedras e da repetição da palavra pronunciada. Pense os vários usos das palavras ao se brincar de roda. Chamarei também de *jogos de linguagem* o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada”.

<sup>358</sup> RICOEUR, 2006, p.33. “Enfim, para a metáfora como para o relato, há um funcionamento da imaginação produtora que esquematiza (sintetiza, no sentido kantiano) figuras antes separadas: já uma nova figura de discurso faz ver a semelhança, isto é, a aproximação entre duas figuras semanticamente afastadas, já uma intriga é composta (história) ou inventada (ficção) a partir de elementos heterogêneos (circunstâncias, caracteres etc.)”.

texto de seu contexto original dando um novo significado. Isso nos mostra a dificuldade, no atual estado em que se encontra a hermenêutica, de articulação entre o polo objetivo, racional, histórico-crítico da hermenêutica (Hermenêutica Tradicional) e o seu polo existencial.

Quando o autor ou pregador usa sua criatividade para deslocar historicamente um significado para um ambiente diferente daquele estabelecido pelas disposições regulamentares das leis objetivas dos códigos de comunicação ou dos fatos históricos, como vimos, ele se utiliza de sua potencialidade existencial, e a validação neste campo é estética e não objetiva e racional. A simples resposta de que a aplicação criativa da mensagem ou do texto não ser da área da hermenêutica, mas, da homilética, não atinge o cerne da situação, pois, desde o século passado já é lugar comum no meio acadêmico que a “aplicação” está incluída no processo hermenêutico<sup>359</sup>. Desta forma, o sentido criativo dado pelo autor ou pregador ao texto ou pregação deverá ser moderada pelos aspectos estéticos, conforme já discutido.

Precisamos lembrar que a utilização criativa de textos das Escrituras foi abundante, principalmente no Novo Testamento, e que essas utilizações retiraram os textos do Antigo Testamento de seus contextos históricos originais. Quando o autor do livro de Hebreus retrata a história do povo de Israel no deserto e sua perda de fé e, devido a isso, seu impedimento de entrar em Canaã<sup>360</sup>, ele dá um sentido ao texto no qual apresenta a caminhada da Igreja neste mundo até sua chegada no Céu. O que vai validar este deslocamento de significado do âmbito histórico-crítico para o existencial é o aspecto estético, que mostra que ele continua transmitindo uma mensagem esteticamente válida, apesar do deslocamento.

O apóstolo Paulo também faz esse procedimento, quando compara o milagre da água sair da rocha durante a caminhada do povo de Israel no deserto, ao alimento espiritual que a Igreja tem em Cristo na atual caminhada da Igreja rumo ao Céu<sup>361</sup>. A mensagem é validada pela estética e não pelas condicionantes históricas, mesmo porque, o texto das Escrituras hebraicas permaneceu o mesmo. Também o mesmo

---

<sup>359</sup> GADAMER, 2013, p 436-437. “Tal como o juiz procura encontrar a justiça e o pregador anunciar a salvação, e como em ambos os casos o sentido da mensagem somente se completa na promulgação e no anúncio [...]. Aqui precisamos admitir que a compreensão implica sempre a aplicação do sentido compreendido”.

<sup>360</sup> Hebreus capítulos 3 e 4.

<sup>361</sup> Conforme a primeira Carta de Paulo aos Coríntios. In: A BÍBLIA Sagrada. Tradução João Ferreira de Almeida. ed. rev. e corrigida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1989. I Co 10.3,4 “[...] e todos comeram de um mesmo manjar espiritual e beberam todos de uma mesma bebida espiritual, porque bebiam da pedra espiritual que os seguia, e a pedra era Cristo”.

fenômeno acontece quando o evangelista Mateus atribui a citação veterotestamentária “do Egito chamei a meu filho” a Jesus voltando do Egito, quando originalmente se referia a saída do povo de Israel do Egito. Assim, nos parece que toda a releitura do Antigo Testamento no Novo Testamento foi feita pela via da criação de sentido validada pela mudança no ambiente estético, mudança, trazida pela experiência com Cristo e testemunhada no *kerigma*.

Também, deve-se destacar que as próprias histórias bíblicas como a história na visão deuteronomista são narrativas que não visam a exatidão dos fatos da forma objetiva como atualmente a entendemos, mas são utilizadas teleologicamente apresentando interpretações<sup>362</sup>.

Cabe destacar que os aspectos estéticos inseridos no texto pelo autor, não elimina os marcadores objetivos da linguagem como delimitadores de interpretação. Tem-se mostrado nesta pesquisa, que para o modelo apresentado, tanto os aspectos objetivos da linguagem utilizada quanto os aspectos estéticos são delimitadores das possibilidades de interpretação<sup>363</sup> e que ambos agem em articulação recíproca, destacando-se, porém, que aquele se encontra no âmbito da Hermenêutica Tradicional e este no âmbito da Hermenêutica Existencial (mais exatamente sua componente estética).

Importante destacar, que o modelo integrador apresentado não despreza a influência do autor<sup>364</sup>, sua história e suas intenções, na determinação de significado do texto<sup>365</sup>, mas o articula com os outros aspectos importantes na formação do

---

<sup>362</sup> RICOEUR, 2006, p.58 e 59. “...estabelecendo que os fatos relatados pela Bíblia são sempre acontecimentos interpretados, nem pura construção imaginária, nem descrição imediata dos fatos passados. [...] Toda história, profana ou bíblica, não copia servilmente o passado como se fosse inalterável, mas o configura narrativamente de maneira criadora”.

<sup>363</sup> Umberto Eco apresenta em sua obra *Obra Aberta* que mesmo uma obra de arte necessita de elementos de controle objetivamente colocados. Estes elementos de controle são delimitadores das possíveis interpretações por parte do leitor. ECO, Humberto. 2015, p. 205. “Creio que Dubuffet, oferecendo ao público suas mais recentes *Matériologies*, nas quais é bastante evidente a referência a leitos de estradas e a terrenos de estradas despojados de quaisquer intenções de ordem – e que, portanto, desejam, colocar o fruidor perante todas as sugestões de uma matéria informe e livre de assumir qualquer determinação – ficaria, contudo, perplexo se alguém reconhecesse em seu quadro o retrato de Henrique V ou de Joana D’Arc e atribuiria essa improbatilíssima forma de relacionamento a estados de espírito que beiram o patológico”.

<sup>364</sup> HIRSCH, 2014, p.200. “Se um teórico, busca salvar o ideal de validade, ele tem também de salvar o autor e, no contexto atual, sua primeira tarefa é mostrar que os argumentos contra o autor são questionáveis”.

<sup>365</sup> HIRSCH, 2014, p.199. “Não se pode dizer, conseqüentemente, que a teoria da irrelevância do autor era inferior às teorias ou semi-teorias por ela substituídas, nem se pode duvidar que o efeito imediato do banimento do autor foi inteiramente benéfico e revigorante. Agora, a uma distância de várias décadas, as dificuldades que cercam a teoria da autonomia semântica emergiram claramente e são

sentido, como o texto, e a participação do leitor, que serão detalhados nos itens 5.1.2 e 5.1.3 e que constituíram, na história da Crítica Literária, focos de interesse separados e muitas vezes em mútua exclusão.

Neste ponto, é interessante destacar que E.D. Hirsch, defensor do propósito do autor como delimitador do sentido de um texto, em sua demonstração de que o texto carrega um sentido próprio inserido pelo autor, dá um exemplo, que embora ele não se atente, demonstra a articulação entre as faces existencial e tradicional da hermenêutica na elaboração de sentido. Ele cita o filósofo Schelling que ao ler sua própria filosofia escrita antes de 1809, já não se reconheceu nela. Com isto, Hirsch afirma haver um sentido determinado na obra colocado por Schelling, confirmando haver uma influência autoral no texto na época de sua composição<sup>366</sup>.

O interessante é que para ele demonstrar que a obra tem um sentido autoral nela solidificado, precisa revelar que o autor sofreu um processo de mudança em sua compreensão interpretativa que resultou no estranhamento posterior de sua própria obra. Isto ele denominou de um efeito “psicologista”, cuja variação de sentido produzido na obra careceria de qualquer princípio para distinguir uma interpretação válida de uma falsa. Tal assunto, segundo Hirsch poderia ser visto em “um momento conveniente”. O que ele apresenta com esta observação, e útil para o que está sendo tratado neste tópico, é a influência dos dois ambientes da hermenêutica, o tradicional, balizado pelo propósito do autor extraído do código linguístico e solidificado na obra, e o existencial, quando o autor não se reconhece mais na obra, cujo balizamento é pela via estética, conforme apresentado nesta pesquisa.

Outra característica do modelo integrador que importa destacar, neste ponto, é que conforme verificado, o processo autoral é também um processo hermenêutico. Nos estudos de Crítica Literária discute-se a relação do significado de um texto com sua origem no autor, na obra ou no leitor, no entanto, os estudos hermenêuticos têm

---

responsáveis por um mal-estar que persiste na academia, ainda que essa teoria tenha saído, há tempos, vitoriosa. Que este estado de desânimo e ceticismo acadêmico é, em grande parte, resultado da teoria da irrelevância do autor, é a meu ver, um fato de nossa recente história intelectual”.

<sup>366</sup> HIRSCH, 2014, p.201. “Dado que as supostas mudanças de sentido experimentadas pelo próprio autor devem estar limitadas a um período histórico relativamente curto, apenas a visão psicologista deverá nos preocupar aqui. [...], mas, esta é ainda um outro problema que será discutido em um momento conveniente. [...] Provavelmente, os exemplos mais extremados deste fenômeno são os casos de repúdio, por parte do autor, de seu próprio texto, tal como o ataque público de Arnold a sua obra-prima *Empedocles on Etna* ou a rejeição de Schelling de toda a filosofia que escreveu antes de 1809. Nestes casos, não pode haver a menor dúvida de que a resposta posterior do autor ao texto foi bem diferente da original”.

sido concentrados “na ponta”, na recepção<sup>367</sup>, e visa a detalhar a compreensão que o leitor obteve na apreensão da obra. Esta pesquisa propõe que a autoria também realiza um processo hermenêutico.

Cabe destacar, neste ponto, que tradicionalmente a hermenêutica é vista como um processo desenvolvido por aquele que está “na ponta”, ou seja, no lado receptivo. O que se tem colocado em diversos exemplos neste trabalho é que existe no processo de interpretação considerações a respeito do autor para sua execução, suas intenções e seus propósitos que foram objetivados no texto.

A consideração autoral, na Teologia é exemplificada nos métodos histórico-críticos, no Direito é exemplificada no método do jurista italiano Emílio Betti, para o qual a interpretação da lei se dá na busca da intenção do legislador<sup>368</sup> (*mens legis*). Este tipo de abordagem hermenêutica, que busca o autor é, no entanto, metodologia relativa ao processo hermenêutico exercido na ponta, pelo receptor que deseja entender o que o autor colocou no texto. O processo hermenêutico, neste caso, se dá na parte receptora.

O modelo que este trabalho propõe vai mais além, pois reconhece que o próprio autor, exerce também, ele mesmo, um processo hermenêutico na confecção de sua obra. Assim, é importante distinguir o leitor como objeto de pesquisa de quem, na recepção busca um sentido no texto, do autor como realizador do processo hermenêutico de criação, conforme apresentado nos itens 4.2.1 a 4.2.4 deste trabalho.

Com relação a este assunto, Gadamer, em seu modelo de hermenêutica existencial, ressalta que a compreensão está envolvida em um mesmo processo juntamente com a interpretação e aplicação. Assim, quando uma pessoa compreende uma situação, juntamente com a compreensão também está envolvida a aplicação, ou seja, a determinação de como a pessoa atuará em determinada situação<sup>369</sup>. Mas,

---

<sup>367</sup> RICOEUR, 1976. p.43. “*The problem of writing becomes a hermeneutical problem when it is referred to its complementary pole, which is reading*” (grifo nosso).

<sup>368</sup> BETTI, Emílio. *Teoria generale della interpretazione*. Milano: Giuffrè, 1995, p.231. “*In generale, perché possa parlarsi d’interpretazione bisogna che si tratti di un’attività sucedânea e subordinada ad un precedente e principale attività creative di forme rappresentative (che sia tale almeno indirettamente, giusta il momento dell’alterità), della quale assuma di chiarire il senso e di ricostruire (riesprimere) il pensiero*”.

<sup>369</sup> GADAMER, 2013, p.406-407. “A aplicação edificante que se fazia por exemplo da Sagrada Escritura no anúncio e pregação cristã parecia ser algo completamente distinto da compreensão histórica e teológica da mesma. Ora, essas reflexões nos levaram a admitir que, na compreensão, sempre ocorre algo como uma aplicação do texto a ser compreendido à situação atual do intérprete. Nesse sentido nos vemos obrigados a dar um passo mais além da hermenêutica romântica, considerando como um processo unitário não somente a compreensão e interpretação, mas, também, a aplicação

a aplicação à realidade objetiva do que foi compreendido é justamente o processo autoral de produção de sentido<sup>370</sup>. Implicitamente no modelo Gadameriano, encontram-se a recepção e a autoria juntas, porém na mesma pessoa e no mesmo instante hermenêutico. Mesmo em Gadamer, embora não explicitamente colocado, o processo autoral é considerado um processo hermenêutico.

#### **5.1.1.1 O autor bíblico e a revelação**

Neste ponto, é importante destacar como o modelo que estamos apresentando nesta pesquisa apresenta o processo de revelação divina que vem através de um autor bíblico. A transmissão da revelação de Deus, nos autores bíblicos, é um processo hermenêutico, por isso é importante verificar como o modelo apresentado nesta pesquisa articula esse processo revelacional.

Cabe destacar, neste ponto, que o processo hermenêutico não atua somente de forma passiva, ou seja, na compreensão de obras já feitas, mas também de forma ativa, no sentido de realizar, produzir ou reproduzir alguma obra. Assim, a elaboração do texto bíblico, mais exatamente, na produção seu texto autógrafa<sup>371</sup>, foi feita sob o processo hermenêutico.

Isso nos remete às diversas camadas orgânicas presentes no processo hermenêutico. Cada uma delas terá seu reflexo no texto produzido e suas proposições. Assim, o mundo estético será refletido com a revelação direta de Deus vinda do mundo estético do autor; o mundo da tradição e das condicionantes sociais; as limitações biológicas, morais e racionais; as limitações do código de comunicação, a linguagem. Assim, componentes tanto da Hermenêutica Existencial, quanto da Hermenêutica Tradicional terão suas marcas no texto bíblico<sup>372</sup>.

---

[...] pensamos que a aplicação é um momento tão essencial e integrante do processo hermenêutico como a interpretação e a compreensão”.

<sup>370</sup> SPAREMBERGER, Raquel Fabiana Lopes. *Betti x Gadamer: da hermenêutica objetivista à hermenêutica criativa*. Revista da Faculdade de Direito UFPR, v. 39, p 171-189. 2003, p.183. “Ao invés do desejo objetivante da reprodução de um sentido, recriando as intenções plasmadas no texto, que era o ponto de vista da hermenêutica tradicional, a nova hermenêutica (GADAMER) refere o fenômeno da ‘compreensão’ como produção de sentido, com saber constitutivamente ligado à situação particular”.

<sup>371</sup> O texto autógrafa é o texto original saído das mãos do autor e não uma cópia.

<sup>372</sup> Ênio Mueller destaca em seu artigo que a verdade se encontraria em um nível metafórico mais profundo que fundamentaria as proposições escritas no texto, por isso, no caso do texto bíblico, este seria a *norma normans* (norma normativa). MUELLER, 2004, p.76. “Minha proposição é que, à luz da distinção acima, o Novo Testamento situa a pergunta pela verdade no segundo nível, ou seja,



A revelação de Deus na Bíblia vem por meio da inspiração divina que é tradicionalmente entendida como o “sopro de Deus”, como explícito no termo grego - *teopneustos* – constante do texto da segunda carta de Paulo a Timóteo, capítulo 3 e versículo 16<sup>373</sup>. Assim, na revelação, Deus “sopra” o autor bíblico com sua inspiração e por meio dela a revelação de Deus é inserida no mundo estético do autor.

A palavra “sopro” é muito significativa, pois apresenta a influência de Deus sobre os autores das Escrituras de forma estética, originalmente não limitada aos aspectos linguísticos e de forma intuitiva. É no mundo estético que se origina a influência reveladora de Deus na autoria do texto bíblico.

Outro texto importante com respeito à influência de Deus na autoria das Escrituras está na segunda carta de Pedro, capítulo 1 e versículo 21, onde diz que os homens santos de Deus falaram “inspirados” pelo Espírito de Deus<sup>374</sup>. A palavra “inspirados”, neste texto, é tradução da palavra grega *pheromenoi* que indica “impulsionados”, “motivados”. Esta palavra também indica que uma motivação ou impulso foi o ponto inicial da inspiração.

A revelação, pois, sobre o autor bíblico inicialmente vem de um impulso ou sopro da parte de Deus, cujo local de destino é sua parte estética. Este encontro revelador da parte de Deus nos autores bíblicos coincide com a tentativa de reformulação do que seja inspiração bíblica iniciada a partir da segunda metade do século XIX que direcionava o processo de inspiração para uma categoria não verbal e não cognitiva de revelação em uma espécie de *self-disclosure* divina.

---

a verdade não estaria primeiramente relacionada com os conteúdos propositivos, mas com as metáforas profundas **sobre as quais tais conteúdos propositivos vão ser construídos**. Sem querer me aprofundar aqui neste assunto, quero sugerir que parte do problema na interpretação das parábolas de Jesus é o não-reconhecimento de tal distinção e a conseqüente insistência em interpretar as parábolas no nível propositivo, quando na verdade elas são um bom exemplo de que o NT vai situar **a pergunta pela verdade no nível das metáforas fundantes**. Desta perspectiva, o sentido das parábolas é justamente a recusa em decidir questões no nível propositivo (como no caso dos dois irmãos que disputavam sobre uma herança) **e o apontar para o nível mais profundo**” (grifo nosso).

<sup>373</sup> Carta à Timóteo. In: A BÍBLIA Sagrada. Tradução João Ferreira de Almeida. ed. rev. e corrigida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1989. II Tm 3.16: “Toda a Escritura divinamente inspirada, é proveitosa para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça” (versão ACF). Em grego seria: *πᾶσα γραφή θεόπνευστος καὶ ὠφέλιμος πρὸς διδασκαλίαν, πρὸς ἐλεγμὸν, πρὸς ἐπανόρθωσιν, πρὸς παιδείαν τὴν ἐν δικαιοσύνῃ.*

<sup>374</sup> Segunda Carta à Pedro. In: A BÍBLIA Sagrada. Tradução João Ferreira de Almeida. ed. rev. e corrigida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1989. II Pe.1.21: “Porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram **inspirados** pelo Espírito Santo”. O texto em grego é: *οὐ γὰρ θελήματι ἀνθρώπου ἠνέχθη προφητεία ποτέ, ἀλλὰ ὑπὸ πνεύματος ἁγίου φερόμενοι ἐλάλησαν ἀπὸ θεοῦ ἄνθρωποι.*

Esta tentativa de reformulação da doutrina da inspiração veio influenciada pelos escritos de Schleiermacher que procurava assentar a realidade de Deus na experiência de sentimento de autossubmissão. Isso ele fez na tentativa de se contrapor ao empirismo inglês de David Hume que postulava que os fatos da experiência só poderiam conduzir ao agnosticismo<sup>375</sup>.

O método teológico de Schleiermacher parte da revelação recebida no interior da pessoa, desta forma em um ambiente pré-linguístico e pré-conceitual<sup>376</sup>. A partir daí as conceituações podem ser realizadas por meio das possibilidades apresentadas por esta experiência estética interior, podendo, então, ser apresentada de forma filosófica e racional<sup>377</sup>. É a isso que Schleiermacher denominou figurativamente de “aliança eterna<sup>378</sup>” entre o experiencial da revelação e o filosófico da teologia especulativa. Desta forma, sua teologia parte da experiência interior do divino<sup>379</sup> ao invés de começar com o exterior em conceituações metafísicas sobre Deus em uma teologia filosófica e racionalizante<sup>380</sup>.

<sup>375</sup> WALTKE, Bruce e KAISER, Walter Jr. *The Expositor's Bible Commentary: with the New International Version of the Holy Bible Vol 1*. Grand Rapids: Zondervan Corporation, 1979. p.22-23. “*The reconstruction of the Christian doctrine of revelation in wholly noncognitive and nonverbal categories has during the past half century centered in the emphasis on divine self-disclosure viewed dialectically or existentially, whereas in the decades before World War I anti-intellectualist emphasis in religion fell rather on the limitations of human reason and the nontheoretical nature of religious experience. [...] In neo-Protestant circles the impetus for this correlation came from Schleiermacher, who, by seeking in religious experience a basis for asserting the reality of God, hoped to counter Hume's emphasis that experiential considerations do not lead beyond agnosticism in respect to the existence of a Supreme Being. Schleiermacher postulated the feelings, particularly the feeling of absolute dependence on the cosmic whole (which for twentieth-century man has been mollified by an exuberant sense of the scientific conquest of nature), as the locus of religious experience*”.

<sup>376</sup> DREHER, 1995, p.52. “...ao ser redefinida como revelação interna vinculada de modo indissociável ao âmbito da piedade, a ideia de revelação adquire credibilidade independentemente de mecanismos de prova que presumivelmente apontariam para sua validade ‘objetiva’ à parte do sujeito que experimente revelação”.

<sup>377</sup> DREHER, 1995, p.59. “[...] no fim das contas, isso equivale a dizer que é necessário fazer teologia em íntima conexão com as disciplinas ‘éticas’, e como tal com a filosofia *strictu sensu*. Tal é o caso na medida exata em que cabe à filosofia desenvolver a estrutura especulativa que deve interagir com (mas não simplesmente determinar) e organizar os dados da história humana em todas as suas distintas manifestações (éticas, estéticas, religiosas etc.)”

<sup>378</sup> DREHER, 1995, p.61. “Em nosso entender, o programa de uma teologia mediadora pode ser visualizado adequadamente à luz de uma imagem utilizada por Schleiermacher quase no final de sua carreira, a saber, a imagem de uma ‘aliança eterna’ entre a fé cristã e uma ciência livre e independente”.

<sup>379</sup> DREHER, 1995, p.51. “Na obra de Schleiermacher, a novidade consiste em que em última análise já não se concebe a revelação primordialmente como uma comunicação sobrenatural proveniente de fora do sujeito. Antes, o conceito de revelação perde em exterioridade e se torna um acontecimento regular ou quase regular intrínseco à própria dinâmica da natureza humana *qua* natureza religiosa. Outrossim, isso implica dizer que Schleiermacher redefine revelação no contexto da experiência enquanto ponto de partida da teologia”.

<sup>380</sup> DREHER, 1995, p.51. “Pois, muito embora já para o primeiro Schleiermacher se possa e deva falar da experiência de Deus como o outro da experiência propriamente dita, não é difícil depreender de

Cabe destacar também que Karl Barth considerava a revelação uma manifestação pessoal de Deus, não acreditando em uma revelação proposicional, ou na história, ou mesmo na natureza, por isso, contrário a uma Teologia Natural. Em resumo, Barth só cria na revelação especial de Deus e não na revelação geral. Isto se devia aos resquícios da filosofia Kantiana da época do liberalismo de Barth<sup>381</sup>. Embora, posteriormente, tenha se voltado ao que costumou-se denominar neo-ortodoxia, crendo na revelação de Deus, contudo suas raízes kantianas não o permitiram aceitar uma revelação divina geral que se confundisse com o mundo dos fenômenos<sup>382</sup>.

O modelo do processo hermenêutico apresentado nesta pesquisa, porém, não se detém no estágio estético da revelação, mas vê como necessária a inserção desta revelação no âmbito do mundo sensível e cognoscível, e, para tal, o autor fará uso dos signos linguísticos e aspectos contingentes da existência, como a cultura, psicologia e tradições. Em outras palavras, o autor se utiliza das camadas presentes na organicidade hermenêutica para a inserção da revelação de Deus para aquela comunidade de época e contornos culturais específicos individualizando-a<sup>383</sup>.

A revelação passa a ser objetivada nos textos bíblicos, cuja transmissão se dá pelo código linguístico utilizado pelo autor. Para esta objetivação, ou inserção pública na comunidade, outras camadas da organicidade hermenêutica são necessárias, como a psicológica, a cultural, a tradição. Estas componentes da face existencial da

---

igual modo que, em termos metodológicos, faz de fato uma grande diferença partir de um apelo à experiência humana de Deus ou do divino ao invés de começar imediatamente com o conceito de Deus (como na metafísica), com a ideia de sua revelação como um dado objetivo, sobrenatural (como em muitas variedades de teologia pré-iluminista ou anti-iluministas) ou ainda com a ideia da lei de Deus (como na ética teológica ou mesmo em alguns tipos de ética filosófica)".

<sup>381</sup> CAMPOS, Heber Carlos. *O impacto da filosofia de Kant sobre a doutrina da revelação em Karl Barth*. Fides Reformata XI, n.1. p. 25-50. 2006, Disponível em: <[Fides\\_v11\\_n1\\_miolo.indd \(mackenzie.br\)](#)>. Acesso em: 22/08/2021. p. 34. "Barth lutou desesperadamente contra a sua própria formação procedente do velho liberalismo, crendo na revelação sobrenatural que a sua antiga fé negava e tentando um retorno à ortodoxia cristã. Ele defendeu com todas as suas forças a revelação sobrenatural de Deus. Nisto Barth está junto da ortodoxia. Mas ele não chegou aonde a ortodoxia estava desde o período pré-moderno. Em contraste com os seus professores, e à semelhança da ortodoxia teológica, ele falava de um Deus transcendente e de uma revelação que vem de cima. Todavia, ao contrário da ortodoxia cristã, Barth não cria numa revelação verbal – proposicional".

<sup>382</sup> CAMPOS, 2006, p.33. "Sob a influência de Kant, Barth fez uma separação entre dois mundos: do númeno e do fenômeno. Assim, ele não admite que Deus, na esfera numênica, se revela através de coisas do mundo dos fenômenos".

<sup>383</sup> REY, Fernando Gonzalez. *O ensino e a aprendizagem – produção de sentidos e subjetividade*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e21TiC85Is8> . Acesso em: 30/10/2020 (12'10"). "O sentido subjetivo é a forma como uma existência aparece em um ato concreto de uma realização humana através da multiplicidade de produções simbólicas de um momento social colocado dentro de uma determinada cultura e dentro de um determinado momento histórico".

hermenêutica entram na composição final da revelação objetivada pelo texto.

A parte objetivada e individualizada da revelação, ou seja, o texto bíblico, é aquela que foi tradicionalmente considerada como inspiração divina quando, na verdade, a inspiração por ser um processo hermenêutico possui a sua face estética da hermenêutica juntamente com sua face objetiva que é a necessária para a manifestação pública desta revelação. Assim, focar a inspiração divina somente na objetividade do texto da revelação publicada, como tradicionalmente passou a ser entendida, é ver a inspiração divina de forma incompleta. O texto é a objetivação da atividade revelacional, mas não a revelação em si<sup>384</sup>.

A consideração incompleta da revelação bíblica, que visa somente o texto acabado, deu margem à proposição de uma inspiração verbal, com a conseqüente doutrina da inerrância textual<sup>385</sup> que propõe que os autores foram guiados por Deus de forma a ficarem livres de erros nas palavras que utilizavam<sup>386</sup>. Cabe destacar que a preocupação dos proponentes da inerrância textual bíblica referente à destruição da revelação resultado de alterações no texto, não se justifica, pois, o trabalho da Crítica Textual<sup>387</sup> tem demonstrado que as alterações textuais que ocorreram não alteraram o sentido do *kerigma* nem das doutrinas centrais da teologia.

A revelação possui significado e é o significado que desvela a realidade. O

---

<sup>384</sup> Alessandro Rocha destaca que a partir do *sola scriptura* houve a possibilidade de identificar a Escritura como revelação, mas em Lutero, Escritura e revelação inicialmente parecem ser distintos. ROCHA, 2010. p.352. “Dizemos possibilidade, porque em Lutero Escritura é transmissora da revelação mais do que revelação propriamente dita”. Mas de qualquer forma, com o desenvolvimento da teologia de Lutero, sobretudo nos textos confessionais luteranos, será ratificada a suficiência absoluta da Escritura. Nas palavras do próprio Lutero: *sola scriptura iudex, norma et regula agnoscitur* (só a Escritura é reconhecida como juiz, norma e regra)”.

<sup>385</sup> DREHER, Martin. *Bíblia: suas leituras e interpretações na História do Cristianismo*. São Leopoldo: CEBI: Sinodal, 2006, p.102. “Como os católicos romanos acentuavam a inspiração da Vulgata, a tradução latina da Bíblia feita por São Jerônimo, os protestantes acentuaram que somente os originais hebraicos e gregos eram inspirados. Como o divino inspirador do texto bíblico não errava, não existiam erros linguísticos e gramaticais no texto. Também não existiam erros históricos, cronológicos, genealógicos ou científicos. ... os gozadores de plantão asseveravam que no céu falava-se hebraico, grego e latim”.

<sup>386</sup> Definição tradicional de inspiração bíblica: WALTKE, Bruce e KAISER, Walter Jr. 1979, p.25. “*Inspiration is that supernatural influence of the Holy Spirit whereby the sacred writers were divinely supervised in their production of Scripture, being restrained from error and guided in the choice of words they used, consistently with their disparate personalities and stylistic peculiarities*”.

<sup>387</sup> WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal: São Paulo: Paulus, 1998, p.39. “A crítica textual é o segundo passo da exegese. Sua tarefa consiste em determinar com a maior exatidão possível o texto grego que deverá servir de base para a tradução e a pesquisa posteriores. A necessidade da crítica textual advém do fato de que o Novo Testamento foi escrito em grego e em manuscritos cujos originais desapareceram. Esses manuscritos foram sucessivamente copiados no decorrer dos séculos, de modo que conhecemos milhares dessas cópias na atualidade. Comparando essas cópias entre si, constata-se que o texto reproduzido nem sempre é igual. São exatamente as diferenças existentes entre essas várias cópias que perfazem o objeto de estudo da crítica textual”.

autor se utilizará do código linguístico para inserção do significado da revelação por meios objetivos, necessários à sua publicação, e para isso se utilizará das regras gramaticais. Assim, por meio do código linguístico, o autor escolhe os signos que transmitem melhor o significado recebido pela revelação, compondo as palavras, as sentenças, e o texto como um todo. A revelação terá seu significado codificado por meio do código linguístico utilizado e ficará disponível, no texto objetivado, para todo aquele que explorar o mundo do texto. Cabe destacar, que o processo de revelação para o autor, originou-se na via estética, no âmbito da compreensão, por meio do sopro de Deus, e materializou-se e individualizou-se pela via linguística por meio da interpretação.

O significado codificado aponta para a parte estética e por isso a revelação pode ser extraída posteriormente, pois é um objeto da idealidade<sup>388</sup>. Como veremos no item 5.1.3 – Foco na recepção, a revelação se manifestará a partir do significado interpretado que foi colocado no texto<sup>389</sup>, atingindo de volta a parte estética do leitor (pela compreensão). Lembrando sempre que o modelo integrador considera o polo de autoria como pertencente ao processo hermenêutico juntamente com o polo receptor. O entendimento atual considera somente o polo receptor como participante do processo hermenêutico resultando em um processo aberto e sem referências estéticas.

Quanto à revelação bíblica, por ser um processo hermenêutico, passa por ambas as faces hermenêuticas, a existencial, por meio da estética e a tradicional, por meio das racionalizações objetivantes. Vinda do mundo estético, presente na Hermenêutica Existencial, passa para o mundo objetivo, tornando-se pública por meio da Hermenêutica Tradicional, nisto resulta em que a Palavra de Deus possui as naturezas divinas e humanas simultaneamente. Assim, apresenta em sua constituição a dialética já apresentada por Barth por possuir em si a atemporalidade e temporalidade, a suprarracionalidade e a racionalidade, a espiritualidade e a materialidade, a singularidade e a universalidade, epistemologia e ontologia. Além disso, esse modelo se coaduna com o entendimento de Lutero que compara a Palavra

---

<sup>388</sup> RICOEUR, 1976, p.90: *“For Frege and Husserl a ‘meaning’ is not an idea that somebody has in his mind. It’s not a psychic content, but an ideal object which can be identified and reidentified by different individuals at different times as being one and the same”.*

<sup>389</sup> Conforme o modelo Gadameriano há a necessidade para esse processo de uma compreensão prévia que dará a partida no processo interpretativo mais qualificado que então se firmará na compreensão final.

de Deus à encarnação de Cristo, possuindo divindade e humanidade simultaneamente<sup>390</sup>.

### 5.1.2 Foco no texto

Os estudos literários, principalmente no século XX devido ao surgimento dos estudos linguísticos, deslocou o foco de análise hermenêutica para o texto em si. Desta forma, muito esforço foi empreendido para verificar como o texto carrega significado.

Os estudiosos nesse foco de análise são os estruturalistas, pois, tem como atividade primordial identificar qual a “estrutura” do texto que faz com que ele carregue significado. Dessa forma, não haveria necessidade de se preocupar quem foi o autor do texto ou em que época ele foi escrito, pois, a forma como ele foi estruturado é a que vai dar as condições de interpretação do texto. Assim, o estudo estruturalista do texto, considera o mesmo como formado com estruturas atemporais, e a-históricas<sup>391</sup>. O estruturalismo considera que o texto possui uma estrutura de superfície, identificada facilmente no processo de comunicação pelo código linguístico. Além dessa estrutura superficial, o texto também possui uma estrutura profunda utilizada de forma inconsciente, e é esta estrutura que vai fazer a intercomunicabilidade entre os seres humanos.

Essa forma de estudar o texto, trouxe independência para ele, e na visão mais moderna, ele teria se tornado “ontológico” com sua carga de significados que ele carrega ao longo do tempo.

Para o estudo dessas estruturas foram feitas várias formulações para identificá-

---

<sup>390</sup> Enio Mueller em sua obra, destaca que “separação” é uma das consequências do pecado. Este fato ele aplica à Bíblia indicando, que não se deve desprezar nem o aspecto divino nem o aspecto humano da formação da Bíblia. MUELLER, 2010, p.167. “O fato de a Bíblia ser ao mesmo tempo divina e humana faz dela um protótipo da reconciliação, que é a sua grande mensagem. Ou seja, reconciliação não diz respeito só à mensagem da Bíblia, mas também à sua forma. Na sua forma ela já é obra da reconciliação divina neste mundo, sinal do paraíso, sinal do novo mundo que esperamos. Na Bíblia, o divino e o humano estão unidos de tal maneira que não devem ser separados. E não só o que diz a Bíblia deve ser visto desde esta perspectiva, mas também o como diz. Tal como na encarnação de Deus o divino e o humano voltaram a ter comunhão de amor que desde a perspectiva de Deus nunca deveriam ter deixado de ter, também na Bíblia isso é realidade”.

<sup>391</sup> HAYES, John; HOLLADAY, Carl. *Biblical Exegesis: A beginner's Handbook*. Atlanta, USA: John Knox Press, 1987, p.111. “*Structuralists assume that literature reflects both surface structures and deep structures. The ‘deep structures’ are reflective of structural patterns that transcend time and space but can be abstracted from specimens of literature. In structuralist interpretation, a text is viewed more as a mirror than as a window. As a mirror, the text reflects universally shared structures and concerns. Thus, texts have an integrity of their own apart from the circumstances in which they originated. In structuralist interpretations, a text stands on its own regardless of the text’s origins or past and is to be interpreted without concern for the author’s assumed original intention.*”.

las. Uma dessas formulações foi a “intertextualidade” elaborada por Mikhail Bakhtin, o formalismo Russo, na pessoa de V. Propp e o estruturalismo europeu.

A intertextualidade estabelece que na elaboração de um texto são utilizados outros textos anteriores como fontes, modificados ou ressignificados e se tornam misturados ao texto atual em elaboração, num processo antropofágico<sup>392</sup>.

O modelo apresentado explica este fenômeno de intertextualidade no sentido em que cada texto lido modifica de alguma forma nossas tradições, conhecimentos adquiridos presentes na nossa pré-compreensão. Assim, a pré-compreensão ao ler um determinado texto é modificada e, desta forma, é “preparada” para atuar em um texto futuro que tenha o leitor do texto anterior como autor do texto atual. Na elaboração do texto atual, o autor se utilizará de sua hermenêutica existencial na qual encontrará sua pré-compreensão reformulada.

A elaboração textual levará em conta os demais processos hermenêuticos conforme já explicados, juntamente com a pré-compreensão alterada, o que resultará em uma obra composta. Para o autor tudo se passa como sendo dele todo o conteúdo, quando na realidade muita coisa em sua pré-compreensão já foi conformada com as experiências de outros. É o processo de *Bildung* apresentado por Gadamer em sua obra *Verdade é Método*.

Este processo de intertextualidade é muito importante para os estudos do texto bíblico quando comparamos textos de épocas diferentes ou de comunidades diferentes e vemos a influência dos textos anteriores nos novos textos produzidos<sup>393</sup>, até mesmo naqueles que são cópias e não novas elaborações<sup>394</sup>.

---

<sup>392</sup> COELHO, Lázara et.al. *A Intertextualidade no Processo Hermenêutico da Bíblia: uma abordagem inicial*. Vox Faifae: Revista de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas da Fama. Fascículo Crer é Pensar. vol. 3, n. 2, 2011, p.8. “Bakhtin (1992, p. 291), falando do texto em relação ao enunciado, afirma: Cada enunciado é um elo ou cadeia muito complexa de outros enunciados que se manifesta na comunicação verbal de dada esfera. Nessa comunicação, diz ele, ‘Não há textos Puros, nem poderia haver. Qualquer texto comporta [...] elementos que se poderiam chamar técnicos (aspecto técnico da grafia, da elocução etc.)’. Mais adiante, conclui (1992, p. 331): Assim, por trás de todo texto, encontra-se o sistema da língua; no texto, corresponde-lhe tudo quanto é repetitivo e reproduzível, tudo quanto pode existir fora do texto”.

<sup>393</sup> BARTHES, 1988. p.68. “Sabemos agora que um texto não é feito de uma linha de palavras a produzir um sentido único, de certa maneira teológico (que seria a ‘mensagem’ do Autor-Deus), mas um espaço de dimensões múltiplas, onde se casam e se contestam escrituras variadas, das quais nenhuma é original: o texto é um tecido de citações, saídas dos mil focos da cultura”.

<sup>394</sup> Severino Croatto em sua obra apresenta o efeito que a releitura de um texto devido a sua polissemia causa a partir daquela nova interpretação, incorporando as interpretações anteriores funcionando ao final como se fosse um só texto mesclado. CROATTO, 1984, p.22-23. “Quando Jesus ressuscitou dirigiu-se aos discípulos de Emaús e para censurá-los remete a um texto o qual está interpretando. Muito bem, não existe nenhum relato profético do Antigo Testamento que contenha o referente

Assim, o texto é uma mistura de tradições que através da intertextualidade vão se acumulando<sup>395</sup>. O texto carrega em si um sentido aplicado nele e codificado pelos signos da linguagem. Desta forma, no estruturalismo, diz-se que ele tem existência independente do autor e do leitor, ou seja, tem um significado ontológico<sup>396</sup>. Esse significado “impresso” no texto, vem do código linguístico objetivamente aplicado, e que o transforma em um “objeto” a ser analisado à semelhança das ciências exatas com o uso da dialética como visto no item 5.1.1.

Os estudos críticos também nos levaram ao entendimento de que a forma da comunicação importa no processo de entendimento do texto. Assim, no século XIX, os estudos literários da Bíblia<sup>397</sup> conduziram à conclusão de que os textos bíblicos possuem formas literárias específicas e que estas vão ajudar na identificação dos significados que vão tornar o texto bíblico polifônico<sup>398</sup>.

Paul Ricoeur era um crítico ferrenho de esquemas cristãos que através de metanarrativas transformam todas as sinuosidades do texto, em uma história da salvação anulando todas as riquezas que o texto apresenta em seus diversos gêneros literários, como se o texto fosse nivelado horizontalmente por um tipo só de forma. Assim, deve-se respeitar os diversos tipos de gêneros literários nos qual o texto bíblico foi composto, pois, cada gênero traz em si sua potencialidade de comunicação e de transmissão de sentido.

Desta forma, as pesquisas de Ricoeur tem um foco na feitura do texto e

---

messiânico, que segundo Lucas, Jesus afirma. Por outro lado, é evidente sua alusão aos cânticos do ‘Servo’ de Is 40.45 [...] A releitura que o Jesus de Lucas 24 faz de Isaías 53 é uma produção de sentido e se expressa como um discurso sobre um outro discurso anterior incorporado naquele. Em perspectiva, parece que houve um só discurso, um só texto”.

<sup>395</sup> CROATTO, 1984, p. 38. “Porém um relato ‘tecido’ com outro produz um novo relato, não uma soma dos dois, e o sentido estará nessa nova totalidade codificada que constitui um texto e não mais é a soma das duas unidades literárias ou de suas significações originais. A produção de sentido se modifica, e assim sucessivamente, à medida em que um texto entra no outro texto, à medida em que da intertextualidade passa a uma intratextualidade maior”.

<sup>396</sup> Comissão Bíblica Pontifícia (APUD RICOEUR, 2006, p. 31). “Do pensamento hermenêutico de Ricoeur retenha-se primeiro o relevo que dá à função de distanciamento como preliminar necessária a uma justa apropriação do texto. Existe uma primeira distância entre o texto e seu autor, porque, uma vez produzido, o texto toma certa autonomia em relação a seu autor; começa uma carreira de sentido. Outra distância existe entre o texto e seus leitores sucessivos. Esses devem respeitar o mundo do texto em sua alteridade. Os métodos de análise literária e histórica são, pois, necessários à interpretação”.

<sup>397</sup> Cujo principal expoente no século XIX foi Hermann Gunkel.

<sup>398</sup> RICOEUR, 2006, p. 38. “A fim de sermos aptos a falar de um tempo bíblico, deveríamos levar em conta todos os gêneros literários e não só o narrativo. Há um tempo imemorial das leis, um tempo proléptico da profecia, um tempo cotidiano da sabedoria, um ‘agora’ da lamentação e do louvor hínico. O tempo bíblico – se é que essa expressão tem um significado – é feito do entrelaçamento de todos esses valores temporais. A representação de um tempo linear e irreversível é de todo inapropriada a um tal coro de vozes”.



valorização de sua composição como transmissor de sentido, impedindo que haja interpretações rivais, por isso, segundo Ricoeur: *a interpretação tem por fim compreender o mundo literário e teológico desenvolvido no texto* (RICOEUR, 2006). Desta forma, ele não aprovava a desconstrução da forma narrativa do texto e elaboração do mesmo em uma estrutura conceitual não mitológica. Para ele um importante diferencial na hermenêutica bíblica é o referencial transcendental do texto, apontando para Deus e para Cristo<sup>399</sup>.

Cabe destacar que o aprofundamento dos estudos estruturais do texto acabou levando críticos literários e filósofos a desprezarem totalmente a existência do autor, considerando-o irrelevante para o entendimento e significado do texto. Assim, diziam que o que temos à nossa frente é o texto, o autor não existe mais. É a estrutura linguística e a narrativa que constituem o texto que vai dar o seu significado. Assim, em 1967, Roland Barthes acabou declarando a “morte do autor”<sup>400</sup>. Esta foi a ênfase do que nos Estados Unidos foi conhecido como Nova Crítica (*New Criticism*<sup>401</sup>) no âmbito da Crítica Literária<sup>402</sup>.

---

<sup>399</sup> RICOEUR, 2006, p. 22. “Diante das perturbações causadas pelo enfrentamento das interpretações rivais, Ricoeur intenta propor uma teoria englobante de hermenêutica dos textos que vale também para a linguagem religiosa. Para ele interpretar um texto não se limita nem a captar a intenção do autor ou o pano de fundo histórico do texto – na perspectiva da crítica bíblica tradicional – nem a apreender o jogo de significações internas ao texto sem nenhuma referência ao real fora do texto – como propõem numerosos leitores pós-modernos da Escritura. Segundo Ricoeur, a interpretação tem por fim compreender o mundo literário e teológico desenvolvido no texto. Paul Ricoeur não deseja sacrificar nenhuma dessas duas abordagens explicativas, mas antes articular uma à outra para preveni-las dos riscos que cada uma corre: a crítica histórica, do desinteresse pela matéria teológica do texto, e a poética pós-estrutural, de sua vontade anti-referencial”.

<sup>400</sup> BURK, John M. *The Death and Return of the Author: Criticism and Subjectivity in Barthes, Foucault and Derrida*. 1989. 247 p. Tese (Doutorado) - University of Edinburg, Scotland. p. 24. “[...] the birth of the reader must be at the cost of the death of the Author”.

<sup>401</sup> IACONO, Christian Santiago. *Bíblia: Palavra de Deus em linguagem humana, sua interpretação no passado e contemporaneidade humana*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação da Escola Superior de Teologia. 161 f. São Leopoldo, 2014. p.89. “O *New Criticism* foi um movimento inglês e norte-americano de meados do século XX que privilegiava a autonomia e a unidade formal do texto, em vez da personalidade ou biografia do autor. W. K. Wimsatt e Monroe Beardsley, em um famoso ensaio de 1946 intitulado *The Intentional Fallacy*, declararam que as intenções do autor eram irrelevantes para todos os fins interpretativos, e que ‘os fatos extrínsecos sobre a vida do autor não têm conexão intrínseca com o significado e seu texto. O que o autor quis fazer, portanto, não ajuda na determinação do que ele fez. Mas os próprios praticantes do *New Criticism* continuaram a levar em consideração o contexto geral do autor (linguístico, histórico, cultural), pois seria extremamente difícil, talvez impossível, entender um texto sem presumir alguma coisa de seu *background*”.

<sup>402</sup> HIRSCH, 2014. p.196. “As considerações de Barthes, Derrida e Paul de Man formam o núcleo duro da posição anti-intencionalista, aquela que imagina que a utilização de qualquer referência à intenção ou história (pessoal ou social) do autor é contraproducente para os estudos literários. Somadas, estas posições saíram vitoriosas nos debates em torno da interpretação literária que ocorreram entre as décadas de 1960 e 1970, produzindo um consenso em torno da irrelevância do autor para os estudos literários que só recentemente começou a ser reavaliada, principalmente

A ênfase extremada na estrutura do texto, levou os estruturalistas a considerar a estrutura do texto como uma estrutura linguística independente à qual os escritores estavam sujeitos. Assim, não era mais o autor que ditava a forma do texto, mas o texto que ditava os seus próprios limites<sup>403</sup>. A essa rede de estruturas determinativas Foucault denominou de *episteme*<sup>404</sup>. A essa *episteme* foi dada uma independência ontológica na qual Foucault estabelece até os mecanismos de suas transformações ao longo do tempo, caracterizando as diversas épocas do conhecimento humano.

O que resultou desse movimento, foi que na falta de um autor que pudesse balizar a interpretação do texto, outro agente foi colocado em seu lugar<sup>405</sup>. Na área da Crítica Literária, o significado do texto não mais era produzido e referenciado ao autor, mas ao crítico literário que pela análise da literatura determinava seu sentido pelas suas análises técnicas.

Na área do Direito, sem considerar o propósito do legislador em determinado texto da lei (*mens legis*), o juiz passa a ser o criador de significado por meio de sua hermenêutica jurídica. Na área da Teologia, o texto bíblico passa a ter tantos significados quantos são os líderes religiosos. Assim, a desconsideração do autor na concepção estruturalista deu origem a uma forte ênfase da multiplicidade de significados tendo como corolário o pós-estruturalismo<sup>406</sup>.

---

quando ficou evidente que a questão da autoria parece resistir quando o que se busca é entender a produção, circulação e recepção de textos”.

<sup>403</sup> FOUCAULT, 1998, p. 207. “It’s very familiar thesis that the task of criticism is not to bring out the work’s relationships with the author, nor to reconstruct through the text a thought or experience, but rather to analyze the work through its structure, its architecture, its intrinsic form, and the play of its internal relationship”.

<sup>404</sup> BURK, 1989, p. 73. “To this system of relations Foucault gave the name *episteme*; to the Science of its recovery, ‘*archeology*’. It is not the surface of history that are the object of study, but the epistemological substracts upon which the great spectacle of Western discourse has been constructed. At this level, the role of individual authors is no more than that of epistemic functionaries. Their work will not be subject to a profound and subterranean influence, its very essence and existence is determined by the epistemic configuration”.

<sup>405</sup> BURK, 1989, 247 p. Tese (Doutorado) - University of Edinburg, Scotland. p.188. “We have seen that the death of the author is promulgated in agonistic terms, in the form of usurpation, as we have seen also that it is inseparable from a strong act of rewriting by all these critics: Barthes rewriting Balzac, Foucault making literally what he will of four hundred years of philosophical thought, Derrida rewriting Rousseau. The seizure from de author, of the right do produce the text is the motivating thrust behind all of these extirpations, and their justification. Yet in all these cases – that of Barthes in S/Z most immediately – onde the act of rewriting has been achieved, the desire to eradicate the authorial subject recedes, the author is returned. So far from consolidating anti-authorialism, this rewriting leads in its turn to a certain distancing of these critics from the critical field itself. Barthes more or less abandons reading to produce his all forms of autobiographical fictions, Derrida departs from philosophical criticism to interscribe autobiography with Joycean tapestries on writers such as Hegel, Genet, Ponge. Having rewritten the canonical text, the critic goes on to produce text of his own.

<sup>406</sup> Porém o significado do texto nunca realmente deixa de ter a marca do autor (RICOEUR, 1976): “But this de-psychologizing of Interpretation does not imply that the notion of authorial meaning has lost all significance”.

Assim, a desconsideração da referência autoral do texto resultou na colocação de outro agente produtor de significado, resultando de alguma forma em um “retorno do autor”, não o original, mas o produtor de significado<sup>407</sup>.

A resultante multiplicidade de interpretações e suas consequências é razão de preocupação dentro do campo hermenêutico. As várias teologias produzidas no século XX, em parte é fruto desta diversidade, cuja “morte do autor” resultou na colocação em seu lugar de outros agentes.

O modelo proposto, não despreza as referências linguísticas objetivas para a interpretação. O propósito do autor é uma dessas referências. Porém, quanto menos marcadores objetivos que delimitam a interpretação de determinado texto houver, mais da Hermenêutica Existencial será utilizada para suprir essa falta de referência para formar o significado. Consequentemente, conforme apresentado, quanto mais da parte existencial da Hermenêutica for utilizada, mais a estética será necessária para sua delimitação. Desta forma, há uma articulação de “pesos e contrapesos” entre as diversas áreas estudadas na Crítica Literária, ou seja, o autor, o texto e o receptor.

### **5.1.2.1 O texto e a revelação**

Apesar de o texto apresentar uma formatação estrutural, esta estrutura parece indicar as possibilidades de construção do mesmo e não o propósito e significados colocados semanticamente naquela estrutura<sup>408</sup>, ou seja, a sua interpretação<sup>409</sup>. Conforme vimos no item 5.1.1 o autor bíblico que recebe a revelação organiza os significados pelos códigos linguísticos para materialização da revelação recebida por meio do texto. Assim, existe um algo mais sobre esta estrutura que indica a intenção do autor. Porém, a materialização de significado no texto nunca é perfeita, restando,

---

<sup>407</sup> HIRSCH, 2014, p.199. “[...] Pois, uma vez que o autor é, sem qualquer piedade, banido como um fator determinante do sentido do texto, tornou-se gradualmente claro que não existe nenhum princípio adequado para julgar a validade de uma interpretação. Por uma necessidade interna, o estudo do que ‘um texto diz’ tornou-se o estudo do que um texto diz para um crítico em particular. Tornou-se bastante moderno falar da ‘leitura’ de determinado crítico e esta palavra começou a aparecer nos títulos de obras eruditas. A palavra ‘leitura’ parece implicar que, se o autor foi banido, o crítico permanece e que sua ‘leitura’ relevante, engenhosa, urbana, original, nova, tem interesse intrínseco. O que não foi percebido no entusiasmo inicial pela volta ao que o texto diz foi que o texto tem que representar o sentido de *alguém* – se não do autor, então do crítico”.

<sup>408</sup> CROATTO, 1984, p.18. “E isto apesar de que a análise estrutural não é propriamente a interpretação do texto, mas tão-somente uma etapa preparatória”.

<sup>409</sup> Como cita RICOEUR, 1976: “*We can indeed say we have explained the myth, but not that we have interpreted it*”

como foi visto, uma perda de significado intencional do autor<sup>410</sup>.

Esta materialização dos significados pode ser decodificada por quem entenda o código linguístico utilizado, e desta forma trazer novamente à vida a revelação ali expressa por meio da face estética. Por isso, uma mensagem codificada poderá ser repetida diversas vezes pelo mesmo texto<sup>411</sup>. É por meio da forma escrita que a revelação, como evento atuante sobre o autor, se mantém para gerações futuras. O mais importante, no caso do texto bíblico, é a referência para o qual o significado aponta, pois, uma das particularidades da mensagem bíblica é apontar para a realidade espiritual.

### 5.1.3 Foco na recepção

Os métodos hermenêuticos histórico-crítico e histórico-gramatical privilegiam a busca do autor, suas intenções e o seu propósito em colocar sua mensagem. É a busca do significado na origem o que foi apontada por Schleiermacher quando propôs seu método técnico-psicológico de retorno ao autor. Na verdade, todo o desenvolvimento da hermenêutica desde o Renascimento, com a busca pelo sentido literal do texto, é centrado na busca da intenção do autor. Aliás, uma das definições adotadas para a interpretação literal é a busca de sentido intencionado pelo autor.

Após as transformações sofridas pela Hermenêutica no século XIX e o desenvolvimento da Linguística, a importância voltou-se, no primeiro momento, para o texto em si e sua estrutura. As pesquisas procuravam entender como o texto, agora já sem a presença do autor, poderia transmitir sentido. Este é o foco do formalismo russo<sup>412</sup> e do estruturalismo europeu.

---

<sup>410</sup> RICOEUR, 1976, p.29. *“With written discourse, however, the author’s intention and the meaning of the text cease to coincide. This dissociation of the verbal meaning of the text and the mental intention of the author gives the concept of the inscription its decisive significance, beyond the mere fixation of the previous oral discourse. Inscription becomes synonymous with the semantic autonomy of the text, which results from the disconnection of the mental intention of the author from the verbal meaning of the text, of what the author meant and what the text means”.*

<sup>411</sup> RICOEUR, 1976, p.9. *“An act of discourse is not merely transitory and vanishing, however, it may be identified and reidentified as the same so that we may say it again or in other words. We may even say it in another language or translate it from one language into another. Through all these transformations it preserves an identity of its own which can be called the propositional content, the “said as such”.*

<sup>412</sup> JAUSS, 1982, p.16. *“The beginnings of the Formalists, who as members of the ‘Society for the Study of Poetic Language’ (Opoyaz) came forth with programmatic publications from 1916 on, stood under the aegis of a rigorous foregrounding of the artistic character of literature. The theory of the formal method raised literature once again to an independent object of study when it detached the literary*

Posteriormente, porém, H.R. Jauss, em uma palestra na aula inaugural da Universidade de Contanz, em 1967, apontou para a necessidade de se considerar a participação do leitor nos processos literários, dado que as pesquisas anteriores não deram boa acolhida a este segmento<sup>413</sup>, embora já houvesse estudos sobre a sociologia da leitura e o impacto que o texto causa nos leitores. Foi então, a partir daí, que 1967 foi considerado como o ano oficial no qual os estudos com o foco no leitor foram desenvolvidos.

Hans Robert Jauss elaborou, então, sua abordagem da Estética da Recepção, que passou a ser incluída na Teoria Literária. Para ele, quando as expectativas do mundo do leitor entram em contato com o mundo do texto, ele tem uma experiência estética. Por isso, para Jauss, a estética não somente está envolvida na produção da obra como um texto, mas também em sua recepção valorativa<sup>414</sup> pelo leitor<sup>415</sup>. Além disso, é por meio da percepção do estético contido na obra por parte do leitor que ela permanece com sua validade histórica<sup>416</sup> e não porque está catalogada em uma lista

---

*work from all historical conditions and like the new structural linguistics defined its specific result purely functionally, as the sum-total of all the stylistic devices employed in it. [...]. The artistic character of literature is to be ascertained solely from the opposition between poetic and practical language”.*

<sup>413</sup> JAUSS, 1982, p.18. *“In the question thus posed, I see the challenge to literary studies of taking up once again the problem of literary history, which was left unresolved in the dispute between Marxist and Formalist methods. My attempt to bridge the gap between literature and history, between historical and aesthetic approaches, begins at the point at which both schools stop. Their methods conceive the literary fact within the closed circle of an aesthetics of production and of representation. In doing so, they deprive literature of a dimension that inalienably belongs to its aesthetic character as well as to its social function: the dimension of its reception and influence. Reader, listener, and spectator-in short, the factor of the audience-play an extremely limited role in both literary theories. Orthodox Marxist aesthetics treats the reader-if at all-no differently from the author”.*

<sup>414</sup> BRIZOTTO. 2013, p. 113. *“O valor de uma obra decorre da percepção estética que ela é capaz de suscitar. Esse valor situa-se num elemento móvel: a distância estética, que, de acordo com o autor, seria aquela que medeia entre o horizonte de expectativa preexistente e a aparição de uma nova obra. Em outras palavras: a distância estética corresponde a um intervalo entre o que esperamos e o que se realiza”.*

<sup>415</sup> GOMES, 2009, p.4. *“O leitor, portanto, coincide com o horizonte de recepção ou acolhimento de uma obra. Essa, por sua vez, destaca-se quando não se equipara a esse horizonte, pois, se o fizesse, nem seria notada. Com efeito, cada obra procura se particularizar diante do universo para o qual se apresenta, particularização que se evidencia quando ela rompe com os códigos e as normas predominantes. Assim, ela estabelece um intervalo entre o que se espera e o que se realiza, a que Jauss denomina ‘distância estética’. (ZILBERMAN, 2008). Esta distância estética representa a diferença estabelecida entre o horizonte de expectativa preexistente e o outro horizonte aludido pela nova obra. Este aspecto, que pode ser observado conforme a experiência dos leitores, define significativamente o valor artístico da obra, na concepção de Hans Robert Jauss, pois este valor é modificado na medida em que a obra questiona, atende ou supera o horizonte de expectativa estabelecido. Na opinião do autor, a obra assume uma maior distinção positiva quanto mais rompe com o horizonte de expectativa preestabelecido, ou seja, quando se mostra “inusitado” perante o receptor”.*

<sup>416</sup> JAUSS, 1982, p.20. *“The relationship of literature and reader has aesthetic as well as historical implications. The aesthetic implication lies in the fact that the first reception of a work by the reader*

artificialmente elaborada de grandes obras<sup>417</sup>. O leitor em sua existencialidade proporciona um ato de criação e recriação de sentido neste mundo estético advindo de sua hermenêutica existencial<sup>418</sup>.

Assim, a Teoria Literária passou o foco de suas análises para o ato de leitura e seu protagonista, o leitor<sup>419</sup>. O leitor, portanto, se coloca diante do texto<sup>420</sup> e realiza sua análise explorando o “mundo do texto”, como diria Paul Ricoeur.

O detalhamento do processo de leitura na absorção e criação de significado, na exploração do texto, já foi tratado anteriormente. Porém, cabe neste ponto, ressaltar uma diferença entre o entendimento de Paul Ricoeur nesta fase de recepção do texto pelo leitor e o do modelo apresentado nesta pesquisa.

Paul Ricoeur era um filósofo que fazia suas incursões pela teologia, ele entendia que de alguma forma a teologia poderia complementar suas análises filosóficas. Ele foi inclusive criticado por seus pares, por estar contaminando a filosofia com categorias advindas da religião e, por isso, Ricoeur durante toda a sua vida manteve uma separação entre a filosofia e a teologia.

Para ele a significação do texto era dada pela interseção do mundo do texto com o mundo do leitor, por isso a noção de “mundo” era muito importante para suas análises hermenêuticas<sup>421</sup>. Porém, a validação do resultado desse processo de significação do texto, diferentemente do que expomos nesse modelo, era dada pela comunidade, que de forma consensual identificava um significado adequado para a

---

*includes a test of its aesthetic value in comparison with works already read. The obvious historical implication of this is that the understanding of the first reader will be sustained and enriched in a chain of receptions from generation to generation; in this way the historical significance of a work will be decided and its aesthetic value made evident”.*

<sup>417</sup> Jauss, em sua obra, declara que o critério para elaboração de um *canon* das obras literárias está posto pela estética da recepção que aponta para uma experiência significativa no presente como era no passado. JAUSS, 1982, p.20. “The criterion for the formation of such a canon and the ever-necessary retelling of literary history is clearly set out by the aesthetics of reception. The step from the history of the reception of the individual work to the history of literature has to lead to seeing and representing the historical sequence of works as they determine and clarify the coherence of literature, to the extent that it is meaningful for us, as the prehistory of its present experience”.

<sup>418</sup> GOMES, 2009, p.42. “Na percepção, o receptor não é passivo, no processo receptivo deve haver interação e assimilação daquilo ao qual se está sendo exposto. Há também, um ato de criação e recriação por parte do receptor, assim como é exposto na Estética da Recepção”.

<sup>419</sup> PELLETIER, 2006, p. 54. “Progressos importantes da filosofia hermenêutica e da poesia moderna, voltadas para o ‘ato de leitura’ com sua dimensão subjetiva, tornam hoje perceptíveis aspectos essenciais da relação com o texto, ignorados pela exegese histórico-crítica”.

<sup>420</sup> Os significados advindos das três principais ênfases literárias, quais sejam, histórica, estrutura do texto, a do receptor, passaram a ser designadas como: atrás do texto (*behind the text*); no texto (*in the text*); na frente do texto (*in front of the text*) respectivamente.

<sup>421</sup> RICOEUR, 2006, p. 32. “É em torno da noção de mundo que Ricoeur articula a tese central de sua hermenêutica (ver *Hermeneutique philosophique et hermeneutique biblique*, p.222). A significação do texto advém à interseção entre o mundo do texto e o mundo de seus leitores”.

identidade daquela comunidade, e este significado consensual era a norma contra as possibilidades ilimitadas de interpretação<sup>422</sup>.

O modelo hermenêutico Gadameriano, o qual fundamenta o pensamento hermenêutico de Ricoeur, também estabelece a comunidade, pela via da tradição como o balizador da interpretação. Assim, de acordo com o modelo Gadameriano, a interpretação não seria “subjetiva”, mas, validada por um componente externo que seria a tradição. É no estabelecimento da comunidade como ponto de referência para a validação de interpretação que o modelo existencial Gadameriano fundamentou suas respostas às críticas de relatividade da interpretação no âmbito da Hermenêutica Existencial.

Diferentemente do entendimento de Ricoeur e Gadamer, neste ponto, o modelo apresentado nesta pesquisa destina à Hermenêutica Existencial, a componente estética como tendo função normativa e de balizamento dentro da proliferação de interpretações. Entendemos que o recurso à estética é a porta aberta para as dimensões transcendentais do indivíduo que são estimuladas ou transformadas pelo significado impresso no código textual<sup>423</sup>.

Entendemos que para Ricoeur essa barreira de acesso ao estético era intransponível, visto que ele se utilizava somente de ferramentas filosóficas, para as quais não se devia utilizar categorias teológicas, como a da esperança, muito exemplificada em suas obras. Assim, ele retorna para o mundo objetivo e conceitual, articulando junto à comunidade de fé, conforme hermenêutica Gadameriana, o regramento que vai validar a interpretação existencial.

Ressalte-se que, para Gadamer, é o ambiente do mundo linguístico da comunidade e, por conseguinte, suas tradições, que vão se instalar no ambiente pré-

---

<sup>422</sup> RICOEUR, 2006, p. 71. “Além disso, sem proibir a pluralidade das interpretações da Bíblia – uma riqueza e não um vício, precisa de novo Ricoeur, o sinal do caráter inesgotável de sua mensagem – a comunidade desempenha a função indispensável de norma contra a divisão ilimitada das interpretações: *As barreiras à disseminação encontram-se no papel estruturante exercido pela vida comunitária eclesial, que não tem equivalente em filosofia: uma comunidade histórica interpreta-se a si mesma ao interpretar o tesouro de sua Escritura. É dessa maneira que as comunidades de leitura e de interpretação se constituem, que embora não sendo redutíveis a uma unidade, não correm o perigo de uma dispersão infinita*”.

<sup>423</sup> São os aspectos estéticos que ressaltam o sentido de “abertura” de uma obra e que servem de “fruição” de quem a recebe. ECO, Humberto. 2015, p.121. “A impressão de abertura e totalidade não está no estímulo objetivo, que por si só é materialmente determinado [...], mas na relação cognoscitiva no curso da qual se realizam aberturas, suscitadas e dirigidas pelos estímulos organizados segundo a intenção estética. Portanto, sob esse aspecto, a abertura é a condição de toda fruição estética e toda forma fruível como dotada de valor estético é ‘aberta’. É aberta, como já vimos, mesmo quando o artista visa a uma comunicação unívoca e não ambígua”.

compreensivo do intérprete e determinar sua interpretação. Conforme Jürgen Habermas<sup>424</sup> essa visão traria dificuldades no entendimento de como uma comunidade poderia fazer seu próprio progresso para além de seu mundo tradicional, se este mundo é a matéria-prima de seu processo interpretativo. Esta circularidade também não propiciaria uma crítica da ideologia presente em determinada sociedade nem o crescimento de conhecimento.

O referido artifício, não explica hermeneuticamente o próprio significado balizador obtido por essa comunidade, que era buscado por meio da Teoria da Ação Comunicativa<sup>425</sup> de Habermas que procurava um referencial de verdade na razão comunicativa, em uma época de ênfase no relativismo. Aliás, Habermas era um dos críticos de Gadamer, por este ter formulado uma hermenêutica existencial sem um referencial que pudesse servir de árbitro contra a proliferação de interpretações diversas. Este referencial que falta, como temos verificado nesta pesquisa é o referencial estético no que se refere ao aspecto existencial da hermenêutica.

### 5.1.3.1 A recepção e a revelação

O leitor, dentro de sua capacidade linguística, irá captar os significados codificados no texto pelo autor. No caso da revelação bíblica, estes significados inseridos no texto irão recompor o significado original da revelação obtida pelo autor pela via estética. Esta aquisição de significado pelo texto precisa considerar que houve alguma perda de significado no processo de codificação<sup>426</sup> assim como há também no processo de decodificação pelo leitor. O significado colocado no texto

---

<sup>424</sup> HABERMAS, Jürgen. *Truth and Justification*. Translated by Barbara Fultner. Massachusetts: MIT Press, 2003, p.74. “Against an antiscientistic Gadamer, one could, with Popper, call on the testimony of the learning processes of empirical science: Wasn’t there a cumulative growth of knowledge after all? And against the traditionalistic Gadamer, one could, with Adorno, proceed along the lines of a critique of ideology: Did not a de facto victorious power of repression, which destroyed the very conditions of uncoerced communication, impose itself along with the effective history of a prevailing tradition?”.

<sup>425</sup> HABERMAS, 2003, p.1. “Rather, the pragmatic approach to language [*Sprachpragmatik*] helped me to develop a **theory of communicative action** and of rationality. It was the foundation for a critical theory of society and paved the way for a discourse-theoretic conception of morality, law, and democracy” (grifo nosso).

<sup>426</sup> O testemunho bíblico mostra que nem todo o conteúdo revelacional é objetivado para o meio público conforme II Carta aos Coríntios. In: A BÍBLIA Sagrada. Tradução João Ferreira de Almeida. ed. rev. e corrigida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1989. II Co 12.4: “Foi arrebatado ao paraíso; e ouviu palavras inefáveis, que ao homem não é lícito falar”. Jo 20.30 “Jesus, pois, operou também em presença de seus discípulos muitos outros sinais, que não estão escritos neste livro”. Dn 12.8-9:” Eu, pois, ouvi, mas não entendi; por isso eu disse: Senhor meu, qual será o fim destas coisas? E ele disse: Vai, Daniel, porque estas palavras estão fechadas e seladas até ao tempo do fim”.



forma o “sentido” do texto, e nesse aspecto é importante a verificação do sentido final que o texto apresenta. Não são as palavras em si que são importantes, mas o sentido que o texto indica, pois é no sentido do texto que se encontra o conteúdo da revelação.

A revelação é estética e, para obtê-la, é necessário que por meio do mecanismo da exegese, o sentido da época do autor seja obtido, necessitando, após isto, a retirada dos aspectos referentes às camadas orgânicas circunstanciais da hermenêutica como as culturais, sociais e tradicionais nas quais a revelação se revestiu na época de sua autoria. O resultado é o conteúdo estético. Este conteúdo estético é o que vai ser reinserido na cultura e espaço vivencial do leitor resultando dessa forma em uma “fusão de horizontes” na linguagem de Gadamer<sup>427</sup>. O conteúdo revelacional “soprado” no autor do texto bíblico é, dessa forma, transferido ao leitor pela camada estética da hermenêutica e intermediada pelos códigos linguísticos do texto<sup>428</sup>.

Por meio do significado solidificado no código do texto a revelação é propagada até o leitor e o envolve quando entra no mundo do texto. A revelação, pois, é transmitida desde o autor, nos tempos imemoriais, até o leitor moderno como um fio condutor transmite a energia elétrica desde a fonte da geração até aos consumidores, a muitos quilômetros de distância.

A reinserção do conteúdo revelacional no mundo do leitor, será novamente objetivado mediante a adição das camadas orgânicas da hermenêutica para que o conteúdo estético, possa, novamente ter objetividade e materialidade no mundo específico cultural e social do leitor<sup>429</sup>.

---

<sup>427</sup> GRANT, Robert, TRACY, David. *A short history of the Interpretation of the Bible*. USA: Fortress Press, 1984, p.160. “Historically conscious interpreters do not seek simply to repeat, to reproduce the original meaning of the text, in order to understand its (and now their) questions. Rather, they employ all the tools of historical criticism and then seek to mediate, translate, interpret the meaning into their present horizon. Interpreters seek, in Gadamer’s often misunderstood phrase, to ‘fuse the horizon’ of the text (the horizon of meaning in front of the text) with our own horizon”.

<sup>428</sup> Interessante destacar como Humberto Eco entende a apreensão estética do leitor no ambiente do texto. ECO, Humberto. 2015, p.211. “Temos uma fusão de elementos – assim como na palavra poética do versificador tradicional se alcança, em momentos privilegiados, a fusão entre som e significado, entre valor convencional do som e emoção, ênfase de pronúnciação. Esse tipo particular de fusão e o que a cultura ocidental reconhece como a característica da arte, o resultado estético. É o intérprete que, no próprio momento em que se abandona ao jogo das livres relações sugeridas, volta continuamente ao objeto para nele encontrar as razões da sugestão, a mestria da provocação, a essa altura não desfruta mais unicamente sua própria aventura pessoal, mas desfruta a qualidade própria da obra, sua qualidade estética. [...] Percebemos assim que se estabeleceu, na base de uma informação quantitativa, um tipo mais rico de informação, a informação estética”.

<sup>429</sup> FITZMYER, Joseph. *A Bíblia na Igreja*. Tradução Barbara Theoto Lambert. Loyola: São Paulo, 1997, p.42 “Há uma tensão persistente entre esses dois elementos: a Palavra de Deus encontra expressão

Um dos aspectos a ser ressaltado nesta fase de recepção e de grande importância para o processo da Hermenêutica Bíblica, é a dificuldade encontrada para a retirada do conteúdo estético da mensagem<sup>430</sup>. Como temos visto, o conteúdo estético, para ser individualizado para uma comunidade de época específica, necessita ser revestida das componentes orgânicas da hermenêutica. Sem estas componentes o conteúdo não consegue sua materialização objetiva para a vida concreta da comunidade.

Na fase de recepção, o texto apresenta-se completo, com aspectos estéticos, os demais aspectos existenciais, os aspectos linguísticos originados da época e circunstâncias do autor, aspectos históricos e culturais. É a Palavra de Deus, conforme comumente se conhece. Faz-se necessária a retirada destas camadas orgânicas originais e o desvelamento da revelação estética para a aplicação em outro contexto e aí reside a dificuldade já conhecida da hermenêutica bíblica, principalmente aquela referente a anacronismos.

Como foi visto na primeira parte desta pesquisa, a Hermenêutica Bíblica no início do cristianismo lidava com estas dificuldades de anacronismo muitas vezes ignorando-as. Fazia isto por meio da aplicação de métodos alegóricos. Assim, aquilo que culturalmente e tradicionalmente era estranho ao mundo do leitor, era considerado em seu aspecto alegórico visando a uma diminuição da tensão que o texto causava em contato com a nova comunidade<sup>431</sup>. Isto revelava a dificuldade de se extrair do texto o que ele apresentava esteticamente. Este procedimento durou quase toda a Idade Média, sendo alterado de forma substancial na Reforma. A partir da Reforma, os aspectos literais foram mais valorizados dando mais solidez e

---

nas palavras de autores humanos, enquanto os pensamentos e as palavras pertencem ao mesmo tempo a Deus e aos seres humanos. Contudo, Deus não deu valor absoluto ao condicionamento histórico da mensagem. Ela ainda está aberta à interpretação e atualização a fim de ser transplantada para satisfazer uma necessidade ou condição presente”.

<sup>430</sup> Hans Urs von Balthasar foi um teólogo que, na sua teologia estética, ressaltou a importância da revelação por meio estéticos. Para ele é importante a percepção da verdade como *forma*. Assim, caberia identificar a forma como Deus se revela. Ele destaca a estética por meios perceptivos, onde o maior exemplo seria a revelação suprema de Deus por meio de Cristo. BALTHASAR, Hans Urs von. *Glória: uma estética teológica / 1: La Percepcion de la Forma*. Madrid: Ediciones Encuentro, 1985.

<sup>431</sup> BULTMANN, 1999, p.17. “Para tal tarefa orientamo-nos pelas tentativas passadas. Só de passagem será necessário mencionar a tentativa, que perpassa toda a história da Igreja segundo a qual a mitologia do Novo Testamento é de tal modo interpretada alegoricamente que os acontecimentos míticos são espiritualizados ao serem transformados em processos psíquicos. Essa, contudo, é a maneira mais cômoda de se evadir da pergunta crítica: manter tudo no sentido literal, mas dispensando-se a si mesmo de assumi-lo como compromissivo e abrigando-se na esfera das realidades psíquicas”.

consideração às camadas orgânicas da hermenêutica colocadas originalmente.

O advento do Iluminismo trouxe ferramentas histórico-críticas que colocou em questão aspectos dessas camadas orgânicas que haviam sido ressaltadas pela valorização da interpretação literal ocorrida na Reforma. No limite, a forma como foi tratado pelo Iluminismo o processo de contextualização da revelação, por meio das camadas culturais e sociais de adequação estética da revelação foi o de eliminação e desconsideração destas camadas, pois se chocavam com o moderno nível de pensamento da sociedade para a qual o conteúdo estético deveria ser aplicado. Assim, é bem conhecido o procedimento liberal, que na tentativa de extrair o significado da mensagem cristã, desconsiderou partes do relato bíblico por total incompatibilidade com a mente moderna<sup>432</sup>.

Posteriormente, a ênfase nos aspectos existenciais constantes da hermenêutica, levou a uma mudança no tratamento dessas camadas, que passaram a ser consideradas importantes e, portanto, não deviam ser desconsideradas, mas, relacionadas a um sentido existencial. Esse foi o projeto de interpretação tentado pelo teólogo Rudolf Bultmann. Para ele, embora ainda não considerasse como fatos históricos alguns textos relacionados a milagres, esses relatos não poderiam ser desconsiderados, pois apresentavam um sentido existencial útil para a atualidade<sup>433</sup>.

O que o esforço hermenêutico destes três ambientes históricos demonstra (a da igreja da época da Antiguidade e Idade Média, a da época do Iluminismo e a da época das formulações existencialistas) é que há um conteúdo a ser extraído do querigma e que se encontra como pano de fundo da objetividade linguística. Conforme demonstramos nesta pesquisa, este conteúdo é de fundo estético, atemporalmente

---

<sup>432</sup> BULTMANN, 1999, p.16-17. “A razão para tanto reside, no que tudo indica, no fato de que na teologia crítica do século XIX a demitologização não foi executada de maneira adequada. Nela ocorria que com a eliminação da mitologia também o próprio querigma era eliminado. [...] Para a época da antiga teologia liberal o procedimento característico foi o seguinte: as concepções mitológicas foram consideradas como ideias limitadas a determinada época e, portanto, simplesmente eliminadas como não essenciais. Como essenciais foram declaradas as grandes ideias fundamentais religiosas e morais. Fazia-se distinção entre casca e cerne. Segundo Harnack, qual é o cerne da pregação de Jesus a respeito do reino de Deus e de sua vinda? [...] Tudo quanto é mítico é aí eliminado: O reino de Deus vem ao chegar aos indivíduos e adentrar a sua alma, e quando esses o apreendem. O querigma é aí reduzido a determinadas ideias fundamentais religiosas e morais, a uma ética idealista religiosamente motivada. [...] As grandes ideias religiosas e morais são verdades eternas, atemporais, que decerto só dentro da história chegam à consciência do ser humano e se destilam em processos históricos concretos”.

<sup>433</sup> BULTMANN, 1999, p.51. “A este método de interpretação do Novo Testamento, que procura redescobrir o significado mais profundo oculto por trás das concepções mitológicas, chamo de ‘demitologização’ – termo que não deixa de ser bastante insatisfatório. Não se propõe eliminar os enunciados mitológicos, e sim, interpretá-los. É, pois, um método hermenêutico”.

útil, embora revestido das camadas sociais e culturais da organicidade hermenêutica para sua possível inserção no mundo da vida e contextualização.

Diferentemente de Bultmann, que buscava no entendimento existencial do texto bíblico, um significado de cunho filosófico<sup>434</sup>, verificamos que o cerne do querigma que deve ser extraído da mensagem é de cunho estético. A diferença, como já citado anteriormente, é que a estética do querigma possui aspectos que ultrapassam os limites filosóficos e não se reduzem a eles. Já foi apresentado anteriormente que o caráter estético é suprrracional e não metodológico e a realidade apresentada pelo querigma tem nuances que ultrapassam a barreira do que é puramente conceitual. Ricoeur, conforme já citado, entendia que a filosofia não possuía instrumentos suficientes para tratar com categorias religiosas. O próprio Bultmann afirma em sua obra *Demitologização, Coletânea de Ensaios* que a hipótese de Deus não é necessária para o seu projeto de demitologização.

O que esta pesquisa aponta é que o cerne da mensagem de revelação é de cunho estético e é por meio de uma hermenêutica estética que deve ser extraída a essência do querigma a ser aplicado em outros momentos da história. Como verificamos, os significados são colocados no texto seguindo um determinado propósito.

Os aspectos estéticos do querigma podem ser identificados, por exemplo, identificando-se o propósito do texto. Assim, o modelo apresentado nesta pesquisa não considera o texto somente conforme o entendimento desconstrucionista da morte do autor e sua conseqüente relatividade<sup>435</sup>. O autor está presente no texto por meio

---

<sup>434</sup> BERGER, 1999, p.11. "...o comentário de Rudolf Bultmann ao Evangelho de João foi publicado no ano de 1941. Segundo o objetivo a que se propôs, ele é uma fusão peculiar de afirmações exegéticas e teológicas. Isto é obtido por meio da ligação direta entre as afirmações diretas do Evangelho de João e a filosofia de Martin Heidegger, com o que se pretende então conseguir sua atualidade e aplicação. Aí a atualização é buscada, no mais alto nível, por meio da aliança com a antropologia filosófica moderna. E, ademais, não se distingue entre a exegese e esse tipo de aplicação".

<sup>435</sup> HIRSCH, 2014, p.200. "Uma prova de que as convenções da linguagem permitem diferentes sentidos em uma mesma sequência de palavras encontra-se no fato de que intérpretes pode discordar, de fato, discordam. Quando estas discordâncias ocorrem, como elas são resolvidas? De acordo com a teoria da autonomia semântica, elas não podem ser resolvidas, uma vez que o sentido não está naquilo que o autor quis dizer, mas, 'naquilo que o poema significa para diferentes leitores sensíveis'. Uma interpretação é tão válida como qualquer outra, desde que 'sensível' ou 'plausível'. E, no entanto, o professor de literatura que adere à teoria de Eliot é, também, por profissão, um conservador da herança cultural e um provedor de conhecimento. Com que base pode então alegar que sua 'leitura' é mais válida que a de qualquer aluno? Não há base para isso. Este impasse é a principal causa de desorientação, algumas vezes sentida, mas não frequentemente confessada, pelos críticos acadêmicos".

do propósito que ele inseriu<sup>436</sup>. A necessidade lógica de um autor do texto que direciona o seu sentido é tão patente que na Crítica Literária quando da fase de “morte do autor” propugnada por Roland Barthes<sup>437</sup>, foi o crítico literário quem tomou o seu lugar, decidindo qual seria o significado a atribuir e como considerar determinado texto.

O descobrimento do propósito do texto deve estar contido no trabalho do exegeta usando todas as ferramentas que possui<sup>438</sup>, pois, sem isso, o resultado do seu trabalho ficará congelado no passado sem nenhuma possibilidade de aplicação para o mundo atual. É ver o querigma à distância como objeto a ser pesquisado, porém, sem nenhuma aplicação prática.

Um exercício simples de extração da estética do texto bíblico pode ser feito, como exemplo, utilizando-se o texto do livro de Êxodo, capítulo 20 e versículos de 3 a 5<sup>439</sup>. Este texto é uma proibição do exercício da idolatria. A idolatria era exercida mediante a adoração de imagens, comprovada pelos achados arqueológicos dos povos mediterrâneos daquela época. Dessa forma, a mensagem apresentada como

---

<sup>436</sup> Humberto Eco, na época da publicação de sua obra *Obra Aberta*, em 1962, advogava a origem do significado de um texto por parte do leitor, mas, ainda assim, reconhecia o propósito do autor como importante para direcionamento das possibilidades de interpretação do leitor. ECO, Humberto. 2015, p 206. “E o único instrumento de que disponho para julgar a obra é justamente a adequação entre minhas possibilidades fruitivas e as intenções implicitamente manifestadas pelo autor, quando da sua formação”.

<sup>437</sup> BARTHES, 1988, p.70. “Assim se desvenda o ser total da escritura: um texto é feito de escrituras múltiplas, oriundas de várias culturas e que entram umas com as outras em diálogo, em paródia, em contestação; mas há um lugar onde essa multiplicidade se reúne, e esse lugar não é o autor, como se disse até o presente, é o leitor: o leitor é o espaço mesmo onde se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que é feita uma escritura; a unidade do texto não está em sua origem, mas no seu destino, mas esse destino não pode mais ser pessoal: o leitor é um homem sem história, sem biografia, sem psicologia; ele é apenas esse *alguém* que mantém reunidos em um único campo todos os traços de que é constituído o escrito. É por isso que é derrisório ouvir-se condenar a nova escritura em nome de um humanismo que hipocritamente se arvora em campeão dos direitos do leitor. O leitor, jamais a crítica clássica cuidou dele; para ela não há outro homem na literatura a não ser o que escreve. Estamos começando a não mais nos deixar engodar por essas espécies de antífrases com as quais a boa sociedade retruca soberbamente a favor daquilo que ela precisamente afasta, ignora, sufoca ou destrói; sabemos que, para devolver à escritura o seu futuro, é preciso inverter o mito: **o nascimento do leitor deve pagar-se com a morte do Autor**” (grifo nosso).

<sup>438</sup> Vanhoozer destaca a importância para a interpretação descobrir o propósito que o autor inseriu na obra. VANHOOZER, 2005, p.259. “Investigar o significado textual e essencialmente investigar o que foi feito pelos autores, junto com os efeitos resultantes. Entender a natureza e o conteúdo dos atos comunicativos (e.g., sermões, discursos, poemas, romances) é o objetivo da interpretação”.

<sup>439</sup> Livro de Êxodo. In: A BÍBLIA Sagrada. Tradução João Ferreira de Almeida. ed. rev. e corrigida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1989. Ex 20.3-5: “Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te encurvarás a elas nem as servirás; porque eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos, até a terceira e quarta geração daqueles que me odeiam”.

um dos mandamentos faz referência à proibição de adoração às esculturas e demais imagens de seres vivos da água, do ar ou da terra, que era a forma de idolatria característica dos povos de então. Analisando mais atentamente, verificamos que o ensinamento essencial deste mandamento era mais profundo. Esta essência se encontra no profeta Isaías<sup>440</sup>.

A idolatria era em essência a substituição de Deus como o principal da vida humana. Assim, a compreensão estética da mensagem sobre a idolatria era substituição de Deus. Como a idolatria era feita predominantemente naqueles povos por meio de esculturas e figuras de animais, para “aculturar” a estética revelacional, o texto bíblico faz referências a estas esculturas.

Analisando este mandamento pela sua raiz estética, a mensagem de Deus possui uma aplicabilidade atemporal e com maior profundidade. Por exemplo, a ação de construir uma serpente de metal em obediência ao mandamento de Deus, para a qual os doentes deveriam olhar para serem curados<sup>441</sup>, não corresponderia a uma idolatria, pois, na essência, a imagem da serpente de metal não configuraria uma substituição de Deus. Do mesmo modo, a confecção dos querubins da arca da aliança, as figuras do tabernáculo e os demais utensílios não se configurariam em idolatria.

Quando o texto bíblico apresenta o jovem que perguntou a Jesus o que fazer para obter a vida eterna<sup>442</sup>, Jesus respondeu para que ele seguisse os mandamentos. Ele prontamente falou que seguia os mandamentos e, conforme verificamos, o primeiro mandamento era contra a idolatria (não terás outros deuses diante de mim). Jesus, então, se utilizando do conteúdo estético do mandamento de Êxodo que fala contra a idolatria, que é a substituição de Deus, pediu para que o jovem vendesse os seus bens e o seguisse. O jovem se retirou triste.

O que Jesus pretendia com sua resposta era apontar ao jovem que apesar de dizer que seguia os mandamentos, na verdade, ele praticava a idolatria, pois, substituíra Deus em seu coração pelas riquezas, ou seja, sem que ele percebesse, o

---

<sup>440</sup> Livro de Jeremias. In: A BÍBLIA Sagrada. Tradução João Ferreira de Almeida. ed. rev. e corrigida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1989. Jeremias 2.11-13: “Houve alguma nação que trocasse os seus deuses, ainda que não fossem deuses? Todavia o meu povo trocou a sua glória por aquilo que é de nenhum proveito. Espantai-vos disto, ó céus, e horrorizai-vos! Ficai verdadeiramente desolados, diz o Senhor. Porque o meu povo fez duas maldades: a mim me deixaram, o manancial de águas vivas, e cavaram cisternas, cisternas rotas, que não retêm águas”.

<sup>441</sup> Nm 21.9. Posteriormente, esta mesma serpente, que foi chamada depois de Neustã, veio a ser objeto de adoração em substituição a Deus e neste caso incorria em idolatria (II Rs 18.4).

<sup>442</sup> Lc 18.18 ss.

jovem já não cumpria nem o primeiro mandamento. Embora não se prostasse perante algum ídolo, o conteúdo estético do mandamento a respeito da idolatria era a não substituição de Deus por quaisquer outras coisas no coração humano. Assim, pela extração da estética do mandamento a respeito da idolatria, a revelação de Deus pode ser aplicada em outro contexto que não o daquele no qual se utilizava esculturas. Esse conteúdo estético foi o mesmo aplicado a Abraão quando Deus pediu o seu filho em sacrifício. Na realidade não era em sacrifício que Deus estava interessado, mas na prova de que Abraão tinha Deus em maior conta que seu próprio filho.

É o conteúdo estético que deve ser considerado para a utilização da revelação de Deus em outros contextos que não o original. Retirando a capa cultural e tradicional por meio da qual a proibição da “substituição de Deus” se apresentou no Êxodo, podemos trabalhar o conteúdo estético em outras épocas com ambientes circunstanciais e existenciais diferentes.

A consequência teológica desse procedimento é que permite, por meio da aplicação de uma hermenêutica estética das diversas teologias bíblicas contextuais, elaborar de maneira mais segura uma Teologia Sistemática com menos espaço para a perigosa “*eisegese*”.

## **5.2 O MODELO NA TRADUÇÃO DO TEXTO BÍBLICO**

Neste ponto, entendemos ser importante constatar a importância da organicidade hermenêutica nas traduções do texto bíblico. Nosso propósito não é explicitar todo o processo de tradução nem de crítica textual, mas a influência da hermenêutica no processo. Cabe lembrar que a hermenêutica, conforme proposto no modelo apresentado neste trabalho, não visa somente a “extrair significados” dos textos, mas também, inserí-los em uma obra. A inserção de significados na elaboração de uma obra é também um trabalho hermenêutico e se relaciona neste tópico ao processo de tradução de um texto.

Um tradutor terá que necessariamente compreender o significado do texto original para transportá-lo para a comunidade que vai recebê-lo. Este era, em suma, o trabalho do deus grego Hermes quando transmitia a mensagem dos deuses para os homens. Essa dupla atividade pertence à Hermes, ou etimologicamente derivada, da Hermenêutica.

O trabalho de tradução, portanto, vai se utilizar o processo hermenêutico no

cumprimento de sua tarefa e será afetado pelo que neste tópico estamos chamando de “organicidade”, que é uma característica de sua natureza.

De forma geral, uma tradução pode se situar em qualquer ponto entre dois extremos relacionados à natureza da tradução: a formalidade total (equivalência formal<sup>443</sup>) e a liberdade total (equivalência dinâmica ou funcional<sup>444</sup>).

A equivalência formal se preocupa em que o texto traduzido siga bem de perto a estrutura do texto original, mesmo que para isso, o significado não fique bem estabelecido, como é o caso de expressões características de época e não utilizadas atualmente.

A equivalência dinâmica se preocupa em transmitir o significado por meio de expressões e vocabulário mais comuns ao meio cultural para o qual se está fazendo a tradução. Desta forma, as diversas traduções se localizam em algum ponto entre um texto de alta equivalência formal e de alta equivalência dinâmica<sup>445</sup>.

Dois grandes fatores impõem preocupação no processo de tradução. A significação, processo de atribuição de significado que será dado ao texto, e a compreensibilidade. De forma geral, toda a tradução pretende manter os significados do texto original. Desta forma, expressões características de uma época, devem ser traduzidas para aquelas que apresentem, para o grupo receptor, o mesmo significado original.

Cabe destacar que o processo de tradução não é semelhante ao processo de leitura. Na leitura é utilizado a fase da recepção da hermenêutica. Na tradução utiliza-se tanto a fase da recepção quanto a da autoria. Quando o tradutor está diante da

---

<sup>443</sup> FEE, Gordon D. *Entendes o que lêes?* Um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica. Tradução Gordon Chown e Jonas Madureira. São Paulo: Vida Nova, 2011, p.50. “*Equivalência formal*, tentativa de manter o texto-alvo bem próximo da ‘forma’ do hebraico e do grego, tanto em relação as palavras quanto em relação a gramática, de um modo que possa ser convenientemente entendido na língua-alvo. Quanto mais próximo o texto alvo estiver das línguas hebraica e grega, mais próximo estará da teoria da tradução descrita muitas vezes como ‘literal’. Traduções baseadas na equivalência formal manterão intacto o distanciamento histórico em todos os aspectos”.

<sup>444</sup> FEE, 2011, p.51 “*Equivalência funcional*’, tentativa de manter o significado do hebraico ou do grego traduzindo palavras ou expressões de acordo com o modo como as pessoas se expressam em sua língua. Quanto mais se estiver disposto a abrir mão da equivalência formal e optar pela equivalência funcional, mais próximo se estará de uma teoria da tradução frequentemente descrita como ‘equivalência dinâmica’. Esse tipo de tradução mantém o distanciamento histórico em todos os assuntos históricos e factuais, mas ‘atualiza’ questões de linguagem, gramática e estilo”.

<sup>445</sup> FEE, 2011, p.51. “Basicamente, a *teoria da tradução* tem a ver com a escolha do enfoque primário, optando-se por equivalência formal ou funcional. Dito de outra maneira, ela investiga até que ponto o tradutor está disposto a chegar para preencher a lacuna entre as duas línguas, tanto no uso de palavras e gramática como na tentativa de preencher o distanciamento histórico oferecendo um equivalente moderno”.



obra que se quer traduzir é sua fase de recepção da obra. Quando vai traduzi-la para o grupo social a que faz parte, há então um processo de autoria. Assim, o esforço hermenêutico no processo de tradução é duplo em relação ao processo de leitura (recepção). Todos os que já interpretaram um orador estrangeiro para um auditório reconhecem que seus esforços na interpretação de uma linguagem para o povo local são maiores que a do orador que fala em sua própria língua. No modelo hermenêutico de Gadamer, esta aproximação do mundo original autoral para o mundo da recepção seria a “fusão de horizontes”. Em suma, todo o esforço de tradução visa a fazer a fusão do horizonte no qual a obra foi escrita para o horizonte da época em que a obra é lida e assim, uma tradução passa pelos mesmos processos hermenêuticos que apontamos nesta pesquisa. Vamos dar um exemplo.

Tomemos como base um versículo do texto em hebraico no livro de Oséias, capítulo 6 e versículo 7. O texto hebraico<sup>446</sup> se encontra escrito desta forma<sup>447</sup>:

וְהָמָּה כְּאָדָם עָבְרוּ בְרִית שֵׁם בְּגָדוֹ בִּי:

O texto diz que “as pessoas (eles) como adão (?) quebraram o concerto e lá me contrariaram”. O problema aqui é que a palavra “adão” pode significar a humanidade, de forma geral, conforme a palavra no hebraico, ou também pode significar o “homem” Adão, personagem do livro de Gênesis que pecou comendo do fruto proibido e, pode ainda, ser uma cidade pouco conhecida na historiografia bíblica de nome Adam onde as águas do rio Jordão pararam para o povo atravessar na época de Josué.

Tradicionalmente, pelas regras da Hermenêutica Tradicional, o tradutor iria buscar o significado pelo contexto, conforme a “regra do contexto”. Ou seja, marcadores objetivos no texto que pudessem dar o significado da palavra em dúvida<sup>448</sup>. Ocorre, que na maneira como o texto é citado pelo profeta, o contexto não oferece nenhuma ajuda. Temos, então o tradutor diante de um texto cujo significado

<sup>446</sup> O texto foi retirado do Código de Leningrado de Westminster.

<sup>447</sup> FEE, Gordon. 2011, p.43. “A primeira preocupação dos tradutores e ter a certeza de que os textos hebraico e grego, usados como base para a realização da tradução, estão o mais próximo possível do texto original, tal como foi escrito pela mão do autor (ou pela mão do escriba a quem o texto foi ditado). É realmente isso o que o salmista escreveu? São realmente estas as ideias de Marcos ou Paulo? Ora, por que alguém deveria entender de outro modo?”.

<sup>448</sup> FEE, 2011, p.87. “Na exegese, pelo menos, ainda que haja discordância em pontos específicos, a maioria das pessoas concorda quanto aos parâmetros do significado; há limitações de possibilidades fixadas pelos contextos histórico e literário”.

ele não consegue extrair pelos marcadores objetivos do texto, nem pelos estudos gramaticais ou etimológicos da palavra “adão” conforme as regras da Hermenêutica Tradicional.

Neste caso, sem apoio no mundo objetivo, no mundo científico da linguagem com suas leis gramaticais, o tradutor vai buscar referência no mundo existencial. Precisar-se-á da face existencial da hermenêutica. Se for aspectos valorativos ou de princípios é a parte estética da Hermenêutica Existencial que irá direcionar a tradução. Se não o for, os aspectos tradicionais e pessoais da hermenêutica particular do tradutor é que irá tomar a direção na aplicação do significado<sup>449</sup>. Assim, é interessante verificarmos como foram feitas as diversas traduções bíblicas em uma situação como esta.

- A versão católica traduz como:

“mas eles violaram vergonhosamente a aliança e traíram-me”

Percebe-se que nesta tradução a referência ao termo “adão” nem é feita. O elemento de dificuldade é retirado e, dessa forma, o tradutor (ou a comissão) não precisa se manifestar com uma opinião particular do significado do termo “adão” neste texto.

- A versão da Sociedade Bíblica Britânica traduz como:

“Porém eles como Adão transgrediram a aliança; ali se houveram aleivosamente contra mim”

Esta tradução assume a posição de que o termo “adão” seja o personagem chamado Adão do livro de Gênesis, esposo de Eva. Porém, nada se diz sobre o que o texto quer dizer quando se refere a “ali”.

- A versão Nova Versão Internacional – NVI traduz o texto da seguinte forma:

“Na cidade de Adão, eles quebraram a aliança, e me foram infiéis”

Esta tradução optou por atribuir o significado do termo “adão” ao nome de uma cidade. Talvez influenciado pelo termo hebraico “sham”<sup>450</sup> (שם) cuja tradução é “lá”, “naquele lugar”, “ali”. Historicamente não houve nada naquela cidade que revelasse rebeldia. O único relato está em Js 3.16 em que as águas do rio Jordão pararam

<sup>449</sup> FEE, 2011, p.89. “Mesmo sem qualquer pretensão de agir assim, trazemos nossa herança teológica, nossas tradições eclesiais, nossas normas culturais ou nossas preocupações existenciais as epístolas enquanto as lemos. E isso resulta em muitos tipos de seletividade, ou nos faz ‘contornar’ certos textos”.

<sup>450</sup> שם

naquele lugar quando o povo de Israel atravessou o Jordão liderado por Josué.

- A versão Nova Almeida Atualizada – NAA, traduz assim o texto:

“Mas eles transgrediram a aliança, como Adão; eles foram infiéis a mim.

Esta tradução também considera o termo “adão” como o personagem Adão do livro de Gênesis, comparando a quebra de aliança do povo com a quebra de aliança entre Deus e Adão, porém, deixa em aberto o que seria a referência a “ali” presente no texto.

Dessa forma, verificamos que o processo de tradução é um processo hermenêutico e que está sujeito a todas as características que apontamos nesta pesquisa. Os aspectos objetivos do texto são importantes e devem ser considerados na extração de significado, porém, nem sempre os aspectos linguísticos ajudam na descoberta do significado. Na ausência deles recorreremos naturalmente à face existencial da hermenêutica.

Faz-se necessário lembrar que a face existencial da hermenêutica é composta por seus aspectos tradicionais, familiares, educativos, sociais e, portanto, reflete certa flexibilidade, como vimos no exemplo anterior das diversas traduções em Oséias 6.7. O que se costuma indagar é se esses diversos significados, como vimos neste exemplo, advinda das diferentes traduções possíveis, teria algum balizador que servisse de elemento crítico.

O que estamos apresentando nesta pesquisa é que o elemento crítico da face existencial da hermenêutica, e que faz parte dela, é a estética. A estética não trabalha da mesma forma como um “método” com critérios objetivos, cujos passos devem ser seguidos sistematicamente. A estética faz o juízo por meio de um “discernimento” de forma assistemática.

Um “*cheklist*” daquelas traduções que podem ou não podem estar corretas é uma característica da objetividade científica ou racional e que está presente na face tradicional da hermenêutica, mas, nem tudo da realidade pode ser classificado de forma “digital” (zero ou um). Há aspectos da realidade que não são classificados desta forma. A estética apresenta possibilidades, nuances, que vão dar a flexibilidade necessária para adequação a cada situação específica, porém o seu critério é de discernimento e não de metodologia. Assim, poderá haver traduções válidas que podem estar enquadradas dentro do mesmo critério estético.

A hermenêutica jurídica apresenta situação semelhante em uma sentença judicial que se encontra enquadrada dentro de uma “moldura” de liberdade de aplicação do juiz, moldura esta que deverá estar validada por uma norma superior do ordenamento jurídico<sup>451</sup>. Assim, dizer que uma tradução está de acordo com o “original” é traduzi-la dentro das possibilidades que o original<sup>452</sup> permite, tanto linguisticamente, na racionalidade das regras do código comunicativo quanto existencialmente em relação à estética referencial. Estes são os dois pontos referenciais que o modelo aponta como critério de referência. A racionalidade do mundo objetivo, no âmbito da face tradicional da hermenêutica, e a estética no âmbito da face existencial.

Retornando ao exemplo dado, o que está objetivado no texto escrito, pelas suas insuficiências, não permite uma tradução unívoca. Mas isto não significa que se permita quaisquer traduções. O texto já faz uma delimitação das possibilidades de tradução como vimos acima<sup>453</sup>. Por exemplo, ele não é citação de algum dos dez mandamentos que havia nas tábuas da Lei. Por isso, apesar da insuficiência do texto escrito, este referencial objetivo das regras linguísticas, característica da Hermenêutica Tradicional, delimita as condições de possibilidades das traduções.

Além disso, quando se há esta insuficiência objetiva é o aspecto existencial que tentará suprir a lacuna de significado. Conforme já verificado, a parte existencial da hermenêutica tem como referência de controle sua componente estética. Assim, o passo seguinte seria verificar se alguma tradução está em conflito estético com a Bíblia. Isto pode ser verificado, por exemplo, se a mensagem inspirada por Deus no

---

<sup>451</sup> Este aspecto da validade de interpretações que obedecem a um critério maior também está presente na hermenêutica jurídica. KELSEN, 1999, p.247. “Se por ‘interpretação’ se entende a fixação por via cognoscitiva do sentido do objeto a interpretar, o resultado de uma interpretação jurídica somente pode ser a fixação da moldura que representa o Direito a interpretar e, conseqüentemente, o conhecimento das várias possibilidades que dentro desta moldura existem. Sendo assim, a interpretação de uma lei não deve necessariamente conduzir a uma única solução como sendo a única correta, mas possivelmente a várias soluções que - **na medida em que apenas sejam aferidas pela lei a aplicar** - têm igual valor, se bem que apenas uma delas se torne Direito positivo no ato do órgão aplicador do Direito - no ato do tribunal, especialmente. Dizer que uma sentença judicial é fundada na lei, não significa, na verdade, **senão que ela se contém dentro da moldura ou quadro que a lei representa - não significa que ela é a norma individual, mas apenas que é uma das normas individuais que podem ser produzidas dentro da moldura da norma geral**” (grifo nosso).

<sup>452</sup> Cabe destacar que o “original” de um texto bíblico é o seu autógrafo cuja impossibilidade de aquisição já é conhecida pelos estudiosos da Crítica Textual. O que se quer dizer como “original” aqui é o texto tomado como referência para a tradução.

<sup>453</sup> FEE, 2011, p.91. “E por isso que a exegese sempre deve vir em primeiro lugar. É importante que essa premissa seja repetida aqui, uma vez que pelo menos estabelece alguns parâmetros para se chegar ao significado. Essa regra nem sempre ajuda a pessoa a descobrir o que um texto *significa*, mas pelo menos ajuda a estabelecer limites quanto aquilo que *não pode* significar”.

profeta está em conflito com sua própria natureza divina. No exemplo dado, levando em consideração o esforço de natureza exegética de extração do significado positivado no texto bíblico, e as consequências da avaliação estética de cada um desses significados, podemos considerar que as traduções apresentadas supra são válidas.

Cabe destacar que no trabalho exegético os significados das palavras devem ser obtidos do uso natural que se faz dele no contexto histórico em análise. A obtenção de significados pelo recurso à raiz das palavras ou de uso clássico muitas vezes vão resultar em uma má interpretação do texto<sup>454</sup>. Por exemplo, as perguntas que Jesus faz a Pedro se ele o ama, no evangelho de João capítulo 21, dos versículos 15 a 18. Por duas vezes Jesus utiliza a palavra “ágape” e na terceira a “filos” para se referir ao amor indagado. Nesta interpretação muitos se utilizam da diferenciação do grego clássico entre o amor *ágape* e o amor *filos* para interpretar que Jesus estava perguntando a Pedro sobre um amor perfeito inicialmente, e por último ele reduz para um amor *filos* em um nível menor de fraternidade.

Uma busca do uso contextual da palavra amor mostra que tanto *ágape* quanto *filos*, na época de Cristo, no qual se utilizava o grego *koiné* tinham interseções do campo semântico que indicavam a mesma coisa. Esse uso indiferenciado entre *ágape* e *filos* em João se encontra em vários trechos do seu Evangelho<sup>455</sup>. Assim, o correto entendimento dos usos linguísticos é de suma importância para o processo exegético na tradução da Bíblia e por conseguinte para todo o processo hermenêutico que não

---

<sup>454</sup> CARSON. D.A. *A exegese e suas falácias*. Perigos na interpretação da Bíblia. São Paulo: Vida Nova, 1992. p. 20. “Seguido a mesma linha de pensamento, embora sem dúvida seja verdade que as esferas totais de ἀγαπάω (amar) e de φιλέω (amar) não sejam exatamente as mesmas, ainda assim há certas interseções importantes; e nos pontos onde isso acontece, é falaz recorrer a um ‘significado do radical’ a fim de discernir alguma diferença. [...] Quando lemos que Demas abandonou a Paulo porque amava o presente mundo maligno, não há nenhuma razão linguística para nos surpreendermos com o uso do verbo ἀγαπάω (2 Tm 4.10). João 3.35 diz que o Pai ama ao Filho e usando verbo ἀγαπάω; João 5.20 repete essa ideia, mas usa φιλέω – sem nenhuma mudança perceptível no significado. As falsas suposições em torno dessas duas palavras estão em todos os lugares. Meu único ponto aqui é o fato de não haver nada intrínseco ao verbo ἀγαπάω ou ao substantivo ágape que prove que seu significado real ou oculto se refere a algum tipo especial de amor”.

<sup>455</sup> No mesmo Evangelho de João a utilização entre as palavras ἀγαπάω e φιλέω significando amor mostra que o autor a utilizava indistintamente. Em Jo11.3 afirma que Jesus “amava” Lázaro utilizando φιλέω, e no v.5 utiliza ἀγαπάω. No v. 36 volta a se utilizar φιλέω. Em Jo 5.20 afirma que o Pai ama o Filho utilizando φιλέω, e no cap. 10 v. 17 é afirmado que o Pai ama o Filho utilizando ἀγαπάω.

prescinde de uma boa análise do código linguístico<sup>456</sup>.

### 5.3 O MODELO E O PERSPECTIVISMO

Como perspectivismo entende-se o viés, ou perspectiva, aplicada a uma interpretação que reflete a situação existencial de uma pessoa ou grupo de pessoas. É fruto do impacto da Hermenêutica Existencial sobre o processo interpretativo. Como vimos, a pré-compreensão da Hermenêutica Existencial, se compõe de elementos tradicionais, sociais, imperativos morais e da estética. Esses elementos expressam a diversidade e anseios sociais no processo hermenêutico. Teoricamente, a natureza da hermenêutica Gadameriana, cujo foco ressalta a tradição, de acordo com Itamar Luis Hammes, em sua tese de doutorado em Filosofia, é dialógica. Ele ressalta que o tema chave da tradição na filosofia Gadameriana recebeu uma expansão abrangendo a solidariedade em trabalhos e entrevistas de Gadamer subsequentes à publicação da obra *Verdade e Método*<sup>457</sup>. Nesse aspecto, concorda com as camadas social e tradicional apresentadas no item 2 do modelo integrador, que estão ancoradas no relacionamento dialógico com a comunidade. Além disso, Hammes, ressalta que os aspectos que direcionam a ética da *phronesis*, presente da filosofia Gadameriana não

---

<sup>456</sup> Zabatiero discorre sobre o impacto dos estudos das línguas originais quando o paradigma da busca de sentido ressalta o aspecto discursivo que seria o novo rumo para onde caminha a pesquisa bíblica. ZABATIERO, 2006, p.30. “A área em que o novo paradigma provocaria uma transformação mais radical seria a do ensino das línguas bíblicas. No paradigma do sujeito, o ensino de línguas era identificado com o estudo da Gramática, centrado na morfologia. A sintaxe e a semântica sempre vinham depois do estudo morfológico. No jargão da linguística, era um estudo da língua (sistema estático) e do significante (ou plano da manifestação) e não do discurso (língua em ação), do significado (ou plano do conteúdo). Servia bem ao modelo histórico, na medida em que fornecia boa base para a crítica textual e para a análise do conteúdo textual – centrada na semântica das palavras. No paradigma intersubjetivo, o eixo do processo é a enunciação. Passam a ser priorizados: a) o mundo-da-vida (cultura) constituído de discursos – que estabelece os limites e possibilidades da significação e comunicação; b) a estruturação sintático-semântica do texto (pois não temos mais a fala das línguas antigas); c) a retórica estilística e argumentativa da língua em uso. Neste caso, os dicionários teológicos e as ‘teologias bíblicas’ seriam ferramentas mais úteis do que as tradicionais gramáticas (que seriam usadas como obras de consulta e não como manuais). Os livros-texto de grego e hebraico passariam, a seguir, a lógica sequencial *cultura-discurso-gramática*”.

<sup>457</sup> HAMMES, Itamar Luís. *Gadamer, o multiculturalismo e o diálogo de culturas*. 2012, 135 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Faculdade de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012, p. 92. “Se em *Verdade e Método I* o conceito de tradição era um conceito chave e não se encontrava uma única referência à noção de solidariedade, em muitos trabalhos subsequentes e entrevistas, esta noção recebe cada vez mais atenção. Em muitas das entrevistas com Gadamer em assuntos de política, ética e do mundo dos negócios, o diálogo termina com um chamamento para a solidariedade. Isso dá lugar à sugestão de que a ideia de solidariedade se transforma numa substituição para a tradição inicial, ou uma forma de ampliação ou expansão do conceito de tradição”.

advém de princípios transcendent<sup>458</sup>, mas da ética e racionalidade que acompanham a experiência<sup>459</sup>. Em relação ao primeiro ponto, referente à dialogicidade da hermenêutica Gadameriana, esta característica é ressaltada em sua obra principal *Verdade e Método*<sup>460</sup>.

Em relação ao segundo ponto, o que se apresenta nesta pesquisa é que a estética também compõe o ambiente pré-compreensivo e que ela tem um papel fundamental no processo hermenêutico e, também, possui função balizadora. Em contraste com o que foi afirmado por Hammes, de que a ética da *phronesis* não apresenta princípios transcendent<sup>459</sup>, esta pesquisa apresenta a estética como aspecto universal e suprarracional do fenômeno hermenêutico, que ultrapassa as limitações e finitudes humanas, como visto, é um elemento transcendente que tem sua influência no processo interpretativo<sup>461</sup>. Fechar o círculo hermenêutico processando-o somente em sentido horizontal dentro da tradição e dos aspectos sociológicos e históricos, não somente leva a uma diversidade interpretativa

---

<sup>458</sup> Ernildo Stein, em seu artigo no qual apresenta a passagem da Fenomenologia Hermenêutica de Heidegger para a Hermenêutica Filosófica de Gadamer, apresenta a dificuldade da hermenêutica Gadameriana em sustentar seu estatuto como filosofia **devido à ênfase que dá à centralidade da facticidade na estrutura da existencialidade**. Esta pesquisa destaca o papel importante da estética em complementação às camadas existenciais destacadas por Gadamer em sua Hermenêutica Filosófica ou Existencial. Devido à centralidade da facticidade na hermenêutica gadameriana, os aspectos transcendentais são pouco trabalhados. STEIN, Ernildo. *Da Fenomenologia Hermenêutica à Hermenêutica Filosófica*. VERITAS. v.47. nº 1. p.21-34. Porto Alegre: março - 2002. p.27. “A questão central que nos fica é a que se volta para a legitimidade da constituição de uma hermenêutica filosófica, **a partir da facticidade destacada sobre o todo das estruturas da existência**. A obra de Gadamer, não pode ser julgada no todo, a partir das questões que tal problema irá suscitar. Mas certamente nos permite compreender melhor a gênese da hermenêutica filosófica em *Verdade e Método*, seus limites e seu alcance, mas, sobretudo, a avaliação de seu lugar na filosofia ou até como filosofia capaz de sustentar seu estatuto (ou reconhecer sua vocação efêmera) como legitimamente filosófica” (grifo nosso).

<sup>459</sup> HAMMES, 2012, p. 92. “Como não há princípios transcendent<sup>459</sup> que garantem nosso êxito na vida prática, a racionalidade que guia a vida prática se centra no juízo prudente, na imaginação ética e sabedoria que acompanham a experiência. Esta associação entre compreensão ética e *phronesis* se encontra em vários dos últimos ensaios de Gadamer e ao longo de toda a sua obra e pensamento”.

<sup>460</sup> GADAMER, 2013, p.358. “Quando se ouve alguém ou se empreende uma leitura, não é necessário que se esqueçam as opiniões prévias sobre seu conteúdo e todas as opiniões próprias. O que se exige é simplesmente a abertura para a opinião do outro ou para a opinião do texto. Mas essa abertura implica sempre colocar a opinião do outro em relação com o conjunto das opiniões próprias, ou que a gente se ponha em certa relação com elas”.

<sup>461</sup> MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. *Sobre la lectura popular de la Biblia*. Departamento Ecueménico de Investigaciones – DEI. San José. 2007. Disponível em: [http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/Costa\\_Rica/dei/20120706110824/lectura.pdf](http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/Costa_Rica/dei/20120706110824/lectura.pdf). Acesso em: 01/05/2021. p. 17. “*Para una buena interpretación, es muy importante el ambiente de fe y de fraternidad, por medio de cantos, celebraciones, oraciones. Sin este contexto del Espíritu, no se llega a descubrir el sentido que el texto tiene para nosotros hoy. Pues el sentido de la Biblia no es apenas una idea o un mensaje que se capta con la razón y se objetiva a través de raciocinios: es asimismo un sentir, una consolación, un consuelo que es sentido con el corazón, para que, por la perseverancia y por la consolación que nos proporcionan las Escrituras, tengamos esperanza*” (Rm 15,4).

“horizontal” sem referências, pois, a sociedade é histórica e, portanto, o devir é sua essência<sup>462</sup>, como dificulta a utilização da hermenêutica para os que labutam no âmbito teológico, pois consideram que a Palavra de Deus declara que existe diferenciação de compreensão entre o “homem natural” e aquele “espiritual” indicando que há aspectos transcendentais envolvidos no processo compreensivo<sup>463</sup>.

Importante destacar nesse ponto, que a polissemia é um fenômeno natural dos códigos de linguagem e amplamente conhecido da linguística. As variedades possíveis de interpretações, possibilitadas por esta abertura polissêmica, estão na base do perspectivismo e o modelo integrador incorpora esse fenômeno conforme explicitado no item 4.2.5.

O que o modelo integrador hermenêutico apresentado nesta pesquisa aponta, é que não se deve deter nestes aspectos polissêmicos, mas se utilizar da camada estética hermenêutica que vai atuar como um referencial interpretativo no meio da diversidade, ou, dito de outro modo, uma chave estética hermenêutica<sup>464</sup>. Lembrando sempre que este referencial não é metodológico, mas estético.

Visto de outro ângulo, o perspectivismo está na base das diversas tradições religiosas e não é uma novidade que apareceu no século XX. Assim, como exemplos históricos, a tradição judaica se abre para a tradição babilônica ou palestina. O cânon adotado pela tradição palestina é o do texto hebraico estabilizado no 1º século d.C, em detrimento do texto grego dos LXX, utilizado pelos judeus da diáspora e, também, pelos cristãos dos primeiros séculos. Além disso, a tradição judaica, posteriormente, incorporou as perspectivas interpretadas conforme o Talmud que reunia uma grande

---

<sup>462</sup> Uma teologia fundada somente nos aspectos histórico-sociais e culturais, é tão frágil quanto o devir da sociedade no qual se fundamenta.

<sup>463</sup> O apóstolo Paulo em sua epístola, faz distinção entre a forma de compreensão da pessoa natural e da pessoa espiritual. Para o primeiro fala do entendimento, referente a pessoa “*psichikós*” em contraste com a pessoa “*pneumatikós*”. Conforme a primeira Carta de Paulo aos Coríntios. In: A BÍBLIA Sagrada. Tradução João Ferreira de Almeida. ed. rev. e corrigida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1989. I Co 2.14 e 15. “Ora, o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente”.

<sup>464</sup> Brakemeier discorrendo sobre as aproximações perspectivistas da Bíblia ressalta que a perspectiva não deve ser confundida com critério interpretativo. Coloca como critério o Evangelho. Esta pesquisa igualmente, destaca a não adoção de algum viés perspectivista como critério, porém, destaca a validade dos aspectos estéticos com critério no âmbito existencial da hermenêutica. BRAKEMEIER, 2003, p.64. “De resto, seja enfatizado que, a despeito da legitimidade das diversas aproximações à Bíblia, cabe cuidar para que a perspectiva não seja confundida com critério interpretativo. Caso contrário, já não mais haverá plataforma comum de diálogo. A reivindicação de monopólio por uma das perspectivas, ou seja, por uma das hermenêuticas de genitivo, acarreta problemas de comunicação na interpretação da Bíblia. Conforme insistência luterana, é o evangelho, e somente ele, a instância competente para colocar os padrões do válido e verdadeiro”.



variedade de interpretações rabínicas. No âmbito cristão, houve as ramificações entre igreja ocidental e oriental. Posteriormente, a divisão entre a tradição católica e a protestante, dentro da tradição protestante, a sua ramificação entre as diversas denominações. Toda essa diversidade é fruto do fenômeno hermenêutico, que como temos visto, tem uma raiz no devir histórico e cultural das sociedades que se apropriam da polissemia linguística para encontrar um sentido para sua contemporaneidade<sup>465</sup>.

Todas essas manifestações perspectivistas de tradição, ao contrário do esperado teoricamente, ao invés de incentivar o diálogo, promove o isolamento e edifica muros entre os diversos segmentos tradicionais<sup>466</sup>. Um dos resultados disto é a formação de cânones da interpretação específica a cada tradição<sup>467</sup> e que exclui a

---

<sup>465</sup> CROATTO, 1984, p. 31. “Muito bem, esse relato, dentro de um grupo determinado, converte-se em *tradição* viva. A distância com relação à sua primeira inscrição de sentido abre-o outra vez à releitura. Por isso dissemos há pouco que essa ‘palavra’ enclausuradora da mensagem do fato torna-se polissêmica em um segundo momento. É a continuação de um mesmo processo hermenêutico. A tradição, então, que se reveste de muitas formas, desde práticas determinadas até textos orais ou escritos, é a releitura organizada de anteriores leituras de acontecimentos fundantes. O adjetivo ‘organizada’ deve entender-se no sentido de uma estruturação social de práticas, mitos ou relatos sobre as origens, cosmovisão, leis, ritos etc. que aglutinam um grupo humano. Isto pode se exemplificar no caso de Israel, de outras religiões, ou de tradições filosóficas, políticas ou de qualquer signo. A realidade social e o fenômeno hermenêutico subjacente interrelacionam-se em todos os casos. Não importa aqui a dimensão ou a quantidade de tradições. Em seu tempo, a tradição ‘javista’ do Pentateuco certamente entrou em conflito com a tradição ‘eloísta’. Na redação atual, no entanto, confluem em uma nova tradição que as engloba sem conflito. Este fenômeno tem mil ramificações. Por isso, de forma genérica, falamos em tradição para ilustrar o que acontece a nível de interpretação se partirmos de um acontecimento significativo. Como cada tradição, ou cada momento de uma tradição maior, entra em conflito com outra tradição atual que remonta ao mesmo fato interpretado, defrontamo-nos novamente com o que denominamos de luta pela apropriação do sentido, com pretensões de totalidade e exclusividade”.

<sup>466</sup> GONÇALVES, Alonso. *A hermenêutica de Hans-Georg Gadamer e a interpretação bíblica: uma possível contribuição*. Ciberteologia – Revista de Teologia e Cultura – ano IX, nº 43, 2013, p.4. “O protestantismo, de um modo geral, sempre pautou a concepção de revelação a partir da Bíblia. Desde que a Reforma Protestante colocou no texto bíblico o *status* de ser o único critério de autoridade em questões de fé, diversas confissões doutrinárias foram feitas com o propósito de delimitar a compreensão da fé e da revelação. Ocorre que essa tarefa não se deu de maneira unívoca, mas, pelo contrário, suscitou divergências teológicas e interpretativas da Bíblia. Não faltaram estudos e produções sobre a exegese bíblica tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. O século XX viu uma infinidade de concepções, ideias e pluralidade na interpretação bíblica, principalmente no auge do movimento conhecido como alta crítica e quando do surgimento do método histórico-crítico”.

<sup>467</sup> CROATTO, 1984, p. 31. “Em um novo passo, a tradição, que era clausura de uma leitura anterior dos acontecimentos originais, tende a fazer-se polissêmica, a abrir-se à interpretação. Pois nenhuma tradição viva é estática. Isto seria sua morte. O próprio fato de falar de ‘tradição’, porém, implica que há um contexto que a delimita, controla, marcando suas fronteiras. Aqui, sua releitura significa muitas vezes a divisão. Costuma haver duas saídas, quando a tradição chega ao momento de maior tensão em seu crescimento de sentido: ou se divide ou se ‘enclausura’ em um *cânon*, o qual também excluirá aspectos da tradição, o que equivale a originar alguma divisão. [...] O cânon é um fenômeno de ‘clausura’ que exclui outras leituras de uma tradição antecedente e orienta a interpretação de novas práticas. Toda clausura do cânon, portanto, é parte de um longo processo

validade de outra.

Esta situação reflete a diversidade e confusão perspectivista que traz o processo hermenêutico se considerarmos somente os seus aspectos tradicionais e históricos do devir social<sup>468</sup>. Neste sentido, o processo hermenêutico precisa avançar para um modelo que incorpore a possibilidade de diálogo entre as várias tradições, ou seja, incluir elementos que perpassam as várias tradições possibilitando um diálogo na diversidade. Esta pesquisa constata que o aspecto estético possui essa possibilidade de unir o diverso, pela sua natureza universal e não metodológica colocando-se acima dos aspectos existenciais ligados a conceituações, racionalizações ou proposições, base do perspectivismo<sup>469</sup>.

A natureza dialógica e universal da estética pode ser percebida de forma exemplar no relato de Jesus e a mulher siro-fenícia<sup>470</sup>. Uma mulher seguia Jesus clamando para que ele curasse a sua filha. A resposta de Jesus é clara e denota o viés da defesa de sua tradição na qual estava inserido, afinal, Jesus era um homem

---

hermenêutico. Em um determinado momento de seu percurso, faz-se um 'corte' e uma delimitação dos textos (orais ou escritos) que representam a interpretação dos acontecimentos que deram origem a essa mesma tradição".

<sup>468</sup> GADAMER, 2013, p.395. "A distância temporal que possibilita essa filtragem não tem uma dimensão fechada e concluída, mas está ela mesma em constante movimento e expansão".

<sup>469</sup> O Dr. Enio Mueller, em seu artigo, trabalha a questão da verdade quando analisa as divergências de entendimento de confissões em diferentes igrejas. Ele se utiliza da referência a Pedro e Paulo e suas divergências em Antioquia. Estabelece o *locus* da verdade em um nível mais profundo das metáforas fundantes e a utilização das mesmas por meio do que ele denomina "ortopodia". A sua análise converge para o que se apresenta nesta pesquisa, pois concebe que a união das igrejas, no meio da diversidade, é conseguida por aspectos estéticos da compreensão hermenêutica da verdade (por ex. amor, graça, fé). MUELLER, 2004, p.84. "Que nossas igrejas ainda em processo de exclusão mútua, por motivo de suas verdades, possam se converter à verdade do evangelho, e que na vivência desta **aprendamos a nos incluir em amor**. E de novo a advertência: que isso não se dê tão-somente em nível de enunciados teóricos ou de com preensões de prática, mas sim na caminhada conjunta em Jesus, sabedores de que é dele que vem a **nossa fé comum** e que é para ele que nos dirigimos. E se assim é, que no caminho nos deixemos alimentar pelo mesmo Jesus de sua mesa comum. Nesse sentido, voltando ao texto inicial, que deixemos de ser como Pedro, excluindo da mesa da comunhão irmãos que pensam diferente e agem diferente, para que não tenhamos de ouvir também a acusação de Paulo: 'Não estais caminhando retamente na verdade do evangelho'. A possibilidade de fazê-lo **é graça**; a negativa é juízo, juízo que deve ser anunciado em nome **desta graça** e de sua vivência concreta neste mundo" (grifo nosso).

<sup>470</sup> Conforme o Evangelho segundo Mateus. In: A BÍBLIA Sagrada. Tradução João Ferreira de Almeida. ed. rev. e corrigida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1989. Mt 15.21-28. "E, partindo Jesus dali, foi para as partes de Tiro e de Sidom. E eis que uma mulher cananeia, que saíra daquelas cercanias, clamou, dizendo: Senhor, Filho de Davi, tem misericórdia de mim, que minha filha está miseravelmente endemoninhada. Mas ele não lhe respondeu palavra. E os seus discípulos, chegando ao pé dele, rogaram-lhe, dizendo: Despede-a, que vem gritando atrás de nós. E ele, respondendo, disse: Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel. Então, chegou ela e adorou-o, dizendo: Senhor, socorre-me. Ele, porém, respondendo, disse: Não é bom pegar o pão dos filhos e deitá-lo aos cachorrinhos. E ela disse: Sim, Senhor, mas também os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus senhores. Então, respondeu Jesus e disse-lhe: Ó mulher, grande é a tua fé. Seja isso feito para contigo, como tu desejas. E, desde aquela hora a sua filha ficou sã".

judeu. A sua resposta foi: “Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel”. Essa resposta, embora pouco convidativa da parte de Jesus e até parecendo um tanto grosseira, era resultado de sua tradição judaica e seus valores nos quais ele estava inserido. Porém, a insistência da mulher, sua humildade e sua fé, levou a Jesus a atendê-la curando sua filha. Essa atuação final em prol da mulher aflita, ultrapassando os muros da tradição e cultura característicos do ambiente judaico, demonstra uma motivação estética na práxis de Cristo que o moveu em favor dela, inclusive sem indagação se porventura havia em sua casa algum ídolo da deusa da fertilidade ou outros deuses comuns na tradição fenícia e que seria abominação para os judeus.

Diversos outros exemplos desse tipo ocorreram, como no caso do centurião romano de Cafarnaum; do endemoniado de Gadara, uma das cidades gentílicas de Decápolis; da mulher samaritana. Exemplos que demonstram o aspecto dialógico do elemento estético, representante mais profundo da natureza humana, a ponto de Jesus reconhecer no centurião romano uma fé que nem mesmo em sua tradição judaica ele havia encontrado<sup>471</sup>. Somente pela via estética se pode compreender por que Jesus afirmou que o samaritano fez melhor que o religioso sacerdote levita da sua própria tradição judaica.

A compreensão do comportamento de Cristo nestas situações, não se dá pela via da interpretação perspectivista de natureza isolacionista da tradição, mas pela via de elementos transcendentais e estéticos, que ultrapassavam essa fronteira<sup>472</sup>, o que o fazia comer e beber com as prostitutas e publicanos, coisa incompreensível para os tradicionalistas fariseus de sua época<sup>473</sup>.

Dessa forma, visto que as componentes existenciais exercem suas influências na compreensão e por conseguinte na *práxis*, é importante destacar o papel da

---

<sup>471</sup> Conforme o Evangelho segundo Mateus. In: A BÍBLIA Sagrada. Tradução João Ferreira de Almeida. ed. rev. e corrigida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1989. Mt 8.10. “E maravilhou-se Jesus, ouvindo isto, e disse aos que o seguiam: Em verdade vos digo que nem mesmo em Israel encontrei tanta fé”.

<sup>472</sup> Converte para o que Carlos Mesters ressalta em seu artigo sobre o que seja a leitura ecumênica da Bíblia, no sentido de que ultrapassa as fronteiras das instituições e confissões religiosas. MESTERS. 2007, p.23. “*Lectura ecuménica no quiere decir que católicos y protestantes discuten sus divergências para llegar a una conclusión común. Esto puede ser una consecuencia. Lo más ecuménico que tenemos es la vida que Dios nos dio. En América Latina y el Caribe, la vida de gran parte de la población corre peligro, ya que ésta ha disminuido. Lectura ecuménica es interpretar la Biblia en defensa de la vida y no em defensa de nuestras instituciones y confesiones*” (grifo nosso).

<sup>473</sup> CROATTO, 1984, p.30. “O conflito das interpretações tem seu reverso no conflito das práticas que inspiram o ato interpretativo”.

estética em um ambiente de diversidade e polissemia. Ela atua não somente como uma ferramenta dialógica na diversidade, como vimos, mas também como um elemento balizador entre as diversas perspectivas. Kevin Vanhoozer, em sua obra *Há um significado neste texto?* demonstra esta falta de referencial para as interpretações pós-modernas, no apelo geralmente para critérios utilitários, e estes referentes à comunidade. O autor pergunta se não haveria um critério universal que fosse distinto do interesse de determinada comunidade<sup>474</sup>.

A resposta a esta indagação é a função estética da hermenêutica que se apresenta como balizador universal em um ambiente interpretativo utilitário e diverso, característicos da pós-modernidade. Cabe destacar que uma das características pós-modernas é a consideração da polifonia presente na sociedade e de forma mais geral nas civilizações. No entanto, essa característica polifônica não vem dissociada de outro importante destaque pós-moderno que é a valorização do “estético”<sup>475</sup>.

A função balizadora da componente existencial estética é de suma importância também quando se identifica que existem movimentos de opressão que se utilizam de um determinado viés interpretativo<sup>476</sup>, e que tende a se justificar pela polissemia do texto bíblico, mas não passa pelo crivo estético. Assim, a estética não somente dialoga na diversidade como baliza os diversos resultados perspectivistas do fenômeno hermenêutico.

Como vimos, a Hermenêutica Existencial traz em si as condições de sua

---

<sup>474</sup> VANHOOZER, 2005, p.428-429. “Portanto, a leitura não seria moral ou imoral, mas amoral? Na pós-modernidade, os únicos critérios éticos que são regularmente aplicados nas discussões interpretativas são aqueles de tipo utilitário. Por exemplo, ‘preferir aquelas leituras que melhor servem aos interesses de um grupo específico’. Como observa Rorty, não existe nada em relação a que ser responsável, a não ser as comunidades históricas. A diferença entre a boa e a má interpretação está relacionada com a finalidade específica para a qual ela é apresentada. De fato, Rorty define a ‘boa’ como ‘aquela que serve às finalidades humanas’. Ser boa — na interpretação ou em qualquer outra coisa — é algo relativo aos objetivos e interesses humanos. Quanto aos critérios, eles são áreas de descanso temporário, construídas para fins utilitários [...] De forma mais séria, não existe fundamentalmente nada que forneça ao usuário recursos que permitam que se critique um interesse potencialmente abusivo ou que previna uma pessoa de se tornar um molestador textual”.

<sup>475</sup> KLEIN, 2017, p.157. “Os cristãos, em geral, e a Bíblia, em particular, historicamente têm valorizado a narrativa, o simbolismo, o estético, uma interpretação pressuposicional e a importância da comunidade. Os cristãos que anteriormente se apaixonaram pelo modernismo estão cada vez mais recuperando muitas dessas dimensões graças ao pós-modernismo”.

<sup>476</sup> MESTERS, 2007, p.23. “*Y lo que es peor, la propia Biblia corre peligro de ser utilizada para legitimar esta situación en nombre de Dios. Como en los tiempos de los reyes de Judá y de Israel, se usa la Tradición del Pueblo de Dios para legitimar a los ídolos. La Biblia fue usada para legitimar la conquista de las Américas, la política del apartheid, las dictaduras militares y la represión. Uno de los mayores represores y torturadores decía: ‘Mi libro de cabecera es el evangelio de San Mateo’. Y Pinochet siempre se comparó con Moisés, liberador de su Pueblo.*”.

validação pela via própria da existencialidade. A estética está como critério para o mundo das ideias como a lógica para o mundo da razão<sup>477</sup>. Assim, ela é um moderador da Hermenêutica Existencial. Na área da hermenêutica bíblica, todas estas hermenêuticas perspectivistas precisam ser avaliadas pela estética para verificar aquilo que dentro de um dado perspectivismo pode ser considerado válido biblicamente. A Estética possui uma imparcialidade necessária para ser a executora dos julgamentos existenciais, pois, de acordo com Schiller “nada se opõe mais ao conceito de beleza do que dar à mente uma determinada tendência<sup>478</sup>”.

O que não se deve fazer nas abordagens perspectivistas da Bíblia é alterar o texto bíblico para adequação à determinada hermenêutica existencial. Se isso fizer, não estaremos mais diante do texto bíblico e sim diante de outro texto qualquer.

Walter Benjamin trata do conceito de autenticidade de uma obra. Ela está ligada ao contexto histórico no qual foi produzida, assim a alteração do texto bíblico retira da Palavra de Deus a sua autenticidade resultando em uma outra obra qualquer<sup>479</sup>.

Neste ponto, é importante destacar a importância do modelo hermenêutico apresentando nesta pesquisa para entendermos o fenômeno do perspectivismo em hermenêutica. De forma geral, tanto neste tópico, como nos demais (5.2, 5.4, 5.5) ressalta-se a importância de extrair do texto seus elementos estéticos para a devida aplicação em outras situações que estão distantes no tempo e no espaço em relação às condições originárias. Isto porque, como foi verificado, as condições sociais, culturais no interior dos quais a mensagem foi forjada, são condições *ad-hoc* e devem ser mantidas onde estão<sup>480</sup>. São as características estéticas do texto que darão a

<sup>477</sup> DUARTE, Rodrigo. 2017, p.341. “O terceiro fato consigna o ajustamento da Estética à direção do saber moderno, segundo a perspectiva de ‘consciência de si’. Levantado o problema da realidade exterior, que pressupõe a natural precedência dos estados interiores em relação ao mundo, essa perspectiva justificaria a apreciação das coisas de acordo com a maneira pela qual nos afetam, condicionando a admissão de uma faculdade de gosto estético. Cumulando as funções de ciência teórica do belo e de ciência prática do gosto artístico, a Estética é, daí por diante, no plano da sensibilidade e do sentimento, o mesmo que a Lógica no plano do pensamento [...]”

<sup>478</sup> SCHILLER, 1989. 22ª carta.

<sup>479</sup> BENJAMIN, W. *Gesammelte Schriften*. VII-1. Herausgegeben von Rolf Tiedemann und Hermann Schweppenhäuser unter Mitarbeit von Christoph Gödde, Henri Lonitz und Gary Smith. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1991. cap. III (Tradução Daniel Pucciarelli) “O aqui e agora da obra original constitui o conceito de sua autenticidade, em cuja base se encontra a ideia de uma tradição que acompanhou esse objeto até os dias atuais como o mesmo e idêntico”.

<sup>480</sup> Hans Robert Jauss ressalta em sua estética da recepção o cuidado que se deve ter na análise da relação do leitor e a obra, pois, é muito mais que a relação desta com os aspectos sociais, visões e ideologias no qual está imerso o leitor. Analisar o significado de uma obra somente por estes aspectos sociais traz um dilema para sociologia da literatura quando se analisa o impacto que a

aplicabilidade para outra condição diferentes daquela, situada em outro ambiente histórico e cultural e, também, em outras tradições.

O entendimento deste fenômeno na atividade hermenêutica é de vital importância, pois, sem isso, o texto será fatalmente considerado desatualizado, servindo apenas para uma pesquisa histórica e isolacionista sem nenhuma aplicação para os problemas atuais<sup>481</sup>. Assim, há algo mais profundo em todas as perspectivas hermenêuticas que não se limita aos aspectos tradicionais e históricos. Esses aspectos são os aspectos estéticos para onde todas as perspectivas vão convergir, pois, são universais<sup>482</sup>.

Embora tenha-se destacado o papel da estética como elemento balizador, não se pode esquecer que o modelo também apresenta a consideração da importância do autor na delimitação e convergência de significado. Como apresentado nesta pesquisa o autor e seu propósito inserido no texto é de fundamental importância para a parte tradicional da hermenêutica como delimitador de proliferação de perspectivas<sup>483</sup>. Desta forma, o modelo integrador apresenta os dois referenciais do

---

obra causa em gerações posteriores. JAUSS, 1982, p.26. *"The relationship between literature and audience includes more than the facts that everyday work has its own specific, historically and sociologically determinable audience, that every writer is dependent on the milieu, views, and ideology of his audience, and that literary success presupposes a book which expresses what that group expects, a book which presents the group with its own image. This objectivist determination of literary success according to the congruence of the work's intention with the expectation of a social group always lead literary sociology into a dilemma whenever later ongoing influence is to be explained"*.

<sup>481</sup> CROATTO, 1984, p.9. "Frente ao texto da realidade presente, entendido como o *lugar teológico* privilegiado para descobrir o Deus que fala e interpela o homem, pode-se relegar a Bíblia a um segundo plano, entendendo-a como um texto 'desatualizado'. A realidade está tão carregada de significado que qualquer outro 'significante' teológico resulta como secundário. Quando as opções estão claras, não faz falta alguma ir à Bíblia. Não é essa a atitude de muitos cristãos comprometidos com a luta revolucionária contra as estruturas injustas deste sistema em que somos obrigados a viver? Que mensagem 'nova' lhes traz o Evangelho? A pergunta é sincera. Cremos, porém, que deixa entrever uma dificuldade metodológica para sair de uma leitura tradicional da Bíblia que a tem alienado da história real dos homens. O obstáculo é visível em alguns teólogos da libertação, que, mais do que outros, valorizam a práxis sócio-histórica como parâmetro da reflexão teológica".

<sup>482</sup> Severino Croatto, em sua obra, ao discorrer sobre a polissemia no processo interpretativo reconhece que há uma espécie de comunicação "subterrânea" entre as leituras que refletem um nível de experiência humana mais profunda na qual é gerada a diversidade. CROATTO, 1984, p.26. "Se há muitas interpretações de um texto, todas partem de um mesmo texto, e então deve haver alguma forma de convergência. As leituras se comunicam subterraneamente. Isso faz com que a divisão que, para ser tal, deve gerar-se em algo comum, conserve sempre um fator de reunião. Também, os mitos são conflitivos uns em relação aos outros. Ainda que se estruturam sobre o mesmo tema, cada um se cristaliza dentro de uma cosmovisão e pretende esgotar o sentido da realidade que interpreta. Comunicam-se, todavia, a nível dos símbolos que contém e ao nível de uma experiência humana profunda".

<sup>483</sup> FOUCAULT, 1998, p.221. *"How can one reduce the great peril, the great danger with which fiction threatens our world? The answer is: One can reduce it with the author. The author allows a limitation of the cancerous and dangerous proliferation of significations within a world where one is thrifty not only with one's resources and riches but also with one's discourses and their significations"*.

processo hermenêutico: a estética no âmbito da Hermenêutica Existencial e a codificação dos aspectos linguísticos do texto, no âmbito da Hermenêutica Tradicional – por meio dos quais se pode extrair o propósito do autor.

### 5.3.1 O exemplo da hermenêutica feminista

Neste ponto, é apresentado um exemplo de aplicação do modelo dentro da perspectiva da hermenêutica feminista. Não vamos nos deter em toda a história do movimento feminista, mas, em alguns aspectos de sua hermenêutica para compreendermos melhor como a aplicação do modelo hermenêutico desta pesquisa nos ajuda a entender o texto bíblico no que respeita ao perspectivismo.

A partir da terceira onda do feminismo, surgiram vários movimentos clamando por emancipação e reconhecimento e muitos deles acompanhando o movimento feminista<sup>484</sup> que já vinha de longa data, pelo menos na época moderna, desde Olympe de Gurgues que na época da Revolução Francesa (1791) elaborou a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã e a apresentou à Assembleia Nacional da França<sup>485</sup>.

Uma das preocupações da teologia feminista é tentar entender o texto bíblico por um outro viés que dê à mulher sua verdadeira posição<sup>486</sup>, visto que o texto estaria enviesado por uma estrutura de autoridade patriarcal no qual ele foi formado<sup>487</sup>. Veja o exemplo dos Dez Mandamentos, quando no livro de Êxodo apresenta o último dos mandamentos como: “*Não cobiçarás a casa do teu próximo, não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma do teu próximo*”<sup>488</sup>. Verificamos que os mandamentos

<sup>484</sup> NUNES, Maria José Rosado. *Teologia feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal*: entrevista com Ivone Gebara. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, janeiro-abril de 2006, p. 295. “Realidade plural, as teologias feministas expressam e perseguem o que ele chama de ‘intencionalidades específicas’. Surgem as teologias feministas negra, lésbica, indígena, *queer*, *womanist* e outras”.

<sup>485</sup> CASTRO, Amanda Motta. *Reafirmações do feminino no movimento pentecostal*. Saarbrücken, Deutschland: Novas Edições Acadêmicas. 2014, p.48. “Olimpy de Gougues foi apontada como a primeira pessoa a escrever um texto com linguagem inclusiva. Em 1791, ela escreveu a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã e sempre manteve sua célebre frase: ‘Se a mulher tem o direito de subir ao cadafalso, ele deve ter igualmente o direito de subir à tribuna’. Sua luta continuou até o dia em que foi guilhotinada na capital francesa em 3 de novembro de 1793”.

<sup>486</sup> NUNES, 2006, p. 298. “Penso que no centro da reflexão das teologias feministas está uma intencionalidade de base que se expressa na afirmação da dignidade feminina através de múltiplas formas”.

<sup>487</sup> ZABATIERO, 2006, p.25. “A leitura feminista da Escritura nasce nos vários lugares sociais e culturais de luta das mulheres pela dignidade, igualdade e justiça. Dirige sua crítica primariamente ao sexismo presente na sociedade e nos textos bíblicos”.

<sup>488</sup> Ex 20.17.

foram direcionados para os homens. Assim, todo o texto bíblico, indo do Antigo Testamento ao Novo Testamento foi escrito pela ótica da sociedade patriarcal da época. Nesta situação, a mulher é relegada ao segundo plano, sendo possível vendê-la para pagar dívidas; impossibilitada de fazer votos que não sejam aprovados por um homem; passava por restrições rituais de adoração no templo; regras próprias de impureza; e sem assumir nenhuma posição de liderança em atividades religiosas, políticas ou familiares.

Sem consideração de que esta característica patriarcal era um condicionamento social da época, muitos, tem usado o texto bíblico como pretexto<sup>489</sup> e justificação para toda sorte de exploração e dominação das mulheres<sup>490</sup> e ainda como instrumento de justificativa<sup>491</sup> para violência contra elas<sup>492</sup>.

Uma das regras de hermenêutica na sua face tradicional diz que para entendermos o significado de um texto precisamos conhecer os aspectos culturais, sociais da época em que o texto foi escrito. O modelo integrador proposto nesta pesquisa não despreza todo o esforço histórico-crítico realizado na busca do sentido original, ao contrário, ele é importante, pois estabelece um dos referenciais hermenêuticos na face tradicional<sup>493</sup>. Desta forma, é importante verificarmos o que a

---

<sup>489</sup> CASTRO, 2014. p.74. “Porém, a Bíblia, escrita numa lógica e argumento patriarcal é contundente sobre a postura submissa que as mulheres devem ter. Os padrões de mulher socialmente construídos são reafirmados pela igreja através dos ensinamentos sobre como *ser mulher* e como *ser uma boa mulher*”.

<sup>490</sup> MESTERS, 2007, p.23. “*Muchas veces, por falta de una conciencia social más crítica, el intérprete es víctima de los prejuicios ideológicos y, sin darse cuenta, usa la Biblia para legitimar el sistema de opresión que deshumaniza*”.

<sup>491</sup> CASTRO, 2014. p.74. “Entendendo o contexto patriarcal das religiões e como estas diminuem as mulheres a um ser que deve viver no silêncio, as teólogas feministas, trabalhando a partir da hermenêutica da suspeita, não deixaram de lado a importância da Bíblia para a manutenção das desigualdades de gêneros. Segundo essas teólogas, a Bíblia, sobretudo no movimento pentecostal, é fundamental para essa manutenção. Isso gera no bojo das instituições religiosas homens ativos e mulheres passivas e excluídas. Um dos argumentos das teólogas feministas sobre a principal mantenedora da ordem religiosa é a Bíblia”.

<sup>492</sup> CROATTO, 1984, p.9. “Confunde-se o querigma com seu revestimento cultural ou sua *contextualização*”.

<sup>493</sup> O Dr. Flávio Schmitt em seu artigo, discorre sobre as possíveis origens do método histórico-crítico, suas principais características, alcances e limites do mesmo. Nesse artigo, destaca que o método histórico-crítico embora não esgote todas as riquezas presentes no texto bíblico, não se pode negar os benefícios que o mesmo traz à pesquisa bíblica. SCHMITT, Flávio. *Método histórico-crítico: um olhar em perspectiva*. Estudos Teológicos, v.59. nº 2. p.325-339. São Leopoldo, jul/dez 2019, p.336-337. “Além de considerar a dimensão histórica do texto bíblico, a crítica histórica também permite levar a sério a condição dos autores como testemunhas humanas, sujeitas a certos condicionamentos, preferências e até mesmo inexatidões. Ao propor interpretar o texto em seu contexto histórico, o método resguarda o texto de interpretações desconectadas da realidade histórica, do horizonte da vida. Além disso, há que considerar que os métodos científicos foram aperfeiçoados no estudo de textos da antiguidade. [...] Outro argumento utilizado pela Comissão



sociedade da época estabelecia sobre a situação da mulher e que era característica daquela cultura. Estes aspectos culturais devem ser entendidos no ambiente em que se originam e não devem ser transportados para outras culturas como a do mundo atual. Por isso, a necessidade de aplicação das pesquisas históricas, sociais e antropológicas características do viés histórico da Hermenêutica Tradicional.

Tomemos como exemplo o texto que se encontra na primeira carta de Paulo aos coríntios, em seu capítulo 11 e versículo 7<sup>494</sup>: *O homem, pois, não deve cobrir a cabeça, porque é a imagem e glória de Deus, mas a mulher é a glória do homem. Porque o homem não provém da mulher, mas a mulher do homem. Porque também o homem não foi criado por causa da mulher, mas a mulher por causa do homem.*

Paulo deixa transparecer neste texto os traços da sociedade patriarcal em que vive, pois, apresenta a mulher como a “glória do homem” enquanto o homem é a “glória de Deus”. Como se diria, Paulo é um homem de seu tempo e expressa a cultura da sociedade patriarcal. No entanto, mais importante que estes traços patriarcais que devem ser deixados na cultura que a produziu, é percebermos que Paulo teve um propósito nesta declaração que era orientar as mulheres quanto ao uso do véu que era a forma na época de se portarem “decentemente”. É este significado que deve ser transportado para a época atual para a “fusão de horizontes” como diria Gadamer, ou seja, a consideração da decência no comportamento religioso e na liturgia.

A preocupação com a decência é o significado principal e estético que devemos importar do texto<sup>495</sup>. Na sequência Paulo cita: *Julgai a vós mesmos, é decente que a mulher ore a Deus descoberta?*. A decência naquela sociedade patriarcal era a mulher ter a cabeça coberta, mas o que a aplicação correta da hermenêutica estética determina como aplicação válida para a fusão de horizontes é a “decência” e não seus aspectos patriarcais do uso do véu que é cultural e localizado.

Neste mesmo texto, porém, Paulo deixa transparecer o aspecto estético que

---

Bíblica Católica aponta para uma constatação que se faz cada vez mais atual, principalmente em vista da emergência de novas ferramentas disponíveis para o estudo da Bíblia. Trata-se do entendimento de que nenhum método científico pode trazer à luz todas as riquezas do texto bíblico”.

<sup>494</sup> I Co 11.7-9.

<sup>495</sup> FEE, G., 2011, p.95. “Em primeiro lugar, devemos fazer nossa exegese com todo cuidado, a fim de que possamos ouvir aquilo que a Palavra de Deus realmente foi para eles. Na maioria desses casos, um *princípio* claro é articulado. Este comumente transcenderá a particularidade histórica a qual estava sendo aplicado”.

conduz a sua compreensão da relação homem e mulher perante Deus. Este aspecto estético subverte as condicionantes sociais patriarcais, quando, contra toda a perspectiva cultural, ele declara<sup>496</sup>: *Todavia, nem o homem é sem a mulher, nem a mulher sem o homem, no Senhor. Porque, como a mulher provém do homem, assim também o homem provém da mulher, mas tudo vem de Deus.* Nesta declaração, é afirmado que nem o homem, nem a mulher é melhor diante de Deus, mas tudo vem dEle. Esta declaração é confirmada por outra referência na carta aos Gálatas que diz<sup>497</sup>: *Nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.*

A estética, nesse contexto, apresenta a compreensão a respeito dos servos e livres, homem e mulher, e diferenças étnicas, que em Deus todos têm os mesmos direitos e é este entendimento o que prevalece sobre a camada patriarcal<sup>498</sup> do texto bíblico<sup>499</sup>, camada, porém, que é necessária para a inserção da mensagem de Deus dentro daquela cultura específica, conforme detalhamos no terceiro capítulo que trata da proposta modelo hermenêutico integrador.

Cabe destacar, que este viés patriarcal é uma característica da sociedade da época e não somente “do texto bíblico”. Ressalte-se que o Evangelho gnóstico de Tomé, encontrado nas areias do Egito em 1945, não presente no texto bíblico e, portanto, não canônico, exemplifica a característica patriarcal da sociedade contemporânea quando em seu versículo 144 do capítulo 1, cita a solicitação de Pedro a Jesus para que tirasse Maria do meio deles, pois, as mulheres não seriam dignas da vida. Teria obtido como resposta de Jesus que *cada mulher que se fizer*

---

<sup>496</sup> I Co 11.11,12

<sup>497</sup> Gl 3.28.

<sup>498</sup> Brakemeier discorrendo sobre a interpretação feminista da Bíblia, encontra no próprio texto bíblico o aspecto estético a ser considerado para os dias atuais, que o autor chama de *discurso fundante e original*. BRAKEMEIER, 2003, p.62. “A leitura feminista da Bíblia se inspira em interesses da atualidade. Busca a erupção dos cativeros históricos em que são mantidas presas as mulheres até os dias atuais. Nem sempre existe sintonia de objetivos entre elas e os intérpretes, assim como também o movimento feminista como tal se apresenta multifacetado. Entretanto, a iniciativa feminista promove causa profundamente evangélica. Pois, embora a Bíblia traga as marcas de um mundo patriarcal, afirma enfaticamente a igualdade de homem e mulher. Isto desde a passagem de Gn 1.26s. que atribui a ambos, homem e mulher, o distintivo de imagem de Deus. É este o seu discurso fundante, original e característico do evangelho”.

<sup>499</sup> Neste ponto é importante destacarmos o conceito atual de “Correspondência” das normas, nas quais as normas de um ordenamento jurídico possuem várias camadas hierárquicas nas quais as normas de uma camada devem estar sujeitas à validade das normas de camada superior, no caso do exemplo, a camada patriarcal deve estar sujeita às determinações da camada estética da Palavra de Deus. CARVALHO, 2020, p. 119. “A correspondência da lei verifica-se com sua inserção no ordenamento jurídico, cujas normas irão condicionar e validar as demais. Assim, a lei deverá levar em conta as normas que compõem o ordenamento jurídico do Estado, disso resultando em relações de subordinação, hipótese em que se cuidará de sua validade”.

*homem, entrará no Reino dos Céus*<sup>500</sup>.

Estas características patriarcais ainda se fazem refletir hoje quando se tenta utilizar o texto daquela época sem manejar adequadamente a hermenêutica. A questão atual da ordenação de mulheres nas igrejas, por exemplo, não apresenta nenhum impedimento por parte da aplicação estética do modelo integrador da hermenêutica. O problema parece se situar em uma aplicação errônea da hermenêutica em considerar aspectos culturais de época, que devem ser deixados para aquela cultura específica, como sendo mandamento bíblico para o mundo atual<sup>501</sup>.

O modelo hermenêutico apresentado neste trabalho demonstra que existem várias camadas existenciais no fenômeno hermenêutico e o que deve ser transportado para outras culturas são aqueles aspectos estéticos da mensagem, por estes serem universais e atemporais<sup>502</sup>. O modelo indica que as camadas existenciais são necessárias no processo hermenêutico para sintonização da mensagem com uma sociedade historicamente determinada. Assim, o transplante de uma mensagem inspirada por Deus para o mundo atual deve ser feito após o

<sup>500</sup> PROENÇA, Eduardo de. *Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia*. Organização Eduardo de Proença. São Paulo: Fonte Editorial Ltda, 2005, p. 609. versículo 144. “Simão Pedro disse-lhe: Que Maria saia de nosso meio, porque as mulheres não são dignas da Vida! Disse Jesus: Vede, eu me encarregarei de fazê-la homem, para que também ela se torne um espírito vivo, semelhante a vós, homens. Pois cada mulher que se fizer homem entrará no Reino dos Céus”.

<sup>501</sup> FIORENZA, Elisabeth Schussler. *Sharing her world. Feminist Biblical Interpretation in Context*. Edinburg: T&T Clark LTD, 1998. p.23. “All feminist need to study religion because it has played and still play a key role in both women’s oppression and their liberation. Hence an understanding of how religion is implicated in the continuing exploitation of women, as well as how it actively participates in social movements for change, must be a central task of feminist studies”.

<sup>502</sup> Almir Ferreira Junior, em sua tese de doutorado a respeito da Estética e Hermenêutica em Gadamer, conclui que devido a parte estética que possui uma função declarativa permanente, a arte é sempre uma declaração atualizada. Esse entendimento estético concorda com a pesquisa apresentada em que são os elementos estéticos aqueles que devem ser transportados para outro ambiente, pois, a declaração estética é sempre atualizada. O foco em sua análise é a estética na obra de arte, o que valida o que se tem apresentado na pesquisa sobre a estética em obras de abrangência maior como o texto. JUNIOR, Almir Ferreira da Silva. *Estética e Hermenêutica: a arte como declaração de verdade em Gadamer*. 2005, 206 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2005, p.19. “A formulação, algumas vezes repetidas por Gadamer – a hermenêutica contém a estética – implica que a hermenêutica busca articular uma interpretação sobre o fenômeno estético – seja ele uma experiência do belo na natureza ou na arte – tendo em vista o processo de mediação pelo qual a natureza constrói sua própria experiência de mundo, integra-se e forma sua própria tradição. [...] Na qualidade da obra, **a arte é uma declaração atualizada.** [...] **Sua inesgotável capacidade de expressão, sempre aberta a novas integrações da existência humana** revela em seu ser uma presença que, no entanto, **ultrapassa a limitação histórica** (*geschichtliche Beschränktheit*). Por isso, enquanto expressão da verdade (*Ausdruck einer Wahrheit*) tal análise **não se limita à simples busca do significado original de sua criação**. Como esfera de realização humana, a arte é **experiência que ultrapassa o próprio tempo**, o que lhe confere um caráter específico quanto a sua temporalidade” (grifo nosso).

entendimento de qual seja o conteúdo estético.

Outro exemplo da influência de aspectos estéticos ultrapassando os limites culturais é o que se encontra no livro de Salmos capítulo 16 e versículo 10: *Pois não deixarás a minha alma no inferno, nem permitirás que teu santo veja a corrupção*. Este texto, considerado um texto messiânico, pois, reflete uma profecia da ressurreição de Cristo na releitura do Novo Testamento é, *prima-facie*, a esperança do salmista de que pela confiança em Deus e pela sua grandeza, Deus não o deixaria no Hades, mas o permitiria estar em sua presença com alegria.

Os estudos da Teologia do Antigo do Testamento demonstram que a doutrina da ressurreição veio a ser estabelecida bem tarde na história do povo de Israel. O entendimento geral era de que os mortos estão ausentes de Deus, como diz o salmista<sup>503</sup>: *mostrarás tu maravilhas aos mortos, ou os mortos se levantarão e te louvarão?*

Não é o propósito deste trabalho fazer um estudo longitudinal a respeito do conceito de ressurreição no Antigo Testamento<sup>504</sup> mas, o que o salmista aponta sobre Deus não permitir que ele permaneça no Hades, não veio senão pelo aspecto estético acima de todas as limitações culturais e teológicas da época<sup>505</sup>. Aliás, a esperança é um aspecto que vem da estética e a fundamenta, importante para a compreensão e determinação das nossas atitudes, ou na linguagem de Heidegger, para a compreensão do *Dasein* das suas possibilidades. Assim, a face estética da hermenêutica vem complementar o modelo Gadameriano fundado nas tradições do passado, no presente e na historicidade<sup>506</sup>, ou seja, faltaria ainda um componente estético para unificar o passado, presente e futuro como ambientes da

---

<sup>503</sup> Sl 88.10.

<sup>504</sup> Vide também Jó 10.21,22.

<sup>505</sup> Cilene Nascimento em seu artigo, discorre como a estética está influenciada pelos aspectos culturais nos quais o artista está inserido, porém, ela pode ultrapassar estes aspectos servindo de base crítica ao pensamento e reflexões de seu tempo histórico. CANDÁ, 2011, p.69. “Se considerarmos que a sensibilidade é construída na relação do sujeito com o mundo, poderemos afirmar, em concordância com Hegel, que o belo, enquanto resultado formativo da sensibilidade, é produzido com base na experiência estética e não pode ser entendido como fenômeno natural. Para ele, a arte é um fenômeno social e é resultante também do repertório cultural do artista, **que se manifesta livre para criar, podendo, inclusive, questionar ou superar as reflexões produzidas por sua cultura e seu tempo histórico**” (grifo nosso).

<sup>506</sup> GADAMER, 2013, p.385. “A compreensão deve ser pensada menos como uma ação da subjetividade e mais como um retroceder que penetra num acontecimento da tradição, onde se intermedeiam constantemente passado e presente”.

compreensão<sup>507</sup>. Nossas ações não são determinadas somente pela compreensão das coisas que ocorreram e da tradição posta, mas também pelas coisas que esperamos, e a base da esperança é estética.

Esta priorização da parte estética da Palavra de Deus sobre os aspectos tradicionais e sociológicos, vem também representada pela afirmação dos apóstolos Pedro e João, presos em Jerusalém, que ao serem soltos, receberam a determinação do magistrado de que não pregassem mais a respeito de Jesus. A resposta dada pelos apóstolos foi: “antes importa obedecer a Deus que aos homens”. Com esta afirmação eles davam priorização à ordenação de Deus advinda da camada estética do Evangelho em relação à ordenação humana advinda da camada social dada pelos magistrados.

Assim, retornando à uma teologia feminista, não é necessário fazer alterações do texto bíblico desfazendo a autenticidade do cânon, para destacar a importância da mulher na sociedade. É necessária uma correta aplicação da hermenêutica tanto em sua face tradicional quanto da Hermenêutica Existencial por meio do filtro estético, conforme o modelo integrador indica. É na parte estética da hermenêutica onde encontraremos os significados para o transporte ao mundo atual e fazer a “fusão de horizontes”, pois, como visto, a estética tem natureza universal. Aliás, é por isso que é possível a fusão de horizontes diferentes. É o que existe de universal nas diferenças que permite a fusão. Isto é válido para todas as hermenêuticas perspectivistas. Isto destaca a importância desta pesquisa quando revela que a hermenêutica apresenta um elemento referencial existencial que é a estética.

O que foi considerado para a perspectiva feminista do texto bíblico, pode ser aplicado para outros perspectivismos que procuram extrair da Bíblia ensinamentos *ad-hoc*, muitas vezes mudando o texto bíblico alterando sua autenticidade. Assim, o modelo integrador ajuda a compreender esse fenômeno e trabalhá-lo sem alterar a autenticidade do texto bíblico, mas, transportando o que é estético da mensagem, o que fará a Palavra de Deus ser eficaz em qualquer cultura e tradição, pois, trabalha

---

<sup>507</sup> Em sua obra, *Towards an Aesthetic of Reception*, Hans Robert Jauss destaca que o processo compreensivo em Verdade e Método unindo o presente e o passado na fusão de horizontes, não é suficiente para explicar o elemento de produção de significado por este processo. JAUSS, 1982, p.31. “When, in Truth and Method, understanding is conceived-analogous to Heidegger's ‘event of being’ [Seinsgeschehen] - as the placing of oneself within a process of tradition in which past and present are constantly mediated, the ‘productive moment which lies in understanding’ must be shortchanged. This productive function of progressive understanding, which necessarily also includes criticizing the tradition and forgetting it, shall in the following sections establish the basis for the project of a literary history according to an aesthetics of reception”.

com elementos universais<sup>508</sup>.

#### 5.4 A APLICAÇÃO DO MODELO NA COMUNIDADE DE FÉ

Conforme apresentado, o modelo hermenêutico integrador apresenta o elemento estético que é essencial como critério de interpretação (e consequentemente da aplicação também) do texto bíblico para as situações da vida atual. Isto porque, na área do Direito, por exemplo, quaisquer condições mutáveis da sociedade são acompanhadas por uma adequação do ordenamento jurídico para abarcar as referidas modificações. No texto bíblico, isso não acontece, pois, para os cristãos o cânon está fechado e o texto fixado<sup>509</sup>. Nesta situação, conforme o modelo, é a interpretação estética que vai validar as formas necessárias de tratar as situações do mundo atual pelo texto bíblico. Isto porque o conteúdo estético da mensagem bíblica possui o caráter universal e atemporal para utilização em quaisquer condicionantes sociais.

<sup>508</sup> Carlos Mesters em seu artigo sobre a leitura popular da Bíblia, mostra a preocupação de tornar eficaz a mensagem da Bíblia, profundamente arraigada na cultura hebraica, para os povos indígenas com seus próprios mitos e história humana. Nossa pesquisa mostra que não é preciso “mudar” o texto bíblico, mas considerar os seus aspectos estéticos que estão presentes em todas as culturas e tradições e que poderão ser tratados dentro de quaisquer tradições. Isto, porém, não descarta a adaptação no nível linguístico das traduções bíblicas para os diferentes povos indígenas, o que tem sido feito, por exemplo, pela Associação Linguística Evangélica e Missionária (ALEM) em seus trabalhos juntos às tribos indígenas brasileiras. MESTERS, 2007, p.24. *“En el mito de Tucumán, que explica a los indios de la región amazónica el origen del mal en el mundo, la culpable de los males no es la mujer, sino el hombre. Em un encuentro bíblico, alguien preguntó: ‘¿Por qué no usamos nuestros mitos en vez de los mitos del pueblo hebreo?’ No hubo respuesta. La misma pregunta fue hecha en un curso bíblico en Bolivia en mayo de 1991. Los participantes, casi todos aymaras, preguntaban: ‘¿Por qué usar sólo la Biblia? ¡Nuestras historias son más bonitas, menos machistas y más conocidas!’ Las religiones de Asia, más antiguas que la nuestra, plantearon estas mismas preguntas hace varios años. ¿Cuál es el valor de nuestra historia y de nuestra cultura? ¿Será que ellas no podrían valer como nuestro Antiguo Testamento, donde están escondidas las promesas que Dios hizo a nuestros antepasados y donde existe nuestra ley como “nuestro pedagogo hasta Jesucristo”.*

<sup>509</sup> Brakemeier, no capítulo 5 de sua obra, discorre sobre a natureza do texto bíblico e apresenta algumas formas de suprir o aparente déficit normativo do texto, como por exemplo: com os diversos credos das tradições protestantes; com o magistério da Igreja no âmbito do catolicismo mediante a tradição; a iluminação espiritual de determinadas pessoas. Como exposto nesta pesquisa, a aplicação da camada estética da face da hermenêutica existencial pode suprir aparente falta de normatividade nas condições em que se apresentam. BRAKEMEIER, 2003, p.27. *“Em sua qualidade de testemunho, a Bíblia parece pouco apropriada para servir de Cânon. Composta de uma seleção de livros, provenientes de diversas épocas e lugares, ela não apresenta uma ‘doutrina’ uniforme. Referindo-se a uma história de fé, falta-lhe coesão dogmática. As vozes que nela se manifestam às vezes até mesmo destoam. Já o dissemos: A Bíblia é um livro plural. Em que consiste sua unidade? Será ela realmente suficiente para nortear a vida cristã? A resposta, por demais vezes, é negada. Sustenta-se ser necessária uma instância além da Bíblia para interpretá-la ou complementá-la em sua função orientadora. São várias as formas em que isso acontece”.*

Assim, na pedagogia cristã, tão importante quanto aprender o texto bíblico em si, está em como interpretá-lo e adequá-lo às situações complexas que o mundo apresenta atualmente. Assim, como vimos no terceiro capítulo – A proposta de um modelo integrador – o código linguístico, ou seja, o texto bíblico não consegue abarcar todas as situações que aparecem nos casos concretos da vida. Basta lembrar que o texto está historicamente condicionado, e é formado por códigos linguísticos que possuem suas limitações. Desta forma, a utilização do moderador estético, como se apresenta nesta pesquisa, se torna cada vez mais importante como elemento referencial para atualização da mensagem.

A falta de entendimento do modo de funcionamento da hermenêutica leva a interpretações do texto bíblico de forma anacrônica e desajustada, por total incapacidade em reconhecer as diversas camadas orgânicas constituintes do processo hermenêutico conforme apresentado nesta pesquisa. Pode-se dar exemplos de várias situações em que o modelo integrador ajuda na aplicação do texto bíblico à prática da comunidade de fé.

É comum vermos atualmente a utilização de diversas práticas judaicas nos ritos dos cultos em algumas denominações cristãs. Conquanto essas comunidades possam adotar de forma independente e discricionária estes tipos de rituais, não é correto fundamentar hermeneuticamente na Bíblia a prática destes. Isto porque, conforme o modelo integrador, a ritualística cultural judaica está relacionada à camada tradicional daquela religião.

É importante conhecermos como, e porque, agiam daquela forma e extrairmos um significado estético, mas não podemos transplantar essas tradições para as demais comunidades de fé de outras religiões e de outras culturas, pois, é uma camada tradicional e deve ser deixada na sua própria tradição. Esta determinação, inclusive, foi decidida no primeiro concílio da igreja primitiva em Jerusalém, no Livro de Atos em seu capítulo quinze, quando pareceu bem aos apóstolos e ao Espírito Santo não impor aos gregos essa carga senão as coisas essenciais que eles passaram a transmitir na divulgação do querigma<sup>510</sup>. Assim, já na igreja primitiva havia o entendimento de que a camada tradicional relativa aos

---

<sup>510</sup> Conforme o livro de Atos. In: A BÍBLIA Sagrada. Tradução João Ferreira de Almeida. ed. rev. e corrigida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1989. At 15:28-29 “Na verdade pareceu bem ao Espírito Santo e a nós, não vos impor mais encargo algum, senão essas coisas necessárias: que vos abstenhais das coisas sacrificadas aos ídolos, e do sangue, e da carne sufocada, e da fornicção; das quais coisas fazeis bem se vos guardardes. Bom vos vá”.

rituais judaicos deve ser deixada para a prática da religião judaica.

O que se devia transplantar para os gregos era o que eles identificavam como essenciais, ou na linguagem desta pesquisa, estéticas. Como vimos, pelo modelo, era a Palavra de Deus para os judeus, mas não era para os gregos, que viviam em outra cultura. Assim, o que da Palavra de Deus para os judeus se constituía nos fatores estéticos deveria ser revestida das adequações culturais para penetração do querigma na população grega e romana. Assim, vemos como a referência da face tradicional da hermenêutica, que vai trabalhar o conhecimento histórico-cultural da religião judaica vai se articulando com a referência estética da face existencial da hermenêutica para a adaptação da mensagem do Evangelho a outras culturas.

Outra questão importante em voga nas denominações cristãs é aquela referente ao dízimo. A grande discussão é se a exigência do dízimo é hermeneuticamente correta, pois, como apresentam alguns, é instituto do Antigo Testamento e não seria mais válido para a Igreja.

Novamente, o modelo apresentado pode nos ajudar a entender a forma mais adequada de interpretação. Começamos procurando entender o que se deve transportar para hoje. Como vimos no modelo, é a estética que determina o que pode ser transportado por ser de natureza atemporal e universal.

Como visto é a estética que está por trás das racionalizações necessárias para objetivar os significados no mundo material. Desta forma, se tentarmos descobrir qual a razão da exigência do dízimo, nos aproximáremos dos fatores estéticos que o determinou. Mas isto fica claro pela simples análise do conteúdo textual: *para que haja mantimento em minha casa*<sup>511</sup>. Assim, o dízimo é adequação objetiva, para a sociedade judaica, da intenção estética de que na Casa de Deus não falte recursos materiais.

Pela face tradicional da hermenêutica, entendemos que a exigência do dízimo pertence a uma camada cultural necessária para adequação na sociedade judaica da exigência de conteúdo estético de manutenção da Casa de Deus. Assim, é o conteúdo estético o que deve ser transferido para hoje, ou seja, a exigência de

---

<sup>511</sup> Conforme livro do profeta Malaquias. In: A BÍBLIA Sagrada. Tradução João Ferreira de Almeida. ed. rev. e corrigida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1989. MI 3:10 "Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e depois fazei prova de mim, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas dos céus, e não derramar sobre vós uma benção tal que dela vos advenha a maior abastança". (grifo nosso).



se satisfazer as necessidades materiais da Casa de Deus. Assim, esse conteúdo pode ser adaptado à atualidade de outras formas que não somente a exigência do dízimo, por exemplo: o Estado pode ser o supridor das necessidades materiais da Igreja; um empresário pode ser supridor; uma denominação pode exercer atividade empresarial paralela para levantamento de recursos. Em suma, há vários mecanismos que podem ser utilizados adequando a exigência estética de suprimento das necessidades da Casa de Deus.

O apóstolo Paulo, na administração das igrejas da sua época, nunca fez uma exigência de levantamento de dízimos, mas encontramos exemplos dele levantando recursos por meio de ofertas. Assim, a adoção do dízimo (10%) aplicada aos judeus para os serviços do Templo pode ser adotada de forma discricionária para uma determinada denominação, mas não é correto dizer que é fundamentada como uma consequência necessária da “hermenêutica” do texto bíblico. O que Deus quer para nós hoje é que não falte recursos na Casa de Deus e não que se recolha exatamente 10%. Para o cumprimento do propósito esteticamente colocado não se exclui, evidentemente, ações de planejamento financeiro, podendo ser consideradas obrigações eclesiais derivadas.

Apresentar a Palavra de Deus de forma eficaz para a comunidade requer bastante atenção às questões da validade, pois, há de se ter o cuidado de não se retirar da Palavra, aquilo que lhe é mais caro, o conteúdo estético, transcendente e universal sob o qual repousa a revelação. Não é somente porque está de acordo com os códigos linguísticos que uma determinada interpretação do texto é válida para aplicação na comunidade, mas, também se está válida esteticamente, que é a baliza para os aspectos existenciais. Assim, na extração de sentido sempre renovados do texto bíblico há de se ter esse cuidado, sob pena de impor à comunidade um *modus vivendi*, que embora tenha uma aparência de piedade, em nada contribui para o desenvolvimento espiritual<sup>512</sup>.

---

<sup>512</sup> Com relação à preocupação de tornar eficaz o querigma bíblico para novas situações concretas, Croato, ressalta as novas experiências de fé como indutor de novas interpretações, porém, é em relação à sua pergunta ao final que esta pesquisa se propõe a dar uma resposta por meio do conteúdo estético. CROATTO, 1984, p.49. “Tratar-se-á de tornar *eficaz* o querigma bíblico para nossas situações? Disto se trata, evidentemente. Mas como se faz eficaz uma mensagem expressa em outro tempo para um povo de outro contexto social e cultural? Esta exigência pressupõe que se faça algo com o *texto* em que está inscrita a mensagem. É aplicando as leis da linguística do discurso e recordando o processo do acontecimento que-se-faz-palavra que se desembaraça no texto bíblico um sentido que transborda seu primeiro referencial. E é também o modo como se

## 5.5 EXEMPLOS DE APLICAÇÃO ESTÉTICA DO MODELO NA BÍBLIA.

O texto bíblico contém diversos exemplos de aplicação da estética na interpretação dos textos, mostrando, que já naquela época existia uma articulação entre as diversas camadas do fenômeno hermenêutico conforme apresentado no modelo desta pesquisa.

O caráter crítico da estética, é bem patente no texto da segunda carta de Paulo endereçada a Timóteo, capítulo 4 e versículo 3 quando retrata que nos últimos dias as pessoas buscarão mestres que lhes confirmem apenas aquilo que agrada aos seus próprios desejos<sup>513</sup>. Dessa forma, mestres haverá que colocarão de forma objetiva significados oriundos de aspectos existenciais (conforme os seus próprios desejos) e que o apóstolo Paulo aponta que não estão de acordo com a sã doutrina. Isso demonstra um estado de coisas em que não há utilização do critério estético de julgamento.

Um exemplo de uma interpretação esteticamente errada era a dos religiosos judeus com relação ao sábado. Sabemos que o dia de sábado é um dia no qual os judeus religiosos não trabalham<sup>514</sup>. Em uma oportunidade, os discípulos estavam com fome e foram colher espigas no dia de sábado. Os fariseus perguntaram a Jesus porque os seus discípulos faziam o que não era lícito fazer em um sábado, pois, entendiam que colher espigas era um trabalho que não poderia fazer nesse dia. Isto era correto pela regra da Hermenêutica Tradicional, pois, estava positivado na Lei. Jesus então fez a crítica estética apresentando um exemplo do próprio texto das escrituras hebraicas, informando que com fome, Davi comeu os pães da proposição

---

descobre uma mensagem não esgotada em sua primeira realização. Assim desembocamos em uma *novidade* de sentido, característica de toda leitura hermenêutica, muito notável no seio de todas as tradições religiosas. A simples 'atualização' linguística do querigma não tem este alcance, mesmo que esteja orientada para uma boa direção. Acaso não havia uma novidade na releitura cristológica do Antigo Testamento praticada na época apostólica e refletida nos livros do Novo Testamento? Por que não haveria de ser nova a nossa interpretação da Bíblia feita no marco de novas experiências históricas e de fé?"

<sup>513</sup> Carta à Timóteo. In: A BÍBLIA Sagrada. Tradução João Ferreira de Almeida. ed. rev. e corrigida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1989. II Tm 4.3. "Porque virá tempo em que não sofrerão a sã doutrina; mas, tendo comichão nos ouvidos, amontoarão para si doutores conforme as suas próprias concupiscências".

<sup>514</sup> Livro de Deuteronômio. In: A BÍBLIA Sagrada. Tradução João Ferreira de Almeida. ed. rev. e corrigida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1989. Dt 5.14. "Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor, teu Deus; não farás nenhuma obra nele, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu boi, nem o teu jumento, nem animal algum teu, nem o estrangeiro que está dentro de tuas portas; para que o teu servo e a tua serva descansem como tu".

colocados no templo que só os sacerdotes poderiam comer<sup>515</sup>. Além disso, Jesus lembrou que os sacerdotes, em suas atividades diárias no templo, trabalham durante o sábado e isso não é considerado violação<sup>516</sup>.

A lição de Jesus era que a interpretação da Lei necessitava do componente estético para ser corretamente aplicada. Perceba que a análise objetiva do texto puro da Lei não abrangia todos os casos. É a estética que verificará as possibilidades dentro daquele caso concreto (como lidar com o caso de uma pessoa faminta em dia de sábado). Tentar enquadrar todos os casos dentro da régua unificadora do texto frio da Lei é causar injustiça naqueles casos em que a Lei não especifica. Portanto, um julgamento estético faz parte da aplicação da justiça.

No mesmo texto de Lucas, há a narrativa de outra situação envolvendo atividade no dia de sábado. Em uma sinagoga, no dia de sábado, apareceu um homem que tinha uma das mãos mirradas<sup>517</sup>. Os escribas e fariseus estavam atentos para o acusarem se o curasse no dia de sábado. Mas Jesus se antecipou e já fez o julgamento estético daquela situação perguntando aos presentes se era lícito no sábado fazer bem ou mal, salvar uma vida ou a matar?

Percebe-se que Jesus não entrou na polêmica se havia na Lei alguma lista exaustiva do que se poderia ou não fazer. Havia, sim, listas das atividades do que não poderia ser feito no sábado fruto dos ensinamentos dos rabinos<sup>518</sup>, mas não foi pela via da discussão desse “*checklist*” que Jesus interpretou a Lei para aquele caso, mas sim, se era permitido fazer o bem no sábado. Isto era um assunto de julgamento estético daquela situação. E assim, aquele homem pôde ser curado no sábado dando

---

<sup>515</sup> Evangelho de Lucas. In: A BÍBLIA Sagrada. Tradução João Ferreira de Almeida. ed. rev. e corrigida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1989. Lc.6.2-4. “E alguns dos fariseus lhes disseram: Por que fazeis o que não é lícito fazer nos sábados? E Jesus, respondendo-lhes, disse: Nunca lestes o que fez Davi quando teve fome, ele e os que com ele estavam? Como entrou na Casa de Deus, e tomou os pães da proposição, e os comeu, e deu também aos que estavam com ele, os quais não lhes era lícito comer, senão só aos sacerdotes?”

<sup>516</sup> Conforme Evangelho segundo Mateus. In: A BÍBLIA Sagrada. Tradução João Ferreira de Almeida. ed. rev. e corrigida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1989. Mt 12:5 “Ou não tendes lido na Lei que aos sábados os sacerdotes no templo violam o sábado e ficam sem culpa?”

<sup>517</sup> Evangelho de Lucas. In: A BÍBLIA Sagrada. Tradução João Ferreira de Almeida. ed. rev. e corrigida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1989. Lc 6.6-10. “E aconteceu também, em outro sábado, que entrou na sinagoga e estava ensinando; e havia ali um homem que tinha a mão direita mirrada. E os escribas e fariseus atentavam nele, se o curaria no sábado, para acharem de que o acusar. Mas ele, conhecendo bem os seus pensamentos, disse ao homem que tinha a mão mirrada: Levanta-te e fica em pé no meio. E, levantando-se ele, ficou em pé. Então, Jesus lhes disse: Uma coisa vos hei de perguntar: É lícito nos sábados fazer bem ou fazer mal? Salvar a vida ou matar? E, olhando para todos ao redor, disse ao homem: Estende a mão. E ele assim o fez, e a mão lhe foi restituída sã como a outra”.

<sup>518</sup> Uma das grandes discussões entre os rabinos era se um homem poderia caminhar de muletas no dia de sábado, pois, estaria carregando um madeiro.

Jesus uma compreensão ampliada do significado da Lei de Deus, o que nem os literalistas judeus puderam se opor.

Uma hermenêutica que só se utiliza do entendimento frio da literalidade do texto e não se utiliza da estética pode encontrar aplicações não adequadas quando lidar com casos concretos da vida que precisam ser tratados especificamente. Desta forma, verificamos que os dois referenciais do processo hermenêutico propostos nesta pesquisa se complementam. O referencial racional da objetividade da Hermenêutica Tradicional ancora a interpretação ao texto a sua expressão positivada. O referencial da estética existencial dá a flexibilidade necessária para a adequação ao caso concreto que o referencial objetivo da positivação do texto não consegue abranger. Assim, um referencial tem efeito complementar ao outro na aplicação de um significado aos casos individuais.

Outro exemplo de suma importância é aquele em que Jesus critica os escribas pela interpretação dada ao mandamento contido no livro de Êxodo de honrar o pai e mãe<sup>519</sup>. Os fariseus interpretavam esse texto de forma que os recursos materiais acumulados pelos filhos para ajudar os pais na velhice poderiam ser doados como oferta ao templo (Corbã) que teria o mesmo efeito para a Lei, segundo a interpretação da tradição dos fariseus e dos escribas. Jesus critica os escribas, pois, a tradição deles fazia invalidação do mandamento por meio da interpretação que deram do mandamento original<sup>520</sup>. Desta forma, aquele mandamento cujo propósito original era o de manutenção da vida dos pais na velhice é desfeito quando se interpreta que os recursos podem ser ofertados ao templo. O argumento de piedade (a oferta ao templo) não valida uma interpretação que esteticamente é contrária ao pretendido na Lei.

---

<sup>519</sup> Conforme o livro de Êxodo. In: A BÍBLIA Sagrada. Tradução João Ferreira de Almeida. ed. rev. e corrigida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1989. Ex 20.12. "Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor, teu Deus, te dá".

<sup>520</sup> Conforme Evangelho segundo Marcos. In: A BÍBLIA Sagrada. Tradução João Ferreira de Almeida. ed. rev. e corrigida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1989. Mc 7.9-13. "E dizia-lhes: Bem invalidais o mandamento de Deus para guardardes a vossa tradição. Porque Moisés disse: Honra a teu pai e a tua mãe e: Quem maldisser ou o pai ou a mãe deve ser punido com a morte. Porém vós dizeis: Se um homem disser ao pai ou à mãe: Aquilo que poderias aproveitar de mim é Corbã, isto é, oferta ao Senhor, nada mais lhe deixais fazer por seu pai ou por sua mãe, invalidando, assim, a palavra de Deus pela vossa tradição, que vós ordenastes. E muitas coisas fazeis semelhantes a estas".

## 5.6 A APLICAÇÃO ESTÉTICA NO CUIDADO TERAPÊUTICO.

É muito interessante verificar os reflexos do modelo hermenêutico apresentado nesta pesquisa na área do cuidado com as pessoas. Isto porque a hermenêutica se tornou existencial, e seus processos influem na nossa compreensão do próximo no que se refere com o cuidado.

Como temos visto nesta pesquisa, os aspectos que tiveram mais destaque no âmbito da hermenêutica na era moderna foram os aspectos classificatórios, racionais e metodológicos. O entendimento do mundo natural passava, assim, a se enquadrar em critérios metodológicos utilizando-se das formas que vieram a se notabilizar pelas suas conquistas. As experiências passaram para a ser experimentos e o mundo passava a ser dominado pela régua classificatória da metodologia científica. Esse ambiente, não somente estava ligado aos textos, na sua busca objetiva e histórica, desvelando por meio da filologia os segredos da linguagem, como atravessou para a área das ciências humanas. Desta forma, as pessoas foram compreendidas inicialmente pela Hermenêutica Tradicional com seus mecanismos objetivos e positivistas, e assim tratadas pelo viés tradicional ou científico da compreensão sobre o outro.

Era a época em que as pessoas eram compreendidas como máquinas que respondiam à estímulos, sensíveis à relação estímulo-resposta, a época do behaviorismo, dos estudos dos condicionamentos. Os comportamentos das pessoas eram classificados dentro de alguns padrões estabelecidos metodologicamente por critérios gerais e aqueles que neles não se enquadravam eram classificadas com as respectivas doenças mentais<sup>521</sup>.

O importante na prática médica e psicológica era tentar compreender o indivíduo dentro da régua rigorosa dos sintomas já pré-estabelecidos e realizar o

---

<sup>521</sup> LEITE, Daniele de Fátima da Cunha; BARRETO, Carmen Lúcia. *Hermenêutica existencial e pesquisa em psicologia clínica: caminhos possíveis*. Revista Pesquisa Qualitativa, v.6, nº11, p.251-279. São Paulo, agosto 2018, p.275. "Nessa direção, tornou-se claro que uma prática psicológica clínica com família não pode ser traçada por caminhos já 'dis-postos' e previamente prescritos antes mesmo do próprio acontecer de tal situação, principalmente, à medida que se destina ao recolhimento do fenômeno que se revela em sua singularidade. Assim, a prática psicológica não pode ser pensada enquanto um protocolo técnico que pode ser reaplicado em situações diversas de atendimento a famílias. E nem haverá um caminho já previamente determinado. Mas assumir os horizontes abertos pela hermenêutica existencial, convoca ao psicólogo a lançar-se diante do desconhecido, atentando-se e zelando para que o encontro que se dá nessa situação clínica convoque os membros de uma família a se apropriarem dos modos como estão-cuidando-de-ser-uns-com-os-outros".

tratamento já previamente prescrito para cada caso<sup>522</sup>. Assim, compreender o indivíduo e suas doenças era um reflexo de uma hermenêutica tradicional ou científica conforme as ciências objetivas da natureza, tanto era assim, que muitos cientistas sinceros atribuíam a inteligência ao tamanho e forma geométrica do crânio<sup>523</sup>. As individualidades eram tratadas dentro das classificações genéricas impostas pelos critérios das ciências naturais.

Importante destacar que esta fase já apresentava um desenvolvimento e avanço em relação à fase anterior, em que o cuidado com o outro era fundamentado em magias, poções mágicas, curandeirismos e apelo aos espíritos, cujos principais vetores eram os líderes religiosos que utilizavam de suas autoridades para chancelar o procedimento. Essa expressão hermenêutica da compreensão do outro mais se aproximava da fase alegórica cuja validação era dada da mesma forma, pela via do líder de determinado segmento que dava a sua aprovação para aquela interpretação específica.

Mesmo com todos os avanços da época moderna, e não há de se negar seus impactos na civilização, faltava algo no trato com as pessoas, pois, a compreensão científica não conseguia lidar com a complexidade daquilo que é humano<sup>524</sup>. Dessa forma, o cuidado abriu-se mais às particularidades e individualidades características das pessoas<sup>525</sup>. Os reflexos das descobertas na área da hermenêutica, com seu destaque na área existencial, se fizeram sentir em outras áreas, principalmente no cuidado com os outros.

---

<sup>522</sup> LEITE, Cunha e BARRETO, Carmen. 2018p p.274. “Nessa direção, foi possível observar que os horizontes abertos pela base fenomenal da tese apontaram para a insuficiência das premissas teórico-explicativas das teorias psicológicas clássicas - que assumem a concepção de sujeito intrapsíquica e de clínica prescritiva – para o recolhimento da singularidade que se revela na situação clínica, principalmente, com famílias. Convocando-nos a destinarmos por caminhos outros que privilegiem a existência humana em seu acontecer, resguardando, assim, a dimensão de mistério que a constitui”.

<sup>523</sup> Frenologia, prática utilizada ainda no início do séc. XX.

<sup>524</sup> Daniele Leite e Carmen Lúcia, ambas doutoras em psicologia, ressaltam a insuficiência do paradigma mecanicista na prática terapêutica. LEITE, Cunha e BARRETO, Carmen. 2018. p.252. “O presente trabalho visa a apresentar o caminho desvelado em um trabalho de tese que teve como objetivo problematizar a prática psicológica com famílias, ofertada por serviços-escola de cursos de Psicologia vinculados a Instituições de Ensino Superior de Pernambuco, adotando pressupostos da hermenêutica existencial ao modo de Heidegger e Gadamer. O interesse por tal temática revelou-se nas práticas das autoras, à medida que essas apontavam para a insuficiência do paradigma positivista-mecanicista para recolher as demandas que se apresentavam nas suas situações clínicas, inclusive, no que diz respeito à atenção a famílias”.

<sup>525</sup> LEITE e BARRETO, 2018, p.277. “Tal perspectiva impõe reconhecer a impossibilidade da tessitura de generalizações à medida que revelam que cada situação é radicalmente única. Compreender a experiência que acontece singularmente na existência humana solicita o desvelamento de outros modos de aproximação, para além dos modelos técnico-quantificadores”.

O modelo hermenêutico Gadameriano preza pela individualidade e compreensão dos casos concretos, pois neles se apresentam uma verdade que não está condicionada aos regramentos gerais, e que na linguagem filosófica se atribui à metafísica. A psicologia se apropriou destas novas características da compreensão para aplicação à sua terapia<sup>526</sup>.

A Fenomenologia estudada por Husserl e modificada por Heidegger na área da filosofia, passava agora a ter aplicação na prática terapêutica<sup>527</sup>. Dava-se importância para a práxis, a individualidade e a verdade particular do indivíduo que não pode ser projetada em uma regra geral da ciência da natureza. Como exemplos, na psicologia temos a aplicação fenomenológica, a terapia voltada ao cliente, o surgimento da psicologia humanista-existencial que agora trabalha destacando aspectos interiores da existencialidade do indivíduo, não desprezando os esforços anteriores na fase metodológica mais positivista.

A compreensão do outro passava a considerar suas especificidades e individualidades, desta forma, a compreensão que temos da outra pessoa nas suas necessidades e da sua própria natureza reflete o nosso comportamento em sua direção. Quando se fala de compreensão, se faz uma relação direta com a hermenêutica que é a que lida com o processo compreensivo e, portanto, com o cuidado com os outros<sup>528</sup>.

O modelo que se tem apresentado nesta pesquisa, dá um passo a mais e ressalta os aspectos estéticos no processo compreensivo e, portanto, há uma relação deste aspecto com nossa compreensão do outro. São os aspectos estéticos que vão

---

<sup>526</sup> LEITE e BARRETO, 2018, p.252. “Importa destacar que tais limitações já são apontadas por Dilthey desde o século XIX, ao afirmar que os fenômenos humanos, diferentemente dos da natureza, não podem ser explicados, mas tão somente compreendidos. E, nessa direção, prescindem de métodos diferentes dos empregados pelas ciências exatas”.

<sup>527</sup> LEITE e BARRETO, 2018, p.252. “Dentre as pesquisas qualitativas, o caminho assumido na tese supracitada aproxima-se dos estudos fenomenológicos de cunho hermenêutico à medida que compreende que a existência humana é radicalmente singular e indeterminada. E, nesse sentido, um estudo que se volta para compreender a experiência humana – ou mesmo situações existenciais –, demanda pelo desvelamento de caminhos que guardem a abertura que constitui a própria existência humana, encaminhando-se de modo a aguardar ‘pacientemente’ que os fenômenos se revelem a partir do próprio vivido”.

<sup>528</sup> OLIVEIRA, Joaquim Paulo. De Husserl a Ricoeur: Um percurso metodológico aplicado à investigação em Enfermagem. Pensar Enfermagem. vol. 14, nº 2, p.19-29, 2010, p.27. “Em suma, é de fundamental importância para o desenvolvimento do conhecimento em Enfermagem, mediado pela investigação fenomenológica, reconhecer a existência, independentemente da ‘escola’ fenomenológica seguida, de uma articulação explícita entre a Fenomenologia e o Ser-se no Mundo, numa tentativa de elucidar as relações vividas entre o Homem e o Mundo, relações mediadas pelo próprio Corpo, deixando que as essências se manifestem na transparência dos fenômenos (Spindola, 1997), desvelando-as mas, essencialmente, decifrando – hermeneuticamente – os seus significados implícitos”.

trabalhar a universalidade e seus valores, fazer compreender aquilo que é universal e infinito em cada ser humano, na sua realidade histórica e na sua finitude.

A utilização dos aspectos estéticos da hermenêutica na compreensão do outro ajuda a entender, desde a sua geração, o valor da vida humana, da sua dignidade<sup>529</sup>, e que independente de sua situação crítica em termos de saúde ou bem-estar, cada indivíduo é manifestação de aspectos universais do belo que tem inerente o respeito e a dignidade.

A compreensão das pessoas por meio de uma hermenêutica estética, valoriza as individualidades e suas especificidades, independentemente de suas situações históricas e sociais. Aquilo que diferencia as pessoas são os aspectos sociais e históricos, que são contingenciais, mas o estético, é universal, é onde todos os indivíduos se encontram e por isso, o outro é tão importante quanto eu<sup>530</sup>.

## 5.7 A INSERÇÃO DA BÍBLIA EM UM MUNDO GLOBALIZADO.

A globalização<sup>531</sup> traz impactos em diversas áreas de vida em sociedade. A convivência de culturas e diversidades sociais impõem novos desafios para aqueles que se preocupam em fazer o texto Bíblico relevante para as pessoas. Além dessas diversidades, a distância temporal do século XXI em relação à realidade onde foram gestados os textos bíblicos impõe dificuldades adicionais. Assim, a apresentação e aplicação dos textos canônicos competem com outros cânones atuais, característicos de uma sociedade pós-moderna<sup>532</sup>.

<sup>529</sup> BERGER, 1999, p.13. “Com isso já demos dois passos: não se trata somente da percepção da necessidade concreta como ponto de partida de qualquer reação que tenha importância para a hermenêutica, mas nesse processo deve ser discutida também a experiência central e irrefutável do valor da vida (humana) como tal”.

<sup>530</sup> HEIDEGGER, 2015b, p.174. “Os *outros* não significa todo o resto dos demais além de mim, do qual o eu se isolaria. Os outros, ao contrário, são aqueles dos quais, na maior parte das vezes, não se consegue propriamente se diferenciar, são aqueles entre os quais também se está”.

<sup>531</sup> O termo “globalização” veio a ser utilizado a partir da década de 60, iniciando nos EUA, sendo aproveitado de forma rápida pelos círculos neoliberais. A queda das barreiras comerciais, o aumento do fluxo internacional de mercadorias associado ao desenvolvimento da tecnologia da informação, proporcionou a efetividade na realização deste conceito que se identifica com a de Aldeia Global de McLuhan. A interconectividade entre as nações trouxe transformações econômicas, sociais, culturais irreversíveis cujos impactos são até hoje estudados. Para um aprofundamento do tema sugere-se: SANTOS, M; SOUZA, M. A. A; SILVEIRA, M. L. *Território - Globalização e Fragmentação*. 4º Ed. São Paulo: HUCITEC, 1998, também, STIGLITZ, J. *A globalização e seus malefícios: a promessa não-cumprida de benefícios globais*. Ed. Futura, São Paulo: 2002.

<sup>532</sup> BRAKEMEIER, 2003, p.84. “A explosão do pluralismo religioso na aldeia global desafia as religiões e lhes pede a demonstração de sua flora pacificadora. Será inevitável o conflito ou existem possibilidades de convivência com o diferente? Pluralismo costuma ser sentido como ameaça.



A proposta do modelo hermenêutico integrador vem ajudar e facilitar nesse processo à medida em que apresenta que: (i) o autor (que no processo é aquele que traduz a mensagem para o mundo da vida) é também parte do processo hermenêutico e dentro dele deve ser entendido; (ii) o processo hermenêutico possui camadas de abrangências, linguísticas e objetivas, individuais e psicológicas, existenciais comunitárias e existenciais estéticas; (iii) aspectos estéticos presentes no processo hermenêutico se relacionam com a diversidade e universalidade, portanto, válidos em qualquer ambiente sociocultural.

Aquele que vai fazer a apresentação da mensagem bíblica para a sociedade atual (ou visto de outro ângulo, aquele vai exercer sua práxis) é aquele que no modelo se configura como autor. Nos itens 4.2.1 e 5.1.1 destacamos o papel do autor no modelo. É ele que de posse de aspectos estéticos irá fazer a adequação para que estes sejam eficazes nas condições sociais, culturais da sociedade na qual se encontra. Estes aspectos estéticos são aqueles retirados das leituras anteriores do autor no processo hermenêutico, por isso, a importância de se discriminar as camadas sociais e culturais e estéticas da obra, pois, as camadas sociais e culturais devem ser deixadas como caracterização do contexto histórico no qual e para o qual o texto foi constituído.

A aplicação em outros ambientes históricos deve ser feita mediante a utilização da camada estética, devido à sua universalidade, e é esta a que transita pela diversidade, portanto, cabe ao autor adequar este conteúdo estético da Bíblia para o ambiente histórico-social que quer atingir.<sup>533</sup> Roberto Zwetsch (2013), em seu

---

Relativiza tradicionais monopólios. Questiona também a qualidade sagrada da Bíblia., jogando-a no mercado das ofertas religiosas, onde deve concorrer com outros livros do mesmo gênero. Pede-se dela o teste de qualidade e a demonstração de sua verdade. [...] A multiculturalidade da sociedade do século XXI tão somente acentua essa realidade. No entanto, convém reconhecer os sinais dos tempos: A Bíblia entrou na disputa inter-religiosa do mundo globalizado. Deixou de ser autoridade inquestionada, natura. Deve trabalhar para convencer”.

<sup>533</sup> Brakemeier, em sua obra, destaca a importância dos elementos universais do querigma, pois apresentam relevância atemporal, esses elementos estão no nível vivencial das pessoas que não se distanciam com o afastamento histórico e cultural. Confirma-se nesta pesquisa esta percepção indicando que estes elementos se situam no ambiente hermenêutico estético. Portanto, o autor necessita de ter uma compreensão do texto bíblico que o permita aplicá-lo de maneira eficaz na diversidade pós-moderna. BRAKEMEIER, 2003, p.86. “Inversamente, a capacidade comunicativa da Bíblia através dos tempos sempre surpreende. Ela continua desenvolvendo fabulosa força de persuasão. Ultrapassa com facilidade também fronteiras culturais. Confirma-o a experiência das diversas formas da leitura popular. embora seja proveniente de determinado contexto sociocultural, a mensagem da Bíblia contém elementos que a revestem de relevância atemporal, universal. É óbvio o abismo histórico, científico e cultural entre a Bíblia e o mundo tecnológico do século XXI. Mas o fosso não se confirma no nível experimental e vivencial das pessoas. Os temas essenciais

artigo sobre as Teologias da Libertação e interculturalidade, discorre sobre a importância do reconhecimento do outro, considerando o seu valor próprio e estabelecendo uma experiência de vida mutuamente satisfatória. Para isto, Zwetsch destaca a importância de se levar em consideração a humanização e a dignidade das pessoas, que se traduzem em aspectos estéticos no processo de compreensão do outro<sup>534</sup>.

O que se verifica em muitos casos é a tentativa de apresentar a mensagem bíblica forçando a aceitação atual de conteúdo da tradição e da cultura do ambiente de origem, perdendo o foco do que realmente a mensagem quer transmitir, ou enviesando ideologicamente sua práxis com propósitos não muito aparentes de dominação<sup>535</sup>. Esse tipo de procedimento não somente levanta barreiras entre as diversas sociedades como causa constrangimentos de toda a ordem. Por isso, é de importância fundamental que aquele que aplica a mensagem das Escrituras saiba diferenciar corretamente os diversos tipos de camadas do processo hermenêutico.

É característica do mundo pós-moderno a coexistência de diversas visões de mundo que na maioria das vezes considera qualquer proposta apresentada mais uma dentre as demais e muitas vezes deixada de lado em nome da boa convivência dentro da diversidade. Diante desse desafio, a melhor forma de aplicar eficazmente os ensinamentos bíblicos é aplicar seu conteúdo estético conforme a conclusão do que se tem analisado até aqui apresentada a seguir.

---

da Bíblia dizem respeito aos mistérios da existência humana e do mundo, mistérios estes que a ciência, com o seu instrumental analítico, não tem condições de desvendar. A verdade religiosa se situa em outro nível do que naquele dos puros fatos, da informação histórica, dos bancos de dados”.

<sup>534</sup> ZWETSCH, Roberto E. Teologias da Libertação e Interculturalidade: aproximações e avaliação crítica. *Protestantismo em Revista*. v.30. p.32-49. São Leopoldo. jan/abr 2013, Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp>> Acesso em: 15/05/2021. p. 46. “O objetivo da interculturalidade, assim, vai além da mera convivência entre diferentes. Assumir o paradigma intercultural significa abrir-se para o diferente, considerando seu valor próprio, a fim de buscar não apenas o que o outro tem de exótico, mas aquilo que traz enriquecimento mútuo das partes envolvidas, de tal modo que haja possibilidade de uma relação de respeito, aprendizado e equidade, no sentido de maior justiça cultural e uma experiência de vida mutuamente satisfatória. Tem a ver, portanto, com a humanização do ser humano e a recuperação de sua dignidade”.

<sup>535</sup> Zwetsch ao apresentar a diferenciação proposta por J. L. Segundo da Teologia da Libertação concernente à crítica ideológica na cultura, ressalta o perigo da linguagem teológica ser dominada por manipulação ideológica. ZWETSCH, 2013, p.42. “Com audácia, mas sempre de modo justo e objetivo. Segundo entende que G. Gutiérrez e L. Boff seguiriam por uma via menos crítica ao sistema cultural que domina o espectro ideológico, ao menos nas primeiras obras; de outro lado, H. Assmann e J. Míguez Bonino sempre sublinharam o perigo da manipulação ideológica da linguagem teológica”.

## **Conclusão do capítulo**

Alguns exemplos foram apresentados de aplicação do modelo hermenêutico integrador. Como visto, a aplicação do modelo aos exemplos dados faz contraste quando os mesmos exemplos são utilizados sem o modelo. Isto se deve a diversas formas de lidar com os aspectos relativos da existencialidade se o modelo não for utilizado.

Exemplos dessas formas são abundantes como: tentativas de mudanças e alterações do texto; desconexão com o propósito original inserido na obra; consideração de sentido produzido exclusivamente pelas atividades exercidas no âmbito do leitor; adaptações livres e descontextualizadas; imposição de aspectos culturais e sociais de outros contextos; desconsideração completa dos aspectos existenciais presentes no texto, utilizando o mesmo como pretexto; considerações parciais de algumas partes do texto escolhidas de forma aleatória e, às vezes, ideológica.

Como visto, o modelo integrador vem trazer um entendimento mais completo do processo hermenêutico habilitando o hermeneuta a lidar com as diversas situações vivenciais mesmo utilizando textos de culturas e épocas diferentes, como é o caso do

## 6 CONCLUSÃO

Iniciamos esta pesquisa investigando a história da hermenêutica e seu desenvolvimento ao longo dos séculos. Verificamos que, com o passar do tempo, a hermenêutica foi adquirindo cada vez mais atribuições, fruto de desenvolvimento do saber humano. Após atravessarmos a época dos gregos, avançamos para a aplicação da hermenêutica pelo cristianismo com sua preponderância inicial pela parte alegórica e seu contraponto literal da escola de Antioquia. No decurso da Idade Média, a aplicação quádrupla dos sentidos do texto era o ponto comum entre as comunidades cristãs.

A Reforma deu uma guinada no viés hermenêutico, priorizando o método histórico-gramatical, que tratava dos aspectos do texto bíblico. Isso trouxe a necessidade de aprendizados a respeito das línguas originais e criação de regras para a obtenção do sentido do texto.

Já a partir do século XIX, a hermenêutica começou a ser aplicada ao mundo da vida, sendo considerada um método de estudo para as ciências humanas. No século XX, ela definitivamente assume um caráter existencial, que através de Heidegger se torna ontológica. Passa a não ser apenas uma matéria no currículo dos seminários onde se aprendia as regras da hermenêutica para obtenção do sentido do texto, mas se tornava a própria maneira de ser do *Dasein*, na linguagem de Heidegger. Foi ele e seu discípulo Gadamer os que criaram e iniciaram os estudos a respeito de uma outra face da hermenêutica, a face existencial.

Assim, pode parecer que a hermenêutica foi se desenvolvendo ao longo dos séculos para resultar nos aspectos tradicionais e existenciais de hoje. Na verdade, esses dois aspectos da hermenêutica sempre estiveram em ação durante toda a história, porém, somente agora somos capazes de identificá-los.

Dockery, em seu livro *Hermenêutica Contemporânea à luz da Igreja Primitiva*, concluía que o mundo hermenêutico da igreja primitiva e dos pais da Igreja, já apresentava as dificuldades que identificamos hoje, porém sem uma forma sistematizada para entendê-la. Assim, o posicionamento da igreja de Antioquia sobre a aceitação do método literal para interpretação em contraponto ao método alegórico da Igreja de Alexandria, mostra, já naquela época, a dificuldade em se tratar conjuntamente os aspectos existenciais e tradicionais da hermenêutica. Pela falta de um modelo integrador, criava-se assim dois polos dentro do mundo cristão antigo,

cada um advogando a importância de sua visão no trato com o processo hermenêutico, que naquela época ainda nem possuía essa designação.

O desvelamento sobre a maneira de ser do processo hermenêutico apresentou um incremento acentuado dos processos metodológicos e científicos na modernidade, que trouxe ferramentas jamais abandonadas por aqueles que querem extrair das Escrituras os seus significados.

O ponto nevrálgico da compreensão do processo hermenêutico, porém, ocorre já no século XX com o entendimento de que ele faz parte dos aspectos existenciais e, portanto, aquela âncora metodológica que antes servia de referência para obtenção da verdade, agora se mostra insuficiente para abarcar todos os seus aspectos. O resultado foi a exarcebação do relativismo, aparentemente perigoso para a vida cristã em especial, que prima pela sua verdade revelacional.

Na Introdução desta pesquisa foi apresentado o desafio de estabelecer um modelo que pudesse integrar esses ambientes hermenêuticos de aspectos diferenciados, ou seja, aquele de caráter tradicional e aquele de caráter existencial. Para isso, procurou-se verificar a tensão existente e entender os impactos dessa tensão entre esses dois ambientes hermenêuticos, assunto que foi desenvolvido no primeiro capítulo – A tensão na dupla natureza hermenêutica - com repercussões na Teologia que muito trabalha com os aspectos dogmáticos.

A verificação da amplitude dos aspectos existenciais da hermenêutica trouxe o entendimento da necessidade de uma ferramenta adequada que pudesse trazer um referencial necessário para a aplicabilidade do entendimento e possibilidade de adequação à realidade, e desta forma a pesquisa apontou a necessidade da estética como componente essencial do ambiente existencial da hermenêutica. É no segundo capítulo – A importância da estética para a hermenêutica - que analisamos a mudança de entendimento sobre a Estética ao longo do tempo e o desenvolvimento teórico de seu estudo revelando sua aplicabilidade de forma fundamental para os estudos dos processos hermenêuticos.

Com a descoberta da importância da estética como elemento componente da hermenêutica existencial, foi possível elaborar um modelo unificador para o processo hermenêutico que englobasse as naturezas tradicional e existencial da hermenêutica. A pesquisa propôs um modelo que integrasse essas duas naturezas do processo hermenêutico. Esse modelo foi apresentado no terceiro capítulo – A proposta de um modelo integrador - onde se analisa com detalhes a articulação entre esses aspectos

existenciais e tradicionais.

Cabe destacar, que com a proposta, de forma inovadora, de um referencial da face existencial da hermenêutica, e que está existencialmente ancorado em seu aspecto estético, verifica-se que o modelo integrador do processo hermenêutico se constitui de dois pontos referenciais. Um deles na face tradicional da hermenêutica e que se constitui nos aspectos objetivos, metodológicos (como o método histórico-crítico) e racionais da linguagem que expressam os sentidos que, embora muito importantes, não conseguem dar conta dos aspectos existenciais do processo interpretativo<sup>536</sup>. O outro constituído pela existencialidade cuja estética, atemporal e universal, serve de referência para a face existencial da hermenêutica. Desta forma, o modelo engloba a articulação desses dois pontos referenciais entre os quais se realizam todos os processos necessários à hermenêutica, se tornando desta forma UM MODELO INTEGRADOR entre as faces existencial e tradicional da hermenêutica.

De importância primordial para o modelo é o entendimento do papel da estética no processo hermenêutico. Esta função estética tem reflexos em outros aspectos teológicos e antropológicos, pois, sugere que sendo a hermenêutica um processo existencial e, portanto, comum a toda a humanidade, todos os homens estariam ligados não somente em seus aspectos sociais, mas também em seus aspectos estéticos.

Ainda que seja ressaltado o aspecto estético na hermenêutica bíblica, demonstramos nesta pesquisa que a estética é o fio condutor de todo o processo hermenêutico, ou seja, tem aplicação nas diversas áreas do conhecimento. Como atualmente se entende, a utilização do processo hermenêutico é de natureza geral, e por meio dos resultados deste trabalho, outras áreas do conhecimento poderão ser beneficiadas por esta pesquisa, como a da Educação, do Direito, da Psicologia, a da Crítica Literária, a da Filosofia.

O atual nível de especialização das áreas do conhecimento acaba por tornar

---

<sup>536</sup> Flávio Schmitt destaca como uma das características do método histórico-crítico sua importância para o estudo das Escrituras, porém, também destaca sua insuficiência para tratar todas as riquezas presente nas Escrituras. SCHMITT, 2019, p.336. “Também é preciso considerar que, não obstante a exposição da Bíblia ao tratamento histórico-crítico, ‘a Bíblia não é e não quer ser um livro de ciências’. Da mesma forma, Antigo e Novo Testamento, por mais elementos históricos e críticos que possam ser encontrados neles, não são simples registros históricos, muito menos no sentido positivista como, muitas vezes, o conceito de História é compreendido. Qualquer tentativa de compreensão do texto bíblico que não leve em conta que se trata de um livro de fé, testemunho da experiência de fé de um povo com seu Deus, na história, certamente não estará dando o devido tratamento ao seu objeto de investigação, por mais científico que seja o método”.

estranques os diversos setores do saber, que desenvolvem suas linguagens técnicas específicas. Estas linguagens específicas acabam resultando no risco de se utilizar termos diferentes para referenciar os mesmos aspectos da realidade obstruindo a construção de um conhecimento mais geral. Isto porque durante a pesquisa percebeu-se que o termo “estético” estava implicitamente colocado em outras áreas do saber com outros termos, mas se referia à mesma realidade.

No que se refere à Teologia, propusemos este mundo estético como aproximado à espiritualidade e em parte com ela se confundindo, trazendo ao modelo integrador hermenêutico uma referência na face existencial e designando-a de Hermenêutica Estética. Com isso, entendemos que a trajetória do entendimento do processo hermenêutico, conforme o modelo integrador apresentado, tendo começado pelos métodos racionais, acumulado os critérios experimentais, adquirido uma face existencial, agora se interliga ao estético trazendo de volta a possibilidade de a hermenêutica lidar com aspectos irracionais e de fé impossibilitada há tanto tempo pelo estatuto filosófico<sup>537</sup>.

Esta face estética do modelo integrador hermenêutico é de vital importância para a sobrevivência histórica da eficácia da Palavra de Deus. Isto, porque, como vimos, a história apresenta um emaranhado de metodologias e formas de exegese as mais diversas possíveis, cujos resultados nem sempre são aprovados por estudiosos de outras gerações. Influências ideológicas, políticas, tendências de vários matizes acabam por influenciar os resultados do processo hermenêutico, como vimos nesta pesquisa.

O que mantém a força e a vida da Palavra de Deus, que apesar de todas essas vicissitudes, continua sendo eficaz na vida das pessoas, é sua parte estética, que se mantém poderosa e apta para realizar transformações existenciais e sociais

---

<sup>537</sup> Importante destacar que o desenvolvimento da Hermenêutica conforme apresentado nesta pesquisa, iniciando com preocupações de caráter procedimentais e metodológicos das ciências da natureza, posteriormente, se preocupando com a face existencial e tradicional da comunidade e culminando com o modelo integrador no qual a estética tem papel fundamental na ligação com a universalidade e espiritualidade, segue o desenvolvimento da manifestação do Espírito na estética de Hegel quando este compara o desenvolvimento da arte com a da religião. HEGEL, 1999, “No âmbito análogo ao da religião, com a qual a arte em seu mais alto grau está em conexão imediata, concebemos a mesma diferença no modo de que para nós, em primeiro lugar, por um lado, se apresenta a vida terrena e natural em sua finitude; num segundo momento, a consciência transforma Deus em objeto, no qual desaparece a diferença entre objetividade e subjetividade; por fim, num terceiro momento, progredimos de Deus enquanto tal para a devoção da comunidade, para Deus enquanto ser vivo e presente na consciência. Essas três diferenças principais também se apresentam num desenvolvimento autônomo no mundo da arte”.

independente da época e contexto histórico. Assim, como verificado, a componente estética possui também sua utilidade prática no lidar com o outro, derrubando barreiras e utilizando-se de características de flexibilidade para tratar a diversidade e as transformações na sociedade<sup>538</sup>.

É no quarto capítulo – A aplicação do modelo às dificuldades atuais - que abordamos alguns exemplos de aplicação do modelo integrador, tanto nos aspectos teóricos, como nas diversas abordagens de um texto implicando o foco no autor, na obra ou no leitor, aplicada na atual abordagem da Crítica Literária, como em aspectos mais práticos da Teologia como no âmbito do cuidado e no âmbito da Teologia Pública em um mundo globalizado.

Dessa forma, a Teologia poderá se beneficiar com o desvelamento deste modelo integrado da hermenêutica, pois, poderá tratar com mais segurança de seus aspectos mais caros. A hermenêutica passa a ter agora uma participação mais intensa tanto na teologia teórica quanto na teologia prática.

O modelo integrador, portanto, pode articular tanto os aspectos imutáveis e determinantes do querigma, quanto aqueles existenciais inerentes à dinâmica social imersa em sua historicidade. Neste sentido, é importante destacar a percepção de Francis Schaeffer quando lida com o “imutável” num mundo “mutável” na comunicação do Evangelho, em seu livro *A Morte da Razão*<sup>539</sup>, do qual entendo ser importante replicar um excerto da sua obra nesta conclusão:

Há duas coisas que precisamos aprender firmemente no esforço de comunicar o evangelho na atualidade, que estejamos falando a nós mesmos, a outros cristãos ou àqueles que estão totalmente fora do nosso círculo. A primeira é que há certos fatos imutáveis e verdadeiros. São fatos que não têm nenhuma relação com as ondas e correntes em constante mudança. Eles fazem do sistema cristão o que ele é, e se são alterados o Cristianismo converte-se em algo diferente. Esse fato requer ênfase, porque há cristãos evangélicos em nossos dias que, com toda a sinceridade, estão preocupados com sua falta de comunicação, mas no afã de preencher o vácuo tendem a mudar o que deve permanecer inalterado. Se assim procedermos, não mais estaremos comunicando o Cristianismo, e o que afinal restará não será muito diferente do consenso que nos cerca.

Entretanto, se nos detivermos nesse ponto, não poderemos apresentar um quadro

---

<sup>538</sup> Klaus Berger no Capítulo 1 de sua obra, destaca que a estética geralmente não se encontra na discussão hermenêutica, mas que o autor tem envolvimento próprio onde a hermenêutica constrói pontes para a aplicação prática. Nesta pesquisa se comprova que a estética é um componente essencial para a hermenêutica com evidentes contribuições para aplicações em situações práticas. BERGER, 1999, p.7. “O envolvimento próprio é levado em consideração não apenas naqueles pontos que geralmente não se encontram na discussão hermenêutica (ponto de partida na ética; a função eclesiológica da própria atividade hermenêutica; minoria crítica; significado da estética para a hermenêutica), mas sempre também onde, com ponderação, se constroem pontos com o objetivo de auxiliar (teoricamente e por meio de exemplos) a aplicação prática”.

<sup>539</sup> SCHAEFFER, 2014, p.101-102.



harmonioso, equilibrado. Temos de compreender que estamos enfrentando uma situação histórica que sofre rápidas transformações e, se vamos nos lançar à obra de falar acerca do evangelho, precisamos conhecer qual a presente flutuação das formas de pensamento. A menos que façamos isso, os imutáveis princípios do Cristianismo cairão em ouvidos surdos. E se visamos alcançar os intelectuais e os operários, dois grupos que se acham além do âmbito de nossas igrejas de classe média, então se impõe a nós um minucioso esquadrihamento do coração quanto a como podemos falar sobre o que é eterno em uma situação histórica em constante mudança.

Desta forma, na articulação dos aspectos imutáveis com a dinâmica social, no âmbito do cuidado com a comunidade, a parte estética do modelo integrador da hermenêutica dará a flexibilidade necessária para lidar com as diversas situações da vida, que exigem um referencial bíblico. Como já apontado pelo modelo, nesta pesquisa, o texto objetivo escrito da revelação divina não consegue abranger todos os aspectos da vida social que muda constantemente. Para orientação bíblica quanto à forma correta de atuar na atual sociedade complexa,<sup>540</sup> faz-se necessário utilizar-se cada vez mais da face existencial da hermenêutica, e nela a estética como elemento referencial para as possíveis respostas a serem encontradas, pois, afinal, tanto os aspectos objetivos quanto os aspectos estéticos do processo hermenêutico vão dar plena realização de que Deus fala com o ser humano e pode ser compreendido por ele.

---

<sup>540</sup> BERGER, 1999, p.9. "Ora, a ocupação de um texto da Escritura com o objetivo da aplicação, evidentemente não se dá por pura curiosidade, e muito menos por pura curiosidade científica, mas sim, porque se espera ajuda do texto, a qual deve-se tornar realidade por meio do recurso à Escritura. Isso significa: a busca por conselho ou consolo junto a Escritura ocorre devido a uma realidade deficitária que carece de auxílio e apoio. Por esse motivo, a base é sempre alguma necessidade ou aflição humana, material ou espiritual".

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A BÍBLIA Sagrada. Tradução João Ferreira de Almeida. ed. rev. e corrigida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1989.

ANTONIO, Nilberto. *Ansiedade: o grande problema da pós-modernidade*. Disponível em: <http://www.aconteceunovale.com.br/portal/?p=108043>. Acesso em: 03/04/2017.

ARAÚJO, Kátia Silva. *Morte da Arte? O tema do fim da arte nos Cursos de Estética de Hegel*. 2006. 146 f. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

ARENS, Eduardo. *A Bíblia sem mitos*. São Paulo: Paulus, 2007.

ASFORA, Alessandra Macedo. *Tensões entre objetividade e compreensão: Uma investigação da recepção da filosofia Gadameriana pela hermenêutica jurídica contemporânea*. 2017. 167 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Direito da Faculdade de Direito de Recife, Universidade Federal de Recife, Recife, 2017.

BALTHASAR, Hans Urs von. *Glória: una estética teológica / 1: La Percepcion de la Forma*. Madrid: Ediciones Encuentro, 1985.

BARCALA, Martin. *Cristianismo arreligioso*. Uma introdução à cristologia de Dietrich Bonhoeffer. São Paulo: Arte Editorial, 2010.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Tradução Mário Laranjeira. Ed. Brasiliense, 1988.

BARTHOLOMEW, Craig et al. *Behind the text: History and Biblical Interpretation*. Grand Rapids, MI, USA: Zondervan, 2003.

BARTHOLOMEW, Craig et al. *In Front of the Text: The Quest of Hermeneutics*. páginas 135 – 152 em *The Bible in Pastoral Practice: Readings in the place and Function of Scripture in the Church*. Ed. P. Ballard and S.R. Holmes. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BARRETT, Matthew. *Teologia da Reforma*. Tradução Francisco Nunes. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2017.

BENJAMIN, W. *Gesammelte Schriften*. VII-1. Herausgegeben von Rolf Tiedemann und Hermann Schweppenhäuser unter Mitarbeit von Christoph Gödde, Henri Lonitz und Gary Smith. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1991.

BERGER, Klaus. *Hermenêutica do Novo Testamento*. Tradução de Nélio Schneider. São Leopoldo: Ed. Sinodal, 1999.

BERGSON, Henri. *O pensamento e o movente: ensaios e conferência*. Tradução de Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BERKHOF, Louis. *Princípios de Interpretação Bíblica: para orientação no estudo das Escrituras e para uso em seminários e institutos bíblicos*. 3.ed. Tradução Denise Meister. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

BETTI, Emílio. *Teoria generale della interpretazione*. Milano: Giuffrè, 1995.

BOND, Steve. *Bible Hermeneutics*. Holman Illustrated Bible Dictionary. Disponível na internet em <[www.mystudybible.com](http://www.mystudybible.com)>. Acesso em 20/05/2020

BRAKEMEIER, Gottfried. *A autoridade da Bíblia: Controvérsias – significado – fundamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

BRAKEMEIER, Gottfried. *Somente a Escritura – avaliação de um princípio protestante: Reação a Gunter Wenz, “Evangelho e Bíblia no contexto da tradição confessional de Wittenberg”*. *Estudos Teológicos*, v.44, n.1, p.37-45, 2004. Disponível em: <“Somente a Escritura”: avaliação de um princípio protestante. Reação a Gunter Wenz, “Evangelho e Bíblia no contexto da tradição confessional de Wittenberg” | Brakemeier | Estudos Teológicos>. Acesso em: 21/08/2021.

BRIZOTTO, Bruno. *Hermenêutica e Estética da Recepção: Uma leitura das três primeiras teses de Hans Robert Jauss*. E-escrita revista do curso de Letras da UNIABEU. v.4, nº 1, p-105-117, jan-abr 2013.

BULTMANN, Rudolf. *Demitologização: Coletânea de Ensaio*: São Leopoldo: Sinodal, 1999.

BURK, John M. *The Death and Return of the Author: Criticism and Subjectivity in Barthes, Foucault and Derrida*. 1989. 247 p. Tese (Doutorado) - University of Edinburg, Scotland.

CAMPOS, Heber Carlos. *O impacto da filosofia de Kant sobre a doutrina da revelação em Karl Barth*. *Fides Reformata* XI, n.1. p. 25-50, 2006. Disponível em: <Fides v11 n1 miolo.indd (mackenzie.br)> . Acesso em: 22/08/2021.

CANDA, Cilene Nascimento. *A arte e a estética em Hegel: reflexões filosóficas sobre a autonomia e a liberdade humana*. *Theoria – revista eletrônica de filosofia da Faculdade Católica de Pouso Alegre – vol 03 – nº 06*. 2011.

CARSON, D.A. *A exegese e suas falácias*. Perigos na interpretação da Bíblia. São Paulo: Vida Nova, 1992.

CARVALHO, Kildare Gonçalves. *Técnica Legislativa (Legística Formal)*. Belo Horizonte: Del Rey, 2020.

CASSIRER, Ernst. *Linguagem e Mito*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

CASTRO, Amanda Motta. *Reafirmações do feminino no movimento pentecostal*. Saarbrücken, Deutschland: Novas Edições Acadêmicas, 2014.

COELHO, Lázara et.al. *A Intertextualidade no Processo Hermenêutico da Bíblia: uma abordagem inicial*. *Vox Faifae: Revista de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas da Fama*. Fascículo Crer é Pensar. vol. 3, n. 2, 2011.

COMISSÃO BÍBLICA PONTIFÍCIA. *A Interpretação Bíblica dentro da Igreja*. Disponível em: [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/pcb\\_documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_19930415\\_interpretazione\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/pcb_documents/rc_con_cfaith_doc_19930415_interpretazione_po.html). Acesso em: 11 jul. 2019.

CROATTO, José Severino. *Hermenêutica Bíblica*. Para uma teoria da leitura como produção de significado. Tradução de Haroldo Reimer. Digitalização por Eclesiano. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/x0v0e05>. 1984. Acesso em: 26/04/2021.

DILTHEY, Wilhelm. *Introdução às Ciências Humanas: tentativa de uma fundamentação para o estudo da sociedade e da história*. Tradução Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DOCKERY, David S. *Hermenêutica Contemporânea à luz da Igreja Primitiva*. Tradução Álvaro Hartnher. São Paulo: Editora Vida, 2005.

DREHER, Luís H. *O Método Teológico de Friedrich Schleiermacher*. Vo.6, Teses e Dissertações. São Leopoldo: Sinodal / IEPG, 1995.

DREHER, Martin. *Bíblia: suas leituras e interpretações na História do Cristianismo*. São Leopoldo: CEBI: Sinodal, 2006.

DUARTE, Rodrigo. *O Belo Autônomo: Textos clássicos de Estética*. Organizador Rodrigo Duarte. Belo Horizonte: Editora Crisálida, 2017.

ECO, Humberto. *Obra Aberta: formas e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

EUSÉBIO de Cesaréia, *História Eclesiástica*, os primeiros quatro séculos da Igreja Cristã. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1999.

FEE, Gordon D. *Entendes o que lêes? Um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica*. Tradução Gordon Chown e Jonas Madureira. São Paulo: Vida Nova, 2011.

FILARDO, María Guadalupe Lopez. *La significacion de los valores en el pensamiento de Heinrich Rickert*. *Fermentario* n.6. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación – Universidad de la República Uruguay, 2012.

FILHO, José Adriano. *Estética da Recepção e Métodos histórico-críticos*. O texto da perspectiva do leitor. *Estudos Teológicos*. v.59, nº2, p 311-324. São Leopoldo. jul/dez

2019.

FIORENZA, Elisabeth Schussler. *Sharing her world. Feminist Biblical Interpretation in Context*. Edinburg: T&T Clark LTD, 1998.

FITZMYER, Joseph. *A Bíblia na Igreja*. Tradução Barbara Theoto Lambert. Loyola: São Paulo, 1997.

FOUCAULT, Michel. *Aesthetics, Method, and epistemology*. vol.2. Tradução por Robert Hurley at. all. The New Press: New York, 1998.

FRANÇA, Lincoln Menezes. *Estética e Consciência infeliz na filosofia hegeliana*. *Revista Eletrônica Estudos Hegelianos*, ano 6, nº 10, 2009.

FRECHEIRAS, Marta Luzie. *Hermenêutica Ontológica para principiantes*. Petrópolis: KBR, 2015.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 2013.

GADAMER, Hans-Georg. *Hermenêutica em Retrospectiva: a posição da filosofia na sociedade*. Petrópolis: Vozes, 2007.

GADAMER, Hans-Georg. *Estética y Hermenéutica*. Trad. de José Francisco Zúñiga García. *Daimon*, (12), 5-12. Disponível em: <https://revistas.um.es/daimon/article/view/8311>. Título original *Ästhetik und Hermeneutik*. Acesso em: 25/04/2021.

GEISLER, Norman L. *A Inerrância da Bíblia: uma sólida defesa da infalibilidade das Escrituras*. Tradução Antivan Guimarães Mendes. São Paulo: Vida, 2003.

GRANT, Robert, TRACY, David. *A short history of the Interpretation of the Bible*. USA: Fortress Press, 1984.

GOMES, Mariana Andrade. *A Experiência Estética e a Estética da Recepção*. *Cadernos do IL*. Porto Alegre, nº 39, p. 37- 45, 2009.

GONÇALVES, Alonso. *A hermenêutica de Hans-Georg Gadamer e a interpretação bíblica: uma possível contribuição*. *Ciberteologia – Revista de Teologia e Cultura – ano IX*, nº 43, 2013.

GRONDIN, Jean. *Introdução à Hermenêutica Filosófica*. São Leopoldo: Unisinos, 1999.

GRONDIN, Jean. *La hermenêutica como la ciencia rigurosa según Emilio Betti (1890-1968)*. *Co-herencia*, vol. 8. nº 15. p.15-44. Universidad EAFIT. Medellín, Colombia. 2011. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=77421563001> . Acesso em: 05/05/2021.

GRONDIN, Jean. *¿Qué es la hermeneutica?* Barcelona: Herder Ed., 2008.

GUNNEWEG, Antonius H. *Hermenêutica do Antigo Testamento*. Tradução de Ilson Kayser, São Leopoldo: Sinodal, 2003.

HABERMAS, Jürgen. *Truth and Justification*. Translated by Barbara Fultner. Massachusetts: MIT Press, 2003.

HABERMAS, Jürgen. *La logica de las ciencias sociales*. Madri: Tecnos, 1988.

HAMMES, Itamar Luís. *Gadamer, o multiculturalismo e o diálogo de culturas*. 2012. 135 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Faculdade de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2012.

HAUSER, Alan J.; WATSON, Duane F. *A History of Biblical Interpretation: Vol.1 – The Ancient Period*. Grand Rapids, MI, USA: Eerdmans Publishing Company, 2003.

HAUSER, Alan J.; WATSON, Duane F. *A History of Biblical Interpretation: Vol.2 – The Medieval through the Reformation Periods*. Grand Rapids, MI, USA: Eerdmans Publishing Company, 2009.

HAYES, John; HOLLADAY, Carl. *Biblical Exegesis: A beginner's Handbook*. Atlanta, USA: John Knox Press, 1987.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Estética: Textos Seletos*. Tradução Cláudio J.A. Rodrigues, São Paulo: Ícone, 2012.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes, 2015a.

HEIDEGGER, Martin. *Ontologia: Hermenêutica da Facticidade*. Petrópolis: Vozes, 2013.

HEIDEGGER, Martin. *Os conceitos fundamentais da Metafísica: Mundo-finitude-solidão*. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015b.

HIRSCH, Jr. E.D. *Em defesa do autor*. In: Validade em Interpretação. Tradução e apresentação: Samira Murad. Rev. Cria. Crít., São Paulo, nº 12, p.195-210. 2014. Disponível em: <http://revistas.usp.br/criacaoecritica>. Acesso em: 11/05/2021.

HUSSERL, Edmund. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. São Paulo: Ed. Idéias & Letras, 2006.

IACONO, Christian Santiago. *Bíblia: Palavra de Deus em linguagem humana, sua interpretação no passado e contemporaneidade humana*. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação da Escola Superior de Teologia. 161 f. São Leopoldo, 2014.

ISER, W. *O Ato de Leitura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

ISER, W. *O jogo do texto*. In: A Literatura e o leitor: textos de estéticas da recepção. Tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JAUSS, Hans Robert. *Toward an Aesthetic of Reception*. In: *Theory and History of Literature*, Vol.2. Translation from German by Timothy Bahti. University of Minnesota Press: Minneapolis, 1982.

JAUSS, Hans Robert. *A Estética da Recepção*. Colocações Gerais. In: *A Literatura e o leitor: textos de estéticas da recepção*. Tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

JOSSIELSON, Ruthellen. *The Hermeneutics of Faith and the Hermeneutics of Suspicion*. *Narrative Inquiry*, 14 (1), 1-28. John Benjamins B.V.: Amsterdam, 2004.

JUNIOR, Almir Ferreira da Silva. *Estética e Hermenêutica: a arte como declaração de verdade em Gadamer*. 2005. 206 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2005.

KANT, I. *Crítica da Faculdade do Juízo*. Tradução Valério Rohden e Antônio Marques. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1993.

KLEIN, William W, BLOMBERG, Craig, HUBBARD, Robert Jr. *Introdução à interpretação bíblica*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

KOCH, Ingedore Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2004.

KORTNER, Ulrich. *Introdução à Hermenêutica Teológica*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009.

KELSEN, Hans. *Teoria Pura do Direito*. Tradução de Joao Baptista Machado. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LACERDA, Bruno Amaro. *Jusnaturalismo e direitos humanos*. *Revista Interdisciplinar do Direito – Faculdade de Direito de Valença*. S.l., v. 8, n. 01, p. 105-112, dez. 2011. ISSN 2447-4290. Disponível em: <<http://revistas.faa.edu.br/index.php/FDV/article/view/321>>. Acesso em: 18 maio 2021.

LEITE, Daniele de Fátima da Cunha; BARRETO, Carmen Lúcia. *Hermenêutica existencial e pesquisa em psicologia clínica: caminhos possíveis*. *Revista Pesquisa Qualitativa*, v.6, nº11, p.251-279. São Paulo, agosto 2018.

LIMA, Luiz Costa. *O leitor demanda d(a) Literatura*. In: *A Literatura e o leitor: textos de estéticas da recepção*. Tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MAZZOTTI, Alves; JUDITH, Alda; GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O Método nas Ciências Naturais: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa*. São Paulo: Pioneira, 1998.

MELO, Tatiane Coutinho Vieira de. *Teoria do desenvolvimento cognitivo de Piaget e sua interface com a terapia cognitivo-comportamental familiar*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, 2011.

MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. *Sobre la lectura popular de la Biblia*. Departamento Ecuménico de Investigaciones – DEI. San José. 2007. Disponível em: <[http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/Costa\\_Rica/dei/20120706110824/lectura.pdf](http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/Costa_Rica/dei/20120706110824/lectura.pdf)>. Acesso em: 01/05/2021.

MUELLER, Enio R. *Sobre a verdade do Evangelho: algumas considerações*. *Estudos Teológicos*, v. 44, n. 1, p. 73-84, 2004.

MUELLER, Enio R. *Caminhos de reconciliação*. A mensagem da Bíblia. Joinville: Grafar, 2010.

NUNES, Maria José Rosado. *Teologia feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal: entrevista com Ivone Gebara*. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, janeiro-abril de 2006.

OLIVEIRA, Joaquim Paulo. *De Husserl a Ricoeur*. Um percurso metodológico aplicado à investigação em Enfermagem. *Pensar Enfermagem*. vol. 14, nº 2, p.19-29, 2010

OSBORNE, Grant R. *A Espiral Hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 2009.

OTTO, Rudolf. *O Sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

PAISANA, João. *Fenomenologia e Hermenêutica: A relação entre as filosofias de Husserl e Heidegger*. Lisboa: Editorial Presença, 1992.

PELLETIER, Anne-Marie. *Bíblia e Hermenêutica hoje*. São Paulo: Ed. Loyola, 2006.

PICKUP, Martin. *New Testament Interpretation of the Old Testament: the theological rationale of midrashic exegesis*. Artigo. *JETS* 51/2. (junho, 2008). pp. 353-381.

PORTER, Stanley E., Stovell, Beth M. *Biblical Hermeneutics: Five Views*. Downers Grove, Illinois: Intervarsity Press. 2012.

PROENÇA, Eduardo de. *Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia*. Organização Eduardo de Proença. São Paulo: Fonte Editorial Ltda, 2005.

REY, Fernando Gonzalez. *O ensino e a aprendizagem – produção de sentidos e subjetividade*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=e21TiC85ls8>>. Acesso em: 30 out. 2020.

RICKERT, Heinrich. *Introducción a los problemas de la filosofía de la historia*. Buenos Aires: Nova, 1961.

RICOEUR, Paul. *A Hermenêutica Bíblica*. Tradução Paulo Meneses. Apresentação



François-Xavier Amherdt. São Paulo: Loyola, 2006.

RICOEUR, Paul. *Interpretation Theory: Discourse and the surplus of meaning*. Fort Worth: The Texas Christian University Press, 1976.

RICOEUR, Paul. *Do texto à ação*. Ensaio de Hermenêutica II. Porto: RES-Editora. Disponível em: [ricoeurdotextoaacao.pdf](http://ricoeurdotextoaacao.pdf) (wordpress.com). Acesso em: 18/05/2021.

ROCHA, Alessandro Rodrigues. *Teologia, Hermenêutica e Teoria Literária: Interdisciplinaridade da teologia da revelação*. *Revista do Departamento de Teologia da PUC – Rio*. Ano XIV, nº 36. 2010.

ROHDEN, L. *Sobre o sentido*. *Veritas*, 50(2), 292-303. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1984-6746.2004.2.34569>. Acesso em: 10/5/2021. Porto Alegre, 2004.

RODRIGUES, Marcelo Daniel. *Uma defesa do método histórico-crítico à luz do debate entre E.D.Hirsch e H.G. Gadamer*. 2017. 89 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Teologia das Faculdades EST. São Leopoldo, 2017.

SARTRE, Jean Paul. *Esboço para uma teoria das emoções*. Porto Alegre: LP&M, 2018.

SCHAEFFER, Francis. *A morte da razão*. Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2014.

SCHELLING, F.W.J. *System des transzendentalen Idealismus*. Hamburg: Meiner Verlag, 1957.

SCHILLER, J.C.F. *Über die ästhetische Erziehung des Menschen in einer Reihe von Briefen*. Tradução Verlaine Freitas. München: Carl Hanser Verlag, 1989.

SCHLEIERMACHER, Friedrich D.E. *Hermenêutica: Arte e Técnica da Interpretação*. Tradução de Celso Reni Braidá. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

SCHMIDT, Lawrence K. *Hermenêutica*. Tradução de Fábio Ribeiro, Petrópolis: Vozes, 2014.

SCHMITT, Flávio. *Método histórico-crítico: um olhar em perspectiva*. *Estudos Teológicos*, v.59. nº 2. p.325-339. São Leopoldo, jul/dez 2019.

SCHOLZ, Vilson. *Princípios de Interpretação Bíblica: introdução à hermenêutica com ênfase em gêneros literários*. Canoas: ULBRA, 2006.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Como vencer um debate sem precisar ter razão*. Dialética Erística: Introdução, notas e comentários por Olavo de Carvalho. Tradução de Daniela Caldas e Olavo de Carvalho. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

SHEDD, Russel. *Justiça Social e Interpretação Bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 2013.

SILVA, Sidney M. *Interpretação Sustentável: a descoberta dos fatores que fixam uma*

dada interpretação. São Leopoldo: Oikos, 2013.

SILVEIRA, Fernando Lang. *A Filosofia da Ciência de Karl Popper*. O racionalismo crítico. Trabalho publicado em *Scientia*. Cad. Cat. Ens. Fis., v.13, nº 3: p.197-218, dez.1996. São Leopoldo, 1994.

SPAREMBERGER, Raquel Fabiana Lopes. *Betti x Gadamer*: da hermenêutica objetivista à hermenêutica criativa. *Revista da Faculdade de Direito UFPR*, v. 39, p.171-189, 2003.

STEIN, Ernildo. *Da Fenomenologia Hermenêutica à Hermenêutica Filosófica*. VERITAS. v.47. nº 1. p.21-34. Porto Alegre: março - 2002.

STEIN, Ernildo. *Gadamer e a consumação da hermenêutica*. *Problemata: Revista Internacional de Filosofia*, v.5, nº 1, p. 204-226, 2014.

STEIN, Ernildo. *Compreender em vez de fundamentar*: A hermenêutica filosófica de Gadamer. VERITAS. v.47. nº 1. p.99-102. Porto Alegre, março - 2002.

STERN, David H. *Comentário Judaico do Novo Testamento*. Tradução Regina Aranha et al. Belo Horizonte: Atos, 2007.

TATE, W. Randolph. *Biblical Interpretation: an integrated approach*. Peabody, MA, USA: Hendrickson Publishers Inc, 1991.

TESCHE, Adayr. *Interpretação: rupturas e continuidades*. São Leopoldo: Unisinos, 2000.

THISELTON, Antony C. *The two horizons: New Testament hermeneutics and philosophical description with special reference do Heidegger, Bultmann, Gadamer and Wittgenstein*. Grand Rapids, MI, USA: Eerdmans Publishing Co, 1980.

THOMPSON, W. Irvin (org) In: "*Prefácio*" do livro *Gaia*: uma teoria do conhecimento. 3ª Edição. São Paulo: Gaia, 2001.

TRISKA, V. H. Couto, D'AGORD, Marta Regina. *A Topologia estrutural de Lacan*. *Psicol. Clin.* vol. 25, nº 1. Rio de Janeiro. 2013. Disponível em: < [A topologia estrutural de Lacan \(bvsalud.org\)](http://bvsalud.org) >. Acesso em: 21/08/2021.

VANHOOZER, Kevin. *Há um significado neste texto?* Interpretação Bíblica: Os enfoques contemporâneos. Tradução Álvaro Hattner. São Paulo: Editora Vida, 2005.

VATTIMO, Gianni. *O fim da modernidade*: Nihilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VIRKLER, Henry. *A Hermenêutica avançada*: princípios e progresso de interpretação bíblica. Tradução Luis Caruso. São Paulo: Vida, 2007.

WALTKE, Bruce e KAISER, Walter Jr. *The Expositor's Bible Commentary*: with the New International Version of the Holy Bible. Grand Rapids: Zondervan Corporation,

1979.

WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal: São Paulo: Paulus, 1998.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. Tradução José Carlos Bruni. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

WOOD, A. Skevington. *Luther's principles of Biblical Interpretation*. London: Tyndale Press, 1960.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. *Novos rumos na pesquisa bíblica*. Estudos Teológicos, v.46, nº1, p.22-33, 2006.

ZAPPONI, Miriam, *A Estética da Recepção*. In: Teoria Literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: UEM, 2004.

ZWETSCH, Roberto E. *Teologias da Libertação e Interculturalidade: aproximações e avaliação crítica*. *Protestantismo em Revista*. v.30. p.32-49. São Leopoldo. jan/abr 2013. Disponível em: < <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp>> Acesso em: 15/05/2021.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da Recepção e História da Literatura*. Porto Alegre: Editora Uniritter, 2015.

## ANEXO A<sup>541</sup> – SITUAÇÃO DA HERMENÊUTICA HOJE

Neste Anexo, nós nos concentramos na teoria hermenêutica contemporânea e na diversidade de modelos hermenêuticos. Vimos que uma síntese de modelos orientados para o “autor”, para o “leitor” e para o “texto” pode convergir para uma síntese canônica, que não difere das abordagens de Agostinho e Teodoreto no século V. Dessa forma, a igreja primitiva serve como uma janela que nos permite entrever as preocupações dos teóricos e praticantes da hermenêutica contemporânea.

Para concluir, aprendemos que as contribuições, a variedade e o desenvolvimento das abordagens hermenêuticas da igreja primitiva refletem-se na diversidade representada pelas abordagens hermenêuticas contemporâneas. Aprendemos que existem três modelos principais entre as abordagens contemporâneas: 1) as perspectivas “orientadas para o autor”; 2) as perspectivas “orientadas para o leitor” e 3) as perspectivas “orientadas para o texto”. Concluimos que o significado pode ser encontrado na realização do autor, identificada com o próprio texto, embora, é claro, o pano de fundo para o texto seja, extremamente informativo.

Notamos as preocupações legítimas de Gadamer e daqueles associados ao modelo do “leitor”. Podemos concordar que a distância, a tradição e a perspectiva atrapalham a possibilidade de uma interpretação puramente objetiva. No entanto, com Hirsch e aqueles que enfatizam a primazia do autor na interpretação, podemos afirmar, com a escola de Antioquia, Teodoreto e Agostinho, a plausibilidade de determinar um significado normativo de um texto. Esse significado pode ser validado pelas chaves linguísticas e literário do texto. Dessa forma, o significado do autor está disponível apenas no texto, e não por meio de um contato com os padrões mentais do autor.

Observamos que as preocupações canônicas que Agostinho havia enfatizado deveriam ser reinstituídas, ou, ao menos reconsideradas. Ao perceber o cânon como normativo tanto para a igreja primitiva quanto para os leitores contemporâneos, os dois horizontes que confrontam o intérprete podem ser abordados. Esses horizontes diferentes são unidos por ênfases canônicas. Desta forma, as ênfases históricas dos

---

<sup>541</sup> DOCKERY, David S. *Hermenêutica Contemporânea à luz da Igreja Primitiva*. Tradução Álvaro Hartnher. São Paulo: Editora Vida, 2005, p.162. Texto extraído da obra de Dockery que explicita o problema hermenêutico apresentado neste trabalho (grifo nosso).

antioquenos, as preocupações dos outros com um significado mais profundo para a Escritura, e as preocupações passadas e presentes da igreja com parâmetros hermenêuticos (teológicos) se unem. Sua coexistência e interação moldam o significado canônico do texto. A preocupação com esses níveis de significado é abordada e orientada pelas impressionantes e variadas contribuições da igreja dos séculos III, IV e V.

A hermenêutica bíblica contemporânea é, dessa forma, capaz de lidar com os dois lados do problema. O AT e o NT precisam ser interpretados em seus contextos separados. Cada passagem fala a um contexto histórico específico. Mas um significado mais pleno é fornecido quando a revelação completa do cânon orienta essas passagens, o que representa uma compreensão mais ampla e profunda do que a fornecida apenas por uma interpretação histórica.

Da mesma forma, no NT, os escritos de Paulo e Tiago precisam ser interpretados em seus próprios termos. Cada um deles fala a uma situação pastoral, e histórica específica no que diz respeito à fé e às obras. Mas suas contribuições características no interior do cânon não precisam ser reduzidas ou simplificadas no interesse de harmonizações superficiais. Muito menos, pode uma delas ser eclipsada pelo alçamento da outra como a chave para toda mensagem do Evangelho. Como o intérprete pode evitar essas armadilhas, ao mesmo tempo em que enfatiza o significado totalmente canônico do texto, é algo que continua a ser um desafio. Deve-se fazer plena justiça em relação tanto ao significado primário quanto ao integral. Além disso, precisamos conferir igual atenção à unidade e à diversidade do cânon bíblico, sem que nem uma, nem outra sejam ignoradas ou deixem de ser enfatizadas.

Por fim, reconhecemos que diversas disciplinas abrangentes deveriam ser incorporadas à interpretação bíblica: história, filosofia, teologia, estudos linguísticos e da linguagem, literatura, retórica, sociologia e antropologia, entre outras. Embora a preocupação com a interpretação bíblica deva permanecer primordialmente como a preocupação das comunidades de fé, não podemos adotar a obstinação de Tertuliano e tentar proteger a interpretação da Bíblia das questões interdisciplinares mais amplas suscitadas pelas perspectivas das diversas disciplinas.

Desta forma, a igreja primitiva serve como importante janela não apenas para os *insights* positivos sobre os assuntos hermenêuticos contemporâneos, mas também como meio de evitar as armadilhas e fracassos do passado. É preciso que olhemos para aqueles sobre cujos ombros nos erguemos para obter clareza de visão,

conhecimento e motivação para abordar os desafios hermenêuticos propostos pelos teólogos e intérpretes bíblicos de nossos tempos.

Para concluir, acompanhando as ideias de Emílio Betti, um teórico hermenêutico cujas principais obras foram escritas em meados do século passado e que sugeriu que as hermenêuticas são vitais para o bem-estar da sociedade, podemos afirmar que o entendimento hermenêutico é vital para o bem-estar da sociedade, da academia, e, especialmente da Igreja.